



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

ELLEN CRISTINA NASCIMENTO LOPES

POESIA-TRADUÇÃO À BEIRA DO SILÊNCIO:
TRADUÇÃO INTEGRAL DA OBRA POÉTICA DE ALEJANDRA PIZARNIK

FORTALEZA

2018

ELLEN CRISTINA NASCIMENTO LOPES

POESIA-TRADUÇÃO À BEIRA DO SILÊNCIO:
TRADUÇÃO INTEGRAL DA OBRA POÉTICA DE ALEJANDRA PIZARNIK

Dissertação apresentada o Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Literatura Comparada. Área e concentração: Estudos Comparados de Literaturas de Línguas Modernas

Orientador: Prof. Dr. Cid Ottoni Bylaardt

FORTALEZA

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- L1p Lopes, Ellen Cristina Nascimento.
 Poesia-tradução à beira do silêncio : Tradução integral da obra poética de Alejandra Pizarnik
 / Ellen Cristina Nascimento Lopes. – 2018.
 671 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-
 Graduação em Letras, Fortaleza, 2018.
 Orientação: Prof. Dr. Cid Ottoni Bylaardt .
1. Tradução poética, Alejandra Pizarnik, Poesia argentina. I. Título.

CDD 400

ELLEN CRISTINA NASCIMENTO LOPES

POESIA-TRADUÇÃO À BEIRA DO SILÊNCIO:
TRADUÇÃO INTEGRAL DA OBRA POÉTICA DE ALEJANDRA PIZARNIK

Dissertação apresentada o Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Literatura Comparada. Área de concentração: Estudos Comparados de Literaturas de Línguas Modernas

Orientador: Prof. Dr. Cid Ottoni Bylaardt

Aprovada em: 24/08/2018

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Cid Ottoni Bylaardt (Orientador)
Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Yuri Brunello
Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Saulo de Araújo Lemos
Universidade Estadual do Ceará

*Para os animais e as crianças, primeiros
xamãs da linguagem.*

*À todas as mulheres que me precederam, às
que não puderam escrever
e as imaginárias pra quem escrevo cartas e
diários.*

À quebrada de onde vim.

*Ao meu avô escravo fugido que não conheci e
à avó doceira que inventei.*

*Para todos os filhos que não tive ou que perdi.
À Lavínia, Raul e Samuel.*

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Cid Ottoni Bylaardt pela orientação de quase uma década, primeira no grupo de estudos e pesquisa em literatura contemporânea – os estropiados da história! –, e diretamente na elaboração deste trabalho; um lume na escuridão, um leme para a liberdade.

Ao grupo de estudos e pesquisa em literatura comparada pelas reflexões, críticas e amizade.

Aos professores participantes da Banca Examinadora Yuri Brunello e Saulo de Araújo Lemos pelas valiosíssimas colaborações e sugestões; este trabalho seria medíocre sem vocês.

À Ana Becciu, Cristina Piña e Miriam Pizarnik por serem uma ponte entre mim e Alejandra.

À Silvana Guimarães pela leitura da tradução e sugestões.

À Direção e Supervisão do Colégio 7 Setembro pelo apoio, incentivo e liberação para a conclusão deste trabalho. Às professoras e do AEC, pela paciência, generosidade e amizade.

À Alessandra Guerra, Ana Beatriz Viegas, Bárbara Costa Ribeiro, Diones Mendes, Guilherme Gontijo Flores, Júlia de Carvalho Hansen, Márcia Maia, Roberta Silva, Sergio Maciel, Tom Jones Carneiro, e ainda o Yuri e a Silvana: pela amizade na hora mais solar e nas mais difíceis.

De novo e sempre: à todas as mulheres que me precederam e às escritoras que de alguma forma me fizeram chegar aqui.

Todo mundo que cola nos saraus e aos que fazem a diferença nas periferias.

À Lavínia e ao Samuel, que me ensinam o amor.

“una poesía que diga lo indecible —un silencio—. Una página en blanco”
(PIZARNIK, 2003, p. 140).

RESUMO

A investigação que propomos analisa, através da prática tradutória, em que medida poemas de Alejandra Pizarnik podem ser compreendidos como linguagem e busca pela linguagem – a literatura não como um modo de representação, antes a apresentação de si mesma como um mundo possível e diversificado, apontando para uma independência da linguagem. Para tanto propomos a tradução para a língua portuguesa de sua obra poética completa, além de fragmentos de seus diários e prosa (versões argentinas de 2012 a partir dos livros coligidos e editados por Ana Becciu em *Poesía Completa, Diários e Prosa Completa* ambos publicados pela Editora Lumen espanhola, em 2000 e 2003 respectivamente), a partir de uma perspectiva crítica que parte do estudo da obra de Pizarnik e da crítica literária e tradutória. Enquanto leitura atenta, a tradução se apresenta como movimento crítico e de análise das características/ categorias poéticas de Alejandra Pizarnik, de modo que a tradução possa dialogar com a própria dicção poética da autora.

Palavras-chave: Tradução poética. Alejandra Pizarnik. Poesia argentina.

RESUMEN

La investigación que proponemos analiza, a través de la práctica traductora, en qué medida poemas de Alejandra Pizarnik pueden ser comprendidos como lenguaje y búsqueda por el lenguaje - la literatura no como un modo de representación, antes la presentación de sí misma como un mundo posible y diversificado, que apunta hacia una independencia del lenguaje. Por lo tanto, proponemos la traducción al portugués de su obra poética completa, así como fragmentos de sus diarios y prosa (versiones argentinas de 2012 a partir de los libros recogidos y editados Ana Becciu en *Poesía Completa*, *Diarios* y *Prosa Completa*, ambos publicados por la Editorial española Lumen en 2000 y 2003, respectivamente), desde una perspectiva crítica que parte del estudio de la obra de Pizarnik y de la crítica literaria y traductora. En cuanto lectura atenta, la traducción se presenta como movimiento crítico y de análisis de las características/ categorías poéticas de Alejandra Pizarnik, de modo que la traducción pueda dialogar con la propia dicción poética de la autora.

Palabras clave: Traducción poética. Alejandra Pizarnik. Poesía argentina.

SUMÁRIO

1. NÃO DIZER AINDA – DUAS OU MAIS PALHETAS (INTRODUÇÃO)	09
2. A MULHER ESCREVE – ALEJANDRA PIZARNIK	15
3. OS IM/POSSÍVEIS DA LINGUAGEM, APROXIMAÇÕES	39
4. TRADUZIR O SILÊNCIO – OS IM/POSSÍVEIS DE UMA Y OTRA LÍNGUA....	55
5. TRADUÇÃO INTEGRAL DA OBRA POÉTICA DE ALEJANDRA PIZARNIK	65
5.1. A terra mais estrangeira	65
5.2. Um signo em tua sombra	79
5.3. A última inocência	84
5.4. As aventuras perdidas	95
5.5. Árvore de Diana	113
5.6. Outros poemas	126
5.7. Os trabalhos e as noites	128
5.8. Extração da pedra da loucura	145
5.9. O inferno musical	167
5.10. Poemas não coligidos em livros (1956-1960)	179
5.11. Poemas não coligidos em livros (1962-1972)	202
5.12. Textos de sombra	225
REFERÊNCIAS.....	251
APÊNDICE - POEMAS-HOMENAGENS PARA ALEJANDRA PIZARNIK).....	258
ANEXO A – ALEJANDRA PIZARNIK – POESÍA COMPLETA EN ESPAÑOL (1955-1972).....	275
ANEXO B – CAPAS DAS PRIMEIRAS EDIÇÕES DOS LIVROS DE ALEJANDRA PIZARNIK.....	651
ANEXO C – DESENHOS DE ALEJANDRA PIZARNIK	664



1. NÃO DIZER AINDA – DUAS OU MAIS PALHETAS

Iniciamos este trabalho com a imagem do *pinball* - jogo eletromecânico em que o jogador manipula duas ou mais palhetas para evitar que a bola de metal caia no buraco da parte inferior da área de jogo -, como uma metáfora do sentido aberto do poema e da tradução: a bola quando entra em contato com certos objetos espalhados pela área de jogo, aumenta os pontos do jogador, assim como a escrita e sua tradução, leitura aprofundada que a cada leitura e versão encontra diferentes possibilidades dentro da escritura que só pode ser obra aberta. O jogador arremessa as bolas na mesa inclinada utilizando o lançador; poesia e tradução se arremessam ao infinito utilizando a linguagem; não o infinito metafísico, mas aquele lugar que mesmo sendo de falência, é o lugar da poesia.

A palavra poética é esta bola do jogo que dança, dança a dança dos signos. As palavras desmoronam, se perdem, se reencontram. No atrito entre cada palavra - atrito que com nossa linguagem só podemos tatear -, em seus extremos é que a dança se possibilita e move.

O jogador tem a mesa, terreno movediço onde as paletas e a bola se cobrem de obstáculos; o poema tem a língua, terreno movediço da escritura: monumento belo que com o uso cotidiano se cobre de limo e lodo. Afastar-se dos obstáculos; polir a palavra-língua, acessar a beleza, essa inesperada. Um dizer inaugural que se inaugura no meio da leitura, que brinda a instabilidade do signo. O espaço vazio da mesa do jogador são lacunas preenchidas pela bola; o que (parece) não está dito no poema é preenchido pela palavra que se alavanca para além dela mesma.

Aproximação que é fuga. Ausência que se presentifica. Presença que nunca se corporifica: acontece dentro do corpo. Digo pão e não o como, mas sinto seu gosto na língua; como os tigres sonhados de Borges que depois comparado a um tigre de verdade, pode perceber que um tigre é a imagem de um tigre, não importa se velho ou jovem, literário ou real: ataca. E o poema sabe disso; o que não sabemos, sabe o poema. Escrita com palavras não ditas, apagadas, que deixam um apenas um rastro.

A poesia resiste e tem seu sentido inacabado, removido e não percorrido. A poesia resiste exatamente nesse ponto em que não apenas abre o sentido, mas também funda o sentido, uma “*inflexão* (da voz, do tom subido, diminuído ou mantido)” (NANCY, 2005, p. 36): sim, a última coisa a fazer é deixar a bola cair. O poema distorce o sentido e vai muito além do que está escrito e gera uma imprecisão, uma suspeita sobre a própria poesia, pois, “*Poesia não tem exatamente um sentido, mas antes o sentido do acesso a um sentido a cada momento ausente, transferido para longe. O sentido da poesia é um sentido sempre por fazer*” (NANCY, *op. cit.*, p. 10). O que está então em jogo é a articulação das paletas na mesa, da língua dentro do poema, o acesso transferido para longe e que permite as distintas possibilidades de jogo, leitura. O sentido se arma na mesa, em torno da poesia que não vive fora do texto e que desafia o espaço com estratégias textuais para nela sobreviver.

Um desejo de não cair que o buraco impede; um desejo de escrita que a língua impede. Escrever-traduzir com uma língua que não se tem; como uma pequena Flora que em casa têm conversações em ídiche, mas tem de se comunicar em espanhol; como uma pequena Nina que tem de escrever em português o que lhe soa música em espanhol e gostava de ver num tupi, num crioulo – e como isso afetaria o pensamento. Escrever com o que não tenho coloca a ausência na mesa de jogo. Escrita-tradução como um Kafka: escrever como um cachorro escreve; como um gago. Escrita-tradução como um Beckett esperando Godot: à espera das palavras que não vão chegar.

Ouvir o que manca, aquele momento de falha e não de definição. Acessar, no equilíbrio entre palavra e silêncio, a escritura poemática de Alejandra Pizarnik.

ALEJANDRA, ANTES DE TUDO: excorpiar a teoria, poesia, tradução. Buscar uma teórica, um poemofia. Construir a ponte poética que a poeta buscava ao texto crítico: “*Terminei o artigo de Starob.[inski]. Belo, mas algo inútil, como toda crítica que tende a esclarecer. (Eu*

espero uma criação crítica paralela à obra criticada.”¹, novos olhos de se olhar o poema, o olhar transbordado da poesia. No corpo do texto, toda citação em outra língua (poemas e trechos diversos de Alejandra e outros autores que nos vêm em visita), é poesia-tradução, teoria que se insinua.

Que texto é este? Poesia-tradução de se conversar com a poeta, escrita-transparência que atravessa as palavras e chega ao outro lado: o texto cria um mundo. O mundo poesia de Pizarnik, silêncio. Silêncio! Impossível concluir, entender, senão atravessar. Ouvimos o silêncio: ressoa, sussurra. Existem tantas formas de escrever, de traduzir, nos sobram as formas. A insuficiência das palavras, a impossibilidade de dizer, o fracasso desta tradução ocorre pelo excesso.

};**SILENCIO!** poraver o tanto, porisso não digo. fazer rap, rock ou repente com esta escritura. pulo em cima de jogos de armar, palavras-língua: ?por q horrorizarse com um uso livre da lingua, da nossa mais intima lingua, a lingua q nos é mais intima q o sexo e os desejos e os nossos sonhos. ?por q tudo deve ta dentro da norma do senhor, do estado, do pai e da lei se lemos perfeitamente quando se escreve (por exemplo aqui) assim. as normatizações mudam o tempo inteiro a lingua do senhor demonstrando q se mudam é porq é sempre provisória, é sempre "coisa do estado". mas a linguagem, a linguagem não há convenção que a discipline. (ps. o portugues o espanhol o ídiche todas línguas morreriam & uma literatura, um pensamento, uma expressão viva & longe do poder afloram). quero a poesia, longe dum poder dizerse assim ou no espeto espada da gramatica, palavra de lei dos juizes dos estadistas dos servos. destruir pizarnikianamente a coisa portuguesa, destroçar alejandrianamente a coisa espanhola, fuder e estropiar e rasgar a coisa língua-poder do estado q é a coisa lingua genocida, racista, homofobica e castrada e vive e acha q é pura e com uma lingua q deve permanecer como um fossil) criar uma escritura de enfrentamento poético (sem falar de si pra si) ou literario (enfrentando o horror do real) – e d novo estropiar a lingua até q ela gagueje, até q ela goze, ate q ela morda, até q ela destrua com violencia esse passado fascista portugues, passado espanhol colonial q a lingua idiota carrega parecendo carregar um andor da madrasta que ninguém tem. escrever como um ato guerrilheiro, não uma masturbação, não uma mercadoria, mas um ato de violencia, profundo, contra o horror. sem a coragem de dante contra o latim não existiria a "comedia". sem a liberdade com a lingua

¹ Entrada no dia 16 de agosto de 1968 no diário de Pizarnik, no original: “Terminé el artículo de Starob.[inski]. Bello pero algo inútil, como toda crítica que tende a esclarecer. (Yo espero una creación crítica paralela a la obra criticada.)” (PIZARNIK, 2012a, p. 453)

inglesa, não haveria shakespeare. sem a coragem contra a língua & pela poesia, só existiria escritura que nada funda, servidão. enfim, ‘bora ao silêncio-origem, o eterno recomeço que não está preso ao já dito e pode entao cortra relações com o passado. esta fala poética, qualquer ela, é única². e se amendoa qd aproximome/ qd a toco.¡SILENCIO!{

DIZER O QUE SE ESPERA: em termos de tradução enquanto prática interlínguas, este trabalho se orienta, inicialmente, por uma perspectiva mais próxima àquela defendida por Paulo Henriques Britto, que poderia ser sumarizada na seguinte citação: “traduzir – principalmente traduzir um texto de valor literário – nada tem de mecânico: é um trabalho criativo. O tradutor não é necessariamente um traidor; [...] beleza e fidelidade são perfeitamente compatíveis.” (BRITTO, 2012, p. 18-19); de Octavio Paz (2009): a atividade do tradutor é paralela à do poeta, ambos trabalham com signos em movimento; e ainda de Jacques Derrida:

[um texto] só sobrevive se é, ao mesmo tempo, traduzível e intraduzível [...]. Totalmente traduzível, ele desaparece como texto, como escritura, como corpo de língua. Totalmente intraduzível, mesmo no interior do que acreditamos ser uma língua, ele morre logo (OTTONI, 2005, p. 16)

Para além da atividade tradutória, usamos o método de comparatismo. Segundo Eduardo Coutinho, a Literatura Comparada instituiu tradicionalmente “o estudo dos gêneros ou formas, de movimentos ou eras, de temas ou mitos, da interrelação da literatura com outras formas de expressão artística ou outras áreas do conhecimento, e finalmente da relação da literatura com os discursos da teoria, da Crítica e da historiografia literárias.” (COUTINHO, 2011, p. 207).

É claro que o ponto de partida passa, em muito, por uma afinidade e encantamento pela poesia de Alejandra Pizarnik. Afinidade, encantamento e provocação são o motor dessa pesquisa. E o entendimento da importância de sua obra para pensar as questões que envolvem linguagem, poesia contemporânea e tradução. Vasculhar as mínimas dobras dentro do poema e então reescrevê-lo, reinaugurá-lo.

² “[...] uma experiência da língua que pressupõe desde sempre palavras – com as quais falamos, como se tivéssemos desde sempre palavras para a palavra, como se tivéssemos desde sempre uma língua mesmo antes de a ter (a língua que falamos já não é única, mas sempre dupla, tripla, presa na série infinita das metalinguagens); e há uma outra experiência na qual o homem o homem, ao contrário, está absolutamente sem palavras perante a linguagem. A língua para a qual não temos palavras, que não finge, como a língua gramatical, ser mesmo antes de ser, mas que “é única e primeira em toda mente”, é a nossa língua, ou seja a língua da poesia.” (AGAMBEM, 2016, p. 40)

FONTES PRIMÁRIAS

A edição usada como fonte primária para a tradução é a décima edição argentina (2012), de *Poesía Completa*. A obra compreende, além da reunião dos poemas publicados anteriormente em livros, uma seção intitulada “Poemas no recogidos em libros”, um apanhado de mais de cem páginas reunidos por Ana Becció e Olga Orozco, que inclui textos escritos entre 1956 a 1960 e de 1962 a 1972 e ainda pequenos conjuntos intitulados por Alejandra: “En esta noche en este mundo” (seis poemas); “Los pequeños cantos” e “Textos de Sombra”, alguns destes publicados em 1982 pela Sudamericana com o título “Textos de Sombra y otros poemas” e outros que permaneciam inéditos, conforme informa Ana Becció na página 455.

Nas passagens diarísticas, utilizamos a segunda edição argentina (2012) de seu *Diários*; seus textos críticos e em prosa se encontram na sexta edição argentina de *Prosa Completa*, também com edição de Anna Becció.

Já os fragmentos de correspondências são de sua mais recente compilação epistolar disponível hoje, com edição de Ivonne Bordelois e Cristina Piña, do volume *Nueva Correspondencia Pizarnik*.

2. A MULHER ESCREVE - ALEJANDRA PIZARNIK

, em lugar de apresentação

adoro essa língua que não pode ser minha
 reconheço-a. levo essa língua para o nosso barco.
 o que cabe em nosso barco?
 ‘todas as cartas de amor [são...]’
 chispas brasas chamas altas noite densa lua encarnada e negra.
 comecei a escrever uma dissertação e sei, gostaria de saber onde vamos parar.
 tal como uma poema esse texto se revela louquíssimo.
 escrevo uma frase e já um verso outro.
 te escrevo cartas, poemas, seus outros poemas.
 leio a palavra seconal. bebo, morro.
 está tão viva. estamos vivas ladoalado
 até a palavra não mais existir ser uma língua extinta, música ensurdecadora.
 paraíso musical.
 o que alguém me perguntaria sobre você, piknik?
 eu que nunca fui boa com inquéritos, respostas, que diria?
 não me interessa seu exemplo de vida
 ainda que *esta* vida com toda sua história foi a que te fez [na] poesia
 me interessa um exemplo de poesia
 como ela me mobiliza – uma senda
 como aquele livro lido aos seis anos e que nunca mais deixou que eu morresse
 nunca mais me deixou largar um livro
 nunca mais deixou que eu fosse a menininha batida e surrada e escondida.
 um exemplo de poesia em si [não] a poesia em si, algo que ela contém
 o que você comporta
 uma coisa viva
 palavras que nascem, vivem, morrem e porisso estão prontas
 a ressuscitar.

seu nome é um pretexto para a poesia,
 mas digo teu nome Alejandra, ou melhor digo
 piknik, esse nome aproximação tão íntima – uma
 fórmula sem solução
 tocar meu corpo. você inventou isso
 digo isso e algo em sua matéria se transforma:
 essa escritura é uma rasura
 y continuo siempre

Não escrevo à uma poeta morta. Alejandra você vive e vive tão plenamente. Quem poderá dizer “estes não são os seus versos”? Vive ocultada na literatura, e eu só posso *me abismar, sucumbir*³. A morte não nos afasta, reaviva; essa escrita existe para te ver, sentir, para te mostrar de um jeito outro e vivo, vivo!

Mostro Alejandra: a que é – uma pessoa morre, um/a poeta nunca, sobrevive na escritura⁴ – é uma das poetisas mais importantes da Argentina. Sua poesia, conforme nos diz sua amiga e organizadora de sua *Poesia Completa, Prosa Completa, Diários e Nueva Correspondência*

³ “Me abismo, sucumbo...”/ ABISMAR-SE. Lufada de aniquilamento que atinge o sujeito apaixonado por desespero ou por excesso de satisfação./ 1. Por mágoa ou por felicidade, sinto às vezes vontade de me abismar./ Manhã (no campo) cinzenta e amena. Sofro (desconheço o motivo). Surge uma ideia de suicídio, desprovida de ressentimento (sem chantagem com ninguém); é uma ideia neutra; não rompe nada (não ‘quebra’ nada); combina com a cor (com o silêncio, o abandono) dessa manhã.” (BARTHES, 1988, p. 09)

⁴ Não sugiro aqui uma correspondência com os fundamentais trabalhos desenvolvidos nas linhas de bioescritas, arquivos, memórias, autoficção, etc., nem um fetiche da figura autoral – figura autoral que sempre foi a mesma (guardadas raras exceções, quase sempre relacionadas à loucura, vícios e suicídio): masculina e branca -, mas a ideia de que (ainda que contradiga, de algum modo, autores com quem dialogo), através de seu texto, mesmo morta, a autora sobrevive; quatro décadas depois de morta, estando em outro país, é a poesia de Pizarnik que eu traduzo, eu sei qual é o seu nome. Ninguém além dela poderia ter escrito o que só ela escreveu, ainda que sua escritura possa encontrar correspondência em inúmeras outras, poéticas ou não. Parece simplório dizer “viva o autor morreu”, mas dizer o seu nome para comentar, analisar, traduzir ou mesmo transgredir quais sejam as categorias literárias. E se transgressão é expressão da vez, tomemos o conceito de contemporâneo proposto por Agambem, que não celebra autores: “*ser contemporâneo significa nesse sentido, voltar a um presente que jamais estivemos*” (AGAMBEM, 2009, p. 59); então sou contemporânea de algo (a poesia), alguém (Pizarnik) espacial e temporalmente perto ou longe (longe). O contemporâneo se move enquanto eu observo, está vivo para além a morte; cada vez que leio, que outros leiam os poemas aqui apresentados e sua extensão e pluralidade, são evocadas outras contemporaneidades: a escritura é um evento se presentifica para que possamos vive-la. Há um tempo que transcorre fora e um tempo da escritura de Pizarnik, única capaz de escrever poemas no século XX como “Origem” e “Poema para o padre” que soam (feito o poderoso canto das sereias), como um desdobramento em direção à diversidade lírica do mesmo modo que ecoam o próprio presente. Nesse sentido, o silêncio da tradução que aqui se opera é seu próprio complemento temporal, rompendo os tempos imemoriais de *Sombra, Lamentos, Palavras e Desejos* para fincar o gesto do amor no contemporâneo. Voltar ao que jamais vivemos e viver a cada novo/ velho poema (ou prosa) de Pizarnik, cria frestas sobre frestas ao chamar para à minha escuta, para o meu *cenário a mais*, silêncios, mortes, amor, sexo, seus próprios santos e personagens poéticos revividos contemporaneamente por um tempo histórico que insiste em voltar à Origem. Como ela escreveu, como nós ecoamos, pode ser o silêncio musical.

(juntamente com Ivonne Bordelois), Ana Becciu, em prefácio aos *Diários*, é uma escritura densa até o intolerável, cada um de seus poemas é uma verdade, uma poesia⁵ que põe em cena o silêncio, abrindo o poro criativo. Tendo escrito entre os anos 1950 e 1972, marcou as gerações posteriores, **abrindo uma porta para novas poetas mulheres**.

É claro que houveram mulheres que a precederam, sigamos a relação de poetas argentinas feita por Josiane Bosqueiro em sua dissertação (BOSQUEIRO, 2010) e por Cristina Piña em seu estudo sobre a poesia argentina (PIÑA 1996): nos anos 1920, as modernistas⁶ Alfonsina Storni e Norah Lange; nos anos 1930 a literatura nacionalista, por vezes de tendência martinfierrista, com Carmen Gándara, Silvina Ocampo e María de Villariño; Nos anos 1940, as poetas da chamada Geração de 40: María Granata, Silvina Bullrich e Olga Orozco; dos anos 50 em diante, as obras de, entre outras, Amélia Biaggioni, Angélica Gorodisher, Beatriz Guido, Elizabeth Azcona Cranwell, Diana Bellessi, Elvira Orphée, Juana Bignozzi, Juana Manuela Gorriti, Maria Angélica Nosco, María del Carmen Colombo, Maria Elena Walsh, Marta Lynch, Susana Thénon e, claro, Alejandra Pizarnik, nomes presentes em reconhecidas antologias como *Puentes Pontes*, antologia bilingue de poesia brasileira e argentina que compreende a produção entre os anos 1920-70 com seleção e ensaios de Jorge Monteleone e Heloisa Buarque de Holanda, onde são destacados os traços distintos de tais autoras. Destacamos ainda, na prosa a partir dos anos 1970, impulsionadas pelo movimento feminista, mulheres escritoras que se inscrevem sob o gênero literatura feminina: Luisa Valenzuela com romances, Reina Roffe escrevendo sobre lesbianidade de forma aberta,

⁵ Diferenciamos aqui **poesia** como a criação num caráter mais geral, presente não só em poemas, mas na arte em geral, ou ainda numa definição mais poética (criativa) de Derrida (1992) aquilo que se quer aprender de coração e ultrapassa a apreensão (de novo, portanto, é mais geral e menos específico que a arte composta por palavras). Podemos ainda recorrer a Deleuze e entender a poesia como potência do pensamento: “Por que uma máquina? Pelo simples fato de que a obra de arte, assim compreendida, é essencialmente produtora de certas verdades” (DELEUZE, 2003, p.138), quer dizer, a poesia produz verdades - não àquela verdade que se pretende única e universal, antes, ao passo que interpretamos e traduzimos suas forças e tensões produzem sentidos e efeitos que criam, então, novos modos de pensamento. Quanto a **poema**, mais específico, mas não menos escorregadio e de simples definição, podem ou não ser tocados por poesia, “como captar a poesia, se cada poema se apresenta como algo diferente e irreduzível”, nos questiona Octavio Paz (PAZ, 2012), na iluminada introdução de o *Arco e a Lira* intitulada, justamente, “Poesia e poema” e assevera: “A poesia não é a soma de todos os poemas. Cada criação poética é uma unidade autossuficiente. A parte é o todo. Cada poema é único, irreduzível, inigualável [...] o único ponto em comum de todos os poemas consiste em que são obras, produtos humanos” (idem, pp.23-25).

⁶ Ressalta-se que o Modernismo brasileiro não corresponde ao movimento de mesmo nome na Argentina como denominou Rubén Darío, a poesia que incorpora ideais estéticos parnasiano e simbolista, observada por ele em toda a América Hispânica entre 1890-1914. Enquanto no Brasil, a incorporação das estéticas vanguardistas europeias como cubo-futurismo, surrealismo e dadaísmo foi simbolizada pela Semana da Arte Moderna de 1922, ocorrida em São Paulo, e que é conhecida na historiografia literária argentina como Vanguardia. Essas ideias também se incorporam na Argentina, no início dos anos 20, onde podemos ver, dentre outros, através do manifesto ultraísta escrito por Jorge Luis Borges e publicado na revista *Ultra* de Madri, em 20 de maio de 1921. Disponível em: [https://literatura4ima.files.wordpress.com/2016/09/manifiesto-ultraista.pdf], acessado em 15/03/2018.

Luisa Pasamanik e Sara Gallardo com relatos de ficção e Sylvia Molloy, umas das pioneiras a escrever sobre a cultura lésbica em seus textos literários e a estudar autobiografia como gênero literário.

Como podemos ver na obra de Alejandra Pizarnik, dentro desse contexto sua poética é muito singular, com uma poesia aberta e pouco afeita a um estereótipo de feminilidade. Não podemos deixar de ressaltar, contudo, o interesse de Alejandra na poesia praticada por mulheres, sobretudo pela de Olga Orozco, que considerava sua “madre literária”, de Elizabeth Azcona Cranwell, de Silvina Ocampo e de Susana Thénon, com as quais manteve amizade e intensa troca de ideias, sendo que com a última editou a *Revista Literaria Agua Viva* (1960). Além de ter oferecido poemas a diversas poetisas mulheres, tal como anotamos de sua *Poesía Completa*: Alfonsina Storni, Delmira Augustini, Elizabeth Azcona Cranwell, Emily Dickinson, Ester Singer, Eva Durrel, Gabriela Mistral, Laure Bataillon, Martha Isabel Moia e Olga Orozco.

M. Ángeles Vázquez nos conta a particular relação de Pizarnik com a poesia feita por mulheres, principalmente quando iniciou sua própria atividade como poeta, afirmando:

É a época em que se relaciona com revistas de vanguarda e com grupos universitários reformistas [...]. Em uma época de vasta produção literária na Argentina [sua escrita é] de difícil inscrição literária, Pizarnik não compartilha com o grupo sessentista os referentes que os caracterizam (a cidade, as ruas, a realidade circundante) nem a paixão pela política. Pizarnik se volta para um mundo interior, se implicando na tradição literária feminina com a que se reafirma, daí a alusão em seus poemas a escritoras precedentes como Storni, Augustini e Mistral. Alejandra rompe com essa [ideia] enraizada de que a poesia feminina era mero sentimentalismo, ternura e suavidade poética. Sua voz se libera e diz o que a outras vozes femininas anteriores estava vedado, como a crueldade e a violência. [grifos nossos]⁷

Também é inegável que Alejandra sentiu o impacto da recepção das ideias feministas em voga em meados do século XX, tendo inclusive conhecido Simone de Beauvoir em Paris; tais ideias refletiram em sua vida cotidiana e interferiram em seu comportamento, como nos mostram alguns registros biográficos sobre sua forma de se vestir pouco feminina e sobre a adoção de hábitos pouco convencionais para mulheres e chocantes para a sociedade (PIÑA, 2005). Além

⁷ “Es la época en la que se relaciona con revistas vanguardistas y con grupos universitarios reformistas [...]. En una época de vasta producción literaria en Argentina [...]. De difícil inscripción literaria, Pizarnik no comparte con el grupo sesentista los referentes que les caracterizan (la ciudad, las calles, la realidad circundante...) ni la pasión por la política. Pizarnik se vuelca en un mundo interior implicándose en la tradición literaria femenina con la que se reafirma, de ahí la alusión en sus poemas a escritoras precedentes, como Storni, Augustini y Mistral. Alejandra rompe con esa raigambre en la que la poesía femenina era mero sentimentalismo, ternura y suavidad poética. Su voz se libera y dice lo que a otras voces femeninas anteriores les estaba vedado, como la crueldad y la violencia”, In: [<http://cvc.cervantes.es/actcult/pizarnik/acerca/vazquez.htm>], visitado e 09/09/2017.

disso, defendeu a igualdade de direitos entre homens e mulheres, foi favorável ao divórcio e à educação sexual feminina, considerando imorais e cruéis as leis contra o aborto e o controle de natalidade, conforme vemos na entrevista abaixo:

8 PERGUNTAS A ESCRITORAS, ATRIZES, MULHERES DE CIÊNCIA, DAS ARTES, DO TRABALHO SOCIAL E DO JORNALISMO⁸

Sur – Acredita que a mulher, em todos os planos, deve ter os mesmos direitos do homem?

AP – A mulher nunca teve os mesmos direitos que o homem. Deve chegar a tê-los. Não digo somente eu. Rimbaud também o disse: ‘Quando for quebrada a servidão infinita da mulher, quando ela viver para si e por si mesma, quando o homem – até então abominável – lhe tiver dado sua alforria, também ela será poeta! A mulher encontrará o ignoto! Seu mundo de ideias diferirá do nosso? – Ela encontrará coisas estranhas, insondáveis, repelentes, deliciosas; nós as tomaremos, as compreenderemos’. [Carta de Rimbaud para Paul Demeny, Charleville, 15 de maio de 1871]. Inútil acrescentar que as palavras do poeta formam um raciocínio utópico. É que nada temem tanto, mulheres ou homens, quanto a mudança.

Sur – Acredita que a sociedade atual precisa de uma reforma e que será de benefício das mulheres?

AP – Não creio que a sociedade precise atual precise de uma reforma. Creio que precise de uma mudança radical, e é nesse sentido que poderão ser de benefício das mulheres.

Sur – Acredita ser necessária a educação sexual?

AP – Claro, já que o sexual é árduo.

Sur – Pelo fato de ser mulher encontrou impedimentos em sua carreira? Teve que lutar? Contra quê e contra quem?

AP – A poesia não é uma carreira, é um destino. Embora ser mulher não me impeça de escrever, creio que vale a pena partir de uma lucidez exasperada. Deste modo, afirmo que ter nascido mulher é uma desgraça, como é ser judeu, ser pobre, ser negro, ser homossexual, ser poeta, ser argentino, etc., etc. Claro é que o importante é aquilo que fazemos com nossas desgraças.

Sur – Acredita que as leis que regem o controle de natalidade e o aborto devem estar nas mãos da Igreja e de homens que governam, ou nas das mulheres que, apesar de serem as protagonistas do problema, não tem tido voz nem voto em algo que lhes concerne vitalmente?

AP – Essa pergunta faz referência a um estado de coisas absurdo. Cada um é dono de seu próprio corpo, cada um controla como quer e como pode. É o demônio das baixas proibições quem, amparando-se em mentiras “morais”, puderam em mãos governamentais ou eclesásticas as leis que regem o aborto. Essas leis são imorais, donas de uma crueldade inaudita. Cabe acrescentar que, para ilustrar, a sugestão de Freud de que aquele que inventar o contraceptivo perfeito ou infalível seria tão importante para a humanidade quanto Jesus Cristo.

⁸ Reportagem com mulheres trabalhadoras e intelectuais argentinas realizadas pela *Revista Sur*, e publicada no número 326 de setembro 1970- junho 1971 (PIZARNIK, 2012c, pp. 309-310).

Sur – É partidária do divórcio?

AP – Acaso é possível não ser?

Sur – Qual acredita ser problema mais urgente da mulher?

AP – Os conflitos da mulher não residem em só problema possível de assinalar. Neste caso, e em outros, a ordem segue sendo: “Changer la vie”.

Sur – Você está inteirada da luta da mulher por seus direitos nos séculos XIX e XX? Sabe quais foram os primeiros países a reconhecê-los e até que limites?

AP – Ignoro estes temas.⁹

Como podemos ver também, além de desconhecer o histórico da luta das mulheres por seus direitos, a poética de Pizarnik não tem um claro compromisso político com o feminismo, mas um texto literário para assim ser considerado, não precisa reclamar para si este lugar. O fato de uma mulher escrever já a inscreve num lugar político de afirmação: é uma mulher que escreve e isso já é uma subversão num sistema patriarcal. Claro que não estamos pensando aqui na ideia de *uma* literatura feminina já que o ser feminino (como todo ser) é diverso e múltiplo, carrega em si inúmeros modos de ser, fazer, sentir e, portanto, escrever. De toda maneira, o *jeito Pizarnik* de

⁹ “8 PREGUNTAS A ESCRITORAS, ACTRICES, MUJERES DE CIENCIA, DE LAS ARTES, DEL TRABAJO SOCIAL Y DEL PERIODISMO// Sur – ¿Cree que la mujer, en todos los planos, ha de tener los mismos derechos que el varón?// AP – La mujer no ha tenido nunca los mismos derechos que el hombre. Debe llegar a tenerlos. No lo digo solamente yo. Rimbaud también lo dijo “Quand sera brisé l’infini servage de la femme, quand elle vivra pour elle et par elle, l’homme -jusqu’ici abominable-, lui ayant donné son renvoi, elle sera poète, elle aussi! La femme trouvera de l’inconnu. Ses modes d’idées différeront-ils des nôtres?- Elle trouvera des choses étranges, insondables, repoussantes, délicieuses; nous les prendons, nous les comprendrons.” [Carta de Rimbaud a Paul Demeny (Chaleville, 15/V/1871)]. Inútil agregar que las exaltadas palabras del poeta conforman un razonamiento utópico. Es que nada temen tanto, mujeres u hombres, como los cambios.// Sur – ¿Cree que la sociedad actual necesita una reforma y que redundará en beneficios de la mujer?// AP – No creo que la sociedad actual necesite una reforma. Creo que necesita un cambio radical, y es en ese sentido que pueden redundar beneficios para la mujer.// Sur – ¿Cree necesaria la educación sexual?// AP – Por cierto, puesto que lo sexual es arduo.// Sur – Por el hecho de ser mujer, ¿ha encontrado impedimentos en su carrera? ¿Ha tenido que luchar? ¿Contra qué y contra quién?// AP – La poesía no es una carrera; es un destino. Aunque ser mujer no me impide escribir, creo que vale la pena partir de una lucidez exasperada. De este modo, afirmo que haber nacido mujer es una desgracia, como lo es ser judío, ser pobre, ser negro, ser homosexual, ser poeta, ser argentino, etc. Claro es que lo importante es aquello que hacemos con nuestras desgracias.// Sur – ¿Cree que las leyes que rigen el control de natalidad y el aborto deben estar en manos de la Iglesia y de los hombres que gobiernan o bien en el de las mujeres que, a pesar de ser las protagonistas del problema, no han tenido ni voz ni voto en algo que les concierne vitalmente?// AP – Esta pregunta hace referencia a un estado de cosas absurdo. Cada uno es dueño de su propio cuerpo, cada uno lo controla como quiere y como puede. Es el demonio de las bajas prohibiciones quien, amparándose en mentiras “morales”, ha puesto en manos gubernamentales o eclesiásticas las leyes que rigen el aborto. Esas leyes son inmorales, dueñas de una crueldad inaudita. Cabe agregar, a modo de ilustración, la sugerencia de Freud de que aquel que inventara el anticonceptivo perfecto o infalible sería tan importante para la humanidad como Jesucristo.// Sur – ¿Es partidaria del divorcio?// AP – ¿Acaso es posible no serlo?// Sur – ¿Dónde cree que está el problema más urgente de la mujer?// AP – Los conflictos de la mujer no residen en un solo problema posible de señalar. En este caso, y en otros, la consigna sigue siendo: “Changer la vie”.// Sur – ¿Está usted enterada de la lucha de la mujer por sus derechos en los siglos XIX y XX? ¿Sabe cuáles fueron los primeros en reconocerlos y hasta qué límites?// AP – Ignoro estos temas.”. A tradução que utilizamos para o fragmento da carta de Rimbaud está disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2006000100011#top5

escrever, seu próprio deslocamento do eu-lírico feminino, que rumo à uma despersonalização do ser¹⁰ (entre outros deslocamentos/ temáticas), legitima essa escritura na história da literatura, e na história da literatura feita por mulheres. Portanto, devido também de tais deslocamentos, é política, o que a insere no âmbito feminista.

A argelina Hélène Cixous, poeta, dramaturga e crítica literária feminista da diferença¹¹ nos diz muito poeticamente da impossibilidade de escrita sob o crivo patriarcal:

Escrever? Sequer podia pensar. Sonhava com isso todo o tempo, mas com o pesar e a humilhação, com a resignação e inocência dos pobres [...] Aos dezoito anos descubro a “cultura”. O monumento, seu esplendor, sua ameaça, seu *discurso*. Admira-me. Sou o gênio do cristianismo [...] Fora, pequena judia. Rápido, ou te batizo”. “Glória”: que palavra! nome de exército, de catedral, de arrogante vitória, não era uma palavra para judimulher¹². [...] Eu comia os textos, os chupava, os mamava, os beijava. Sou a criança inumerável de sua multidão.

Mas escrever? Com que direito? Depois de tudo os lia sem direito, sem permissão, às suas costas [...] Escrever? Morria de vontade, de amor, dar à escritura o que ela havia me dado, que ambição! Alimentar a própria mãe. Dar-lhe meu leite? Louca imprudência. Não é preciso um superego muito severo para me impedir de escrever [...] Acaso muitos filhos de peões sonham um dia vir a ser um Mozart ou Shakespeare?

Tudo em mim corroborava para me vedar a escritura: a História, minha história, minha origem, meu gênero. Tudo o que constituía meu eu social, cultural.¹³

¹⁰ Blanchot escreve sobre essa despersonalização em “O espaço literário” (BLANCHOT, 2011, pp.11-26; 29-43), quer dizer, abrir-se para o outro, abrir-se para si mesmo, aproveitando a famosa frase de Rimbaud “*Je est un autre*” e desdobra a ideia de exterioridade, de fora. O poema não se interrompe, a poeta ouviu este poema, o interpretou, se perdeu no poema que ultrapassou a “pessoa” o “nome” alejandra, escreveu e ele continua a existir, indomável, para mim, para o outro. Deleuze também aponta a escrita como isso que nos leva a um Outro indistinguível: “*A escrita é inseparável do devir; ao escrever, estamos num devir-mulher, num devir-animal ou vegetal, num devir-molécula, até num devir imperceptível*” (DELEUZE, 1997, p.11); assim, na escrita, exercitamos não só uma aproximação, mas ainda uma despersonalização de tal forma que já não se pode mais distinguir uma mulher, de um animal, de uma molécula.

¹¹ Em oposição ao feminismo da igualdade, de Simone de Beauvoir, crítica uma ideia de “querer transformar as mulheres em homens”, pois economia, a cultura, a religião, etc. são dimensões masculinas e introduzir a mulher nesse universo (competitivo, individualista, insustentável) seria obrigar a mulher a ser homem. A superação, portanto, implica a construção de uma outra visão de mundo, de ordem simbólica, a partir das próprias mulheres, da pluralidade de femininos, diferente da masculina. O poder econômico, político e cultural não deve ser alcançado a custo de reprimir a diferença ou reverter a um “falocentrismo”. A prática da diferença implica a transformação de uma cultura do “Império do Mesmo” (termo de Cixous), partindo da alteridade feminina, que por sua vez, não corresponde aos homens e mulheres como concebidos biológica e ideologicamente, isto é uma “jaula de sentido”; a escrita feminina pode ser encontrada em homens que também buscavam minar um discurso falocrático, como James Joyce e Antonin Artaud, por exemplo.

¹² No original, *juifemme*, neologismo de dupla leitura: condensação de *juif*, “judio”, e *femme*, “mulher”; escritura possível da contração coloquial de *je suis femme*, “sou mulher”. (N.T., no original em espanhol) (CIXOUS, 2015, p. 18).

¹³ “¿Escribir? Ni lo pensaba. Soñaba con eso todo el tiempo, pero con el pesar y la humillación, con la resignación, la inocencia de los pobres [...] A los dieciocho años, descubro la «cultura». El monumento, su esplendor, su amenaza, su discurso. «Admírame. Soy el genio del cristianismo [...] Afuera pequeña judía. Rápido, o te bautizo». «Gloria»: ¡qué palabra! nombre de ejército, de catedral, de arrogante victoria; no era una palabra para judimujer. [...] Yo comía los textos, los chupaba, los mamaba, los besaba. Soy el niño innumerable de su multitud./ Pero ¿escribir? ¿Con qué derecho? Después de todo, los leía sin derecho, sin permiso, a sus espaldas [...] ¿Escribir? Me moría de ganas, de amor, dar a la escritura lo que ella me había dado, ¡qué ambición! Qué imposible felicidad. Alimentar a mi propia madre. ¿Darle a mi vez mi leche? Loca imprudencia./ No se necesita un superyó muy severo para impedirme escribir

Mas como Pizarnik abre portas à novas poetas? Apesar de, como vimos, ter havido mulheres que precederam Pizarnik no ofício poético, não podemos ignorar o fato de que, comparado aos homens, e mesmo nesse período a luta das mulheres já ter tido algum avanço, poucas escritoras publicavam na época, tanto pelo gesto de ousadia quanto pelas dificuldades em uma sociedade patriarcal. Alejandra conseguiu furar essa lógica e vivia conforme a sua própria vontade, não sem ajuda de seus pais, que a apoiavam em seu projeto literário - fato que também aparece com profunda frustração e sentimento de impotência em seus *Diários*, a vida como “uma eterna adolescente”, e ainda mais uma razão para tornar a escrita um ofício que lhe pagasse as contas, embora escreva e diga sempre que a escrita é destino e não ofício. Foi só após sua morte que tolheram suas liberdades literárias (e políticas!). Com o acirramento da ditadura argentina procuraram calar o escândalo que se encarna nessa mulher, pequeno-burguesa, judia, e que havia exercido com uma grande liberdade suas decisões pessoais, não se importando com convenções sociais, vivendo como só um homem que escreve pode viver: rodeada de livros e papéis, viajando e estabelecendo contatos com grandes escritores, e se lançando sempre para sua vocação e paixão que é excepcional na literatura hispânica: as reflexões sobre suas leituras, as críticas e resenhas que escreve e o método de estudo e disciplina que se impõe convergindo para sua escritura, essa palavra poética tão sedutora; e ainda por falar desgarramento, loucura e suicídio. Outro modo de subversão poética para uma mulher, para Pizarnik, são seus poemas e textos de cunho sexual e eróticos. Muitos de seus textos são o puro sexo aberto, como nos poemas abaixo, o primeiro publicado em *Los trabajos y las noches*, e *Sala de Psicopatología*, escrito em 1971 durante sua internação no hospital psiquiátrico Pirovano, na periferia de Buenos Aires, e só publicado na edição integral de sua *Poesía Completa* – cabe destacar esse poema em meio a toda produção poética de Alejandra, onde aparecem questões inexistentes em qualquer outro de seus poemas: crítica ao consumismo, relações de gênero, raça, poder e classe –, e ainda em trecho de seu diário:

AMANTES

Uma flor
nos longes da noite
meu corpo mudo

[...] ¿Acaso muchos hijos de peones sueñan con llegar a ser Mozart o Shakespeare?/ Todo en mí complotaba para vedarme la escritura: la Historia, mi historia, mi origen, mi género. Todo lo que constituía mi yo social, cultural.” (Cixous, *op. cit.* pp.24-25)

*se abre
à delicada urgência do orvalho¹⁴*

[...]

- quero que um negro me estrangule – disse

*- o que você quer é que te estupre – eu disse (oh, Sigmund! com
você se acabaram os homens do mercado matrimonial que frequentei nas melhores
praias da Europa)*

e como sou tão inteligente que já não sirvo para nada,

e como sonhei tanto que já não sou desse mundo,

aqui estou, entre as inocentes almas da sala 18,

me persuadindo dia a dia

de que a sala, as almas puras e eu, temos sentido, temos destino,

[...]

*Sim, senhora, a mãe é um animal carnívoro que ama a vegetação luxuriosa. Na
hora que a pariu abre as pernas, ignorante do sentido de sua posição destinada a dar
a luz, a terra, a fogo, a ar,*

mas então ela quer voltar a entrar nessa maldita buceta,

depois de haver tentado nascer sozinha tirando minha cabeça por meu útero

*(e como não pude, busco morrer e entrar no pestilento covil da oculta ocultadora
cuja função é ocultar)*

falo da buceta e falo da morte,

*tudo é buceta, eu lambi bucetas em vários países e só senti orgulho por meu
virtuosismo – a mahatma gandhi da lambida, a Einstein da chupada, a Reich da
linguação, a Reik do abrir caminho entre pelos como rabinos desleixados – oh! o
gozo da imunda!*

*Vocês, os mediquinhos da 18 são ternos e até beijam os leprosos, mas se casariam
com um leproso?*

Um instante de imersão no baixo e no escuro,

sim, disso são capazes,

¹⁴ “Una flor; no lejos de la noche/ mi cuerpo mudo/ se abre/ a la delicada urgencia del rocío”; (PIZARNIK, 2012b, p. 159)

mas logo vem a vizinha que acompanha os jovenzinhos como vocês:

- Poderia fazer uma piada com tudo isto, não?

E

sim,

aqui no Pirovano

há almas que NÃO SABEM

porquê receberam as visitas das desgraças.

Procuram explicações lógicas os pobrezinhos, querem que a sala – verdadeiro chiqueiro – esteja muito limpa, porque a imundície causa terror, e a desordem, e a solidão dos dias vazios habitados por antigos fantasmas migrantes das maravilhosas e ilícitas paixões da infância.

Oh, eu beijei tantas picas para me encontrar de repente numa sala cheia de carne prisão onde as mulheres vêm e vão falando da melhora.

Mas

curar o quê?

e por onde começar a curar?

É verdade que a psicoterapia em sua forma exclusivamente verbal é quase tão bela como o suicídio.

Fala-se.

Enfeita-se o cenário vazio de silêncio.

Ou, se há silêncio, ele se torna mensagem.

Por que está calada? Em que pensa?

Não penso, ao menos não executo o que chamam pensar. Assisto o inesgotável fluir do murmúrio. Às vezes – quase sempre – estou molhada.

Sou uma cachorra, apesar de Hegel. Queria um tipo com uma pica assim, me comendo e metendo até que venham curandeiros (que sem dúvida me chuparão) para me exorcizar e encontrar uma boa frigidez.

Molhada.

Buceta de coração de criatura humana,

coração que é um pequeno bebê inconsolável,

“Como uma criança recém-amamentada, acalmei a minha alma” (Salmo)

Ignoro o que faço na sala 18 salvo honrá-la com minha presença prestigiosa (se me amassem um pouquinho me ajudariam a anulá-la)

[...] ¹⁵

Disse-lhe estou morta; mas não é certo. É mais: seus jogos constantes com o suicídio não implicam mais que uma altíssima vocação sexual. É verdade, a morte me excita, me dá um sexo completo;

Retrocedia minha vermelha violência elemental. O sexo à flor do coração, a via do êxtase entre as pernas. Minha violência de ventos vermelhos e de ventos negros. As verdadeiras festas têm lugar no corpo e nos sonhos;

Palavras emitidas por um pensamento náufrago. Fazer amor dentro de nosso abraço significava uma luz negra: a escuridão se pôs a brilhar. Era a luz reencontrada, duplamente apagada, mas ainda assim mais viva que mil sóis. A cor do mausoléu infantil, o necrotério da cor dos desejos presos se abriu no quarto selvagem. O ritmo dos corpos ocultava o voo dos corvos. O ritmo dos corpos cavava um espaço de luz dentro da luz;

Despertei com a mão no sexo depois de haver sonhado que andava com muletas e conduzia um carro sem saber dirigir, e meu sexo estava molhado o tempo todo, diante de tudo e todos. Enquanto me apresentavam a alguém sentia um desejo furioso de vê-lo rir a gargalhar e ver seu sexo (fosse homem ou mulher).¹⁶

¹⁵ - quiero que me estrangule un negro – dijo/ - lo que quieres es que te viole – dije (¡oh Sigmund! con vos se acabaron los hombres del mercado matrimonial que frecuenté en las mejores playas de Europa)/ y como soy tan inteligente que ya no sirvo para nada, y como he soñado tanto que ya no soy de este mundo, aquí estoy, entre las inocentes almas de la sala 18, persuadiéndome día a día de que la sala, las almas puras y yo tenemos sentido, tenemos destino./ [...] Sí, señora, la madre es un animal carnívoro que ama la vegetación lujuriosa. A la hora que la parió abre las piernas, ignorante del sentido de su posición destinada a dar a luz, a tierra, a fuego, a aire./ pero luego una quiere volver a entrar en esa maldita concha./ después de haber intentado nacerse sola sacando mi cabeza por mi útero/ (y como no pude, busco morir y entrar en la pestilente guarida de la oculta ocultadora cuya función es ocultar)/ hablo de la concha y hablo de la muerte,

todo es concha, yo he lamido conchas en varios países y sólo sentí orgullo por mi virtuosismo – la mahtma gandhi del lengüeteo, la Einstein de la mineta, la Reich del lengüetazo, la Reik del abrirse camino entre pelos como de rabinos desaseados - ¡oh el goce de la roña!// Ustedes, los mediquitos de la 18 son tiernos y hasta besan al leproso, pero/ ¿se casarían con el leproso?/ Un instante de inmersión en lo bajo y en lo oscuro, sí, de eso son capaces./ pero luego viene la voccita que acompaña a los jovencitos como ustedes:// - ¿Podrías hacer un chiste con todo esto, no? Y/ sí./ aquí en el Pirovano/ hay almas que NO SABEN/ porqué recibieron la visita de las desgracias./ Pretenden explicaciones lógicas los pobres pobrecitos, quieren que la sala – verdadera pocilga – esté muy limpia, porque la roña les da terror, y el desorden, y la soledad de los días vacíos habitados por antiguos fantasmas emigrantes de las maravillosas e ilícitas pasiones de la infancia.

Oh, he besado tantas pijas para encontrarme de repente en una sala llena de carne prisión donde las mujeres vienen y van hablando de la mejoría./ Pero/ ¿qué cosa curar?/ Y ¿por dónde empezar a curar?

Es verdad que la psicoterapia en su forma exclusivamente verbal es casi tan bella como el suicidio./ Se habla./ Se amuebla el escenario vacío del silencio. O, si hay silencio, éste se vuelve mensaje./ - ¿Por qué está callada? ¿En qué piensa?// No pienso, al menos no ejecuto lo que llaman pensar. Asisto al inagotable fluir del murmullo. A veces – casi siempre- estoy húmeda./

Soy una perra, a pesar de Hegel. Quisiera un tipo con una pija así y cogirme a mí y dármela hasta que acabe viendo curanderos (que sin duda me la chuparán) a fin de que me exorcicen y me procuren una buena frigidéz./ Húmeda/ Concha de corazón de criatura humana, corazón que es un pequeño bebé inconsolable,

“Como un niño de pecho he acallado mi alma” (Salmo)// Ignoro qué hago en la sala 18 salvo honorarla con mi presencia prestigiosa (si me quisieran un poquito me ayudarían a anularla)/ [...]” (PIZARNIK, *op. cit.*, pp.411-17)

¹⁶“Te dices estoy muerta; pero no es cierto. Es más: tus juegos constantes con el suicidio no implican más que una muy alta vocación sexual. Es verdad, la muerte me da en pleno sexo”. (PIZARNIK, 2012a, p. 315); “Retrocedía mi roja violencia elemental. El sexo a flor de corazón, la vía del éxtasis entre las piernas. Mi violencia de vientos rojos y de vientos negros. Las verdaderas fiestas tienen lugar en el cuerpo y en los sueños”; (PIZARNIK, *op. cit.*, p. 253);

Sua prosa, sexual e violentamente transgressora só viria à luz décadas depois de sua morte, tendo ficado exilado de sua obra poética por décadas. *Deseo de la palabra*, de 1975, foi publicado pela editora espanhola Ocnos e, após inúmeras escusas, teve uma edição limitadíssima e de difícil circulação na Argentina, não tendo sido até hoje reeditada, mesmo dada sua importância, já que foi planejada pela própria poeta, juntamente com Antonio Beneyto e Martha Moia). Também foi só após 10 anos de sua morte, em 1982, que apareceu seu primeiro livro póstumo, *Textos de Sombra*, editado por suas amigas Olga Orozco e Ana Becciu, quando definitivamente começa a crescer sua publicação e estudos críticos na Argentina.

Atualmente pesquisas sobre sua obra crescem paulatinamente, com edições completas de sua prosa, poesia e diários em alguns países. No Brasil, no entanto, por um imbróglia editorial com os direitos de sua obra [eu mesma, luto há quase dez anos pela obtenção dos direitos para tradução e publicação no Brasil: conheci Miriam Pizarnik, que detinha os direitos da obra da irmã, logo ela me colocou em contato com Ana Becciu, que cuidava diretamente das questões de tradução; depois, já em contato com uma editora, vimos os direitos serem vendidos para a gigante *Handon House*, então começou o suplício que impossibilitou por anos a publicação de sua poesia no Brasil; esta pesquisa, além de sua importância para os estudos literários e de tradução da autora no Brasil, é também um modo de dar continuidade a este trabalho que, oxalá, breve, finalmente e enfim, as traduções aqui apresentadas serão publicadas em livro!], só tivemos a primeira publicação de Pizarnik em 2011, a prosa *A Condessa Sangrenta*, em tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro, pela Editora Tordesilhas, além de publicações esparsas na *internet*¹⁷; Josiane Maria Bosqueiro traduziu as obras *La última inocencia* e *Las aventuras perdidas*, em sua dissertação de mestrado no IEL/ UNICAMP, além de outros trabalhos de conclusão de curso e dissertações comentando sua obra têm aparecido por aqui.

“Palabras emitidas por un pensamiento a modo de tabla de naufrago. Hacer el amor adentro de nuestro abrazo significó una luz negra: la oscuridad se puso a brillar. Era la luz reencontrada, doblemente apagada pero de algún modo más viva que mil soles. El color del mausoleo infantil, el mortuorio color de los detenidos deseos se abrió en la salvaje habitación. El ritmo de los cuerpos ocultaba el vuelo de los cuervos. El ritmo de los cuerpos cavaba un espacio de luz adentro de la luz.”; (PIZARNIK, *op. cit.*, p. 279); “Desperté con la mano en el sexo después de haber soñado que andaba con muletas y manejaba un auto sin saber conducir, y mi sexo estaba mojado en todo momento, ante todo y ante todos. En cuanto me presentan a alguien siento un deseo furioso de verlo reír a carcajadas y verle el sexo (sea hombre o mujer)”. (PIZARNIK, *op. cit.*, p. 219).

¹⁷ Em abril deste 2018, contudo, já na fase de revisão desta pesquisa, vimos vir à luz os volumes *Árbol de Diana/ Árvore de Diana* e *Los trabajos y las noches/ Os trabalhos e as noites*, em tradução de Davis Diniz, pelas Editoras Relicário de Belo Horizonte.

Nos EUA, na Universidade de Princeton, encontra-se o *Archivo Pizarnik*, composto por diários, manuscritos, correspondências, pinturas e escritos vários; sendo um dos mais consultados por pesquisadores de todo mundo. Segundo Don C. Skemer, responsável pelos manuscritos da Biblioteca da Universidade de Princeton, foi Aurora Bernárdez, viúva de Julio Cortázar, que lhe entregou pessoalmente o material que conservava em seu apartamento em Paris e o colocou em contato com a família de Pizarnik há mais de quinze anos e concordou que a obra fosse ali depositada para conservação e consulta. Sua biblioteca pessoal foi doada para a Biblioteca Nacional de Maestros, que fica no Palacio Pizzurno, sede do Ministério da Educação e Esportes, em Buenos Aires.

A futura Alejandra, nome que escolheu e adotou já na publicação de seu segundo livro, nasceu Flora Pizarnik Bromiker, em 29 de abril de 1936, em Buenos Aires. Seus pais, os judeus Elías Pozharnik e Rejzla Bromiker (mais tarde Rosa), vieram de Rovene, Europa Oriental, hoje Eslováquia, em 1934. O nome Pizarnik foi trocado, possivelmente por um erro dos funcionários da imigração. O pai trabalhava como *cuentenik*, ofício tradicional da comunidade judia: vendia joias, roupas e eletrodomésticos de porta em porta; era ainda socialista, tocava violino e foi integrante de uma orquestra.

Sobre sua ascendência, raramente Alejandra a tornou objeto de sua escrita, mas quando aparece, vemos essa estreita relação metonímica entre a experiência histórica pessoal e dos judeus e a reflexão linguística – este sim, tema recorrente de sua obra; seu lugar é o não-lugar, está no além da palavra. Em seus diários, embora reconheça sua origem judia, ela surge com um sentido de desenraizamento, estrangeiridade e orgulho, característica que a poeta aponta como própria dos judeus. Nas entradas dos dias 05 de julho de 1955 e 06 de setembro de 1959 escreve, respectivamente:

Herdei de meus antepassados as ânsias de fugir. Dizem que meu sangue é europeu. Eu sinto que cada glóbulo procede de um ponto distinto. De cada nação, de cada província, de cada ilha, golfo, acidente, arquipélago, oásis. De cada pedaço de terra ou de mar usurparam algo e assim me formaram, condenando-me à eterna busca por um lugar de origem. Com as mãos estendidas e o pássaro ferido, balbuciante e sangrento. Com os lábios expressamente desenhados para exalar queixas. Com a fronte estruturada por todas as dúvidas. Com o rosto ansioso e o cabelo revoando. Com meu eu acoplado e sem freio.

Com a malícia instintiva da proibição. Com o hálito negro de tanto choro. Herdei o passo vacilante com o objetivo de nunca me enraizar com firmeza em lugar nenhum. Em tudo! E em nada! Em nada e em tudo!

Katherine Mansfield e V. Woolf. Vitalmente ou mortalmente me sinto mais próxima da primeira. Dada minha situação e educação, jamais compreenderei, creio, a vida de uma aristocrata inglesa. Não obstante, comprovei que meus poemas são mais profundamente sentidos e vividos por pessoas de – digamos – classes mais altas. O que

acontece é que eu, como judia, não me considero de nenhuma classe. E jamais compreenderia quem depreciasse minha origem. E mais: creio estar orgulhosa disso.¹⁸

Em sua poesia, da mesma maneira, podemos ver o desenraizamento mesclado à ideia de uma infância perdida, em que se procura uma proteção que não virá; a origem estaria na própria linguagem, o não-lugar:

Origem

*A luz é demasiado grande
para minha infância.
Mas quem me dará a resposta jamais usada?
Alguma palavra que me ampare do vento,
alguma verdade pequena em que me sentar
e da qual viver,
alguma frase somente minha
que eu abrace a cada noite,
na qual me reconheça, onde exista.*

*Mas não. Minha infância
só compreende ao vento feroz
que me espalhou ao frio
quando campanas mortas
me anunciaram.*

¹⁸ Heredé de mis antepasados las ansias de huir. Dicen que mi sangre es europea. Yo siento que cada glóbulo procede de un punto distinto. De cada nación, de cada provincia, de cada isla, golfo, accidente, archipiélago, oasis. De cada trozo de tierra o de mar han usurpado algo y así me formaron, condenándome a la eterna búsqueda de un lugar de origen. Con las manos tendidas y el pájaro herido balbuceante y sangriento. Con los labios expresamente dibujados para exhalar quejas. Con la frente estrujada por todas las dudas. Con el rostro anhelante y el pelo rodante. Con mi acoplado sin freno./ Con la malicia instintiva de la prohibición. Con el hálito negro a fuer de tanto llanto. Heredé el paso vacilante con el objeto de estatizarme nunca con firmeza en lugar alguno. ¡En todo y en nada! ¡En nada y en todo! (PIZARNIK, *op. cit.*, p. 30); Katherine Mansfield y V. Woolf. Vitalmente, o mortalmente, me siento más cerca de la primera. Dada mi situación y educación, jamás comprenderé, creo, la vida de una aristócrata inglesa. No obstante, he comprobado que mis poemas son más profundamente sentidos y vividos por personas de —digamos— clases altas que por las demás. Lo que sucede es que yo, como judía, no me considero de ninguna clase. Y jamás comprendería a quien despreciara mi origen. Es más: creio estar orgullosa de él. (PIZARNIK, 2012a, p. 147).

*Só uma melodia velha,
algo com crianças de ouro, com asas de pele verde,
quente, sábia como o mar,
que tiritava desde o meu sangue,
que renova meu cansaço de outras idades.*

*Só a decisão de ser deus até no pranto.*¹⁹

E se a poeta claramente pôde desfrutar de uma educação liberal e orientada pelas artes e a música, nos *Diários* assegura que não teve exatamente uma infância, mas um período de angústia. Pese aí comparações com sua irmã Miriam, o ideal de beleza e seus problemas com aparência, acne, além da asma e gagueira – que mais tarde, segundo amigos, se converte em uma dicção única (ARDITO, 2003); porém bem mais o fato de os pais estarem imersos na condição desoladora de seus demais familiares que ficaram na Europa: todos sofreram no holocausto e por fim morreram em campos de concentração, à exceção de um tio, irmão de seu pai, que vivia em Paris.

Apesar disso, como nos conta Aira, a poeta tinha a literatura e linguagem como interesse máximo “[Alejandra] teve uma invencível aversão à política, que justificava com o fato de sua família ter sido sucessivamente aniquilada pelo fascismo e o stalinismo [...] o único compromisso da literatura era com a qualidade”²⁰

Claro que na escritura pizarnikiana a condição de desamparo e de exílio linguístico, estético e literário dá mais potência à sua poesia e chega a lugares alternativos do discurso. Como diz a própria Pizarnik: “penso em uma frase de Trakl: *O homem é um estranho na terra. Creio*

¹⁹ Origen// La luz es demasiado grande/ para mi infancia./ Pero ¿quién me dará la respuesta jamás usada?! Alguna palabra que me ampare del viento./ alguna verdad pequeña en que sentarme/ y desde la cual vivirme./ alguna frase solamente mía/ que yo abrace cada noche./ en la que me reconozca, en la que me exista.// Pero no. Mi infancia/ sólo comprende al viento feroz/ que me aventó al frío/ cuando campanas muertas/ me anunciaron.// Sólo una melodía vieja./ algo con niños de oro, con alas de piel verde./ caliente, sabio como el mar./ que tiritava desde mi sangre./ que renueva mi cansancio de otras edades.// Sólo la decisión de ser dios hasta en el llanto. (PIZARNIK, *op. cit.*, pp. 88).

²⁰ “tuvo una invencible aversión a la política, que justificaba con el hecho de que su familia en Europa hubiera sido sucesivamente aniquilada por el fascismo y el estalinismo [...] Para ella, la literatura tenía un único compromiso con la calidad” (AIRA, *op. cit.*, p. 17).

que, de todos, o poeta é o mais estrangeiro. Creio que a única morada possível para o poeta é a palavra.”²¹

Não podemos neste trabalho não desdenhar uma condição política da escritura pizarnikiana, sua própria recusa ao tema o presentifica; pensemos numa micropolítica²² do poema, conjunto de forças sociais que atuam numa vida singular e traz, portanto, uma dimensão política. Vejamos, por exemplo, o poema abaixo, datado de 23 de novembro de 1971 e publicado na revista venezuelana *Árbol de fuego*, em 1972:

POEMA PARA O PAI

*E foi então
que com a língua morta e fria na boca
cantou a canção que o deixaram cantar
neste mundo de jardins obscenos e de sombras
que vinham na pior hora lembrá-lo
cantos de seu tempo de menino
em que não podia cantar a canção que queria cantar
a canção que o deixaram cantar
somente através de seus olhos azuis ausentes
de sua boca ausente
de sua voz ausente.
Então, desde a torre mais alta da ausência
seu canto ressoou na opacidade do ocultado
na extensão silenciosa
cheia de vazios movediços como as palavras que escrevo.*²³

²¹ “Pienso en una frase de Trakl: Es el hombre un extraño en la tierra. Creo que, de todos, el poeta es el más extranjero. Creo que la única morada posible para el poeta es la palabra.” (PIZARNIK, 2012a, p. 313.)

²² Aqui extrapolamos o conceito de Foucault, muito embora, sim, os poemas questionem o lugar do indivíduo: o que os restringe quanto às suas escolhas, o que define para si uma identidade, o que os separa dos outros indivíduos, e formas de assujeitamento; porém, como descrito, a ideia de que ao ler um poema e ser tocada por ele, choco a minha própria existência (Cf. Nota 09), mais do que ser um documento, o poema altera modos de ver e sentir, atuam na “vida real”, pois nos afetam.

²³ “POEMA PARA EL PADRE// Y fue entonces/ que con la lengua muerta y fría en la boca/ cantó la canción que le dejaron cantar/ en este mundo de jardines obscenos y de sombras/ que venían a deshora a recordarle/ cantos de su tiempo de muchacho/ en el que no podía cantar la canción que quería cantar/ la canción que le dejaron cantar/ sino a

Boca e voz são ausentes, impedidas de cantar, mas as palavras presentificam o canto, sua escrita o poemiza e o inscreve como máquina de guerra (cf. Nota 03). Essa micropolítica do poema, opção de resistência interna, é tática de guerrilha linguística da poeta que faz, mais do que diz sem entregar-se a panfletos e discurso em meio a discursos, mas empreendendo um curto-circuito no discurso por uma ação; um poema-filha que esgarça com a dança das palavras a mesa da autoridade.

A política é anterior aos seres e, como nos diz Jacques Rancière (2005), não se explica de fora para dentro – os poemas como representação da vida *real* -, a arte, especificamente aqui a escritura do poema, constrói rearranjos materiais de imagens e signos que geram modificações na nossa capacidade de compreensão do mundo e, portanto, reside aí sua potência essencialmente política; o real aqui não é a representação, mas os efeitos dessa escritura no real e como interferem na percepção sensível do comum. Hélène Cixous (*op. cit.*, p. 68), completa: “*os textos não precisam de efeito sobre a vida de vigília, a transformam, vida mais que diurna: vida múltipla, todas suas vidas de noite e todas suas vidas de poesia.*”.

Desse modo, tanto a poeta quanto nós leitores reconfiguramos o próprio modo de pensar e entender a realidade, percebendo a heterogeneidade do pensamento e conseqüentemente a impossibilidade de representação do fato histórico e sua constante maleabilidade a partir dos códigos e valores que se constroem e partilham socialmente. Essa sutileza, conforme aponta Roland Barthes (2010), permite sentimentos de uma moral estética, ficcionalizar-se para estar em sociedade: eu te percebo, eu me invento, ou “*Je suis un autre*”. Como também nos mostra a poeta brasileira contemporânea Micheliny Verunschik em poema não coligido em livro:

*um poema é uma arma inútil:
numa guerrilha por exemplo
não embosca não dá bote feito cobra*

*um poema é uma arma inútil:
na trincheira por exemplo*

través de sus ojos azules ausentes/ de su boca ausente/ de su voz ausente./ Entonces, desde la torre más alta de la ausencia/ su canto resonó en la opacidad de lo ocultado/ en la extensión silenciosa/ llena de oquedades movedizas como las palabras que escribo.” (PIZARNIK, 2012b, p. 370)

não explode granada ou morteiro

*um poema é uma arma inútil:
 não serve de parede para o bunker
 de baioneta para o fuzil
 não sufoca gás mostarda*

*numa guerra um poema é quase nada
 falta-lhe a contundência que é da arma*

*numa guerra um poema é quase nada
 falta-lhe a potência de ferir que é da bala*

*numa guerra um poema é quase nada
 falta-lhe o fio de metal que apunhala*

*numa guerra um poema é só palavra
 chão amor amada
 casa mãe beijo
 bússola mapa
 numa guerra um poema é só palavra
 e isso basta.*

[um soldado toca violino sobre um tanque de guerra]

O sujeito histórico está à deriva é um ser que se dissolve no texto. Assim a poesia é poderosamente cultivada, clivada, deslocada para se manter aberta e pode ser, como sentença a poeta,

lugar onde tudo acontece. A semelhança do amor, do humor, do suicídio e de todo ato profundamente subversivo, a poesia se desentende do que não é sua liberdade ou sua verdade. Dizer liberdade e verdade e referir estas palavras ao mundo que vivemos ou não

vivemos é uma mentira. Mas não é quando as atribuímos à poesia: lugar onde tudo é possível.²⁴

Em 1954 Alejandra ingressa na Universidade de Buenos Aires, onde estuda Jornalismo, Filosofia e Letras, abandonando o curso três anos depois. Seu professor de literatura, Juan Jacobo Bajarlia, que se tornou grande amigo e a chamava de Buma (flor, em ídiche²⁵), foi quem a iniciou na leitura crítica mais atenta e reflexiva, especialmente dos surrealistas. Tem aulas de pintura com Juan Batlle Planas e então todos os seus sentidos artísticos, a literatura e a pintura, se afloram, tendo participado inclusive de três exposições em Buenos Aires.

Em 1955 publica seu primeiro livro de poemas, *La tierra más ajena*, que depois renega resolutamente, não o considerando parte de sua obra. Em 1956 aparece seu segundo livro *La última inocencia*, que dedica a seu analista e depois amigo com quem mantém por quase toda vida abundante correspondência, León Ostrov. Seu terceiro livro, *Las aventuras perdidas*, é publicado em 1958.

Torna-se não só amiga, mas é apadrinhada e admirada como uma *enfant terrible* por diversos escritores da época como Oliverio Girondo, Silvina Ocampo, Adolfo Bioy Casares, Jorge Luis Borges, Olga Orozco, Juan Jacobo Bajarlía, Roberto Juarroz, entre outros. A partir daí, passa a escrever intensamente e a assumir essa personagem poética segundo o ideal de “*fazer versos a cada minuto do viver/ fazer do próprio corpo, o corpo do poema*”.

Embora a poeta tivesse vínculos estreitos com muitos de seus companheiros de geração, cujas correntes literárias se projetavam desde os anos 1950, Pizarnik se afastava esteticamente dos movimentos artísticos argentinos, buscando sempre uma voz poética própria, culminando sua trajetória como escritora significativamente apartada do contexto literário, caracterizado pela militância político-social em suas poéticas, sendo então considerada uma poeta dificilmente encaixotada em uma corrente precisa. A própria poeta diz em entrada de seu diário, no dia 01 de maio de 1966:

É estranho: em espanhol não existe nada que me possa servir de modelo. Mesmo Octavio [Paz] é demasiado inflexível, demasiado austero, ou simplesmente viril. Quanto a Julio [Cortázar] não compartilho sua descontração nos escritos que emprega em

²⁴ La poesía es el lugar donde todo sucede. A semejanza del amor, del humor, del suicidio y de todo acto profundamente subversivo, la poesía se desentiende de lo que no es su libertad o su verdad. Decir libertad y verdad y referir estas palabras al mundo en que vivimos o no vivimos es una mentira. No lo es cuando se las atribuye a la poesía: lugar donde todo es posible. (NUÑO, 2000, p. 199).

²⁵ Língua da família indo-europeia, adotada por judeus, particularmente na Europa Central e na Europa Oriental, e falado nas comunidades judaicas da Argentina, inclusive pela família Pizarnik.

linguagem oral. Borges [Jorge Luis] eu gosto, mas não desejo ser um de seus tantos epígonos. Rulfo me encanta, por momentos, mas seu ritmo é único, e além disso é extremamente musical. Eu não desejo escrever um livro argentino, mas um pequeno livrinho parecido com *Aurelia*, de Nerval. Quem, em espanhol, conseguiu a finíssima simplicidade de Nerval? Talvez me fizesse bem traduzi-lo para mim. E, não obstante, como sempre, está a tentação de estudar gramática, e a sensação de que não serve para nada estudá-la.²⁶

Em seus anos de formação como escritora, princípio dos anos 1950, as correntes literárias argentinas eram perfiladas ao pós-peronismo (neo-romantismo, surrealista, nacionalista e realismo romântico), suas maiores influências argentinas da época são Alberto Girri, Enrique Molina, Olga Orozco e Ricardo Molinari. Suas leituras, contudo, como apontadas em seus diários, era de simbolistas franceses e românticos alemães²⁷, e sua maturidade poética (quando logrou para si mesma, de alguma maneira, alcançar uma densidade de seu agrado), se consolidou na França; em seus quatro anos vivendo lá, formou seu núcleo de influências mais importante, inclusive seus amigos escritores argentinos eram da vanguarda, cujo modelo de referência eram europeus.

Já no fim dos anos 1950, tendo na bagagem a leitura dos simbolistas franceses Rimbaud, Verlaine, Mallarmé e Lautreamont (este uruguaio, mas escrevendo num contexto apartado e em francês), e forte a influência de Maurice Blanchot e seus estudos sobre Mallarmé e, principalmente, sobre o *silêncio* poético, se coloca em contato com os postulados estéticos do invencionismo e manteve relações com escritores da vanguarda, tendo visitado as tertúlias de Oliverio Girondo. Foi neste período que colaborou com Juan Jacobo Bajarlía na tradução de surrealistas europeus como Paul Eluard e André Breton e publica seus poemas na revista de vanguarda *Poesía Buenos Aires*, o editorial desta revista, inclusive, que publica seu segundo livro *La última inocencia*, com revisão de Bajarlía e intercessão de Raúl Gustavo Aguirre. Mas ainda que essa sua primeira sensibilidade poética tenha se desenvolvido no calor da vanguarda argentina, sobretudo o surrealismo, não há consenso crítico para aderi-la nesta corrente, embora

²⁶ “Es extraño: en español no existe nadie que me pueda servir de modelo. El mismo Octavio es demasiado inflexible, demasiado acerado, o, simplemente, demasiado viril. En cuanto a Julio, no comparto su desenfado en los escritos en que emplea el lenguaje oral. Borges me gusta pero no deseo ser uno de los tantos epígonos de él. Rulfo me encanta, por momentos, pero su ritmo es único, y además es sumamente musical. Yo no deseo escribir un libro argentino sino un pequeño librito parecido a *Aurelia*, de Nerval. ¿Quién, en español, ha logrado la finísima simplicidad de Nerval? Tal vez me haría bien traducirlo para mí. Y no obstante, como siempre, está la tentación de estudiar gramática, y la sensación de que no sirve para nada estudiarla.” (PIZARNIK, 2012a, p. 412)

²⁷ Cristina Piña, em seu estudo sobre a poesia argentina, afirma que “a linguagem poética como salvação e superação das contingências a insere na linha dos românticos alemães – encabeçados por Hölderlin e Novalis –, e que se mantem ao longo do século XIX, para culminar com [o simbolista] Rimbaud”. (PIÑA, 1981, p.15)

possamos observar algumas associações típicas do movimento nessas suas primeiras obras, como a colagem de imagens oníricas.

Nos anos 1960, a principal marca da poesia argentina, herdeira do realismo humanista e influenciada pela Revolução Cubana, é a denúncia das injustiças sociais, seja com ternura ou ironia, aliada à tradição da elaboração minuciosa do fazer poético. Nessa linha sócio-realista, que mescla experimentação e militância, destacamos Juan Gelman.

Pizarnik continua apartada de seu contexto. Cristina Piña (1996, p.31) comenta que a Pizarnik desse período está mais próxima de autores como Roberto Juarroz, que a introduziu no círculo de poetas do Grupo Equis e resenhou seu livro *La última inocencia*, Elizabeth Azcona Cranwell e Miguél Ángel Bustos, segundo a autora, todos dentro de “uma linha de corte metafísico”, cuja semelhança é a autonomização do fazer poético, embora, é claro, Pizarnik tenha seus traços excepcionais.

Vive em Paris, entre 1960 e 1964, onde estuda História da Religião e Literatura Francesa como aluna especial na Sorbonne, escreve para as revistas *Cuadernos*, *Sur*, *Nouvelle Revue Française*, *Mito* e *Les Lettres Nouvelles*, além de traduzir Antonin Artaud, Henri Michaux, Aimée Cesairé, Yves Bonnefoy, Marguerite Duras, William Shakespeare, Ievguêni Ievtuchenko, Paul Éluard, André Breton, Michel Leiris, André Pieyre de Mandiargues, Salvatore Quasimodo (em colaboração com María Cristina Giambelluca) e Pablo Picasso. Nesse período conhece e fica amiga de grandes escritores como Georges Bataille, Júlio Cortázar, Simone de Beauvoir e Octavio Paz, que escreveu o prólogo de seu livro *Árbol de Diana*, o que acabou por lança-la ao Olimpo dos grandes escritores latino-americanos.

De volta a Buenos Aires, publicou seus três últimos livros: *Los trabajos y las noches*, a prosa *La condesa sangrenta*, que pretendia ser um estudo do livro de mesmo nome de Valentine Penrose e acabou por se tornar uma prosa poética com um toque teatral onde violência e transgressão aparecem de forma contundente e que se estenderá a seus livros posteriores *Extracción de la piedra de locura* e *El infierno musical*, com forte influência de Antonin Artaud e com prosas extensas, diferindo dos típicos textos breves de *Árbol de Diana* e *Los trabajos y las noches*. Recebe os prêmios: Premio Municipal de Poesía (1965), Beca Guggenheim en Artes América Latina y Caribe (1969) e Beca Fulbright (1971).

Já na década de 1970, num contexto político extremamente convulsionado devido as jornadas de maio de 1969, culminadas no “Cordobazo”²⁸, e influenciados pelas independências da Argélia e Vietnã, muitos autores assumiram um compromisso político ainda mais intenso, se identificando ainda mais com a história cultural da América Latina em detrimento das tendências europeias.

Embora tivesse intensa vida social e intelectual, Alejandra Pizarnik mesclava momentos de intensa euforia à melancolia mais profunda, de perturbações mentais angustiantes, tomava anfetaminas, ansiolíticos e esteve internada em hospitais psiquiátricos diversas vezes. Nesse período, foi se tornando cada vez mais reclusa, se ausentando, não só da conjuntura poética argentina, mas também de seu contexto sociocultural, intensificando seu projeto poético; não são raras as vezes em que escreve em seu diário que era preciso abrir mão de uma vida real, para reconstruir-se no texto.

Sua insatisfação com sua obra poética atinge o ápice, como também atesta em várias passagens do seu diário, como nestas dos dias 18 de agosto de 1968 e 25 de junho de 1969:

O erro consiste em alimentar a esperança de um novo dia em que escreverei coisas novas: objetos externos tornados objetivos, etc. Ou talvez quero dar um visto especial a meus textos raros. Posto que são incompreensíveis, que os salve, embora seja a magia verbal [...]

Meus poemas agora estão mortos. Sinto que nada vibra dentro de mim. Há uma ferida e isto é tudo. Mas se cumprem num lugar onde a linguagem não parece necessária. Penso sem pensar em tudo que não farei, e no que venho postergando dia após dia. e de súbito a revelação: minhas fantasias regressivas ressuscitaram para me impedir de escrever.²⁹

Nesse período Pizarnik escreve a peça teatral *Los perturbados entre lilas*, em diálogo com *Fim de Partida*, de Beckett, o texto de humor *La bucanera de Pernambuco o Hilda la poligrafa* e outros textos experimentais, mesclando jogos de palavras, temáticas pornográficas, matizes escatológicos, elementos populares como o *voceo* e o tango, além de recursos humorísticos judeus com temática sexual e altamente transgressora, que permaneceram inéditos até sua morte.

²⁸ Levante popular na província de Córdoba eu marcou uma série de protestos nos anos 1970 e que desembocou na escalada de violência de 1973 e no regime militar totalitário e extremamente repressivo a partir de 24 de março de 1974. Para mais informações, cf. “Tragédia Argentina: poder e violência de Rosas ao Peronismo”, de Mauro Santayana.

²⁹ “El error consiste en alimentar la esperanza de un día nuevo en que escribiré cosas nuevas: objetos externos hechos objetivos etc. O tal vez quiero dar un visado especial a mis textos raros. Puesto que son incomprendibles, que los salve, aunque sea la magia verbal [...]]// Mis poemas de ahora están muertos. Siento que nada vibra dentro de mí. Hay una herida y esto es todo. Pero se cumple en un lugar donde el lenguaje no parece necesario. Pienso sin pensar en todo lo que no haré, en lo que vengo postergando día tras día. Y de súbito la revelación: mis fantasías regresivas resucitaron para impedirme escribir” (PIZARNIK, *op. cit.*, p.456; p.478)

Nesses textos conseguiu, conforme queria, alcançar uma voz própria em prosa, diferente da praticada até então em poesia.

Na madrugada de 25 de setembro de 1972, enquanto passava uma temporada fora da clínica psiquiátrica onde estava internada, Alejandra Pizarnik toma uma dose excessiva de barbitúricos e morre.

Legou-nos vasta obra poética, diarística, em prosa – ensaios, contos, teatro e alguns rascunhos de narrativas maiores, além traduções³⁰. A listagem abaixo³¹ segue relação do acervo do Centro Cultural Cervantes e de Susana Haydu (1992), somada à nossa:

La tierra más ajena. Buenos Aires: Botella al Mar, 1955.

La última inocencia. Buenos Aires: Ediciones Poesía Buenos Aires, 1956.

Las aventuras perdidas. Buenos Aires: Altamar, 1958.

La última inocencia y Las aventuras perdidas. Buenos Aires: Botella al Mar, 1976.

Árbol de Diana. Buenos Aires: Sur, 1962. (Obra reeditada em 1988 por Botella al Mar. Livro premiado, introdução de Octavio Paz)

Los trabajos y las noches. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1965.

Extracción de la piedra de locura. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1968.

Nombres y figuras. Barcelona: La Esquina, 1969.

La condesa sangrienta. Buenos Aires: Aquarius, López Crespo Editorial, 1971.

El infierno musical. Buenos Aires: Siglo XXI Argentina, 1971.

El deseo de la palabra. Barcelona: Ocnos, Barral Editores, 1975.

Textos de Sombra y últimos poemas. Buenos Aires: Sudamericana, 1982.

Poesía Completa. (Edição de Ana Becció). Barcelona: Ed. Lumen, 10ª ed. argentina, 2012.

Os textos críticos escritos por Alejandra, bem como sua peça teatral, encontram-se reunidos no livro:

Prosa Completa. (Edição de Anna Becció com prólogo de Ana Nuño) Barcelona: Ed. Lumen, 6ª ed. argentina, 2012.

Seus diários:

Diarios de Alejandra Pizarnik. Barcelona: Ed. Lumen, 2003, 2ª ed. Argentina, 2012.

³⁰ Cf. Referências Bibliográficas: 2. Traduções de Alejandra Pizarnik

³¹ Cf. Imagens das primeiras edições dos livros em “Anexo A”, p. 284.

BORDELOIS, Ivonne. *Nueva correspondencia Pizarnik/ Ivonne Bordelois y Cristina Piña*. Buenos Aires: Aguilar, Altea, Taurus, Alfaguara, 2014.

3. OS IM/POSSÍVEIS DA LINGUAGEM, APROXIMAÇÕES

Tendo escrito constantemente sobre silêncio, noite, desgarramento e morte, bem como os poetas malditos que lia, traduzia e comentava, colaboraram para que a crítica e muitos de seus leitores aceitassem como explicação de sua escritura o evento central da construção de seu mito: o suicídio, tal como é feito com outras poetas suicidas como Sylvia Plath, Anne Sexton, Alfonsina Storni, Florbela Espanca, e Ana Cristina César. Nessa operação de leitura-autópsia, a poeta é plenamente identificada com suas chaves poéticas.

Ana Becció considera não só inútil como também machista tal abordagem autobiográfica e assevera outro modo de leitura, como lemos no comentário para o suplemento cultural do jornal espanhol ABC:

[...] curioso que se siga insistindo na poesia de Pizarnik como uma espécie de autobiografia ou do relato de uma mártir, uma dolorosa, como as imagens de santinhos que os padres entregavam depois da missa [...] quando se trata de poetas homens, a imprensa se ocupa menos de seus problemas pessoais; não remexem seus versos para explicar que escreviam assim porque era alcoólatra, mulherengo, depressivo ou fumante. Não, não, o poeta homem é antes de tudo um grande poeta. E Alejandra Pizarnik foi uma grande poeta, além de, pessoalmente, muito bem-humorada [...] sua morte prematura, voluntária ou casual, não deve ser tomada como ângulo de visão ao encarar seu processo de escritura [...].³²

Seu também conterrâneo e amigo César Aira diz: “[Pizarnik] não poupou metáforas autobiográficas, mas isso não é desculpa para usá-las contra ela, sobretudo porque fazendo-o se está confundindo a poesia já feita e a poesia em vias de se fazer”³³. O crítico sugere outra atitude de leitura: usar as metáforas mortuárias de sua poesia a contrapelo, uma leitura que escape da linha confessional-suicida.

Interessa-nos esse ponto de vista de Becció e Aira para sua memória de poeta, sua poesia viva. Aira concentra sua análise vinculando-a, de uma maneira subversiva ao surrealismo - pelo onirismo de suas imagens e a busca por uma experiência poética transcendental, “reinventando o

³² “[...] curioso que se siga insistiendo en la poesía de Pizarnik como una especie de autobiografía o del relato de una mártir, una dolorosa, como la de las estampitas que los curas entregaban después de missa [...] cuando se trata de poetas hombres, los medios se ocupan menos de sus problemáticas personales; no hurgan en sus versos para explicar que escribía así porque era alcohólico, mujeriego, depresivo o fumador. No, no, el poeta hombre es ante todo un gran poeta. Y Alejandra Pizarnik fue una gran poeta, quien, por otra parte, en el trato personal se mataba de risa [...] su muerte prematura, voluntaria o casual, no debe tomarse como ángulo de visión a la hora de encarar su proceso de escritura.” IN: [https://www.abc.es/cultura/libros/abci-alejandra-pizarnik-ultima-poeta-maldita-201610120036_noticia.html], acessado em 10/05/2017.

³³ “Ella no escatimó metáforas autobiográficas, pero eso no es excusa para usarlas contra ella, sobre todo porque al hacerlo se está confundiendo la poesía ya hecha u la poesía en tren de hacerse.” (AIRA, 10).”

surrealismo a partir de seu núcleo de morte pré-natal [...] A adoção do procedimento da escritura automática obedece a sua utilidade para obter o Novo”³⁴. Tal filiação, só nos parece mesmo profícua desde que subvertendo o próprio método, já que a própria Alejandra, mesmo tendo afinidades com o surrealismo, reconhece sua condição de surrealista *manqueé* em uma entrevista a Martha Moia em 1972³⁵. Depois de afirmar que o essencial é indizível, acrescenta:

Sinto que os signos, as palavras, insinuam, fazem alusão. Este modo completo de sentir a linguagem me leva a crer que a linguagem não pode expressar a realidade; que somente podemos falar do óbvio. Daí meus desejos de fazer poemas terrivelmente exatos, apesar de meu surrealismo inato e de trabalhar com elementos das sombras interiores. É isto que tem caracterizado meus poemas³⁶.

Entre dizer/não dizer a realidade, Pizarnik sugere que a poesia surrealista, carece de uma exatidão tão necessária para sua própria poesia. Claro que essa exatidão é algo que só o equívoco pode dar; mesmo os poemas concisos, que buscam evitar ambiguidades, não são teoremas; toda sua escrita é lacunar, farpada e de uma heterogeneidade em si mesma. Sua linguagem exata é opaca (como exposto no poema “origem”), corta relações com o passado, não reverbera em outra linguagem, antes inaugura – a exatidão é buscada dentro da linguagem no “como dizer a coisa certa (ou como pretende que se diga), com as palavras que estão disponíveis”, em não desperdiçar palavras³⁷. E quando Martha Moia insinua uma possível mudança de seu projeto literário dizendo “*agora já não busca essa exatidão...*”, a poeta não assente de todo: “*é certo, busco que o poema se escreva como queira se escrever. Mas prefiro não falar disso agora porque ainda está pouco escrito*”³⁸.

³⁴ “Reinventando el Surrealismo desde si núcleo de muerte prenatal [...] La adopción de la escritura automática obedece a su utilidad para obtener lo Nuevo” (Aira, *op. cit.*, 15)

³⁵ A entrevista foi publicada na antologia de Alejandra Pizarnik editada por Antonio Beneyto com o título *El deseo de la palabra* (Barcelona: Ocnos, 1975). Em seu “Epílogo”, Beneyto relata a história da antologia, e o que diz sobre a entrevista é que ocorreu em fins de 1971 e início de 1972, ou seja, pouco antes da morte da poeta.

³⁶ “Siento que los signos, las palabras, insinúan, hacen alusión. Este modo complejo de sentir el lenguaje e induce a creer que el lenguaje no puede expresar la realidad; que solamente podemos hablar de lo obvio. De allí mis deseos de hacer poemas terriblemente exactos a pesar de mi surrealismo innato y de trabajar con elementos de las sombras interiores. Es esto lo que ha caracterizado mis poemas.” (PIZARNIK, 2012c, p.313)

³⁷ Claro que a maioria dos poetas tem essa necessidade de “não errar”, de “fazer um bom poema”, não obstante, é uma característica especialmente feminina, essa obsessão em se fazer dizer, em se mostrar “boa e competente”; a performance da linguagem está ligada a quem pode assumir uma fala e uma mulher sempre precisa provar *mais* que um homem.

³⁸ “Es cierto, busco que el poema se escriba como quiera escribirse. Pero prefiero no hablar del ahora porque aún está poco escrito” (PIZARNIK, *op.cit.*, idem). É difícil precisar quando começa esse “agora”. Talvez se refira aos seus dois últimos livros onde predominam os longos poemas em prosa com suas abundantes cadeias de imagens. E, de fato, são menos “exatos” que os poemas breves dos primeiros livros, onde cada texto está escrito com rigorosa economia de palavras.

Propomo-nos essa leitura-tradução, uma entre tantas possíveis, em que seus poemas se abram a outros sentidos e outras formas, tal como a poeta propõe no texto “El poema y su lector”: *Unicamente o leitor pode terminar o poema inacabado, resgatar seus múltiplos sentidos, lhe agregar outros novos. Terminar equivale, aqui, a dar vida novamente, a re-criar.*”³⁹

Alejandra Pizarnik relata profunda angústia ante seu próprio discurso poético, sua crítica à palavra é absoluta, mantém-na à beira do silêncio, minando a possibilidade de uma escrita automática e sem labor. Pizarnik não se permite essa satisfação, embora não consiga se convencer de que suas palavras possam dizer *muito exatamente*. Essa terrível angústia a acompanha desde seus primeiros poemas e vai se alargando até se impor como o tema central de sua escritura.

Podemos perceber em sua poética a reclamação de um *outro* discurso – em seus quatro primeiros livros com versos em que o enjambement se impõe de maneira que tropecem uns nos outros, como se um verso chamasse o outro e ainda assim podem soar como se faltasse uma palavra, um outro verso, numa estranha operação de um poema que mergulha para um dizer que não se concluir; a partir de *Árbol de Diana* e nos livros seguintes *Los trabajos y las noches* e mesmo em *Extracción de la piedra de la locura* onde temos poemas em linha reta, uma imagem, uma sentença se conclui a cada verso, ainda que seja retomada e concluída no(s) verso(s) seguinte(s), desse modo temos em cada verso um poema, poemas dentro de poemas e de um outro poema –, um *outro* discurso inaugural onde a palavra é protagonista, diz a si mesma sem, contudo, se perder, a desvia até o fim; e é este questionamento da linguagem, aliás, que produz o ápice poético em sua obra. Assim, no desejo de colocar a palavra no centro do que não se pode nomear é que o silêncio se converte na única e sedutora alternativa diante da armadilha da linguagem e se impõe definitivamente em seu último livro publicado em vida, *O Inferno Musical*.

Pizarnik invoca com frequência o silêncio, um silêncio que se entretetece a uma noção de suicídio literário, tal como aponta Derrida (1984)⁴⁰, pelo qual se pode morrer para a vida através da escrita, forma de morte que inaugura uma outra vida. Isso se observa em extratos de seus *Diários*, como na passagem: “*A vida perdida para a literatura, por culpa da literatura. Quer*

³⁹ “Únicamente el lector puede terminar el poema inacabado, rescatar sus múltiples sentidos, agregarle otros nuevos. Terminar equivale, aquí, a dar vida nuevamente, a re-crear” (PIZARNIK, *op. cit.* p. 300). Publicado originalmente em: **Quince poetas**, selección y prólogo de César Magrini. Buenos Aires: Ediciones Centurión, 1968.

⁴⁰ Quando o escritor sacrifica sua presença na vida pela ausência da escrita; deixar de ser alguém para fazer algo, neste caso, escrever. Aqui Derrida retoma a ideia de Rosseau que entende a escrita como restauração da presença (do ser como fundamento), que foi perdida na fala devido a uma certa ausência; então escrever dá esta possibilidade de retomar a fala, guardá-la.

dizer, por querer fazer de mim uma personagem literária na vida real, fracasso em meu desejo de fazer literatura com minha vida real, pois esta não existe: é literatura”⁴¹; e ainda numa outra em que brinca com um verso de Rimbaud: “*Soñé con Rimbaud. ‘Par litterature / J’ai perdu ma vie’*”⁴²; e igualmente em sua poesia:

*Quem me exilou com os que cantam
quem me perdeu no silêncio
das palavras fantasmas?*⁴³

Ressalteemos que o silêncio pizarnikiano tem inúmeros matizes e sons: se por um lado há uma aspiração ao silêncio dito, o escrito que se vincula com o rompimento do sujeito da linguagem, também há um silêncio que se relaciona com a vida e os feitos (em oposição à escrita), e participe com sua matéria invisível da tensão poética; a ressonância que sentimos na leitura. O silêncio não é o vazio de sentido, como Pizarnik assevera em seu diário: “[*não*] é o mesmo estar em silêncio e não dizer nada. Escrever sem deixar de dizer nada”⁴⁴; em carta a Ivonne Bordelois: “*Quando o poeta não se enuncia nem se erige para celebrar ou maldizer aparece o silêncio do desespero puro, da espera sem desenlace. E, no entanto, é também, é canto, é voz, é dizer em vez de não. É uma prova de fé. A última*”⁴⁵; e ainda ou ainda no luminoso trecho em que comenta a poesia de Yves Bonnefoy:

Lê-la é encontrar a verdadeira voz calada das coisas, do mundo de fora e de dentro, é descobrir que o silêncio não é a interrupção da voz, mas uma zona iluminada onde a linguagem diz sem dizer, envolve as coisas como uma luva criando sua mudez, sua

⁴¹ “La vida perdida para la literatura por culpa de la literatura. Quiero decir, por querer hacer de mí un personaje literario en la vida real fracaso en mi deseo de hacer literatura con mi vida real pues ésta no existe: es literatura” (Pizarnik 2012a, p. 200).

⁴² Citado em Haydu, *op. cit.* p. 05, como entrada em seu diário no dia 05 de janeiro de 1961; várias páginas da internet onde podemos ler trechos de seu diário também fazem referência a tal entrada, mesmo as que têm como fonte a mesma edição que a nossa, no entanto, não encontramos tal trecho, em seu lugar, no mesmo dia, lemos: “Soñé con Octavio P. yo tenía un automóvil muy grande y muy viejo y no sabía que hacer con él, donde dejarlo, adónde ir. Después, Octavio se queda con Towas (¿o era lunel?) Y yo me quedo sola con mi gran automóvil.” (PIZARNIK, *op. cit.*, p. 191)

⁴³ “¿Quién me ha exilado con los que cantan/quién me perdió en el silencio/de las palabras fantasmas?” (Pizarnik, 2012b, p.332). Poema sem título e não coligido enfeixado pela poeta com outros datados entre 1956-1960.

⁴⁴ “[n]o es lo mismo estar en silencio que no decir nada. Escribir sin dejar de decir nada” (Pizarnik 2012a, p. 209).

⁴⁵ “Cuando el poeta no se enuncia ni se erige para celebrar o maldecir aparece el silencio de la desesperación pura, de la espera sin desenlace. Y sin embargo es también, es canto, es voz, es decir en vez de no. Es aún una prueba de fe. La última.” (BORDELOIS, 2014, p. 89)

imobilidade. Nem voz e nem pausa então, mas figuras silenciosas, imagens desenhadas por uma voz inaudível”⁴⁶.

Encontramos em seus últimos poemas esse desejo constante em estreitar a fala que irremediavelmente separa a coisa da palavra; no entanto, desde seu início poético, aparece a necessidade de que esse ansiado silêncio se materialize no poema. No dia 08/02/1959, em seu *Diários*, reclamava “*uma poesia que diga o indizível – um silêncio -. Uma página em branco*”⁴⁷. Bem como em um poema de 1959, não coligido, e em outros dois de *Árbol de Diana*:

silêncio

eu me uno ao silêncio

eu me uni ao silêncio

e me deixo fazer

me deixo beber

*me deixo dizer*⁴⁸

6

Ela se desnuda no paraíso

de sua memória

ela desconhece o feroz destino

de suas visões

ela tem medo de não saber nomear

*o que não existe.*⁴⁹

18

como um poema

⁴⁶ “Leerla es encontrar la verdadera voz callada de las cosas, del mundo del afuera y del adentro es descubrir que el silencio no es la interrupción de voz, sino una zona iluminada donde el lenguaje dice sin decir, envuelve a las cosas como a un guante haciendo a su mudez, a su inmovilidad. Ni voz ni pausa entonces sino figuras silenciosas, imágenes dibujadas por una voz inaudible”. In: “Ives Bonnefoy, poeta de lo irremediable”, SUR 278 (1962): 7. Citado por HAYDU, 1996, p. 07.

⁴⁷ “una poesía que diga lo indecible —un silencio—. Una página en blanco” (Pizarnik, *op. cit.*, p. 140).

⁴⁸ silencio/ yo me uno al silencio/ yo me he unido al silencio/ y me deixo hacer/ me deixo beber/ me deixo decir (Otros Poemas, 1959, Archivo Pizarnik/ Princeton)

⁴⁹ 6// ella se desnuda en el paraíso/ de su memoria/ ella desconoce el feroz destino/ de sus visiones/ ella tiene miedo de no saber nombrar/ lo que no existe. (PIZARNIK, 2012b, p. 108)

*aprendido do silêncio das coisas
fala para não me ver*⁵⁰

A partir de 1968, ano que marca o início da escrita de *O Inferno Musical*, a palavra *exata*, em que se fundem signo e referente para criar uma *realidade* transcendente em que a concisão e brevidade que configuram o poema como uma espécie de teorema não matemático, com essencialidade poética (presente, sobretudo em *Árbol de Diana*), desaparece. Alejandra comenta tal deslocamento do projeto linguístico literário com Ivonne Bordelois em carta de 01 de dezembro do mesmo ano: “*creio que este livro [Extracción de la pedra de la locura] fecha uma porta (e abre outra, naturalmente). Nunca mais escreverei textos aturdidos e alucinados. Lamentar? Não, afronto as mudanças e suas temíveis consequências*”⁵¹. Em outra carta, também a Bordelois, reitera: “*Recebeu o livrinho [Extracción de la pedra de la locura] que te enviei esmeradamente? [...] Sinto que com ele terminei com um estilo, ou como se chame*”⁵².

Tal transição se mostra, de fato, absoluta em *O Inferno Musical* e em outros poemas escritos entre 1968 e 1972 e publicados em *Textos de Sombra y últimos poemas*, em que não oculta mais o reconhecimento de que a tal busca pela exatidão é inútil e exige o impossível da palavra, levando ao fracasso da linguagem. É com patente desconsolo que nos diz Pizarnik nos versos do poema “Nesta noite, neste mundo”, um dos últimos e mais emblemáticos escritos pela poeta, e publicado pela primeira vez em 1971, em Caracas, na antologia chamada *Árbol de fuego*:

Nesta noite, neste mundo

A Martha Isabel Moia

*nesta noite, neste mundo
as palavras do sonho da infância da morta
nunca é isso o que alguém quer dizer*

⁵⁰18// como un poema enterado/ del silencio de las cosas/ hablas para no verme (PIZARNIK, *op.cit.* p. 120)

⁵¹ “creo que este libro cierra una puerta (y abre otra, naturalmente). Nunca más escribiré textos anonadados y alucinados. ¿Lamentarlo? No, afronto los cámbios y sus temibles consecuencias” (BORDELOIS, *op. cit.*, pp. 106-107)

⁵² “¿Recibiste mi librito que te mandé esmeradamente? [...] Siento que con él termine con un estilo o lo que se llame” (BORDELOIS, *op. cit.*, p. 204)

*a língua natal castramento
a língua é um órgão de conhecimento
do fracasso de todo poema
castrado por sua própria língua
que é o órgão da re-criação
do re-conhecimento
mas não o da res-surreição
de algum modo de negação
de meu horizonte de maldoror com seu cão
e nada é promessa
entre o dizível
que equivale a mentir
(tudo o que se pode dizer é mentira)
o resto é silêncio
só que o silêncio não existe*

*não
as palavras
não fazem o amor
fazem a ausência
se digo água beberei?
se digo pão comerei?
nesta noite neste mundo
extraordinário silêncio o desta noite
o que acontece com a alma é o que não se vê
o que acontece com a mente é o que não se vê
o que acontece com o espírito é o que não se vê*

*de onde vem esta conspiração de invisibilidades?
nenhuma palavra é visível*

sombras

*recintos viscosos onde se oculta
a pedra da loucura
corredores negros
eu corri todos
oh fica um pouco mais entre nós!*

*minha pessoa está ferida
minha primeira pessoa do singular*

*escrevo como quem tem uma faca alçada na escuridão
escrevo como estou dizendo
a sinceridade absoluta continuaria sendo
o impossível
oh fica um pouco mais entre nós!*

*as deficiências das palavras
desabitando o palácio da linguagem
o conhecimento entre as pernas
o que fez do dom do sexo?
oh meus mortos
os comi e me engasguei
não posso mais com não poder
palavras abafadas*

*tudo se desliza
até à negra liquefação*

*e o cachorro de maldoror
nesta noite neste mundo
onde tudo é possível
salvo*

o poema

falo

sabendo que não se trata disso

sempre não se trata disso

oh me ajuda a escrever o poema mais prescindível

o que não sirva nem para

se inservível

me ajuda a escrever palavras

*nesta noite neste mundo*⁵³

“Água, como “pão”, são apenas palavras, a presença desses elementos no texto não cria uma *realidade* material, como comenta Critina Piña, justamente sobre estes dois poemas: “*para quem configurou a linguagem a categoria de sua ‘pátria’ e a poesia um valor ontológico, não cabe senão a morte*”⁵⁴.

⁵³ En esta noche, en este mundo/A Martha Isabel Moia// en esta noche en este mundo/ las palabras del sueño de la infancia de la muerta/ nunca es eso lo que uno quiere decir/ la lengua natal castra/ la lengua es un órgano de conocimiento/ del fracaso de todo poema/ castrado por su propia lengua/ que es el órgano de la re-creación/ del re-conocimiento/ pero no el de la re-surrección/ de algo a modo de negación/ de mi horizonte de maldoror con su perro/ y nada es promesa/ entre lo decible/ que equivale a mentir/ (todo lo que se puede decir es mentira)/ el resto es silencio/ sólo que el silencio no existe// no/las palabras/ no hacen el amor/ hacen la ausencia/ si digo agua/ ¿beberé?/ si digo pan ¿comeré?/ en esta noche en este mundo/ extraordinario silencio el de esta noche/ lo que pasa con el alma es que no se ve/ lo que pasa con la mente es que no se ve/ lo que pasa con el espíritu es que no se ve/ ¿de dónde viene esta conspiración de invisibilidades?/ ninguna palabra es visible// sombras/ recintos viscosos donde se oculta/ la piedra de la locura/ corredores negros/ los he corrido todos/ ¡oh quédate un poco más entre nosotros!// mi persona está herida/ mi primera persona del singular// escribo como quien con un cuchillo alzado en la oscuridad/ escribo como estoy diciendo/ la sinceridad absoluta continuaría siendo/ lo imposible/ ¡oh quédate un poco más entre nosotros!// los deterioros de las palabras/ deshabitando el palacio del lenguaje/ el conocimiento entre las piernas/ ¿qué hiciste del don del sexo?/ oh mis muertos/ me los comí me atraganté/ no puedo más de no poder// palabras embozadas/ todo se desliza/ hacia la negra licuefacción// y el perro del maldoror/ en esta noche en este mundo/ donde todo es posible/ salvo/ el poema// hablo/ sabiendo que no se trata de eso/ siempre no se trata de eso/ oh ayúdame a escribir el poema más prescindible/ el que no sirva ni para/ ser inservible/ ayúdame a escribir palabras/ en esta noche en este mundo” (PIZARNIK, *op. cit.*, p. 398).

⁵⁴ “para quien le confirió al lenguaje la categoría de su “patria” y a la poesía un valor ontologizador y trascendente, no cabe sino la muerte.” [http://www.malba.org.ar/evento/curso-alejandra-pizarnik-el-yo-transformado-en-lenguaje/], visitado em 13/12/2017.

Pizarnik queria que o poema expressasse sua *realidade* – a dela, não a do signo –, e o diz com estas palavras: “*Toda noite espero que minha linguagem consiga me configurar. E penso no vento que vem a mim, permanece em mim*”⁵⁵.

O terrivelmente irônico é que no desejo de saciar uma sede insaciável no questionamento do discurso poético, Alejandra Pizarnik dispõe unicamente da linguagem. Como nos diz Jaques Derrida (1984), o escritor é um refém; ao usar objetos da realidade para dizer *na* literatura, ele dobra a linguagem, sua articulação com outros versos cria uma coisa outra que só pode funcionar na linguagem; e é nessa operação que sentidos múltiplos se constroem. Pizarnik traça sua relação paradoxal com a palavra em uma carta a Ivonne Bordelois, na qual transcreve parte de seu diário. Nele, com a data de 22 de fevereiro [1963], escreveu o seguinte:

Palavras. É tudo o que me deram. Minha herança. Minha condenação. Pedir que a revoguem. Como pedir? Com palavras.
As palavras são minha ausência particular. Como a famosa “morte própria” há em mim uma ausência autônoma feita de linguagem. Não compreendo a linguagem e é a única coisa que tenho. Tenho sim, mas não a sou⁵⁶.

Temos nestas linhas uma reiteração da armadilha linguística e nela a promessa do silêncio como única maneira de resolver a contradição. A linguagem, é ao mesmo tempo atrozmente real, já que não pode prescindir das palavras sem perder sua voz, seu corpo, seu ser. Atordoada pela linguagem, testemunha de sua própria ausência, Pizarnik admite o precário de seu ser na poesia. Como bem provoca Lasarte (1983), prosseguimos: tal como fez com *pan* e *agua*, bem poderia se perguntar: “se digo *alejandra*, serei?

sólo un nombre

alejandra alejandra

debaixo estou eu

*alejandra*⁵⁷

⁵⁵ “Toda la noche espero que mi lenguaje logre configurarme. Y pienso em el viento que viene a mi, permanece en mí.” (PIZARNIK, *op.cit.*, p. 266)

⁵⁶ “Palabras. Es todo lo que me dieron. Mi herencia. Mi condena. Pedir que la revoquen. ¿Cómo pedirlo? Con palabras. Las palabras son mi ausencia particular. Como la famosa “muerte propia” hay en mí una ausencia autónoma hecha de lenguaje. No comprendo el lenguaje y es lo único que tengo. Lo tengo si pero no lo soy.” (PIZARNIK, 2012a, p. 325)

⁵⁷ “sólo un nombre// alejandra alejandra/ debajo estoy yo/ Alejandra” (PIZARNIK, 2012b, p. 65)

As alejandras não se diferenciam na escritura, mas em seu significado, se as entendemos em contraposição com seus iguais-semelhantes, em sua diferença. Vemos como uma só palavra não alcança o que se quer expressar, daí a evidente relação entre três palavras, idênticas na aparência, mas que revelam ainda um outro sentido oculto que nasce da mesma relação, que só existe a partir dessa oposição e que outorga inúmeros sentidos ao poema⁵⁸. A possibilidade de repetir uma palavra questiona sua univocidade, porque ao se pronunciar em diversos contextos, seu significado não é transparente em relação ao significante.

O poema reflete uma diferença onde vemos a impossibilidade expressiva do nome comparando Alejandra e alejandra. O nome não significa claramente, exatamente, como também vemos no poema não coligido “TE NOMEAR”: “*Não o poema de tua ausência,/ só um desenho, uma greta num muro,/ algo no vento um sabor amargo.*”⁵⁹

O significado surge pela diferença, uma mesma palavra em relação com suas outras. O nome próprio nunca aparece, dado sua insuficiência. A repetição, no entanto, não busca fixar um sentido – mas confrontá-lo e evidenciar tais diferenças, além da reversão no uso da linguagem. Diz-nos mais exatamente Cixous essa operação de Pizarnik com o poema e o que provoca na poeta e, automaticamente, em nós leitores (2015):

Faz muito tempo que os nomes nada mais que próprios na ânsia de possuir já não são próprios para nomear o ser que se iguala à Vida. Todos os nomes da Vida se vão, todos os nomes juntos não bastam para designar. Quando terminou de escrever, quando retornamos ao ar do canto que somos, o corpo de textos que fizemos será um de seus nomes entre tantos outros. [...] Escrever atravessar os nomes é o mesmo gesto necessário: enquanto Eurídice chama Orfeu submergindo onde mudam os seres, Orfeu adverte que ele mesmo é (em) Eurídice. Enquanto se deixa conduzir para além dos códigos, teu corpo cheio de temor e alegria, as palavras se apartam, já não está presa no plano das construções sociais, já não caminha entre os muros, os sentidos se derramam, o mundo dos trilhos explode, os ares passam, os desejos fazem saltar as imagens, as paixões já não se encadeiam às genealogias, a vida já não está cravada no tempo das gerações, o amor já não se orienta na direção fixada pelas administração das alianças públicas. E se vê de volta à tuas inocências, à tuas possibilidades, à abundância de tuas intensidades.⁶⁰

⁵⁸ Recorremos ao enfoque de Deleuze: “A negação é a diferença mas a diferença vista do lado menor, de baixo. Invertida, vista de cima para baixo, a diferença é a afirmação. Mas esta proposição tem muitos sentidos: que a diferença é objecto de afirmação; que a própria afirmação é múltipla; que ela é criação, mas também deve ser criada, afirmando a diferença, sendo a diferença em si mesma. Não é o negativo que é o motor” (DELEUZE, 2000, pp. 120-121); quer dizer, uma forma dinâmica, que varia de intensidade por estar em transformação contínua.

⁵⁹ “NOMBRARTE// No el poema de tu ausencia,/ sólo un dibujo, una grieta en un muro,/ algo en el viento, un sabor amargo.” (PIZARNIK, *op. cit.*, p. 169)

⁶⁰ “Hace mucho tiempo que los nombres nada más que propios en el ansia de poseer ya no son propios para nombrar al ser que iguala a la Vida. Todos los nombres de la Vida le van, todos los nombres juntos no bastan para designarlo. Cuando haya terminado de escribir, cuando hayamos retornado al aire del canto que somos, el cuerpo de textos que hayamos hecho será uno de sus nombres entre tantos otros.

Podemos recorrer também a Jean-Luc Nancy, para pensar a maneira que Pizarnik se manifesta como nome próprio, que demarca ruptura entre título e discurso, fazendo com que a poeta se faça presente, como a inscrição sobre um epitáfio; e cabe à poeta anunciar sua partida:

Dizer o nome é dizer isso mesmo que morre e não morre (o que amiúde fica gravado sobre a tumba). O nome parte sem partir, pois leva a revelação do infinitamente finito de cada um. “Maria!” revela a Maria a si mesma, revelando-lhe, por sua vez, a partida da voz que nomeia o encargo a que o seu nome a compromete: que ela parta e, por sua vez, anuncie a partida. O nome próprio fala sem falar, posto que não signifique, mas designe, e aquela a quem designa fica infinitamente por trás de todo significado (NANCY, 2006b, p. 73-74).

Alejandra Pizarnik quis fazer do poema uma casa onde se morar, e a materialidade da linguagem, obstáculo que em outros textos impede o êxtase poético, paradoxalmente aqui, *viver* dentro do poema coincidiria de alguma maneira com *sobreviver* graças ao poema. Porém, a casa-poema acaba por ser também um nomadismo, uma errância: a impossibilidade de se estabelecer referência.

A condição de se negar, de não se reconhecer no espaço fora do poema (como quem se estranha a si mesma), ocorre em sua experiência a partir do poema, especialmente na criação de *contra-espacos*. Michel Foucault aponta para dois tipos de espaços que estão ligados a todos os outros, mas que também os contradizem: as utopias e as heterotopias. Os espaços heterotópicos seriam “espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora eles sejam efetivamente localizáveis” (FOUCAULT, 2001, p. 415). Para além da experiência do sujeito, que reconhece sua alteridade não só no espaço que vive, mas em alguma outra coisa que excede o lugar, que não está fora nem distante, mas num outro nível de apreensão, um espaço de diferença, onde se pode criar como alternativa e resistência a espaços privilegiados da verdade⁶¹. Assim, podemos pensar a poesia de Pizarnik como experiência heterotópica imbricada em sua construção linguística, espacial e, porque não, geográfica, como espaços e contraespaços ausentes-presentes, criadores

Escribir y atravesar los nombres es el mismo gesto necesario: en cuanto Eurídice llama a Orfeo a sumergirse donde cambian, Orfeo advierte que él mismo es (en) Eurídice. En cuanto te dejas conducir más allá de los códigos, tu cuerpo lleno de temor y alegría, las palabras se apartan, ya no estás presa en los planos de las construcciones sociales, ya no caminas entre los muros, los sentidos se derraman, el mundo de los carriles estalla, los aires pasan, los deseos hacen saltar las imágenes, las pasiones ya no se encadenan a las genealogías, la vida ya no está clavada al tiempo de las generaciones, el amor ya no se orienta en la dirección fijada por la administración de las alianzas públicas. Y te ves devuelta a tus inocencias, a tus posibilidades, a la abundancia de tus intensidades.” (CIXOUS, op. cit., p. 70-71; 78)

⁶¹ Aqui, àquela verdade que explica tudo e não aceita diferenças, fiel à padrões logocêntricos.

de identidades e alteridades. Um espaço de desterritorialização e reterritorialização, como propõe Deleuze e Guattari:

O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente “em casa” [...] O território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair de seu curso e se destruir [...] A reterritorialização consistirá numa tentativa de recomposição de um território engajado num projeto desterritorializante. (GUATTARI, 2013, p.388)

Encontramos no poema abaixo, publicado em *Las Aventuras Perdidas*, esse contra-espaço, onde a poeta se reterritorializa, mesmo não sabendo do sol, ainda numa jaula, se veste de poesia:

A JAULA

La fora faz sol.

*Não é mais que um sol
mas os homens o olham
e depois cantam.*

Eu não sei do sol.

*eu sei da música do anjo
e do sermão quente
do último vento.*

*Sei gritar até o Amanhecer
quando a morte se põe nua
em minha sombra.*

Eu choro debaixo do meu nome.

*Eu agito lenços na noite e barcos sedentos de realidade
dançam comigo.*

Eu escondo cravos

para escarnecer meus sonhos enfermos.

Lá fora faz sol.

*Eu me visto de cinzas.*⁶²

É a partir do próprio poema que percebemos sua falta, sua ausência, como num espelho. Tomando por base o olhar dirigido ao espaço virtual criado (espaço que é “luz”, linguagem), a poeta pode *re-criar* a si própria no poema, apesar do nome.

Nos versos “*lá fora faz sol/ os homens cantam*”, “*sei da música do anjo*”, a poeta poderia criar uma expectativa de elevação, ascensão, claridade, limpidez, mas não o faz. Os outros versos quebram qualquer possibilidade de esfera sublime, superior ou transcendente. Nada mais humano que gritar, dançar. O poema cria a imagem de um “céu” para a realidade; as imagens se transfiguram pouco a pouco, no corpo do poema. Os elementos da realidade, através dos recursos poéticos utilizados, depreciam as imagens e declinam o próprio poema, que vira cinzas. Arma-se um lugar no poema, mas não um lugar-senso-comum, e sim o objeto posto em dúvida, o lugar *sem*, uma ausência. Percebe-se que na contraposição de imagens há um *outro* espaço sendo construído e lapidado pela linguagem poética, um lugar-outro que habita aquela que se projetou ser:

OS PASSOS PERDIDOS

Antes foi uma luz

Em minha linguagem nascida

A poucos passos do amor.

*Noite aberta. Noite presença.*⁶³

Vemos então um lugar sobre o outro, um dentro do outro, onde os sujeitos do poema transitam. Logo, a estratégia de sobrevivência deles no poema passa a ser habitar um desdobramento do “mundo real”, e os lugares dotados de vazios. A poesia se constitui, então,

⁶² “LA JAULA// Afuera hay sol./ No es más que un sol/ pero los hombres lo miran/ y después cantan.//Yo no sé del sol./ Yo sé la melodía del Ángel/ y el sermón caliente/ del último viento./ Sé gritar hasta el Alba/ cuando la muerte se posa desnuda/ en mi sombra.// Yo lloro debajo de mi nombre./ Yo agito pañuelos en la noche y barcos sedientos de realidad/ bailan conmigo./ Yo oculto clavos/ para escarnecer a mis sueños enfermos.// Afuera hay sol./ Yo me visto de cenizas.” (PIZARNIK, *op.cit.*, p. 73)

⁶³ LOS PASOS PERDIDOS// Antes fue una luz/ en mi lenguaje nacido/ a pocos pasos del amor.// Noche abierta. Noche presencia.” (PIZARNIK, *op. cit.*, p. 167).

num espaço heterotópico de traço invisível, “*Noite aberta. Noite presença*”; lugar inacabado que tende ao infinito e, especialmente, lugar de sobrevivência no poema.

A poesia coloca o ser fora de si, mas ao mesmo tempo o faz regressar ao seu ser original, “uma revelação que não se refere mais àquilo que as palavras dizem, mas algo anterior e no qual se apoiam todas as palavras do poema: a condição última do homem, esse movimento que o lança para frente sem cessar [...] num morrer e renascer contínuos” (PAZ, 2012, p. 195). O poema é um entrar no ser. E o silêncio poético remete ao instante transcendental anterior à palavra, palavra-poesia que está sempre se *re-inaugurando*. Pizarnik tem uma linguagem própria que a configurou e ao mesmo tempo transcendeu: “*Da minha respiração desoladora eu digo: que haja linguagem onde tem que Haver silêncio*”⁶⁴.

Todas essas ideias nos remetem a essa “função da linguagem”, levantada por Roland Barthes em sua *Aula*, como a função utópica da linguagem ou a linguagem da utopia, da adequação e dos constrangimentos da linguagem e da função do escritor de criar truques de “mudar a língua” para “mudar o mundo”. Barthes pontua:

"[na] história da literatura, ou seja, das produções da linguagem, que seria a história dos expedientes verbais, muitas vezes louquíssimos, que os homens usaram para reduzir, aprisionar, negar ou, pelo contrário, assumir o que é sempre um delírio, isto é, a inadequação fundamental da linguagem ao real". (BARTHES, 1996, p 22-3).

A palavra é portadora de realidades e presenças, porém, uma realidade outra, imaterial, “*um cenário a mais*”, a encenação é da linguagem. Logo o silêncio se oferece como única saída da armadilha linguística: “*Não quero mais que um silêncio para mim e as que fui, um silêncio como uma pequena cabana que as crianças perdidas encontram no bosque*”⁶⁵.

Um de seus últimos poemas, publicado em *Árbol de fuego*, datado de 1971 e incluso como o terceiro poema dentro da seleção “Los pequenos cantos”, a poeta diz:

o centro
de um poema
é outro poema
o centro do centro

⁶⁴ “Desde mi respiración desoladora yo digo: que haya lenguaje em donde tiene que Haber silencio” (PIZARNIK, *op. cit.*, p. 424).

⁶⁵ “No quiero más que un silencio para mí y las que fui, un silencio como una pequeña choza que encuentran en el bosque los niños perdidos” (PIZARNIK, *op. cit.*, p. 248)

é a ausência
minha sombra é o centro
*do centro do poema*⁶⁶

Roland Barthes, também em seu último livro, comentando uma foto da mãe, diz: “*O círculo está fechado, não há saída. Sofro, imóvel. Carência estéril, cruel: não posso transformar meu pesar, não posso deixar derivar meu olhar; nenhuma cultura vem me ajudar a falar desse sofrimento que vivo inteiramente na própria finitude*” (BARTHES, 1981, p.135).

Como não dizer: isto foi vivo, ou mais exatamente, o poema vive em seus centros que são também periferias, a tentativa de manter um centro se esvai; interminável como um Prometeu acorrentado condenado a escrever e reescrever infinitamente um poema que também é outro e atravessa o poema, o pensamento. Sangrando a palavra em sua luta (que ninguém pode ajudar) com uma “*linguagem quebrada a pauladas*”, Pizarnik vai se rendendo gradualmente à linguagem, mais poderosa que ela terminando por escrever o “*fracasso de todo poema*”.

Diante da constatação de que a realidade textual não pode ser materializada, de que mesmo escrevendo freneticamente e ainda que tenha uma vida devotada à linguagem, não se pode *ser* um poema; se rendendo à linguagem e ao silêncio como exílio para suas contradições, podemos conjecturar que, tivesse escrito um próximo livro de poemas, suas páginas estariam em branco. Uma escritura que se abre ao infinito, e em nossa leitura, um guia para o silêncio.

⁶⁶ “III// el centro/ de un poema/ es otro poema/ el centro del centro/ es la ausencia/ mi sombra es el centro/ del centro del poema” (PIZARNIK, *op. cit.*, p. 381)

4. TRADUZIR O SILÊNCIO – OS IM/POSSÍVEIS DE UMA Y OTRA LÍNGUA

“Como traduzir o silêncio do encontro real entre nós dois? Dificílimo contar. Olhei pra você fixamente por instantes. Tais momentos são meu segredo. Houve o que se chama de comunhão perfeita. Eu chamo isto de estado agudo de felicidade.” Clarice Lispector

Se conjecturamos que a continuidade da obra pizarnikiana seria a pura página branco, é claro que, mais uma vez, seu silêncio não dissesse nada. Lembramos Mallarmé em seu prefácio para "Um lance de dados":

Os 'brancos' com efeito assumem importância, agridem de início; a versificação os exigiu, como silêncio em derredor, ordinariamente, até o ponto em que um fragmento, lírico ou de poucos pés, ocupe, no centro, o terço mais ou menos da página: não transgrido essa medida, tão-somente a disperso. (CAMPOS, CAMPOS, e PIGNATARI, 1974, p. 151.)

No caso de Pizarnik, assumindo a página inteira, a obra inteira, tais palavras em suspenso continuam a nos revelar suas infinitas leituras e possibilidades, continuam a criar o silêncio que, em seu não dizer, termina por fazê-lo um não-lugar de efetivação de sentido.

Esta tradução, igualmente tentada pelo silêncio, mas superando a totalização da página em branco, pois tal caímos na armadilha linguística, é com linguagem que se realizamos o outro poema, A Poema, uma superação pela poesia, em se inserir num contra-grito como sobrevivência da obra que também *desejo* dizer; produzir pela máquina de guerra um pensamento e linguagem ainda que não consiga expressar uma verdade, uma finalização, resgatar *muito exatamente* a poética de Alejandra. Dou os primeiros passos como há uma década, quando iniciei um desejo de tradução, desta tradução; caio, estou aprendendo a caminhar. Com o entusiasmo do aprendiz, reergo-me, reergo-nos. Sobrevivemos, interferimos no mundo, na casa da linguagem. No desejo das palavras de fluir, não mergulho no silêncio profundo da página em branco, mergulhamos no desafio da tradução sem medo do impossível; igualmente com uma linguagem à beira do silêncio.

, em lugar de teoria

invento palavras pra dizer o poema

palavras linhas palavras flechas rumo ao alvo
 o contra-alvo um crivo palavras-água
 transbordamento e forma
 invento palavras que de-sabem a forma
 palavras acesso pra o poema
 pra amor o pasme a imobilidade a morte
 enfim
 acesso
 e o poema acontece diante os olhos os ossos
 abro possibilidades diante o poema
 como quem escava e escava uma cidade
 qualquer buenos aires ova morada um rastro gases em auschwitz
 e digo mãe soldado lavadeira poeta fantasma

penso --

“uma língua diz tanto pelo que diz quanto pelo que cala, não é possível interpretar seu silêncio”

para traduzir:

fracasso

tal como a poesia a usar coisas e objetos da realidade objetiva

uma dobra na linguagem y sua articulação

uma escrita outra que só funciona

na linguagem como a metáfora que é dispersão desvio

desequilíbrios no poema que dão formas de se mover

cisão entre o que aparece e não aparece corte

na cadeia significante que rompe sentidos para abrir

outros y otros

ouço o que manca o que gagueja

ouço aquele momento da falha

uma linguagem tradução sem formas uma fala de loucos

digo não digo ainda

a língua monumento que com o uso cotidiano se cobre de limo e lodo
tento como a poema
polir a palavra língua alcançar a poema
dizer um dizer um inaugural devir-poema
desde o agora pra o eterno
uma tradução que só se concretiza quando lida
uma tradução ao limite do pensamento-poesia
rio a tradução a linguagem
pode fazer isso a linguagem não-lugar onde tudo é possível
traduzir o impossível
brincar de
o que não há na aparência mas há não
está próximo mas está
entre o que é e não é
uma tradução quer e não quer
– ‘querer e não querer é sempre a mesma coisa –
ser concretizada
ouça:
uma tradução quer te levar
não é chegada
um entre-lugar
“vizinha súbita das coisas não semelhantes”
quer rasurar uma certeza qualquer
certeza encontrar emoção no ritmo
encontrar mil traduções
nenhuma poderá ser inferior
ouça:
encontre sua maneira diferente e única de ler o poema
a tradução que quer gaguejar

penso no inconveniente de comer goiabas

traduzir:

o mesmo de se ter os dentes quebrados
 nenhum equilíbrio, ó! a gota que treme na folha e cai
 despenca pra o nada
 e

«Sim, eu não tenho senão uma língua, ora ela não é minha»

DERRIDA, (2016, p. 25)

Essa tradução, sobretudo por se tratar de poesia, aproxima-se daquela defendida por Derrida, espelhando a travessia impossível/ impassável de diferenças, a aporia⁶⁷ que ama e aceita a língua do outro e ama a sua própria. Os poemas não são apropriados ou têm seus significados fechados e esgotados no trabalho tradutório, tanto tradução como poesia rumam para o intangível. Como Derrida afirma em um texto-poema sobre a poesia (1992): o poema é um encantamento silencioso – você mal pode ouvi-lo, mas ele lhe ensina o coração, o desejo de aprender de cor, “de coração”, de aprender com o outro.

A desses poemas, outros poemas, trilham essa exorbitância escandalosa: a experiência pelo impossível; a paixão pelo impossível⁶⁸. Tradução e escritura poética são simultaneamente violentas e vulneráveis, complementares e essenciais, que ferem e são feridas.

⁶⁷ Aporia, do grego “caminho inexpugnável, sem saída”, “dificuldade”) é momento de contradição que impede que o sentido de um texto ou de uma proposição seja determinado; o termo é utilizado com frequência por Derrida, sendo identificada pela tensão lógico-retórica que impede que o sentido de um texto se possa fixar. Um texto, por definição, conterá sempre aporias que servirão para mostrar que esse mesmo texto pode querer dizer algo que escapa a uma qualquer leitura convencional. Nem o texto nem o seu autor estão obrigados a ter conhecimento prévio ou consciência da presença de aporias, assim como, é claro, tradutores. Os efeitos do que — na desconstrução de Derrida se chama *différance* — dependem da presença inquietante destas aporias. Em “Living on”, Jacques Derrida (1979, p. 95-6) argumenta que o ilegível pode demandar a leitura: “[...] essa ilegibilidade não para de ler, não deixa paralisada em face de uma superfície opaca: em vez disso, ele começa a ler e escrever e Tradução em movimento novamente. O ilegível não é o oposto do legível mas sim o cume [arête] que também lhe dá momentum, movimento, o coloca em movimento.” [Tradução nossa, no original: “But this unreadability does not arrest reading, does not leave it paralyzed in the face of an opaque surface: rather, it starts reading and writing and translation moving again. The unreadable is not the opposite of the readable but rather the ridge [arête] that also gives it momentum, movement, sets it in motion.”]

⁶⁸ “É difícil, em todas estas descrições, evitar a linguagem mecanicista, tecnicista, teleológica, no momento exato em que se trata precisamente de reencontrar a origem e a possibilidade do movimento, da máquina, da tekhnè, da orientação em geral. Para dizer a verdade, isto não é difícil, é por essência impossível. E o é para todo discurso. De um discurso a outro, a diferença aqui só pode ser a de modo de habitação no interior de uma conceitualidade prometida ou Já submetida ao arruinamento. Nela e já sem ela, deve-se tentar aqui re-apreender a unidade do gesto e da fala, do corpo e da linguagem, da ferramenta e do pensamento, antes

A sobrevida de um texto, desta escritura, está implicada justamente em ser traduzível e intraduzível. O texto apela por sua sobrevida, “necessária e impossível”. Traduzimos porque amamos a escritura, e embora toda tradução seja esse im/possível, a traduzibilidade é inerente ao primeiro texto, assim como seu desejo por complementaridade linguística, e clama por tradução⁶⁹.

Ao nos aconchegar à escritura pizarnikiana, sejam suas cartas, estudos críticos, diários ou poemas, e não só ao que aqui se traduz, testemunhamos uma apaixonada obsessão pela palavra, uma incessante reflexão sobre as possibilidades e limites da linguagem. Essa leitura por si só é, de alguma maneira, suficiente: na escritura tudo está dito *muito exatamente*, perfeitamente. No entanto, o amor nos detém. O desejo de tornar também escritura essa leitura atravessada pelo silêncio e o arrebatamento. A linguagem nos afeta e é assim, como um sentimento que ela chega, um desejo do corpo que se não satisfeito faz doer o próprio corpo. Sim, as palavras nos fazem amor, e nos alimentamos de seu leite e seu abismo.

Segundo Ivonne Bordelois em artigo para o *La Nación* quando da publicação de sua *Nueva Correspondência*, a poeta soube arrancar do idioma uma entonação desconhecida, onde se percebe uma intensidade de maneira inimitável:

[...] Alejandra realiza uma operação estranha com o espanhol, língua sólida, sonora e solar em sua matéria prima, que com ela se torna um idioma vacilante e noturno, frágil e misterioso, cheio de ardis e vislumbres, muito mais sutil e profundo do que costuma ser; sondagens e resistências que cedem ao caminho de uma voz única e irrepitível.⁷⁰

de articular-se a originalidade de um e de outro e sem que esta unidade profunda dê origem ao confusionismo. Não se deve confundir estas significações originais na órbita do sistema onde se opõem. Mas deve-se, pensando a história do sistema, exceder em alguma parte, de maneira exorbitante, o seu sentido e o seu valor.” (DERRIDA, 1984, p. 105). É claro que tal noção de im/possível não quer dizer imobilidade ou infinita indecisão. A experiência do im/possível, com seus laivos de loucura, está necessariamente

ligada a um desejo pela ação que a impele; aqui, encontrar em caminho com a poeta, um outro.

⁶⁹ A tradução [que aqui se opera como a sobrevida do texto] tem “uma espécie de lapso ou de escândalo” (DERRIDA, 1984, p. 185) – em outras palavras, o suplemento e sua estranha lógica. *Suplementar* é acrescentar em uma falta e ao mesmo tempo um excedente supérfluo. Essa é sua exorbitância: ser simultaneamente uma redundância e algo essencial que preenche uma falta, uma falha. Tal conceito nos parece essencial, já que corrompe uma tradicional distinção entre texto primário e secundário, transformando e, porquê não, melhorando seu original (para alguém que não compreende espanhol, por exemplo, essas traduções podem ser muito melhores que os poemas de partida.

⁷⁰ “[...] Alejandra realiza una operación muy extraña en el español, lengua sólida, sonora y solar en su sustancia prima, que con ella se vuelve un idioma vacilante y nocturno, frágil y misterioso, lleno de acechanzas y vislumbres, mucho más sutil y profundo de lo que suele ser; tanteos y resistencias que ceden al paso de una voz única e irrepitible.” IN: [https://www.lanacion.com.ar/1730269-alejandra-pizarnik-la-sonrisa-desde-el-precipicio-alejandra-pizarnik-multiples-moradas-de-una-poeta] acessado em 24/08/2015.

Anos antes Octavio Paz percebe essa dobra na língua operada por Pizarnik, como diz no prólogo de *Árbol de Diana*, “[Alejandra] leva a cabo uma cristalização verbal por amálgama de insônia passional e lucidez meridiana em uma dissolução de realidade submetida às mais altas temperaturas”.

Como poderemos atestar na leitura de seus poemas, essa precisão de Alejandra ao lidar com a inflexão única de cada palavra junto a uma espécie de eletricidade negra se propaga em uma escritura de rara exatidão, mesmo nos textos mais fragmentados e próximos à prosa poética. É esse impacto central que buscamos na tradução.

A busca não pode deixar de ser louca, já que: traduzir é perder o corpo, já marcado por violência física, uma luta corporal entre duas línguas que já estavam internamente em guerra civil (DERRIDA, 2005, p. 170): a tradução pressupõe essa luta com a língua materna – aquela que não se tem⁷¹ – e não só com a língua do *outro*, a estrangeira. Coincidimos com Derrida, para quem o poeta-tradutor é exemplar em seu papel de afirmação da impossibilidade de apropriação de uma língua por uma nação ou povo.

Como alcançar “*o idioma vacilante e noturno*” que sequer existe na língua materna que a poeta (não) tem? Como alcançar a “*cristalização verbal por amálgama de insônia passional e lucidez meridiana*”? “*Como queres tu encontrar o tom, com a puta desta língua? Como queres desposá-la e fazê-la cantar?*” (DERRIDA, 2016, p. 19).

Alcançar o impossível junto da escritura: essa delicadeza negra e úmida, mas brilhante como o mais profundo branco. Às vezes não deixamos de sentir que a sintaxe precisa se despedaçar para ser então pintada, como numa tela, essa palavra silêncio que é ainda um ruído, essa palavra que não representa, não constrói, e que vive do som. Os instrumentos musicais são ensurdecadores, infernais e de tão comoventes, dilaceram. Inventamos, pois, a *nossa* língua,

⁷¹ Tanto o espanhol não era a língua de origem de Pizarnik, quanto não era o ídiche; da mesma maneira os dialetos indígenas não são a minha língua materna (sequer conheço um único com *alguma* profundidade), como o português não pode ser a *minha* língua: língua do opressor, e a ainda muito anterior a ele, como ser proprietária de algo que me precede? Recorremos a Derrida: “eu não tenho senão uma língua e ela não é minha, a minha “própria” língua é-me uma língua inassimilável. A minha língua, a única que me ouço falar e me ouço a falar, é a língua do outro. [isto] reflete uma espécie de «alienação» originária que institui toda a língua como língua do outro: a impossível propriedade de uma língua. Mas isso não deve conduzir à uma espécie de neutralização das diferenças, ao desconhecimento de expropriações determinadas contra as quais um combate pode ser travado em frentes muito diferentes. Pelo contrário, isso é o que permite re-politizar o desafio. [...] Como o antepimeiro tempo da língua pré-origenária moderna não existe, é preciso inventá-lo. Injunções, intimação [*«mise em demeure»*] a uma outra escrita. Mas que é sobretudo preciso *escrever no interior*, se assim pode dizer-se, das línguas. É preciso chamar a escrita para dentro da língua dada” (DERRIDA, 2016, pp. 52; 114-115).

como uma casa onde se possa estar em intimidade, ainda que uma intimidade nômade, de pura errância.

Para alcançar o impossível não há clareza como regra aqui. Com métrica e sintaxe livres como a da poeta, às vezes retorcidas, tentamos seguir a emoção dessa escritura, mas também o ritmo, para não cair em caminhos tão dispares dos versos que se nos apresentam. A semelhança entre os idiomas de chegada e partida nos permitem diversas vezes a simples transposição vocabular, mas há esses momentos em que nos perdemos no bosque pizarnikiano, e o *escândalo* é doído.

Em todas as poemas – sujeita poemática feminina e íntima –, optamos por manter o texto em primeira pessoa, diferente da maioria das traduções que encontramos na *internet*, tanto em *sites* portugueses como brasileiros e também da recente publicação brasileira de *Árbol de Diana* e *Los trabajos y las noches* – aliás, é curioso que os tradutores brasileiros escolham quase sempre traduzir seus poemas de maneira mais formal, talvez para que a sonoridade seja mais semelhante (o que também é uma escolha bonita e feliz, outra das infinitas im/possibilidades), ainda que a poeta tenha usado em seus poemas comumente o pronome “tú” e não o “usted”⁷² (contudo, nos anos finais de sua produção literária em prosa, Pizarnik faz uso predominante o “voseo”, bem como se lança em gírias e outros elementos populares) –, dessa forma, de trato informal como uma *charla* com a poeta, continuamos a nos acercar mais intimamente da experiência poemática, já que tanto a dicção brasileira e a maneira como nos chega a escritura de Alejandra, tem esse caráter mais íntimo. Alguns versos podem ter aparência de “errados”, “estranhos”. E são mesmo, mas aí estão:

Línguas passam à minha língua, se compreendem, se chamam, se tocam, com ternura, com temor, com voluptuosidade; mesclam seus pronomes pessoais, no bulir das diferenças [...] Não se escreve: me atravessa, me faz amor, amar, falar, rir ao sentir seu ar me atravessar a garganta [...] A mãe [*poema-tradução*] que eu falo nunca esteve sujeita à gramática lobo. Em mim ela canta e passeia, eu tenho o acento justo, mas voz iletrada [...] não a abandonar à violência cega da tradução. Se não possuo uma língua [*que diga “muito exatamente”*], posso ser possuída por ela: [*consentir que a língua continue me sendo estranha*]. Amá-la como a minha próxima. [*Não posso dizer, ninguém o poderia*], mas em meu ventre, em meus pulmões, em minha garganta, as vozes *dessa mulher* estrangeira me fazem gozar, e o que me vem à boca é a água [*é água*] de uma mãe [...] A escritura é o infinito [...] A escritura ou Deusa. Deusa a

⁷² O pronome "tú" é a forma comumente utilizada como tratamento informal em espanhol, enquanto o pronome formal generalizado é o "usted". Já o “voseo”, é uma variação linguística que substitui o "tú" no chamado Español del Río de la Plata, ou seja, aquele composto por Argentina, Uruguai e Paraguai.

escritura [...] A carne é a escritura, e a escritura não está jamais lida: sempre por ler, estudar, buscar, inventar. [fazer-lhe amor.]⁷³ [grifos nossos]

Amamos as poemas e são elas que não guiam, à sua escuta. Lidas e relidas um sem-fim de vezes, em sussurros baixinhos, alto como numa discurso que me fosse salvar a vida, as traduções foram ganhando contornos, *chegando entre* uma e outra voz, da amada e da amante. *Encarnado*, por exemplo, é este *entre*, entre o vermelho e o rubro; *porém* soa menos didático que um *mas* que, no entanto, às vezes se fez imperativo; um artigo que delimita um verso em um *um*, desaparece, como “as palavras não fazem amor (e não *o amor*), fazem ausência (e não *a ausência*). Contudo, continuaremos a ler nesta tradução uma piknik (esta íntima), uma nina (esta poeta eu), e ainda a Pizarnik, a Alejandra, as leitores e leitores que chegarão e todos os versos que nos fincaram a linguagem a vida inteira.

Em nossa escolha de disposição para a esta versão, as poemas são separadas por um asterisco ao final, não figurando apenas um texto por página, desta maneira, seguimos rumo a um projeto de escritura-tradução contínua, uma narrativa infinita. Em espanhol, contudo, transcrevemos tal como aparece em *Poesía Completa*, como anexo.

Outra alternativa espacial na tradução foi não dispormos lado a lado as poemas, espelhando espanhol e português, opção que parece ser a mais comum e prática em um trabalho acadêmico, para que se coteje a tradução ou sane alguma dúvida. No entanto, pareceu-nos que tal escolha trazia consigo uma hierarquia entre “original” e tradução. Ao fazer um caminho outro, apresentar tradução e os originais em espanhol ao final, praticamos a sutileza de tratar a tradução como criação original também, indo por uma travessia toda em língua portuguesa – travessia que nos leva a um sentido de dar a ver o *outro* espanhol na própria língua portuguesa e *escutar* como a tradução poética se escreve – bem como praticamos nas citações, vertendo-as todas para o

⁷³ “Lenguas pasan a mi lengua, se comprenden, se llaman, se tocan, se alteran, con ternura, con temor, con voluptuosidad; mezclan sus pronombres personales, em el bullir de las diferencias [...] No se escribe: me atraviesa, me hace amor, amar, hablar, reír al sentir su aire acariciarme la garganta [...] La madre que yo hablo nunca estuvo sujeta a la gramática lobo. En mí ella canta y deambula, yo tengo el acento justo, pero la voz iletrada [...] no abandonarla a la violencia ciega de la traducción. Si no posees una lengua puedes ser poseída por ella [...] Ámala como a tu prójima. [...] Pero en mi vientre, en mis pulmones, en mi garganta, las voces de mujeres extranjeras me hacen gozar, y la que viene a boca es el agua de una madre [...] la escritura es lo infinito [...] La escritura o Dios. Dios la escritura [...] carne es la escritura, y la escritura no está leída jamás: está siempre aún por leer, por estudiar, por buscar, por inventar.” (Cixous, *op. cit.*, pp. 39-41), como se pode ver, trata-se muito mais de uma transcrição-teoria para a tradução que se segue.

português e deixando o texto em espanhol nas notas de rodapé. A tradução é também um *outro* original.

Um personagem de 'Paterson' de Jim Jarmusch (EUA, 2017), diz no filme: “*Ler um poema traduzido é como tomar banho com uma capa de chuva*”. A verdade aqui, seu sentido e sentimento, acima de todas é que traduzo porque amo, amo tanto que desejo *re-criar*, brincar na chuva sem o medo adulto civilizado de se molhar porque sua água é benção; sou

Um outro, embaixo de chuva, esperamos o barco à beira de um lago; a mesma lufada de aniquilamento me atinge, desta vez por felicidade. Assim, às vezes, a infelicidade ou a alegria desabam sobre mim, sem nenhum tumulto posterior: nenhum outro sofrimento: estou dissolvido, e não em pedaços; caio, escorro, derreto. Este pensamento levemente tocado, experimentado, tateado (como se tateia a água com o pé) pode voltar. Ele nada tem de solene. É exatamente a doçura [...] é o êxtase. (BARTHES, 1988, p. 09.)

Para além da importância de que para alguns é a única forma de tomar conhecimento da obra, de toda importância para os estudos literários e da tradução. Não perdemos nada usando capa de chuva, chega uma outra chuva, trazida por caminhos insubordinados da tradução, paralela à primeira chuva, uma chuva que cai na própria chuva, como lágrimas inundando o mar, a capa de chuva já não é uma capa de que protege da água, do texto, mas que se torna uma segunda pele, pela tradução. De alguma maneira, essa pequena escolha da disposição dos poemas vai para essa exorbitância, os textos são complementares e escandalosos, contudo, não deixamos de ouvir na tradução, os ecos pizarnikianos, essa água *claranegra* toda.

Por fim, não esqueçamos nunca: uma tradução, esta tradução, jamais poderá ser definitiva, é uma aproximação marcada pelo presente dessa tradução. Assim, apresentamos a tradução de sua obra poética integralmente - com exceção de *Los trabajos y las noches* e *Árbol de Diana* -, ainda inédita em nosso idioma, com o convite a ler o original ao final, inclusive a fazer sua tradução pessoal, um outro original – que findamos fazendo mentalmente quando lemos noutra língua.

5. TRADUÇÃO INTEGRAL DA OBRA POÉTICA DE ALEJANDRA PIZARNIK

5.1 A terra mais estrangeira (1955)

Ah! O infinito egoísmo da adolescência,
o otimismo estudioso: quão pleno de
flores estava o mundo nesse verão! Os
ares e as formas morrendo...

A. Rimbaud

DIAS CONTRA O DEVANEIO

Não querer brancos rodando
em planta móvel.
Não querer vozes roubando
sementes arqueadas aéreas.
Não querer viver mil oxigênios
pequenas cruzadas ao céu.
Não querer deslocar minha curva
sem encerrar minha folha atual.
Não querer vencer ao imã
a alpargata se desfia.
Não querer tocar abstratos
chegar a meu último pelo castanho.
Não querer vencer caudas brancas
as árvores situam as folhas.
Não querer trazer sem caos
portáteis vocábulos.

*

FUMO

marcos esfolados no calado osso
agitam um coquetel fumegante
milhões de calorias desaparecem
ante a repicante austeridade
das fumaças vistas detrás
das mãos do trevo partido
quase enredam os dentes separados
e castigam as escuras gengivas
sob ruídos recebidos ao segundo
os pelos riem movendo
as pegadas de vários marcianos
conhaque bordô-amarelado
arranha azulejos sanguíneos
três vozes murmuram três beijos
para mim para você para mim
apanhar a cotovia eufórica
em chapas achatadas
ascendente faina!

*

REMINISCÊNCIAS

o tempo estrangulou minha estrela
quatro números giram traiçoeiros
enegrecendo os confeitos
e o tempo estrangulou minha estrela
caminhava corriqueira sobre poço escuro
os brilhos choravam a meus verdores

e eu olhava e olhava
e o tempo estrangulou minha estrela
lembrar três rugidos de
ternas montanhas e raios escuros
duas taças amarelas
duas gargantas raladas
dois beijos comunicantes da visão de
 uma existência a outra existência
duas promessas lamuriosas de
 tremendas tagarelices alheias
duas promessas de não ser de sim ser de não ser
dois sonhos jogando a ronda do sino ao
 redor de um cosmos de
 champanhe amarelo esbranquiçado
dois olhares garantindo a avidez de uma
 estrela pequenina
e o tempo estrangulou minha estrela
quatro números riem em piruetas rudes
morre um
nasce um
e o tempo estrangulou minha estrela
sons de nenúfares ardentes
desconectam minhas futuras sombras
um bafo desconcertante preenche
 meu ensolarado recanto
a sombra do sol tritura a
 esfinge de minha estrela
as promessas se coagulam
frente ao sinal de estrelas estranguladas
e o tempo estrangulou minha estrela
mas sua essência existirá

em meu intemporal interior
brilha essência de minha estrela!

*

ÁGUA DE LUME

Sim. Chove...

o céu geme escombros desbotados
sombras molhadas recolhem seus pedaços
cavidades barrosas tremendas
mesquinhas gotas de água sulfurada
embora não sei como recolho as massas
de ver se me agita o pálido lume
tremenda espessura de cães e gatos
as gotas seguem

*

SER INCOLOR

*(ao coelhinho que
comias as unhas)*

costura despregada em meu caos humor diário
repique infinito harpa listrada
cadáveres chorosos mar salino

tua opacidade tirará fontes de verde sabão
bandeirinhas ruborizadas
na mão direita de unhas comidas

*

NEMO

não vai longe o dia de raro verdor
 em que cantarei à lua odiada que dá luz a minha espessa cabeça cortada à
 [navalha
 que dá luz aos ventos brutais
 às flores agudas que ardem nos dedos sob os curativos benignos
 à estrela que se esconde quando é chamada
 à chuva úmida pavoneando-se em sua nudez repulsiva
 ao sol amarelo que atravessa as peles marcando escuras pegadas
 ao relógio enviado do inferno interruptor dos belos sonhos
 aos mares gelados arrastando lixo ondas fitas douradas ardores nos olhos
 *

VAGAR NO OPACO

minhas pupilas sem inelutáveis faíscas
 minhas pupilas grandes pólen cheio de abelhas
 minhas pupilas redondas disco riscado
 minhas pupilas graves sem meneio absoluto
 minhas pupilas retas sem gesto inato
 minhas pupilas cheias poço bem cheiroso
 minhas pupilas coloridas água definida
 minhas pupilas sensíveis rigidez do desconhecido
 minhas pupilas salientes beco preciso
 minhas pupilas terrestres remedos celestes
 minhas pupilas escuras pedras caídas
 *

TRATANDO A SOMBRA VERMELHA

sua solidão mia

zeros e zeros
vertente de odores ingênuos
retina ante o desconhecido
as brisas sonantes
retornam picando
seu ser de sorrisos
e dentes abertos
rir na noite ensolarada
do vigoroso partícipio
*

NOITE

correr não sei onde
aqui ou ali
singulares curvas nuas
basta correr!
tranças sujeitas a meu anoitecer
de caspa e água de colônia
rosa queimada fósforo de seda
criação sincera em sulco capilar
a noite desfaz sua bagagem
de brancos e negros
puxar deter seu devir
*

MEU BOSQUE

acumular desejos em plantas ingratas
mencionar o teu
em verdor solene

e então virão dez cavalos
a atirar o rabo ao vento negro
moverão as folhas
suas crinas molhadas
e virá a esquadra
redondeando versos
*

POEMA AO MEU PAPEL

lendo os próprios poemas
mágoas impressas transcendências cotidianas
sorriso orgulhoso equívoco perdoado
é meu é meu é meu!
lendo a letra cursiva
latir interior alegre
sentir que a felicidade se coagula
ou bem ou mal ou bem
estranheza de sentires inatos
cálice harmonioso e autônomo
limite no dedo gordo de pé cansado e
cabelo lavado em encaracolada cabeça
não importa:
é meu é meu é meu!!
*

...DO MEU DIÁRIO

Olhava os carros em arranjo
sem suas vestimentas metálicas
as partes dianteiras pareciam

caveiras recém-inauguradas
 Um sol amarelo deixava cair indiferente
 pedaços luminosos de algo colorido
 mas as sombras persistiam
 ainda nos retalhos do astro.
 Sentia-se cansada ante os nevoeiros
 que não se moviam
 um blue ruminava entediado em seu interior
 passos extravagantes marcavam seus dedos
 mobilidade compassada de carpete e ballet.
 *

REMINISCÊNCIAS QUIROMÂNTICAS

duas mãos de flores pendentes resumem a
 tosca escultura de exóticas formas que
 brilham vendendo às bruxas o
 augusto signo de vida por morte
 lendo nas linhas as milhares de
 vezes que vence ou geme ou chora ou ri ou
 inicia caminho a um passo fixo que
 luta na noite repelindo os
 vis ataúdes que brande o fracasso
 *

DESENHO

O joelho da enseada
 Cheira primores bem escritos
 Geadas salientes molham seu
 Corpo arqueado

Mil relógios zumbem
 As horas das mil distâncias
 E o floreiro renasce
 Sob a sombra da catacumba
 *

XADREZ

ainda a enclítica não destrói
 os peões reverentes perante ele
 milhares de montanhas
 rebentam requintadas
 diante do sol encarnado
 (não sol amarelo)
 pensar inato em modeladas grades
 torta transfumegante de vela sem fogão
 quisera ser massa linguística
 para cortar sua barba
 ondas em precioso lume
 alçar bandeira gratuita
 quilômetros de nozes
 e golpes em relevante torniquete
 *

HOMEM COMUM

sempre renega azuis
 conforme a rota
 negra a linha reta
 negra a terra sã
 tremor estranho que não agita

peitos sim e não peludos
esperanças não fundidas revolvem
a ele a ela a todos
olha! sua carne transborda
reminiscências gado opaco
*

SEGUIREI

moldura partida centra este *todo*
de árvore castrada chorando
medir cada passo no decurso
se não se perturba a lua
a luz arredonda brancuras
de nabos fatiados
arrancar cada embrulho
se não se distorce o negro
a música não enrubesce a rota
a cada pequeno úmido
girar girar girar
perceber junto à moldura partida
sentires de tacos e dentes
querer agarrá-lo *todo*
*

UM BILHETE OBJETIVO

1

entre os sopros de tantas artérias
remexo escondida nos bolsos de

meu casaco
tratando de encontrar algo que faça
pairar minha desmantelada
aurora

2

olho rostos busco rostos encontro rostos
a imagem de sua igualdade esfria a
estética
da janela ferroviária meu
assento é o topo
do mundo

3

voam unhas braços anéis peixes
vêm sons azuis vermelhos verdes
desfile que ferve em tremendos
jorros
mas nada altera insinuante a
a segurança em meu
assento

*

EU SOU

minhas asas?
duas pétalas podres

minha razão?

tacinhas de vinho azedo

minha vida?

vazio bem pensado

meu corpo?

um talho na sela

meu vaivém?

um gongo infantil

meu rosto?

um zero dissimulado

meus olhos?

ah! bocados de infinito

*

DÉDALUS JOYCE

Homem funesto de chaves noturnas e corpo nu junto ao rio profundo de brilhantes escarradas. Homem de olhos antimíopes exploradores de infinidade. Homem de rosto em sombra e corpo gênio abstrato. Homem sem medo de pena em mão nem de olhos em ser nem sorriso supremo. Homem deus chegou só de infinitudes assombrofantasmais ornado de lágrimas de superioridade tímida. Homem destruidor de tabus e céus estrelados. Homem de frágeis vestidos que caem deixando irmãos nus. Homem sem alimento para conceder aos que buscam. Homem de altos mares de sulcos desolados. Homem-barco branco. Homem que arrancou o vômito para sepultar o mito. Homem de tempo e espaço que arrancam sensatas loucuras. Homem super-homem, frieza e calor em conjunção. Homem.

*

PORTO ADIANTE

Noite morna sensação prazerosa. Os sons abstratos das vias preenchem seus ouvidos eufóricos. Pensava no porto que via tão frequente... porto de cores impressionistas e homens sujos de braços molhados e brilhantes e cabelo crescido e úmido. Homens impassíveis à distância maravilhosa, ao céu entre os barcos, à paisagem combinada, ao solo abarrotado de objetos e lugares remotos como pedaços de mundo no melancólico coração de um mar...

Sim. Afundar-se uma noite nas ruas do porto. Caminhar, caminhar...

Sim, Sozinha. Sempre sozinha. Lenta, muito lentamente. E o ar estará rarefeito, será um ar cosmopolita e o solo cheio de papéis de cigarros que alguma vez existiram, brancos e belos.

Sim. E uma estrela dará sua cor à âncora de prata que levava em seu peito. Largar a âncora. Sim. Bem junto a esse barco gigante de listras vermelhas e brancas e verdes... ir-se, e não voltar.

*

NO PANTANOZINHO

A Don Federico Valle

1

Mil passos arrastam pacientes as solas maduras em rochas distintas.

Talvez uma gota gema desejando a antiga espessura em tardes mais livres que esta (balbuciante de colorido impuro, o sol inibido, de água acobreada, de potros com rabos etéreos, de pranto de cacto impotente...).

A cascata reverdeja os pastos silenciosos que nutrem a negra penugem da terra vestida de brilho.

Sombras persistentes, imagens constantes que obrigam as retinas a carregá-las alegremente em frágeis blocos. Montanhas vibrantes de aproximação solar, de chuva

inaudita, de flores invisíveis possíveis de criar sob tanto céu, tanto clarão cromático, tanta suposição de lugar.

2

Meus dedos teclam iguais (talvez contribuam com seus ruídos para aumentar os fundos dos ruídos naturais).

As vozes se elevam querendo matizar as aspirações de solidão a que obrigam os espaços. Cânticos pujantes de fragrância primaveril caem surpreendentemente na névoa. Os espaços espessam as notas. Lábios cerrados por rugas habilmente conseguidas. Lábios pregados sobre dentes felizes. Lábios que riem sob a opressão tensa do unguido manto de vários tons (eu vermelho, você azul, ele verde, ela cinza...). Começa a contenda cromática. Cada cor requer um espaço maior na tela. Claro que ninguém quer sucumbir. Claro que ninguém deseja se dissolver anonimamente. E assim se segue, assim se caminha, assim se olha esfumar as folhinhas branco-negras deste calendário que transpira o suor de um calor intangível.

3

As montanhas permanecem impávidas. Tremenda dúvida: arranhar-se sob o manto carnal ou remover os talos difusos tratando de encontrar à luz de um embelezamento descolorido o perfil da flor única.

5.2 Um signo em tua sombra

IR-ME EM UM BARCO NEGRO

as sombras refugiam a fumaça veloz que
dança na trama
deste festival silencioso
as sombras escondem vários pontos escuros que
giram e giram entre teus olhos
minha caneta retarda o TU ardente
minha têmpera pulsa mil vezes TEU nome
se teus olhos pudessem vir!
aqui sim amor aqui
entre as sombras a fumaça e a dança
entre as sombras o negro e eu
*

CÉU

olhando o céu

digo-me que é celeste desbotado (têmpera
azul puro depois de uma ducha gelada)

as nuvens se movem

penso em teu rosto e em você e em suas mãos e
no ruído de tua pena e em você
mas teu rosto não aparece em nenhuma nuvem!
eu esperava vê-lo aderido a ela como um
naco de algodão manchado dentro da tela adesiva
sigo caminhando

um coquetel mental ladrilha minha fronte
 não sei se pensar no céu ou em você
 e se jogasse uma moeda? (cara você coroa céu)
 não! teu ser não se arrisca e
 eu te desejo te de-se-jo!
 céu pedaço de cosmos céu morcego infinito
 imutável como os olhos de meu amor

ensem os dois

os dois você + céu = minhas galopantes sensações
 biformes bicolores bitremendas bidistantes
 distantes distantes

longe

sim amor está longe como o mosquito
 sim! esse que persegue a uma mosquita junto
 ao farol amarelo sujo que vigia sob o
 céu negro limpo esta noite angustiante
 cheia de dualismos

*

VOU CAINDO

1

o vinho é como um pranto desolado que
 umedece minha juventude frente a teus beijos que
 outra engole

o vinho é o elixir que pulveriza os
 pestilentos desejos de
 meu corpo que
bate as asas gemendo frente a tua efígie de
 sombra sonolenta

2

o vinho se clara misturado a minhas
 lágrimas tão mudas
teu rosto de cigano enfarinhado aparece
 cada borbulha
minha garganta é um arquipélago maldito
minha tâmara a tampa de um poço imundo
desejar-te amor e enfrentar tua altura com
 bregas angústias!

*

SÓ UM AMOR

Meu amor se amplia
É um paraquedas perfeito.
É um clique que se exala e
 seu peito se faz imenso.
Meu amor não ruge
 não clama
 não clama
 não roga
 não ri
Seu corpo é um olho.
Sua pele é um mapa-múndi.

Minhas palavras perfuram o
último sinal de seu nome.
Meus beijos são enguias que ele
se orgulha em deixar resvalar.
Minhas carícias um jato reminescente de
música sobre fontes de Roma.
Ninguém pôde fugir ainda de seu território
anímico.
Não há rotas nem dobras nem insetos.
Tudo é tão suave que minhas lágrimas se
sublevam.
Minha criação é uma hipocrisia junto a
sua loura carruagem.
Nestes momentos o tinteiro alça voo e
se alinha até limites inacabados de
mosquitos fazendo amor.
Soa o fatídico ruído. Já não voo.
É meu amor que se amplia.

*

ALÉM DO ESQUECIMENTO

alguma vez de uma margem da lua
verá cair os beijos que brilham em mim
as sombras sorrirão altivas
luzindo o segredo que geme vagando
virão as folhas impávidas que
algum dia foram o mesmo que meus olhos
virão as murchas fragrâncias que
inatas desceram do ser alado
virão as encarnadas alegrias que

borbulham intensas no sol que
arredonda as harmonias equidistantes na
fumaça dançante do cachimbo de meu amor

*

LONJURA

Meu ser cheio de barcos brancos.

Meu ser rebentando sentires.

Toda eu sob as reminiscências de
teus olhos.

Quero destruir a comichão de teus
cílios.

Quero esquivar a inquietude de teus
lábios.

Por que tu visão fantasmagórica ar-
redonda os cálices
destas horas?

*

5.3. A última inocência(1956)

Para León Ostrov

Foge a ilha
E a garota volta a escalar o vento
e a descobrir a morte do pássaro profeta
Agora
é o fogo submetido
Agora
é a carne
 a folha
 a pedra
perdidos na fonte do tormento
como o navegante no horror da civilização
que purifica o cair da noite
Agora
A garota encontra a máscara do infinito
e rompe o muro da poesia.

*

ALGO

noite que vai embora
dá-me a mão

obra de anjo fervente
os dias se suicidam

por quê?

noite que vai embora

boa noite

*

A DOS OLHOS ABERTOS

a vida brinca na praça
com o ser que nunca fui

e aqui estou

dança pensamento
na corda do meu sorriso

e todos dizem que isto passou e é

vai passando
vai passando
meu coração
abre a janela

vida
aqui estou

minha vida
meu único e gélido sangue
percuta no mundo

mas quero me saber viva
mas não quero falar
da morte
nem de suas estranhas mãos.

*

ORIGEM

É preciso salvar o vento
os pássaros queimam o vento
nos cabelos da mulher solitária
que regressa da natureza
e tece tormentos
É preciso salvar o vento

*

A ENAMORADA

esta lúgubre mania de viver
este recôndito humor de viver
te arrasta alejandra não negue.

hoje se olhou no espelho
e foi triste estava sozinha
a luz rugia o ar cantava
mas teu amado não voltou

enviará mensagens sorrirá
tremulará tuas mãos assim voltará
teu amado tão amado

ouve a sereia demente que o roubou
o barco com barbas de espuma
onde morreram os risos
lembra o último abraço

oh nada de angústias
ria no lenço chora a gargalhadas
mas fecha as portas do teu rosto
para que não digam depois
que aquela mulher foi você

os dias te inquietam
as noites te culpam
a vida te dói tanto tanto
desesperada aonde vai?
desesperada nada mais!

*

CANTO

o tempo tem medo
o medo tem tempo
o medo

passeia por meu sangue
arranca meus melhores frutos
devasta minha lamentável muralha

destruição de destruições
só destruição

e medo
muito medo
medo.

*

CINZAS

A noite se estilhaçou em estrelas
Me olhando alucinada
o ar atira ódio
embelezando seu rosto
com música.

Logo iremos

Arcano sonho
antepassado do meu sorriso
o mundo está desfigurado
e tem cadeados mas não chaves
e tem pavor mas não lágrimas.

O que farei comigo?

Porque a Ti te devo o que sou

Mas não tenho manhã

Porque a Ti te...

A noite sofre.

*

SONHO

Explodirá a ilha da lembrança
A vida será um ato de candura

Prisão

para os dias sem retorno

Amanhã

os monstros do bosque destruirão a praia
sobre o vidro do mistério

Amanhã

a carta desconhecida encontrará as mãos da alma

*

NOITE

*Quoi, toujours? Entre moi sans cesse et
Le bonheur!*

(G. DE NERVAL)

Talvez esta noite não seja noite
deve ser um sol horrendo, ou
o outro, ou qualquer coisa...
Que sei eu! Faltam palavras,
falta pureza, falta poesia
quando o sangue chora e chora!

Poderia ser tão feliz esta noite!
Se só me fosse possível apalpar
as sombras, ouvir passos
dizer “boa noite” a qualquer um
que passeasse com seu cachorro,
olharia a lua, diria sua
estranha lactescência, tropeçaria
com pedras ao acaso, como se faz.

Mas há algo que rompe a pele,
uma fúria cega
que corre por minhas veias.
Quero sair! Cérbero da alma:
Deixa, me deixa transpassar teu sorriso!

Poderia ser tão feliz esta noite!
Ainda restam sonhos retrasados.

E tantos livros! E tantas luzes!
E meus poucos anos! Por que não?
A morte está longe. Não me olha.
Tanta vida Senhor!
Pra quê tanta vida?

*

SOMENTE

já compreendo a verdade

explode em meus desejos

e em minhas desventuras
em meus desencontros
em meus desequilíbrios
em meus delírios

já compreendo a verdade

agora
buscar a vida

*

À ESPERA DA ESCURIDÃO

Esse instante que não se esquece
Tão vazio devolvido pelas sombras
Tão vazio rechaçado pelos relógios
Esse pobre instante adotado por minha ternura
Nu nu de sangue de asas
Sem olhos para recordar angústias de antanho
Sem lábios para recolher o sumo das violências
Perdidas no centro dos gelados campanários.

Ampara-o menina cega da alma
Põe teus cabelos refrescados pelo fogo
Abraça-o pequena estatua de terror
Mostra-lhe o mundo convulsionado a teus pés
A teus pés morrem as andorinhas
Tiritantes de pavor frente ao futuro
Diga-lhe que os suspiros do mar
Umedecem as únicas palavras
Pelas quais vale viver.

Contudo esse instante suado de nada
Aninhado na cova do destino
Sem mãos para dizer nunca
Sem mãos para oferecer borboletas
Às crianças mortas

*

A ÚLTIMA INOCÊNCIA

Partir
em corpo e alma partir
partir.

Partir
Me livrar dos olhares
pedras opressoras
que dormem na garganta.

Hei de partir
não mais inércia sob o sol
não mais sangue devastado
não mais entrar em fila para morrer.

Hei de partir

Nada obstante vai, viajante!

*

BALADA DA PEDRA QUE CHORA

Para Josefina Gómez Errázuriz

a morte morre de rir mas a vida
morre de chorar mas a morte mas a vida
mas nada nada nada

*

SEMPRE

Para Rubén Vela

Cansada do estrondo mágico das vogais
 Cansada de inquirir com os olhos saltados
 Cansada da espera do eu de passagem
 Cansada daquele amor que não aconteceu
 Cansada de meus pés que só sabem caminhar
 Cansada da traiçoeira fuga de perguntas
 Cansada de dormir e de não poder me olhar
 Cansada de abrir a boca e beber o vento
 Cansada de sustentar as mesmas vísceras
 Cansada do mar indiferente às minhas angústias
 Cansada de Deus! Cansada de Deus!
 Cansada por fim das mortes plantão
 à espera da irmã mais velha
 a outra a grande morte
 doce morada para tanto cansaço

*

POEMA PARA EMILY DICKINSON

Do outro lado da noite
 seu nome a espera,
 seu sub-reptício desejo de viver,
 do outro lado da noite!

Algo chora no ar,
 os sons desenham a alvorada.

Ela pensa na eternidade.

*

SÓ UM NOME

alejandra alejandra

debaixo estou eu

alejandra

*

5.4 As aventuras perdidas (1958)

Para Rubén Vela

*Sobre negros penhascos
Precipita-se, embriagada de morte,
A ardente enamorada do vento.*

G. TRAKL

A JAULA

Lá fora faz sol.
Não é mais que um sol
Mas os homens o olham
e depois cantam.

Eu não sei do sol.
Eu sei a melodia do anjo
e o sermão cálido
do último vento.
Sei gritar até a alvorada
quando a morte se posa nua
em minha sombra.

Eu choro debaixo do meu nome.
eu balanço lenços na noite
e sedentos de realidade
dançam comigo
Eu oculto pregos
Para escarnecer meus sonhos enfermos.

Lá fora faz sol.
Eu me visto de cinzas.

*

FESTA NO VAZIO

Como o vento sem asas preso em meus olhos
é o chamado da morte.
Só um anjo me enlaçará ao sol.
Onde o anjo,
onde sua palavra.

Oh perfurar com vinho a suave necessidade de ser.

*

A DANÇA IMÓVEL

Mensageiros da noite anunciaram o que não ouvimos.
Buscou-se debaixo do uivo da luz.
Quis-se deter o avanço das mãos enluvadas
Que estrangulavam a inocência.

E se se esconderam na casa do meu sangue,
como não me arrasto até o amado
que morre atrás da minha ternura?
Porque não fujo
e me persigo com facas
e delírio?

Da morte se teceu cada instante.
Eu devoro a fúria como um anjo idiota

invadido de ervas daninhas
que o impedem lembrar a cor do céu.

Mas eles e eu sabemos
Que o céu tem a cor da infância morta.
*

TEMPO

Para Olga Orozco

Eu não sei da infância
mais que um medo luminoso
e uma mão que me arrasta
à minha outra margem.

Minha infância e seu perfume
De pássaro acariciado.
*

FILHA DO VENTO

Vieram.
Invadem o sangue.
Cheiram a penas,
a carência,
a pranto.
Mas você alimenta o medo
e a solidão
como a dois animais pequenos
perdidos no deserto.

Vieram.
Incendiando a idade do sonho.
Um adeus é tua vida.
Contudo você se abraça
como a serpente louca de movimento
que só se encontra a si mesma
porque não há mais ninguém.

Você chora debaixo do teu pranto,
você abre o cofre dos teus desejos
e é mais rica que a noite.

Mas faz tanta solidão
Que as palavras se suicidam
*

A ÚNICA FERIDA

Que besta caída de susto
se arrasta pelo meu sangue
e quer se salvar?

Eis aqui o difícil:
caminhar pelas ruas
e apontar o céu ou a terra.
*

EXÍLIO

Para Raúl Gustavo Aguirre

Esta mania de me saber anjo,

sem idade,
sem morte em que viver,
sem piedade pelo meu nome
nem por meus ossos que choram vagando.

E quem não tem um amor?
E quem não goza entre papoulas?
E quem não possui um fogo, uma morte,
um medo, algo horrível,
ainda que seja com plumas,
ainda que seja com sorrisos?

Sinistro delírio amar uma sombra.

A sombra não morre.

E meu amor
só abraça o que flui
como lava do inferno:
uma fraternidade silenciosa,
fantasmas na doce ereção,
sacerdotes de espuma,
e sobretudo anjos,
anjos belos como facas
e que se alçam na noite
e devastam a esperança.

*

ARTES INVISÍVEIS

Você que canta todas as minhas mortes.
Você que canta o que não confia
ao sonho do tempo,

descreve-me a casa do vazio
fale-me dessas palavras vestidas de féretros
que habitam minha inocência.

Com todas minhas mortes
eu meu entrego a minha morte,
com punhados de infância,
com desejos ébrios
que não andaram sob o sol,
e não há uma palavra madrugadora
que dê razão à morte,
e não há um deus onde morrer sem caretas.

*

A QUEDA

Música jamais ouvida,
Amada em antigas festas.
Já não voltarei a abraçar
o que virá depois do final?

Contudo esta inocente necessidade de viajar
entre preces e uivos.
Eu não sei. Não sei senão o rosto
de cem olhos de pedra
que choram junto ao silêncio
e que me espera.

Jardim percorrido em lágrimas,
habitantes que beijei
quando minha morte ainda não havia nascido.

No vento sagrado
teciam meu destino.

*

CINZAS

Dissemos palavras,
palavras para despertar mortos,
palavras para fazer um fogo,
palavras onde poder nos sentar
e sorrir.

Criamos o sermão
do pássaro e do mar,
o sermão da água,
o sermão do amor.

Nos ajoelhamos
e adoramos frases extensas
como o suspiro da estrela,
frases como ondas
frases como asas.

Inventamos novos nomes
para o vinho e para o riso,
para os olhares e seus terríveis
caminhos.

E agora estou só
- como a avarenta delirante
Sobre sua montanha de ouro –

lançando palavras ao céu,
mas eu estou só
e não posso dizer ao meu amado
aquelas palavras pelas que vivo.

*

AZUL

minhas mãos cresciam com música
atrás das flores

mas agora
por que te busco, noite,
por que durmo com teus mortos

*

A NOITE

Pouco sei da noite
mas a noite parece saber de mim,
e mais ainda, me assiste como se me quisesse,
me cobre a consciência com suas estrelas.

Talvez a noite seja a vida e o sol a morte.
talvez a noite é nada
e as conjecturas sobre ela nada
e os seres que a vivem nada.
Talvez as palavras sejam o único que existe
no enorme vazio dos séculos
que nos arranham a alma com suas lembranças.

Mas a noite há de conhecer a miséria
que bebe de nosso sangue e de nossas ideias.
Ela há de lançar ódio aos nossos olhares
sabendo-os cheios de interesses, de desencontros.

Mas acontece que ouço a noite chorar em meus ossos.
sua lagrima imensa delira
e grita que algo se foi para sempre.

Alguma vez voltaremos a ser.

*

NADA

O vento morre em minha ferida.
A noite mendiga meu sangue.

*

O MEDO

No eco de minhas mortes
ainda há medo.
Você sabe do medo?
Sei do medo quando digo meu nome.
É o medo,
o medo com chapéu preto
escondendo ratos em meu sangue,
o medo com lábios mortos
bebendo meus desejos.
Sim. No eco de minhas mortes
ainda há medo.

*

ORIGEM

A luz é demasiado grande
para minha infância.
Mas quem me dará a resposta jamais usada?
Alguma palavra que me ampare do vento,
alguma verdade pequena em que me sentar
e da qual viver,
alguma frase somente minha
que eu abrace a cada noite,
na qual me reconheça,
na qual exista.

Mas não. Minha infância
só compreende o vento feroz
que me espalhou no frio
quando sinos mortos
me anunciaram.

Só uma melodia velha,
algo com crianças de ouro, com asas de pele verde,
quentes, sábio como o mar,
que tiritava no meu sangue,
que renova meu cansaço de outras idades.

Só a decisão de ser deus até no pranto.

*

A LUZ CAÍDA DA NOITE

verte esfinge
teu pranto em meu delírio
cresce com flores em minha espera
porque a salvação celebra
o fluir do nada

verte esfinge
a paz de teus cabelos de pedra
em meu sangue raivoso

eu não entendo a música
do último abismo
eu não sei do sermão
do braço de hera
mas quero ser do pássaro apaixonado
que arrasta as moças
ébricas de mistério
quero o pássaro sábio no amor
o único livre
*

PEREGRINAÇÃO

Para Elizabeth Azcona Cranwell

Chamei, chamei como a naufraga abençoada
às ondas carrascas
que conhecem o verdadeiro nome
da morte.

Chamei o vento,
confiei-lhe meu desejo de ser.

Contudo um pássaro morto
voa para a desesperança
em meio à música
quando bruxas e flores
cortam a mão da bruma.
Um pássaro morto chamado azul.

Não é solidão com asas,
é o silêncio da prisioneira,
é a mudez de pássaros e vento,
és o mundo zangado com meu riso
ou os guardiões do inferno
violando minhas cartas.

Chamei, chamei.
Chamei, para o nunca.

*

A CARÊNCIA

Eu não sei de pássaros,
não conheço a história do fogo.
Contudo creio que minha solidão deveria ter asas.

*

O DESPERTAR

Para León Ostrov

Senhor

A gaiola se tornou pássaro
e foi voar
e meu coração está louco
porque uiva à morte
e sorri detrás do vento
aos meus delírios

Que farei com o medo

Que farei com o medo

Já não dança a luz em meu sorriso
nem as estações queimam pombas em minhas ideias
Minhas mãos se despiram
e se foram para onde a morte
ensina a viver os mortos

Senhor

O ar me castiga o ser
Atrás do ar há monstros
que bebem meu sangue

É o desastre

É a hora do vazio no vazio
É o instante de pôr fechadura nos lábios
ouvir os condenados gritarem
contemplar cada um de meus nomes
enforcados no nada

Senhor

tenho vinte anos

também meus olhos têm vinte anos
e no entanto não dizem nada

Senhor
Completei minha vida em um instante
A última inocência explodiu
Agora é nunca ou jamais
ou simplesmente foi

Como não me suicido frente a um espelho
e desapareço para reaparecer no mar
onde um grande barco esperaria
com as luzes acesas?

Como não me extraio as veias
e faço com elas uma escada
para fugir ao outro lado da noite?

O princípio deu à luz o final
Tudo continuará igual
Os sorrisos gastos
O interesse interessado
As perguntas de pedra em pedra
As gesticulações que remedam o amor
Tudo continuará igual

Mas meus braços insistem em abraçar o mundo
porque ainda não lhes ensinaram
que é demasiado tarde

Senhor

Expulsa os féretros do meu sangue

Lembro minha meninice
quando eu era uma anciã
As flores morriam em minhas mãos
porque a dança selvagem da alegria
destruía seus corações

Lembro as negras manhãs de sol
quando era menina
ou seja ontem
ou seja faz séculos

Senhor
A jaula se tornou pássaro
e devorou minhas esperanças

Senhor
A jaula se tornou pássaro
Que farei com o medo
*

MUITO MAIS ALÉM

E daí se vamos nos antecipando
de sorriso em sorriso
até a última esperança?

E daí?
E que me importa,
a mim que perdi o nome

o nome que me era doce substância
em épocas remotas, quando eu não era eu
senão uma menina enganada pelo seu sangue?

Para quê, para quê?
este me desfazer, este me dessantrar,
este me depenar, este me desequilibrar
se minha realidade retrocede
como empurrada por uma metralhadora
e logo se lança a correr,
mesmo que igualmente a alcançam
até que cai a meus pés como uma ave morta?

Quisera falar da vida.

Pois isto é a vida,
este uivo, este se cravar as unhas
no peito, este se arrancar
a cabeleira aos punhados, este se cuspir
aos próprios olhos, só por dizer,
só para ver se se pode dizer:
“o que eu sou? é mesmo?
não é verdade que eu existo
e não sou o pesadelo de uma besta?”.

E com as mãos enlameadas
golpeamos às portas do amor.

E com a consciência coberta
de sujos e belos véus,
pedimos por Deus.

E com as têmporas estalando
de imbecil soberba
tomamos pela cintura a vida

e chutamos para escanteio a morte.

Pois isso é o que fazemos,
Nos antecipamos de sorriso em sorriso
até à última esperança.

*

O AUSENTE

I

O sangue quer se sentar.
Roubaram sua razão de amor.
Ausência nua.
Me deliro, me desplumo.
Que diria o mundo se deus
tivesse o abandonado assim?

II

Sem você
o sol cai como um morto abandonado.

Sem você
me torno em meus braços
e me levo à vida
a mendigar fervor.

*

DESTA MARGEM

*Sou pura
porque a noite que me encerrava*

em seu negror mortal

ruiu.

W. BLAKE

Ainda quando o amado
brilha em meu sangue
como uma estrela colérica,
me levanto do meu cadáver
e dando um jeito de não notar meu sorriso morto
vou ao encontro do sol.

Desta margem da nostalgia
tudo é anjo.

A música é amiga do vento
amigo das flores
amigas da chuva
amiga da morte.

*

5.5 **Árvore de Diana**

(1962)

PREFÁCIO

ÁRVORE DE DIANA de Alejandra Pizarnik. (Quím.): cristalização verbal por amálgama de insônia passional e lucidez meridiana em uma dissolução da realidade submetida às mais altas temperaturas. O produto não contém uma só partícula de mentira. (Bot.): a árvore de Diana é transparente e não oferece sombra. Tem luz própria, cintilante e breve. Nasce nas terras áridas da América. A hostilidade do clima, a inclemência dos discursos e o clamor, a opacidade geral das espécies pensantes, suas vizinhas, por um fenômeno de compensação bem conhecido, estimulam as propriedades luminosas dessa planta. Não tem raízes, o caule é um cone de luz ligeiramente obsessiva; as folhas são pequenas, cobertas por quatro ou cinco linhas de escritura fosforescente, pecíolo elegante e agressivo, margens dentadas; as flores são diáfanas, separadas as femininas das masculinas, as primeiras axilares, quase sonâmbulas e solitárias, as segundas em espigas, espoletas e, mais raramente, farpadas. (Mit. e Etnogr.): os antigos acreditavam que o arco da deusa era um ramo arrancado da árvore de Diana. A cicatriz do tronco era considerada como o sexo (feminino) do cosmos. Talvez se trate de uma figueira mítica (a seiva dos ramos é leitosa, lunar). O mito alude possivelmente a um sacrifício por desmembração: um adolescente (homem, mulher?), era esquartejado a cada lua nova, para estimular a reprodução das imagens na boca da profetisa (arquétipo da união dos mundos inferiores e superiores). A árvore de Diana é um dos atributos masculinos da deidade feminina. Alguns veem nisto uma confirmação suplementar da origem hermafrodita da matéria cinza e, talvez, de todas as matérias; outros deduzem que é um caso de expropriação da substância masculina solar: o rito seria apenas uma cerimônia de mutilação mágica do raio primordial. No estado atual de nossos conhecimentos é impossível decidir por qualquer destas hipóteses. Salientamos, no entanto, os participantes comiam depois carvões incandescentes, costume que perdura até nossos dias. (Blas.): escudo de armas falantes. (Fís.): durante muito tempo se negou a realidade física da árvore de Diana. Certamente, devido à sua extraordinária

transparência, poucos podem vê-la. Solidão, concentração e um requinte geral da sensibilidade são requisitos indispensáveis para a visão. Algumas pessoas, com reputação de inteligentes e apesar de sua preparação, não veem nada. Para dissipar seu erro, basta lembrar que a árvore de Diana não é um corpo que se possa ver: é um objeto (animado) que nos deixa ver mais além, um instrumento natural de visão. Ademais, uma pequena prova de crítica experimental desvanecerá, efetiva e definitivamente, os prejuízos da ilustração contemporânea: colocada frente ao sol, a árvore de Diana reflete seus raios e os reúne em um foco central chamado poema, que produz um calor luminoso capaz de queimar, fundir e até volatizar os incrédulos. Recomenda-se esta prova aos críticos literários de nossa língua.

OCTAVIO PAZ
Paris, abril de 1962

1

Saltei de mim para a aurora.
Deixei meu corpo junto à luz
e cantei a tristeza do que nasce.

2

Estas são as versões propostas:
um buraco, uma parede que treme...

3

só a sede

o silêncio
nenhum encontro

cuida de mim amor meu
cuida da silenciosa no deserto
da viajante com o copo vazio
e da sombra de sua sombra

4

AGORA BEM:

Quem deixará de afundar sua mão em busca do tributo para a pequena esquecida. O frio
pagará. Pagará o vento. A chuva pagará. Pagará o trovão.

Para Aurora e Julio Cortázar

5

por um minuto de vida breve
única de olhos abertos
por um minuto de visão
no cérebro flores pequenas
dançando como palavras na boca de um mudo

6

ela se desnuda no paraíso

da sua memória
ela desconhece o feroz destino
das suas visões
ela tem medo de não saber nomear
o que não existe

7

Salta com a camisa em chamas
de estrela a estrela,
de sombra em sombra.
Morre de morte distante
a que ama ao vento.

8

Memória iluminada, galeria onde vaga a sombra do que espero. Não é verdade que virá.
Não é verdade que não virá.

9

Estes ossos brilhando na noite,
estas palavras como pedras preciosas
na garganta viva de um pássaro petrificado,
este verde muito amado,
este lilás quente,
este coração só misterioso.

10

um vento débil
cheio de rostos dobrados
que recorto em forma de objetos que amar

11

agora
 nesta hora inocente
eu e a que fui nos sentamos
no umbral do meu olhar.

12

não mais as doces metamorfoses de uma menina de seda
sonâmbula agora na cornija de névoa

seu despertar de mão respirando
de flor que se abre ao vento

13

explicar com palavras deste mundo
que partiu de mim um barco me levando

14

o poema que não digo,
o que não mereço.
Medo de ser dois
caminho do espelho:
alguém em mim dorme
me come e me bebe.

15

Estranho me desacostumar
da hora em que nasci.
Estranho não exercer mais
ofício de recém-chegada.

16

construiu sua casa
emplumou seus pássaros
golpeou o vento
com seus próprios ossos

terminou sozinha
o que ninguém começou

Dias em que uma palavra distante se apodera de mim. Vou por esses dias sonâmbula e transparente. A bela autômata se canta, se encanta, se conta casos e coisas: ninho de fios rígidos onde me danço e me choro em meus numerosos funerais. (Ela é seu espelho incendiado, sua espera em fogueiras frias, seu elemento místico, sua fornicção de nomes crescendo sozinhos na noite pálida.

18

como um poema consciente
do silêncio das coisas
fala para não me ver

19

quando vir os olhos
que tenho nos meus tatuados

20

diz que não sabe do medo da morte do amor
diz que tem medo da morte do amor
diz que o amor é morte é medo
diz que a morte é medo é amor
diz que não sabe

Para Laure Bataillon

21

nasci tanto
e duplamente sofrida
na memória daqui e de lá

22

na noite

um espelho para a pequena morta

um espelho de cinzas

23

uma olhada do esgoto
pode ser uma visão do mundo

a rebelião consiste em olhar uma rosa
até pulverizar os olhos

24

(um desenho de Wols)

estes fios aprisionam as sombras
e as obrigam a prestar contas do silêncio

estes fios unem o olhar ao soluço

25

(exposição Goya)

um buraco na noite
subitamente invadido por um anjo

26

(um desenho de Klee)

quando o palácio da noite acender sua beleza
pulsaremos os espelhos
até que nossos rostos cantem como ídolos

27

um golpe da aurora nas flores
me abandona bêbada de nada e de luz lilás
bêbada de imobilidade e de certeza

28

te afasta dos nomes
que fiam o silêncio das coisas

29

Aqui vivemos com uma mão na garganta. Onde nada é possível já sabiam os que inventavam chuvas e teciam palavras no tormento da ausência. Por isso em suas preces havia um som de mãos apaixonadas pela névoa.

Para André Pieyre de Mandiargues

30

no inverno fabuloso
o lamento das asas na chuva
na memória da água dedos de névoa

31

É um fechar os olhos e jurar não os abrir. Enquanto lá fora se alimentam de relógios e flores nascidas da astúcia. Mas com os olhos fechados e um sofrimento na verdade demasiado grande pulsamos os espelhos até que as palavras esquecidas soem magicamente.

32

Zona de pragas onde a adormecida come
lentamente
seu coração de meia-noite

33

alguma vez

alguma vez talvez

vou-me sem ficar

vou-me como quem se vai

Para Ester Singer

34

a pequena viajante

morria explicando sua morte

sábios animais nostálgicos

visitavam seu corpo quente

35

Vida, minha vida, deixa-te cair, deixa-te doer, minha vida, deixa-te enlaçar de fogo ingênuo, de pedras verdes na casa da noite, deixa-te cair e doer, minha vida.

36

na janela do tempo

a adormecida olha seus olhos só

o vento lhe traz
a tênue resposta das folhas

Para Alain Glass

37

mais além de qualquer zona proibida
há um espelho para nossa triste transparência

38

Este canto arrependido, vigia detrás dos meus poemas:

este canto me desmente, me amordaça.

*

5.6 Outros poemas (1959)

silêncio
eu me uno ao silêncio
eu me uni ao silêncio
e me deixo fazer
me deixo beber
me deixo dizer
*

os náufragos atrás da sombra
abraçaram a que se suicidou
com o silêncio de seu sangue

a noite bebeu vinho
e dançou nua entre os ossos da névoa
*

animal lançado a seu rastro mais distante
a moça nua sentada no esquecimento
enquanto sua cabeça dissoluta vaga chorando
em busca de um corpo mais puro
*

depois
quando morrerem
eu dançarei
perdida na luz do vinho
e amante da meia-noite
*

viajante de coração de pássaro negro
tua é a solidão à meia-noite
teus os animais sábios que povoam teu sonho
em espera da palavra antiga
teu o amor e o som ao vento dissoluto
*

CAROLINE DE GUNDERODE

*En nostalgique je vagabondais
par l'infini
C. de G.*

A mão da enamorada do vento
acaricia o rosto do ausente.
A alucinada com sua "mala de pele de
pássaro"
foi de si mesma com uma navalha na memória.
A que foi devorada pelo espelho
entra em um cofre de cinzas
e acalma as feras do esquecimento.

Para Enrique Molina

*

Eu canto.
Não é invocação.
Apenas nomes que regressam.
*

5.7 Os trabalhos e as noites (1965)

I

POEMA

Você escolhe o lugar da ferida
onde falamos nosso silencio.
Você faz da minha vida
esta cerimônia demasiado pura.

*

REVELAÇÕES

Na noite ao teu lado
as palavras são senhas, são chaves.
O desejo de morrer é rei.

Que teu corpo seja sempre
um amado espaço de revelações.

*

EM TEU ANIVERSÁRIO

Recebe este rosto meu, mudo, mendigo.
Recebe este amor que te peço.
Recebe o que há em mim que é você.

*

DESTRUIÇÕES

... em beijos, não em razões

QUEVEDO

Me esconde do combate com as palavras
e apaga o furor do meu corpo elementar.

*

AMANTES

uma flor

 não muito longe da noite

 meu corpo mudo

se abre

à delicada urgência do orvalho

*

QUEM ILUMINA

Quando me olha

meus olhos são senhas,

o muro tem segredos,

meu temor palavras, poemas.

Só você faz da minha memória

uma viajante fascinada,

um fogo incessante.

*

RECONHECIMENTO

Você cria o silêncio das lilases que pairam

em minha tragédia de vento do coração.

Você fez de minha vida um conto para crianças
onde naufrágios e mortes
são pretextos de cerimônias adoráveis.

*

PRESENÇA

tua voz
neste não poder sair as coisas
do meu olhar
elas me despojam
fazem de mim um barco sobre um rio de pedras
se não é tua voz
chuva sozinha em meu silêncio de febres
você me solta os olhos
e por favor
não deixe nunca
de me falar

*

ENCONTRO

Alguém entra no silêncio e me abandona.
Agora a solidão não está sozinha.
Você fala como a noite.
Se anuncia como a sede.

*

DURAÇÃO

Daqui partiu na negra noite

e seu corpo teve que morar neste quarto
onde soluços, passos perigosos
de quem não vem, mas sua presença
está amarrada a este leito onde soluço
porque um rosto chama,
incrustado no escuro,
pedra preciosa.

*

TUA VOZ

Emboscado na minha escrita
canta em meu poema.
Refém de tua voz doce
Petrificada na minha memória.
Pássaro agarrado a sua fuga.
Ar tatuado por um ausente.
Relógio que late comigo
para que nunca desperte.

*

O ESQUECIMENTO

na outra margem da noite
o amor é possível

- me leva -

Me leva entre as doces substâncias
que morrem a cada dia na tua memória

*

OS PASSOS PERDIDOS

Antes foi uma luz
em minha linguagem nascida
a poucos passos do amor.

Noite aberta. Noite presença.

*

ONDE CIRCUNDA O ÁVIDO

Quando chegar meus olhos brilharão
da luz de quem eu choro
mas agora alenta um rumor de fuga
no coração de toda coisa.

*

TE NOMEAR

Não o poema de tua ausência,
só um desenho, uma fenda no muro,
algo no vento, um sabor amargo.

*

DESPEDIDA

Mata sua luz um fogo abandonado.
Sobe seu canto um pássaro apaixonado.
Tantas criaturas ávidas em seu silêncio
e esta pequena chuva que me acompanha.

*

OS TRABALHOS E AS NOITES

para reconhecer na sede meu emblema
para significar o único sonho
para não me sustentar nunca mais no amor

fui toda oferenda
um puro errar
de loba no bosque
na noite dos corpos

para dizer a palavra inocente

*

SENTIDO DA SUA AUSÊNCIA

se me atrevo
a olhar e a dizer
é pela sua sombra
unida tão suave
a meu nome
lá longe
na chuva
na minha memória
pelo seu rosto
que ardendo em meu poema
dispersa maravilhosamente
um perfume
a amado rosto desaparecido

*

II

VERDE PARAÍSO

estranha que fui
quando vizinha de longínquas luzes
guardava palavras muito puras
para criar novos silêncios

*

INFÂNCIA

hora em que a erva cresce
na memória do cavalo.
O vento pronuncia discursos ingênuos
em honra das lilases,
e alguém entra na morte
com os olhos abertos
como Alice no país do já visto.

*

ANTES

bosque musical

os pássaros desenham em meus olhos
pequenas gaiolas

Para Eva Durrell

*

III

ANÉIS DE CINZA

Para Cristina Campo

São minhas vozes cantando
para que não cantem eles,
os amordaçados na cinzenta madrugada,
os vestidos de pássaro desolado sob a chuva

Há, na espera,
um rumor a lilás se rompendo.
E há, quando raia o dia,
uma rebentação do sol em pequenos negros sóis.
E quando é de noite, sempre,
uma tribo de palavras mutiladas
busca asilo em minha garganta
para que não cantem eles,
os funestos, os donos do silêncio.

*

MADRUGADA

Nu sonhando uma noite solar.
Fiz deitar dias animais.
O vento e a chuva me apagaram
como a um fogo, como a um poema
escrito num muro.

*

RELÓGIO

Dama pequeníssima
moradora no coração de um pássaro
sai pela madrugada a pronunciar uma sílaba

NÃO

*

EM UM LUGAR PARA SE FUGIR

Espaço. Grande espera.
Ninguém vem. Esta sombra.

Dar o mesmo que todos:
explicações sombrias,
não espantadas.

Espaço. Silêncio ardente.
Será que as sombras convivem entre si?

*

FRONTEITAS INÚTEIS

um lugar
não digo um espaço
falo de
 quê
falo do que não é
falo do que conheço

não o tempo
somente todos os instantes
no o amor
não
 sim
não

um lugar de ausência
um fio de miserável união
*

O CORAÇÃO DO QUE EXISTE

não me entregue
tristíssima meia-noite,
ao impuro meio-dia branco
*

AS GRANDES PALAVRAS

Para Antonio Porchia

ainda não é agora
agora é nunca

ainda não é agora
agora e sempre
é nunca
*

SILÊNCIOS

A morte sempre ao lado.

Escuto o que diz.

Só me ouço a mim.

*

PEÇO SILÊNCIO

... canta, minha pobre

CERVANTES

embora seja tarde, é noite,

e você não pode.

Canta como se não fosse nada.

Nada é.

*

CAIR

Nunca mais a esperança

num ir e vir

de nomes, de figuras.

Alguém sonhou tão mal

alguém consumiu por erro

as distâncias esquecidas.

*

FESTA

Desdobrei minha orfandade

sobre a mesma, como um mapa.

Desenhei o itinerário

até meu lugar no vento.
Os que chegam não me encontram.
Os que espero não existem.

E bebi licores furiosos
para transformar os rostos
em um anjo, em vasos vazios.
*

OS OLHOS ABERTOS

Alguém mede soluçando
a extensão da alvorada.
Alguém apunhala a almofada
em busca de seu impossível
lugar de repouso.
*

QUARTO SOLITÁRIO

Se te atreve a surpreender
a verdade desta velha parede;
e suas fissuras, rachaduras,
formando rostos, esfinges,
mãos, relógios d'água,
seguramente surgirá
uma presença para tua sede,
provavelmente partirá
esta ausência que te bebe.
*

A VERDADE DESTA VELHA PAREDE

que é fria é verde que também se move
chama ofega grasna é auréola é gelo
fios vibram tremem

fios

é verde estou morrendo
é muro é mero muro é mudo mira morre
*

HISTÓRIA ANTIGA

Na meia-noite
vêm os vigias infantis
e vêm as sombras que já têm nome
e vêm os clementes
do que cometeram mil rostos meus
no ínfimo destroço de cada jornada.
*

INVOCÇÕES

Insiste em teu abraço
redobra tua fúria,
cria um espaço de injúrias
entre mim e o espelho,
cria um canto de leprosa
entre mim e a que penso ser.
*

DESMEMÓRIA

Embora a voz (seu esquecimento
largando náufragas que são eu)
se estenda num jardim petrificado

recordo com todas minhas vidas
porque esqueci.

*

UM ABANDONO

Um abandono em suspenso.
Ninguém é visível sobre a terra.
Só a música do sangue
assegura morada
num lugar tão aberto.

*

FORMAS

não sei se pássaro se gaiola
mão assassina
ou jovem morta entre círios
ou amazona ofegando na grande garganta escura
ou silenciosa
mas talvez oral como uma fonte
talvez trovadora
ou princesa na torre mais alta.

*

COMUNICAÇÕES

O vento tinha me comido
parte da cara e das mãos.
Me chamavam *anjo esfarrapado*.
Eu esperava.

*

MEMÓRIA

Para Jorge Gaitán Durán

Harpa de silêncio
onde aninha o medo.
Gemido lunar das coisas
significando ausência.

Espaço de cor fechado.
Alguém golpeia e arma
um ataúde para a hora,
outro ataúde para a luz.

*

SOMBRA DOS DIAS POR VIR

Para Ivonne A. Bordelois

Amanhã
me vestirão com cinzas ao alvorecer,
encherão minha boca de flores.
Aprenderei a dormir
na memória de um muro,
na respiração

de um animal que sonha.

*

DO OUTRO LADO

Anos e minutos fazem amor.

Máscaras verdes sob a chuva.

Igreja de vitrais obscenos.

Rastro azul na parede.

Não conheço.

Não reconheço.

Escuro. Silêncio.

*

CREPÚSCULO

A sombra cobre pétalas olhadas

O vento leva o último gesto de uma folha

O mar ao longe e duplamente mudo

o verão que dá dó por suas luzes

Um desejo daqui

Uma memória de além

*

MORADAS

Para Théodore Fraenkel

Na mão crispada de um morto,

na memória de um louco,

na tristeza de uma criança,
na mão que busca o copo,
no copo inalcançável,
na sede de sempre.

*

MENDIGA VOZ

E ainda me atrevo a amar
o som da luz em uma hora morta,
a cor do tempo num muro abandonado.

Em meu olhar eu perdi tudo.
Fica tão longe pedir. Tão perto saber que não há.

*

5.8 Extração da pedra da loucura (1968)

Para minha mãe

I

(1966)

CANTORA NOTURNA

Joe, macht die Musik von damals macht...

A que morreu em seu vestido azul está cantando. Canta imbuída de morte ao sol de sua ebriedade. Dentro de sua canção há um vestido azul, há um cavalo branco, há um coração verde tatuado com os ecos dos latidos perdidos de seu coração morto. Exposta à todas as perdições, ela canta junto a uma menina extraviada que é ela: seu amuleto de boa sorte. E apesar da névoa verde nos lábios e do frio cinzento nos olhos, sua voz corrói a distância que se abre entre a sede e a mão que busca o copo. Ela canta.

Para Olga Orozco

*

VERTIGENS OU CONTEMPLAÇÃO DE ALGO QUE TERMINA

Esta lilás se desfolha.
De si mesma cai
e oculta sua antiga sombra.
Hei de morrer de coisas assim.

*

LANTERNA SURDA

Os ausentes sopram e a noite é densa. A noite tem a cor das pálpebras do morto.

Toda a noite faço a noite. Toda a noite escrevo. Palavra por palavra eu escrevo a noite.

*

PRIVILÉGIO

I

Já perdi o nome que me chamava,
seu rosto rola por mim
como o som da água na noite,
da água caindo na água.
E é seu sorriso o último sobrevivente,
não minha memória.

II

O mais belo
na noite dos que se vão
oh desejado
é sem fim teu não voltar,
você é sombra até o dia dos dias.

*

CONTEMPLAÇÃO

Morreram as formas apavoradas e não houve mais um afora e um adentro.
Ninguém estava escutando o lugar porque o lugar não existia.

Com o propósito de escutar estão escutando o lugar.

Dentro de tua máscara relampeja a noite. Te atravessam com grunhidos. Te martelam com pássaros negros. Cores inimigas se unem na tragédia.

*

NUIT DE COUER

Outono no azul de um muro: sei o amparo das pequenas mortas.

Cada noite, na duração de um grito, vem uma sombra nova.

A sós dança a misteriosa autônoma. Compartilho seu medo de animal muito jovem na primeira noite das caçadas.

*

CONTO DE INVERNO

A luz do vento entre os pinheiros, compreendo esses sinais de tristeza incandescente?

Um enforcado se balança na árvore arcada com a cruz lilás.

Até que conseguiu se deslizar fora de meu sonho e entrar em meu quart, pela janela, em cumplicidade com o vento da meia-noite.

*

NA OUTRA MADRUGADA

Vejo crescer até meus olhos figuras de silêncio e desesperadas. Escuto cinzas, densas vozes no antigo lugar do coração.

*

DESFUNDAÇÃO

Alguém quis abrir uma porta. Doem suas mãos amarradas à sua prisão de ossos de mal agouro.

Toda a noite brigando com sua nova sombra. Choveu dentro da madrugada e martelavam com choronas.

A infância implora desde minhas noites de cripta.

A música emite cores ingênuas.

Cinzentos pássaros no amanhecer são para a janela fechada o que a meus males é meu poema.

*

FIGURAS E SILÊNCIOS

Mãos crispadas me confinam ao exílio.

Me ajuda a não pedir ajuda.

Querem me anoitecer, vão me morrer.

Me ajuda a não pedir ajuda.

*

FRAGMENTOS PARA DOMINAR O SILÊNCIO

I

As forças da linguagem são as damas solitárias, desoladas, que cantam através de minha voz que escuto ao longe. E longe, na negra areia, jaz uma menina densa de música ancestral. Onde a verdadeira morte? Quis me iluminar à luz de minha falta de luz. Os ramos morrem na memória. A jacente se aninha em mim com sua máscara de loba. A que não pôde mais e implorou chamas e ardemos.

II

Quando da casa da linguagem voa o telhado e as palavras não abrigam, eu falo.

As damas de vermelho se extraviaram dentro de suas máscaras embora regressariam para soluçar flores.

Não é muda a morte. Escuto o canto dos enlutados selar as fendas do silêncio. Escuto teu dulcíssimo canto florescer meu silêncio cinzento.

III

A morte restituiu ao silêncio seu prestígio encantador. E eu não direi meu poema e eu hei de dizê-lo. Ainda se o poema (aqui, agora), não tenha sentido, não tenha destino.

*

SORTILÉGIOS

E as damas vestidas de vermelho para minha dor e com minha dor insubmissas em sopro, acocorada como fetos de escorpiões no lado mais interno da minha nuca, as mãos de vermelho que me aspiram o único calor que me dou com meu coração que apenas pude nunca latir, a mim que sempre tive que aprender sozinha como se faz para beber e comer e respirar e a mim que ninguém ensinou a chorar e ninguém me ensinará sequer as grandes damas aderidas ao ventrículo de minha respiração com babas avermelhada e véus flutuantes de sangue, meu sangue, o meu apenas, o que eu me procurei e agora vem a beber de mim depois de haver matado ao rei que flutua no rio e move os olhos e sorri pois está morto e quando alguém está morto, morto está por mais que sorria e as grandes, as trágicas damas de vermelho mataram ao que se vai rio abaixo e eu fico como refém em perpétua possessão.

*

II

(1963)

UM SONHO ONDE O SILÊNCIO É DE OURO

O cão do inverno morde meu sorriso. Foi no poente. Eu estava nua e levava um chapéu com flores e arrastava meu cadáver também nu e com um chapéu com folhas secas.

Tive muitos amores – disse – mas o mais belo foi meu amor pelos espelhos.

*

TÊTE DE JEUNE FILLE (ODILON REDON)

de música a chuva
de silêncio os anos
que passam uma noite
meu corpo nunca mais
poderá se lembrar.

Para André Pieyre de Mandiargues

*

RESGATE

E é sempre o jardim de lilases do outro lado do rio. Se a alma pergunta se fica longe ela responderá: do outro lado do rio, não este mas aquele.

Para Octavio Paz

*

ESCRITO EM EL ESCORIAL⁷⁴

te chamo

⁷⁴ Mosteiro, El Real Sítio de San Lorenzo de El Escorial, situado na cidade de San Lorenzo de El Estorial, próximo de Madrid,

como outrora a amiga ao amigo
em pequenas canções
temerosas da alvorada

*

O SOL, O POEMA

Barcos sobre a água natal.
Água negra, animal de esquecimento. Água lilás, única vigília.
O mistério ensolarado das vozes no parque. Oh tão antigo.

*

ESTAR

Vigia desde este quarto
onde a sombra temível é a tua.

Não há silêncio aqui
mas frases que evita ouvir.

Símbolos nos muros
narram a bela lonjura.

(Faz com que não morra
sem voltar a te ver)

*

AS PROMESSAS DA MÚSICA

Detrás de um muro branco a variedade do arco-íris. A boneca em sua jaula esta fazendo o outono. É o despertar das oferendas. Um jardim recém-criado, um pranto detrás

da música. E que soa sempre, assim ninguém assistirá ao movimento do nascimento, à mímica das oferendas, ao discurso daquela que sou atada à esta silenciosa que também sou. E que de mim não reste mais que a alegria de quem pediu para entrar e foi concedido. É a música, é a morte, o que eu quis dizer em noites variadas como as outras cores do bosque.

*

IMINÊNCIA

E o cais cinzento e as casas vermelhas. E não é ainda a saudade E os olhos veem um quadrado negro com um círculo de música lilás em seu centro E o jardim das delícias só existe fora dos jardins E a solidão é não poder dizê-la E o cais cinzento e as casas vermelhas.

*

CONTINUIDADE

Não nomear as coisas por seus nomes. As coisas têm bordas dentadas, vegetação luxuriosa. Mas quem fala em quarto cheio de olhos. Quem mastiga com uma boca de papel. Nomes que vêm, sombras como máscaras. Cura-me do vazio – disse. (A luz se amava em minha escuridão. Soube que não havia quando me encontrei dizendo: sou eu.) Cura-me – disse.

*

ADEUSES DO VERÃO

Suave rumor de ervas daninhas crescendo. Sons do que destrói o vento. Chegam a mim como se eu fosse o coração do que existe. Quisera estar morta e entrar eu também num coração alheio.

*

a quem retorna em busca de seu antigo buscar
a noite se fecha como água sobre uma pedra
como ar sobre um pássaro
como se fecham dois corpos quando se amam
*

EM UM OUTONO ANTIGO

Como se chama o nome?

Uma cor como um ataúde, uma transparência que nos atravessará.

E como é possível não saber tanto?

Para Marie – Jeanne Noirot

*

III

(1962)

I

E sobretudo olhar com inocência. Como se não acontecesse nada, o que é certo.

II

Mas a você quero olhar até que teu rosto se afaste de meu medo como um pássaro da
borda afiada da noite.

III

Como uma menina de giz rosado em um muro muito velha subitamente apagada pela
chuva.

IV

Como quando se abre uma flor e revela o coração que não tem.

V

Todos os gestos do meu corpo e da minha voz para fazer de mim a oferenda, o ramo que abandona o vento em um umbral.

VI

Cobre a memória de tua cara com a máscara da que será e assusta a menina que foi.

VII

A noite dos dois se dispersou com a névoa, é a estação dos alimentos frios.

VIII

E a sede, minha memória é da sede, eu abaixo, no fundo, no poço, eu bebia, eu lembro.

IX

Cair como um animal ferido no lugar que ia ser de revelações.

X

Como quem não quer a coisa. Nenhuma coisa. Boca costurada. Pálpebras costuradas. Me esqueci. Dentro do vento. Tudo fechado e o vento dentro.

XI

Ao negro sol do silêncio as palavras se douravam.

XII

Contudo o silêncio é certo. Por isso escrevo. Estou sozinha e escrevo. Não, não estou sozinha. Há alguém aqui que treme.

XIII

Mesmo se digo *sol e lua e estrela* me refiro a coisas que me acontecem.

E o que desejava eu?

Desejava um silêncio perfeito

Por isso falo.

XIV

A noite tem a forma de um grito de lobo.

XV

Delícia de se perder na imagem pressentida. Eu me levantei de meu cadáver, eu fui em busca de quem sou. peregrina de mim, fui até àquela que dorme num paraíso de vento.

XVI

Minha queda sem fim para minha queda sem fim onde ninguém me esperou pois ao olhar quem me esperava não vi outra coisa senão a mim mesma.

XVII

Algo caía no silêncio. Minha última palavra foi *eu* mas me referia à alvorada luminosa.

XVIII

Flores amarelas constelam um círculo de tecido azul. A água treme cheia de vento.

XIX

Deslumbramento do dia, pássaros amarelos na manhã. Uma mão desata trevas, uma mão arrasta a cabeleira de uma afogada que não cessa de passar pelo espelho. Voltar à memória do corpo, hei de voltar a meus ossos em duelo. Hei de compreender o que diz minha voz.

*

IV

(1964)

EXTRAÇÃO DA PEDRA DA LOUCURA

*Elles, les âmes (...), sont malades et elles souffrent et nul ne leur porte-remède; elles
sont blessées et brisées et nul ne les panse.*

RUYSBROECK

A luz má se aproximou é nada é certo. E penso em tudo que li acerca do espírito... Fechei os olhos, vi corpos luminosos que giravam na névoa, no lugar das ambíguas vizinhanças. Não tema, nada te sobrevirá, já não há violadores de tumbas. O silêncio, silêncio sempre, as moedas de ouro do sonho.

Falo como em mim se fala. Não minha voz obstinada em parecer uma voz humana mas a outra que testemunha que não cessei de morar no bosque.

Se visse a que sem você dorme em um jardim em ruínas na memória. Ali eu, ébria de mil mortes, falo de mim comigo só para saber se é verdade que estou debaixo da erva. Não sei os nomes. A quem contará que não sabe? Te deseja outra. O que acontece na verde alameda? Acontece que não é verde e nem sequer há uma alameda, e agora brinca de ser escrava para esconder tua coroa, outorgada por quem? quem te ungiu? quem te consagrou? o invisível povo da memória mais velha. Perdida por próprio desígnio, renunciou a teu reino pelas cinzas. Quem te faz doer te recorda antigas homenagens. Não obstante, chora funestamente e evoca tua loucura e até quis extraí-la de você como se fosse uma pedra, a ela, teu único privilégio. Em um muro branco desenha as alegorias do repouso, e é sempre uma rainha louca que jaz sob a lua sobre a triste erva do velho jardim. Mas não fale dos jardins, não fale da lua, não fale da rosa, não fale do mar. Fala do que

sabe. Fala do que vibra em tua medula e jaz luzes e sombras em teu olhar, fala da dor incessante de teus ossos, fala da vertigem, fala de tua respiração, de tua desolação, de tua traição. É tão escuro, tão em silêncio o processo a que me obrigo. Oh fala do silêncio.

De repente possuída por um funesto pressentimento de um vento negro que impede respirar, busquei a recordação de alguma alegria que me servisse de escudo, ou de arma de defesa, ou ainda de ataque. Parecia o Eclesiastes: busquei em todas minhas memórias e nada, nada debaixo da aurora de dos negros. Meu ofício (também no sonho o exerço) é conjurar e exorcizar. Em que hora começou a desventura? Não quero saber. Não quero mais que um silêncio para mim e as que fui, um silêncio como a pequena cabana que encontram no bosque as crianças perdidas. Que sei eu o que há de ser de mim se nada rima com nada.

Te precipita. É o sem-fim desesperante, igual e não obstante contrário à noite dos corpos onde mal um manancial cessa aparece outro que retoma o fim das águas.

Sem o perdão das águas não posso viver. Sem o mármore final do céu não posso morrer.

Em você é de noite. Logo assistirá ao corajoso empinar do animal que é. Coração da noite, fala.

Ter morrido em quem se era e em quem se amava, ter e não ter dado volta como um céu tormentoso e celeste ao mesmo tempo.

Tivesse querido mais que isso e ao mesmo tempo nada.

Vai e vem se dizendo só em solitário vaivém. Um perder gota a gota o sentido dos dias. Chamariz de conceitos. Armadilhas de vogais. A razão me mostra a saída do cenário onde levantaram uma igreja sob a chuva: a mulher-loba deposita seu filhote no umbral e foge. Há uma luz tristíssima de círios assombrados por um sopro maligno. Chora a menina loba. Nenhum adormecido a escuta. Todas as pestes e as pragas para os que dormem em paz.

Esta voz ávida vinda de antigos lamentos. Ingenuamente existe, te disfarça de pequena assassina, te dá medo frente ao espelho. Me fundir na terra e que terra se feche sobre mim. Êxtase sórdido. Você sabe que te humilharam até quando te mostravam o sol. Você sabe que nunca saberá te defender, que apenas deseja lhes apresentar o troféu, quero dizer teu cadáver, e que o comam e que o bebam.

As moradas do consolo, a consagração da inocência, a alegria indizível do corpo.

Se subitamente uma pintura se anima e o menino florentino que olha ardentemente estende uma mão e te convida a permanecer ao seu lado na terrível sina de ser um objeto para olhar e admirar. Não (disse), para ser dois é preciso ser distintos. Eu estou fora da moldura, mas o modo de se oferendar é o mesmo.

Migalhas, bonecos sem cabeça, eu me chamo, eu me chamo toda a noite. E em meu sonho uma caravana de circo cheia de corsários mortos em seus caixões. Um momento antes, com belíssimos adornos e remendos negros no olho, os capitães saltavam de um bergantim a outro como ondas, formosos como sóis.

De maneira que sonhei capitães e caixões de cores deliciosas e agora tenho medo por causa de todas as coisas eu guardo, não um cofre de piratas, não um tesouro bem enterrado, mas quantas coisas em movimento, quantas pequenas figuras azuis e douradas gesticulam e dançam (mas dizer não dizem), e depois está o espaço negro – deixa-te cair, deixa-te cair –, umbral da mais alta inocência ou talvez tão somente da loucura. Compreendo meu medo de uma rebelião das pequenas figuras azuis e douradas. Alma partida, alma partilhada, vaguei e erreí tanto para fundar uniões com o menino pintado à maneira de objeto a contemplar, e não obstante, depois de analisar as cores e as formas, me encontrei fazendo amor com um rapaz vivente no mesmo momento que o do quadro se despia e me possuía por trás das minhas pálpebras fechadas.

Sorri e eu sou uma minúscula marionete rosa com uma guarda-chuva celeste eu entro por seu sorriso eu faço minha casinha na sua língua eu habito na palma da sua mão fecha seus dedos em pó dourado um pouco de sangue adeus oh adeus.

Como uma voz não muito longe da noite arde o fogo mais exato. Sem pele nem ossos andam os animais pelo bosque feito de cinzas. Uma vez o canto de um só pássaro te havia aproximado do calor mais agudo. Mares e diademas, mares e serpentes. Por favor, olha como a pequena caveira de cachorro suspensa do céu raso pintado de azul se balança com folhas secas que tremem em torno dela. Gretas e buracos na minha pessoa refugiada de um incêndio. Escrever é buscar no tumulto dos queimados o osso do braço que corresponda ao osso da perna. Miserável mistura. Eu restauro, eu reconstruo, eu ando assim cercada de morte. E é sem graça, sem auréola, sem trégua. E essa voz, essa elegia a uma causa primeira: um grito, um sopro, um respirar entre deuses. Eu relato minha véspera, e você o que pode? Sai de teu covil e não entende. Volta a ele e já não importa entender o não. Volta a sair e não entende. Não há por onde respirar e você não fala sopro dos deuses.

Não me fale do sol porque eu morreria. Me leva como a uma princesinha cega, como quando lenta e cuidadosamente se faz outono num jardim.

Virá a mim com tua voz apenas colorida por um acento que me fará evocar uma porta aberta, com a sombra de um pássaro de belo nome, com o que essa sombra deixa na memória, com o que permanece quando espalham as cinzas de uma jovem morta, com os traços que duram na folha depois de haver apagado um desenho que representava uma casa, uma árvore, o sol e um animal.

Se não veio é porque não veio. É como surgir o outono. Nada esperava sua vinda. Tudo o esperava. Vida de tua sombra, o que quer? Um transcorrer de festa delirante, uma linguagem sem limites, um naufrágio em tuas próprias águas, oh avarenta.

A cada hora, a cada dia, eu gostaria de não ter que falar. Figuras de cera os outros e sobretudo eu, que sou mais outra que eles. Nada pretendo neste poema senão libertar minha garganta.

Rápido, tua voz mais oculta, se transmuta, te transmite. Tanto por Fazer e eu me desfaço. Te excomungam de você. Sofro, depois não sei. No sonho o rei morria de amor por mim. Aqui, pequena mendiga, te imunizam. (E tem cara de menina; mais alguns anos e não cairá nas graças nem dos cachorros.)

meu corpo se abria ao conhecimento de meu estar
e de meu ser confusos e difusos
meu corpo vibrava e respirava

segundo um canto agora esquecido
eu não era ainda a fugitiva da música
eu sabia o lugar do tempo
e o tempo do lugar
no amor eu me abria
e ritmava os velhos gestos da amante
herdeira da visão
de um jardim proibido

A que sonhou, a que foi sonhada. Paisagens prodigiosas para a infância mais fiel. A falta disso – que não é muito –, a voz que calunia tem razão.

A tenebrosa luminosidade dos sonhos afogados. Água dolorosa.

O sonho demasiado tarde, os cavalos brancos demasiado tarde, o ter partido com uma melodia demasiado tarde. A melodia pulsava meu coração e eu chorei a perda do meu único bem, alguém me viu chorando no sonho e eu expliquei (dentro do possível), mediante palavras simples (dentro do possível), palavras boas e seguras (dentro do possível). Tomei posse de minha pessoa, a arranquei do belo delírio, a aniquilei a fim serenar o terror que alguém tinha de que eu morresse em sua casa.

E eu? Quanto salvei eu?

O ter me prosternado ante o sofrimento dos demais, o ter me calado em honra dos demais.

Retrocedia minha encarnada violência elementar. O sexo à flor do coração, a via do êxtase entre as pernas. Minha violência de ventos encarnados e de ventos negros. As verdadeiras festas têm lugar no corpo e nos sonhos.

Portas do coração, cachorro espancado, vejo um templo, o que acontece? Nada. Eu pressentia uma escritura total. O animal palpitava nos meus braços com rumores de órgãos vivos, calor, coração, respiração, tudo musical e silencioso ao mesmo tempo. O que significa se traduzir em palavras? E os projetos de perfeição a longo prazo; medir cada dia a provável elevação de meu espírito, a extinção das minhas faltas gramaticais. Meu sonho é um sonho sem alternativas e quero morrer ao pé da letra do lugar comum que assegura que morrer é sonhar. A luz, o vinho proibido, as vertigens, para quem escreve? Ruínas de um templo esquecido. Se celebrar fosse possível.

Visão enlutada, dilacerada. De um jardim com estátuas vermelhas. Ao fio da madrugada os ossos te doíam. Te dilacera. Te previno e te previna. Te desarma. Te digo, te disse. Te despe. Te desposa. Te desune. Te previ. Subitamente se desfez: nenhum nascimento. Te leva, te sobreleva. Somente você sabe deste ritmo quebrantado. Agora tuas miudezas, recolhê-las uma a uma, grande fastio, onde deixa-las? Por tê-la tido perto, talvez tinha vendido minha alma em troca de ser invisível. Ébria de mim, da música, dos poemas, porque não disse do buraco da ausência. Num hino esfarrapado rolava o pranto pela minha cara. E porque não diziam alguma coisa? E para que este grande silêncio?

*

O SONHO DA MORTE OU O LUGAR DOS CORPOS POÉTICOS

*Esta noite, disse, do ocaso, me cobriam com uma
Mortalha negra em um leito de cedro.*

Vertiam-me vinho azul mesclado com amargura.

CONTO DA CAMPANHA DE IGOR

Toda a noite escuto o chamado da morte, toda a noite escuto o canto da morte junto ao rio, toda a noite escuto a voz da morte que me chama.

E tantos sonhos unidos, tantas possessões, tantas imersões, em mais possessões de pequena defunta num jardim de ruínas e de lilases. Junto ao rio a morte me chama. Desoladamente dilacerada no coração escuto o canto da mais pura alegria.

E é verdade que despertei no lugar do amor porque ao ouvir seu canto disse: é o lugar do amor. e é verdade que despertei no lugar do amor porque com um sorriso de luto eu ouvi seu canto e me disse: é o lugar do amor (mas trêmulo mas fosforescente).

E as danças mecânicas dos bonecos antigos e as desgraças herdadas e a água veloz em círculos, por favor, não sinta medo de dizer: a água veloz em círculos fugacíssimos enquanto na margem o gesto detido dos braços detidos em um chamado ao abraço, na nostalgia mais pura, no rio, na névoa, no sol debilíssimo se filtrando através da névoa.

Mas de dentro: o objeto sem nome que nasce e se pulveriza no lugar em que o silêncio pesa como barras de ouro e o tempo é um vento afiado que atravessa uma fresta e é só essa sua declaração. Falo do lugar em que se faz os corpos poéticos – como uma cesta cheia de cadáveres de meninas. E é esse lugar onde a morte está sentada, veste um traje muito antigo e tange uma harpa na margem o rio lúgubre, a morte num vestido vermelho, a bela, a funesta, a espectral, a que toda a noite tangeu uma harpa até que adormeci dentro do sonho.

Que houve no fundo do rio? Que paisagens se faziam e desfaziam detrás da paisagem em cujo centro havia um quadro onde estava pintada uma bela dama que tange um alaúde e canta junto a um rio? Detrás, a poucos passos, via o cenário de cinzas onde representei meu nascimento. O nascer, que é um ato lúgubre, me causava graça. O humor corroía os limites reais do meu corpo de modo que logo fui uma figura fosforescente: a íris de um olho lilás furta-cor; uma cintilante menina de papel prateado meio afogada dentro de um copo de vinho azul. Sem luz nem guia avançava pelo caminho das metamorfoses. Um mundo subterrâneo de criaturas de formas inacabadas, um lugar de gestação, um viveiro de braços, de troncos, de caras, e as mãos dos bonecos suspensas como folhas das frias árvores afiadas revolteavam e ressoavam movidas pelo vento, e os troncos sem cabeça vestidos de cores tão alegres dançavam rondas infantis junto a um caixão cheio de cabeças de loucos que uivavam como lobos, e minha cabeça subitamente, parece querer sair agora meu útero como se os corpos poéticos insistissem em rebentar na realidade, nascer para ela, e há alguém em minha garganta, alguém que esteve se gestando em solidão, e eu,

inacabada, ardente por nascer, me abro, se me abre, vai vir, vou vir. O corpo poético, o herdado, o não filtrado pelo sol da lúgubre manhã, um grito, uma chamada, uma chamarada, um chamamento. Sim, quero ver o fundo do rio, quero ver se aquele se abre, se rebenta e floresce do lado de cá, e virá ou não virá mas sinto que está insistindo, e talvez somente a morte.

A morte é uma palavra.

A palavra é uma coisa, a morte é uma coisa, é um corpo poético que encoraja no lugar do meu nascimento.

Nunca deste modo conseguirá circundá-lo. Fala, mas sobre o cenário de cinzas; fala, mas do fundo do rio onde a morte está cantando. E a morte é ela, me disse o sonho, me disse a canção da rainha. A morte de cabelos da cor do corvo, vestida de vermelho, brandindo nas suas mãos funestas um alaúde e ossos de pássaro para golpear em minha tumba, se afastou cantando e contemplada de trás parecia uma velha mendiga e as crianças lhe jogavam pedras.

Cantava na manhã de névoa apenas filtrada pelo sol, a manhã do nascimento, e eu caminharia com uma tocha na mão por todos os desertos deste mundo e mesmo morta seguiria te buscando, amor meu perdido, e o canto da morte se desdobrou no fim de uma só manhã, e cantava, e cantava.

Também cantou na velha taberna próxima do porto. Havia um palhaço adolescente e eu lhe disse que em meus poemas a morte era minha amante e amante era a morte e ele disse: teus poemas dizem a exata verdade. eu tinha dezesseis anos e não tinha outro remédio além de buscar o amor absoluto. E foi na taberna do porto que cantou a canção.

Escrevo com os olhos fechados, escrevo com os olhos abertos: que se desmorone o muro, que o muro se torne rio.

A morte azul, a morte verde, a morte encarnada, a morte lilás, nas visões do nascimento.

O traje azul e prata fosforescente da carpideira na noite medieval de toda morte minha.

A morte está cantando junto ao rio.

E foi na taberna do porto que cantou a canção da morte.

Vou morrer, me disse, vou morrer.

À alvorada venha, meu bom amigo, à alvorada venha.

Nos reconhecemos, nos desaparecemos, *amigo aquele que eu mais queria.*

Eu, assistindo meu nascimento. Eu, a minha morte.

E eu caminharia por todos os desertos deste mundo e mesmo morta seguiria te buscando, você, que foi o lugar do amor.

*

NOITE PARTILHADA NA RECORDAÇÃO DE UMA FUGA

Pancadas na tumba. À beira das palavras pancadas na tumba. Quem vive, disse. Eu disse quem vive. E até quando esta intromissão do externo no interno, ou do menos interno do interno, que vai se tecendo como um manto de juta sobre minha pobreza indizível.

Não foi o sonho, não foi a vigília, não foi o crime, não foi o nascimento: apenas o golpear com uma pesada faca sobre a tumba de meu amigo. E o absurdo do meu lado direito. O absurdo de um salgueiro inclinado à direita sobre um rio, meu braço direito, meu ombro direito, minha orelha direita, minha perna direita, minha possessão direita, minha despossessão. Me desviar para minha moça esquerda – manchas azuis em minha palma esquerda, misteriosas manchas azuis –, minha zona de silêncio virgem, meu lugar de repouso onde espero por mim. Não, ainda é demasiado desconhecida, ainda não sei reconhecer estes sons novos que estão começando um canto de queixa diferente do meu que é um canto de incêndio, que é um canto de menina perdida em uma silenciosa cidade em ruínas.

E há quantas centenas de anos faz que estou morta e te amo?

Escuto minhas vozes, os coros dos mortos. Encurralada entre as rochas, incorporada na fenda de uma rocha. Não sou eu a falante: é o vento que me faz adejar para que eu creia que estes cânticos do azar que se formulam por obra do movimento são palavras vindas de mim.

E isto foi quando comecei a morrer. Quando golpearam nos cimentos e me recordei.

Soam as trombetas da morte. O cortejo das bonecas de corações de espelho com meus olhos azul-verdes refletidos em cada um dos corações. Imita velhos gestos herdados. As

damas de outrora cantavam entre muros leprosos, escutavam as trombetas da morte, viam desfilar – elas, as imaginadas – um cortejo imaginário de bonecas com corações de espelho e em cada coração meus olhos de pássara de papel dourado atingida pelo vento. A imaginada passarinha acredita cantar, na verdade apenas murmura como um salgueiro inclinado sobre o rio.

Bonequinha de papel, eu te recortei em papel celeste, verde, encarnado, ficou no chão, no máximo da carência de relevos e de dimensões. No meio do caminho te incrustaram, figurinha errante, está no meio do caminho e ninguém te distingue pois não te diferencia do chão mesmo que às vezes grite, mas há tantas coisas que gritam no caminho, porque iriam ver o que significa essa mancha verde, celeste, encarnada?

Se fortemente, a sangue e fogo, se gravam minhas imagens, sem sons, sem cores, nem sequer o branco. Se se intensifica o rastro dos animais noturnos nas inscrições de meus ossos. Se me fixo no lugar da memória como uma criatura se apoia na saliência de uma montanha e ao menor movimento feito de esquecimento cai – falo do irremediável, peço o irremediável –, o corpo desatado e os ossos esparramados no silêncio da neve traiçoeira. Projetada para o regresso, me cobre com uma mortalha lilás. E depois canta para mim uma canção de uma ternura sem precedentes, uma canção que não diga da vida nem da morte mas de gestos levíssimos como o mais imperceptível aceno de aquiescência, uma canção que seja menos que uma canção, uma canção como um desenho que representa uma pequena casa debaixo de um sol em que faltam alguns raios; ali há de poder viver a bonequinha de papel verde, celeste e encarnado; ali há de poder se erguer e talvez andar em sua casinha desenhada sobre uma página em branco.

*

5.9 O inferno musical (1971)

I

FIGURAS DO PRESENTIMENTO

COLD IN HAND BLUES

e o que você vai dizer
 vou dizer somente algo
 e o que você vai fazer
 vou me ocultar na linguagem
 e por quê
 tenho medo
 *

PEDRA FUNDAMENTAL

Não posso falar com minha voz, mas com minhas vozes.

Seus olhos eram a entrada do templo, para mim, que sou errante, que amo e morro. E
 teria cantado até me fazer uma com a noite, até me desfazer nua na entrada do tempo.

Um canto que atravesso como um túnel.

Presenças inquietantes,

gestos de figuras que aparecem vivas por obra de uma linguagem ativa que as alude,
 signos que insinuam terrores insolúveis.

Uma vibração de cimentos, um trepidar dos fundamentos, drenam e cavam, e soube
 onde se aposenta aquilo tão outro que é eu, que espera que me cale para tomar posse de
 mim e drenar e cavar os cimentos, os fundamentos,

aquilo é antagonista de mim, conspira, toma posse do meu terreno baldio,

não,

hei de fazer algo

não,

não hei de fazer nada,

algo em mim não se abandona à cascata de cinzas que me arrasa dentro de mim com
 ela que é eu, comigo que sou ela e que sou eu, indizivelmente distinta dela.

No silêncio mesmo (no mesmo silêncio) tragar a noite, uma noite imensa no sigilo
 dos passos perdidos.

Não posso falar para nada dizer. Por isso nos perdemos, eu e o poema, na tentativa inútil de transcrever relações ardentes.

Onde a conduz esta escritura? Ao negro, ao estéril, ao fragmentado.

As bonecas estripadas por minhas antigas mãos de boneca, a desilusão ao encontrar pura estopa (pura estepe tua memória): o pai, que teve que ser Tirésias, flutua no rio. Mas você, por que se deixou assassinar escutando contos de álamos nevados?

Eu queria que meus dedos de boneca penetrassem nas teclas. Eu não queria roçar, como uma aranha, o teclado. Eu queria me fundir, me cravar, me fixar, me petrificar. Eu queria entrar no teclado para entrar dentro da música para ter uma pátria. Mas a música se movia, se apressava. Só quando um refrão repetia, alentava em mim a esperança de que se estabeleceria algo parecido com uma estação de trens, quero dizer, um ponto de partida firme e seguro; um lugar do qual partir, desde o lugar, até o lugar, em união e fusão com o lugar. Mas o refrão era demasiado breve, de modo que eu não podia fundar uma estação pois não contava mais que com um trem saído dos trilhos que se contorcia e se distorcia. Então abandonei a música e suas traições porque a música estava mais acima ou mais abaixo, mas não no centro, no lugar da fusão e do encontro. (Você que foi minha única pátria, onde te buscar? Talvez neste poema que vou escrevendo).

Uma noite no circo recuperei uma linguagem perdida no momento em que cavaleiros com tochas na mão galopavam em ronda feroz sobre corcéis negros. Nem em meus sonhos de felicidade existirá um coro de anjos que forneça algo semelhante aos sons quentes para meu coração de cascos contra as areias.

(E digo a mim: Escreve; porque estas palavras são fiéis e verdadeiras.)

(É um homem ou uma pedra ou uma árvore o que vai começar o canto...)

E era um estremecimento suavemente trepidante (digo para ensinar a que extraviou em mim sua musicalidade e trepida com mais dissonância que um cavalo instigado por uma tocha nas areias de um país de estrangeiro).

Estava abraçada ao chão, dizendo um nome. Pensei que havia morrido e que a morte era dizer um nome sem cessar.

Não é isto, talvez, o que quero dizer. Este dizer e se dizer não é agradável. Não posso falar com minha voz mas com minhas vozes. Também este poema é possível que seja uma armadilha, um cenário a mais.

Quando o barco alternou seu ritmo e vacilou na água violenta, me ergui como a amazona que domina somente com seus olhos azuis o cavalo que empina (ou foi com seus olhos azuis?). A água verde em minha cara, hei de te beber até que a noite se abra. Ninguém pode me salvar pois sou invisível mesmo para mim que me chamo com tua voz. Onde estou? Estou em um jardim.

Há um jardim.

*

OLHOS PRIMITIVOS

Onde o medo não conta contos e poemas, não forma figuras de terror e de glória.

Vazio cinzento é meu nome, meu pronome.

Conheço a gama dos medos e esse começar a cantar devagar no desfiladeiro que reconduz à minha desconhecida que sou, minha imigrante de si.

Escrevo contra o medo. Contra o vento com garras que se aloja em minha respiração.

E quando pela manhã teme te encontrar morta (e que não haja mais imagens): o silêncio da compressão, o silêncio do mero estar, nisto se vão os anos, neste se foi a bela alegria animal.

*

O INFERNO MUSICAL

Golpeiam com sóis

Nada se encaixa em nada aqui

E de tanto animal morto no cemitério de ossos da minha memória

E de tantas monjas como corvos que se precipitam a picar entre minhas pernas

A quantidade de fragmentos me devasta

Impuro diálogo

Um se projetar desesperado da matéria verbal

Liberta de si mesma

Nafragando em si mesma

*

O DESEJO DA PALAVRA

A noite, de novo a noite, a magistral sapiência do escuro, o cálido toque da morte, um instante de êxtase para mim, herdeira de todo jardim proibido.

Passos e vozes do lado sombrio do jardim. Risos no interior das paredes. Não pense que estão vivos. Não pense que não estão vivos. Em qualquer momento a fissura na parede e o súbito debandar das meninas que fui.

Caem meninas de papel de cores variadas. Falam as cores? Falam as imagens de papel? Falam apenas as douradas e dessas não há nenhuma por aqui.

Vou entre muros que se acercam, que se juntam. Toda noite até a aurora entoava: *Se não vim é porque não vim*. Pergunto. A quem? Disse que pergunta, quer saber a quem pergunta. Você já não fala com ninguém. Estrangeira a morte está morrendo. Outra é a linguagem dos agonizantes.

Desperdicei o dom de transfigurar aos proibidos (sinto-os respirar dentro das paredes). Impossível narrar meu dia, minha vida. Mas contempla absolutamente só a nudez desses muros. Nenhuma flor cresce nem crescerá do milagre. A pão e água a vida toda.

No topo da alegria declarei sobre uma música jamais ouvida. O quê? Oxalá pudesse viver somente em êxtase, fazendo o corpo do poema com meu corpo, resgatando cada frase com meus dias e minhas semanas, infundindo ao poema meu sopro à medida que cada letra de cada palavra haja sido sacrificada nas cerimônias do viver.

*

A PALAVRA DO DESEJO

Essa espectral textura da escuridão, esta melodia nos ossos, este sopro de silêncios diversos, este ir abaixo por abaixo, esta galeria escura, escura, este se fundir sem se fundir.

O que estou fazendo? Está escuro e quero entrar. Não sei mais o que dizer. (Eu não quero dizer, eu quero entrar.) A dor nos ossos, a linguagem quebrada a pauladas, pouco a pouco reconstituir o diagrama da irrealidade.

Possessões não tenho (isto é certo, finalmente algo certo). Depois uma melodia. É uma melodia carpideira, uma luz lilás, uma iminência sem destinatário. Vejo a melodia. Presença de uma luz alaranjada. Sem teu olhar não vou saber viver, também isto é certo. Te suscito, te ressuscito. E me disse que saísse ao vento e fosse de casa em casa perguntando se estava.

Passo nua com uma vela na mão, castelo frio, jardim das delícias. A solidão não é estar parada no cais, de madrugada, olhando a água com avidez. A solidão é não poder dizê-la por não poder circundá-la por não poder fazê-la sinônimo de uma paisagem. A solidão seria esta melodia quebrada de minhas frases.

*

NOMES E FIGURAS

A beleza da infância sombria, a tristeza imperdoável entre bonecas, estátuas, coisas mudas, favoráveis ao duplo monólogo entre mim e meu antro luxurioso, o tesouro dos piratas enterrado em minha primeira pessoa do singular.

Não se espera outra coisa que música e deixa, deixa que o sofrimento que vibra em formas traiçoeiras e demasiado belas chegue ao fundo dos fundos.

Temos tentando nos fazer perdoar o que não fizemos, as ofensas fantásticas, as culpas fantasmas. Por bruma, por ninguém, por sombras, temos expiado.

O que quero é honrar a possuidora de minha sombra: a que subtrai do nada nomes e figuras.

*

II

AS UNIÕES POSSÍVEIS

EM UM EXEMPLAR DE «LES CHANTS DE MALDOROR»

Debaixo do meu vestido ardia um campo com flores alegres como as crianças da meia-noite.

O sopro da luz em meus ossos quando escrevo a palavra terra. Palavra ou presença seguida por animais perfumados; triste como si mesma, bela como o suicídio; e que me sobrevoa como uma dinastia de sóis.

*

SIGNOS

Tudo faz amor com o silêncio.

Haviam me prometido um silêncio como um fogo, uma casa de silêncio.

Subitamente o templo é um circo e a luz um tambor.

*

FUGA EM LILÁS

Tinha que escrever sem porquê, sem para quem.

O corpo desperta de um amor como acender a lâmpada.

Sim silêncio é tentação e promessa.

*

DO OUTRO LADO

Como uma ampulheta cai a música na música.

Estou triste na noite de presas de lobo.

Cai a música na música como minha voz em minhas vozes.

*

LAÇO MORTAL

Palavras emitidas por um pensamento à maneira da prancha do náufrago. Fazer amor dentro do nosso abraço significou uma luz negra: a escuridão se pôs a brilhar. Era a luz reencontrada, duplamente apagada mas de algum modo mais viva que mil sóis. A cor do mausoléu infantil, a mortuária cor dos minuciosos desejos se abriu na selvagem moradia. O ritmo dos corpos ocultava o voo dos corvos. O ritmo dos corpos cavava um espaço de luz dentro da luz.

*

III FIGURAS DA AUSÊNCIA

A PALAVRA QUE CURA

Esperando que um mundo seja desenterrado pela linguagem, alguém canta o lugar em que se forma o silêncio. Depois, comprovará que não é porque se mostra furioso que existe o mar, nem tampouco o mundo. Por isso cada palavra diz o que diz e além disso mais e outra coisa.

*

OS DO OCULTO

Para que as palavras não bastem é preciso alguma morte no coração.

A luz da linguagem me cobre como uma música, imagem mordida pelos cães do desconsolo, e o inverno sobe por mim como a apaixonada do muro.

Quando espero deixar de esperar, acontece tua queda dentro de mim. Já não sou mais que um adentro.

*

L'OBSCURITÉ DES EAUX

Escuto ressoar a água que cai em meu sonho. As palavras caem como a água eu caio. Desenho em meus olhos a forma de meus olhos, nado em minhas águas, me digo em meus silêncios. Toda noite espero que minha linguagem consiga me configurar. E penso no vento que vem a mim, permanece em mim. Toda noite tenho caminhado debaixo da chuva desconhecida. A mim me deram um silêncio pleno de formas e visões (diz). E corre desolada como o único pássaro no vento.

*

GESTO PARA UM OBEJTO

Em tempo adormecido, um tempo como uma luva sobre um tambor.

Os três que em mim lutam ficamos no móvel ponto fixo e não somos um em nenhum estou.

Antigamente meus olhos buscaram refúgio nas coisas humilhadas, desamparadas, mas em amizade com meus olhos eu vi, vi e não aprovei.

*

A MÁSCARA E O POEMA

O esplêndido palácio de papel das peregrinações infantis.

Ao pôr do sol colocaram a trapezista em uma jaula, a levaram a um templo em ruínas e a deixaram ali sozinha.

*

LAMENTOS

I

A linguagem silenciosa engendra fogo. O silêncio se propaga, o silêncio é fogo.

Era preciso dizer sobre a água ou simplesmente a nomear de modo a atrair a palavra água para que apague as chamas do silêncio.

Porque não cantou, sua sombra canta. Onde uma vez seus olhos encantaram minha infância, o silêncio ao vermelho roda como um sol.

No coração da palavra o alcançaram; e eu não posso narrar o espaço ausente e azul criado por seus olhos.

II

Com uma esponja úmida de chuva cinzenta apagaram o ramo de lilases desenhado em seu cérebro.

O signo do seu ser é a enlutada escritura das mensagens que se envia. Ela se prova em sua nova linguagem e indaga o peso do morto na balança de seu coração.

III

E o signo do seu ser cria o coração da noite.

Aprisionada: um dia se esquecerão das culpas, se aparentarão os vivos e os mortos.

Aprisionada: não soube prever que seu final seria a gruta para onde iam os malvados nos contos infantis.

Aprisionada: deixa que se cante como se possa e queira. Até que na merecida noite se depure a brusca famigerada. Em excesso de sofrimento excesso de noite e de silêncio.

IV

As metáforas de asfixia se despojam do sudário, o poema. O terror é nomeado com o modelo à frente, para não se equivocar.

V

E eu sozinha com minhas vozes, e você, tanto está do outro lado que te confundo comigo.

*

A PLENA PERDA

Os sortilégios emanam do novo centro de um poema a ninguém dirigido. Falo com a voz que está atrás da voz e emito os mágicos sons da benzedeira. Um olhar azul aureolava meu poema. Vida, minha vida, o que você fez da minha vida?

*

IV

OS POSSUÍDOS ENTRE LILASES

I

— Abriu-se a flor da distância. Quero que olhe pela janela e me diga o que vê, gestos inconclusos, objetos ilusórios, formas fracassadas... Como se tivesse se preparado desde a infância, se aproxima da janela.

— Um café cheio de cadeiras vazias, iluminado até a exasperação, o céu como de uma matéria deteriorada, gotas de água em uma janela, passa alguém que nunca vi, que não verei jamais.

— O que fiz do dom de olhar?

— Uma lâmpada demasiado intensa, uma porta aberta, alguém fuma na sombra, o tronco e a folhagem de uma árvore, um cão se arrasta, um casal de namorados passeia devagar sob a chuva, um jornal numa vala, uma criança assoviando...

— Prossegui.

— (*Em tom vingativo*). Uma equilibrista anã joga no ombro uma bolsa de ossos e avança pelo arame com os olhos fechados.

— Não!

— Está nua mas leva sombrinha, tem pelos por todas partes e é de cor cinza o que com seus cabelos vermelhos parece a chaminé do cenário teatral de um teatro para loucos. Um gnomo desdentado a persegue mascando as lantejoulas...

— Basta, por favor.

— (*Em tom fatigado*). Uma mulher grita, um menino chora. Silhuetas espiam de suas tocas. Passou um transeunte. Uma porta se fechou.

II

Se visse um cachorro morto morreria de orfandade pensando nas carícias que recebeu. Os cães são como a morte: querem ossos. Os cães comem ossos. Enquanto a morte, sem dúvida se entretém talhando-os em forma de lapiseiras, colherinhas, de cortapapéis, de garfos, de cinzeiros. Sim, a morte talha ossos porquanto o silêncio é de ouro e a palavra de prata. Sim, o mal da vida é que não é o cremos, mas tampouco o contrário.

Restos. Para nós restam os ossos dos animais e dos homens. Onde uma vez um rapaz e uma moça faziam amor, há cinzas e manchas de sangue e pedacinhos de unha e pelos pubianos e uma vela curvada que usaram com fins obscuros e manchas de esperma sobre o lodo e cabeças de galo e uma casa em ruínas desenhada na areia e pedaços de papéis perfumados que foram cartas de amor e a bola de cristal quebrada de uma vidente e lilases murchas e cabeças cortadas sobre almofadas como almas impotentes entre asfódelos e tábuas rachadas e sapatos velhos e vestido na lama e gatos doentes e olhos incrustados em uma mão que desliza até o silêncio e mãos com anéis e espuma negra que salpica um espelho que nada reflete e menina que dormindo asfixia a sua pombinha preferida e pepitas de ouro negro ressonantes como ciganos de luto tocando seus violinos à beira do mar Morto e um coração que pulsa para enganar e uma rosa que se abre para trair e um menino chorando frente a um corvo que grasna, e a inspiradora se mascara para executar uma melodia que ninguém entende sob uma chuva que acalma meu mal. Ninguém nos ouve, por isso rogamos, mas olha! O cigano mais jovem está decapitando com seus olhos de serrote a menina da pombinha.

III

Vozes, rumores, sombras, cantos de afogados: não sei se são signos ou uma tortura. Alguém demora no jardim ao longo do tempo. E as criaturas do outono abandonadas ao silêncio.

Eu estava predestinada a nomear as coisas com nomes essenciais. Eu já não existo e sei disso; o que não sei é o que vive em meu lugar. Perco a razão se falo, perco os anos se calo. Um vento violento arrasou com tudo. E não foi capaz de falar por todos aqueles que esqueceram o canto.

IV

Alguma vez, talvez, encontraremos refúgio na realidade verdadeira. Entretanto, posso dizer até que ponto sou contra?

Te falo da solidão mortal. Há cólera no destino porque se aproxima, entre as areias e as pedras, o lobo cinzento. E então? Porque romperá todas as portas, porque lançará fora os mortos para que devorem os vivos, para que só hajam mortos e os vivos desapareçam. Não tenha medo do lobo cinzento. Eu o nomeei para comprovar que existe e porque há uma voluptuosidade inadjetivável no feito de comprovar.

As palavras podiam ter me salvado, mas estou demasiado viva. Não, não quero cantar morte. Minha morte... o lobo cinzento... a matadora que vem da lonjura... Não há uma alma viva nesta cidade? Porque vocês estão mortos. E o que espera pode se converter em esperança se estão mortos? E quando virá o que esperamos? Quando deixaremos de fugir? Quando acontecerá tudo isto? Quando? Onde? Como? Quanto? Por quê? Para quem?

*

5.10 Poemas não coligidos em livros (1956-1960⁷⁵)

o silêncio é luz
o canto sábio da desventura
emana tempo primitivo
buscava a pedra não o plano

⁷⁵ (N.E.) Nesta seção se inclui o conteúdo de uma carpeta cm 41 folhas de poemas datilografados e corrigidos a mão por AP que cabe situar aproximadamente entre os anos indicados. As datas 1956-58 figuram somente encabeçando a parte intitulada “Aproximações”. Como em todos os casos, se seguem as correções da autora, mas não se incluem aqueles textos que, por sua quantidade de correções, não se considerou oportuno apresentar neste volume.

um hino inocente não as maldições
o conhecimento de meus nomes
para esquecê-los e me esquecer
mas o que não busquei é o exílio
nem tampouco me disse mentiras
não adorei o sol
mas não esperei esta luz negra
à lâmina do meio-dia

*

Com os dedos rodando premeditadamente
Como dedos de morto tangendo a única corda de uma harpa
Como asas pesadas quando sonho que durmo com os olhos abertos
Como o som que se ensombrece em meu olhar
Como a escuridão desunida em toda noite de minha vida
Como os cães de minha sombra

*

guardiã insone
treme sobre a página branca
joga sal nos olhos do assassino
e é um mundo branco e sem você

*

NOTURNO DE CHOPIN POR UM PIANISTA DE QUATRO ANOS

Sua música me leva
a um penhasco com um pássaro
que brinca ao se ouvir cantar.
Sua música me alumbra na chuva
por onde vamos eu e uma gaiola vazia.

*

SEM TERRA COMUM

Algum dia saberá porque fala menos do que diz. Algum dia conhecerá que o que já havia dito disse. Só você pode falar do falar porque é teu emblema, teu flagelo.

Ainda agora, também agora, sílabas hostis desenham em teu corpo. Mas você sabe que um dia se libertarão, reventarão, e nunca dirá as palavras de todos, aquelas que não aceitam te servir porque não te servem.

*

LAMENTO

a imagem do amor
 abisma condições ímpias
 não chorará pela eternidade
 mas por uma criança que chora
 entre negras rochas
 o coro de afogados
 tempestuosa certeza de melancolia
 eu apenas olho como se afunda este barco
 eu apenas olho nosso rei invariável
 nosso ardoroso imutável
 uma criança para de respirar
 um barco se afunda
 eu olho o céu
 eu escuto o silêncio calado

*

cuidado com as palavras

(disse)

têm lâmina
te cortarão a garganta
cuidado
te enfiarão no cárcere
cuidado
não desperte as palavras
deite-se nas areias negras
e que o mar te enterre
e que os corvos se suicidem em teus olhos fechados
se cuida
não tente aos anjos das vogais
não atraia frases
poemas
versos
não tem nada que dizer
nada que defender
sonha sonha que não está aqui
que já se foi
que tudo terminou
*
os olhos falam o exato
olho que se abrem
lançam o excesso
olhos
não palavras
olhos
não promessas
trabalho com meus olhos
em construir
em reparar

em reconstruir
algo parecido com um olhar humano
com um poema de homem
com um poema longe do bosque
*

APROXIMAÇÕES

Buenos Aires 1956-1958

abraçando tua sobra num sonho
meus ossos se arqueavam como flores

*

as arestas de silêncio das coisas
o calado que recorre à presença das coisas

*

estes olhos
só se abrem
para apreciar a ausência

*

quem me perdeu
no silêncio fantasma das palavras

*

passos na névoa

do jardim de lilases
o coração regressa
à sua luz negra

*

queria viver sempre
como algo esquecido na mão de um morto

*

Por que escrevo?
Por que soluço na madrugada
Por que de repente este sabor a canto de cisne
Esta espuma verde acumulada na garganta

Meu coração é absurdo como uma máscara na chuva
O espanto de assemelha ao mar
Meu corpo é uma invasão de tambores no silêncio da noite

Por que estas noites como um oásis para bruxas?
Por que esta conjuração de ausências
Este sequestro da filha do vento

Me cerca na noite uma fraternidade exterminadora
te chamo e não vem
Te amo e não vem

Por que veio como o relâmpago
e me deixou sozinha na destruição?

Se escutasse meu rumor a cela minúscula
povoada de agonizantes
meu suspiro de asfixiada

Se de repente me visse na margem do despertar,
cantora emudecida no topo de seu assombro
Se me visse atada ao teu rosto

*

Canções ambíguas
de algum país arrasado pelas chuvas
Canções de campaneiros
memórias da noite que algum homem amou

*

um povo da luz arderá na sombra

*

Se um ar por uma lira
Anjos furiosos sufocou no vento

*

noite amada nunca como agora
em que a perco
no incerto do dia
que rompe o que me une a minha vida

*

todos compreendem o que ninguém
ninguém compreende o que todos

*

não longe da alvorada nasce o dia
visão das últimas flores
a luz gira em meu rosto que esperava
as núpcias dos quatro elementos

*

sempre haverá o medo de outras vozes
o medo de outras vozes

*

é tarde para reconhecer o sol
o sol está e meus olhos cantam
o sol está sua primavera é negra
o sol está e é tarde

*

este é meu inverno escolhido
este é meu dever junto a névoa e o confuso

*

querer ficar querendo ir

*

O amor desenha nos meus olhos o corpo almejado
como um lançador de facas
tatuando na parede com temor e destreza
a nudez imóvel da que ama.

Assim, na escuridão, fragmentos dos que amei,
lúbricos rostos adolescentes,
entre eles sou outro fantasma.

Às vezes, na noite,
me disseram que meu coração não existe.
mas escuto canções ambíguas
de um país arrasado por chuvas.

*

O que não te disseram.
O que não te dão.
Noviciado atroz.

*

assim ia eu devorando trevas
uma flor em minha mão de sonâmbula
um sorriso alheio pregado em meus lábios
meu corpo nu como uma palavra
meus desejos abraçados a sua imagem

*

se apenas fizessem uma fogueira nos meus lábios
para queimar as sílabas que não se unem

*

o grande pássaro do corpo de palha tecla ita o invisível piano do vento

*

A luz se amontoando imprestável às costas do sol. Névoa no poço. Fazer desenhos
num velho muro rosado.

*

pássaros empoeirados
com sangue velho nas asas
flores de metal esquecidas
teias de aranha apaixonadas pelo espaço
onde vive o tempo que passa

*

se ocultaram
entre os sons da noite

*

O jardim triangular

que aperto em minha mão
que jorra flores d'água
Abelhas de perfume azul
Fosforescem como olhos inimigos
incrustados em meus ossos

*

solidão fechada e abençoada
promessas subitamente cumpridas
como campanas num amanhecer gelado

*

detrás das formas sem consolo
o dia se abre como um canto doloroso
um alarido mágico formulador no vento

*

Apenas enviada do céu e fechada
onde eu era sem cor e sem forma
só uma contemplada.
Apenas de volta de crepúsculos
de praia sozinha, de coração silenciosa.

*

Eu creio nos espelhos

*

A noite canta amordaçada
Corações incendiados
na memória da minha boca
me penetram copos vazios

*

Na cavidade iluminada
que neste instante é pérola pródiga
escuto o ronco se abrir da minha memória
como uma porta ao vento.

*

Sim morrer é memória fechada.

*

Eu trabalho o silêncio
o faço chama

*

I

Eu não canto, não celebro,
não danço nua e ébria
sobre meu caixão.
Mas eu te rogo ao poema,
Eu te peço a lua ao poema.

II

Desatei o coração da chuva
Antigas baladas
alimentaram meu silêncio.

III

O amor é esta viagem inútil, mas muito suave,
ao outro lado do espelho.

Tantas criaturas na minha sede e no meu copo vazio.

IV

A menina que fui
agora em minha memória
entre meus mortos.

De lágrimas se nutrirá mil anos.
De desterro o som de sua voz

*

eu vi esse rosto partir a manhã
em duas noites iguais.
Meu corpo se povoou de mortos
e minha língua de palavras crispadas,
ruínas de um canto esquecido.

*

COMO EU A QUERIA

Morrer como morre um animal pequeno
nos contos infantis.

Esse tão terrível.
Cheio de formosura.

*

As coisas amarelavam frente aos meus olhos
recém-vindos de um sonho de outono.

*

Se a noite não é azul,
Se o verão é uma lenta praga.

*

fala ao grande espaço vazio
onde corre uma menina
que já não reconhece

apenas desejo não ter com nada

*

Disse tantas palavras
que já não se atreve a te ouvir chamar.

*

Em meus ossos a noite tatuada.

A noite e o nada.

*

Escreve poemas

porque precisa

de um lugar

onde seja o que não é

*

O ar se eternizava

nas caras prateadas ou coléricas

É possível morrer de presenças

*

Há um rosto selvagemmente debruçado ao dia

que se abre em duas noites iguais.

Quem cantará ao amor?

Não eu.

Eu amo.

*

e finalmente

um hino sem desventura

um sonho como uma estrela

*

ébria do silêncio
dos silêncios abandonados
minha memória se abre e se fecha
como uma porta ao vento

*

Perdida no silêncio
das palavras fantasmas.
Se viver é memória fechada
quem me perde
no silêncio fantasma
das palavras?

*

Zona da visão perpétua.
Eu a atravessei num misterioso gemido.

*

Eu dei o reino de minha idade à noite dos corpos
para saber se há uma luz atrás da porta fechada.

*

Num lugar de tremores
mãos oscilam apaixonadas
na doçura do meu rosto
sobre tua escuridão ardente.

*

Como uma idiota cruzando a rua
tenho medo, rio, me cumprimento no espelho
com um lençol fedorento,
me corto pela raiz,
me cuspo, me execro.
Como uma santa assediada
por vozes angelicais
me enfio na canção de pragas
e me venho, me renuncio,
me silencio, me recordo.

*

Submissa a menina muda
que fala em meu nome,
me fecho, me defendo,
quando as coisas,
como hordas de ocos,
vindo ao meu terror.

*

Onde deixar meus olhos,
quando os pressagiar uma estação amável.
Quero dizer:
o que morro cada noite,

meus ossos torcidos por abraçar uma sombra.

*

é verdade que no escuro
há esta confusão de olhos e folhas
campanas adormecidas e fogos medrosos

*

boca enlutada
enumerando minhas mortes

boca sem língua
preces a ninguém

se sucedem em minha pessoa
gerações
de passageiras sem destino
oscilam estranhas

chora por mim por estar aqui
chora por mim e me ata às rosas
ao manancial que cessou
me pressagie luzes assustadas

conversa dos exterminadores
que vêm ao meu rosto
preparado para viver

*

Zona de tensão perpétua.
Eu a atravessei com minha voz.

A atravessei em um misterioso gemido
para só chegar à uma tensão perpétua
desconhedora do sol e seus milagres.

*

Uma luz, uma lâmpada
a lonjura da noite.
A lonjura da lonjura
nasce de mim, nasce com música.

Viver livre.

Nos confins
as areias,
a solidão,
a divina quietude do sexo.

Liberdade de ser só cinza.

Morro na música dos sexos.

*

longe do nascido
do que vibra com sóis
e leva espanto em seu ritmo

*

o amanhecer vindo de meus olhos
pássaros parados no ar são para os meus olhos
o mesmo que as flores na mão de um morto
voz dourada no ar

caída de uma árvore aberta
e não é verdade que pedirei socorro

*

Que afastem a água e o vinho
que minha chegada seja o sinal exato
de seu afastamento
que minha boca sedenta
seja a bandeira, o signo,
o ramo venenoso,
a ordem ardente,
a hora, enfim,
de parar o dilúvio,
de esconder as fontes,
de fazer carvão da água,
cinzas do vinho.

Que afastem os frutos mágicos
que os lábios ébrios
encontrem apenas o escaldante,
que seja de enxofre,
e teu corpo seja de chamas
sobre um corpo d'água.

*

como a bela no bosque desperta
para sempre sem príncipe que esperar
e o sorriso mudo se apagou faz tempo

aonde vai sob o céu cinzento oculto
por pequenas janelas com olhos sujos

onde não há nada atrás
não há ninguém atrás e estão todos mortos

a voz dizia sobre o despertar
e sobre a morte
e a voz dizia e os olhos diziam
e tudo estava condenado
mas a voz não se cansava

cidade de nada em ninguém
o corpo se faz
a voz se refaz
*

Perdida no silêncio
das pedras fantasmas.
Quem é o herdeiro do vento,
que me enche a boca de dias,
que faz que eu viva?

Quem prova uma verdade
em minha dor sem fundo?

Quem me exilou com os que cantam?
Quem me perdeu no silêncio
das palavras fantasmas?
*

de súbito
não nasci
não morri

o centro da sombra
é a sombra em minha espera⁷⁶

*

temo deixar de ser
a que nunca fui

beber no silêncio
dentro do silêncio

*

cultivo o jardim do furor

minha encarnada sede fumegante assinala o dia

*

no pequeno frenesi de toda vela de ignição
ancorada em teus olhos
que o vento que o mar que a noite

*

e sem ira
e sem hora
sem agora
sem orar
sem arar a memória
sem errar na passagem da noite ao amor
e do amor a sua espera

⁷⁶ (N.E.) Leva uma nota de AP escrita a mão: “vu ele 19 août 1967”

e iremos num coração abandonado
e iremos no espaço aberto de teu olhar

e iremos num coração que espera
amarrado à beira de um precipício
não desenhar o itinerário
não usar a caneta
a não ser quando falem de pássaros
nada prever
para que nada não venha
e iremos como se vai a escuridão
na madrugada das preces infantis

felicidade de nossos olhos
ávidos de perigos naturais
será como quem assovia junto a um lago
assovia o ato de assoviar
ou canta o ato de cantar
(uma embarcação de papel atravessa minha garganta
dentro navegam duas crianças mendigas
farrapos destemidos para despistar ao vento
à bússola ao desígnio da noite)

*

CAPÍTULOS PRINCIPAIS

Chega a morte com seu monte de ossos
sorrio submissa à uma menina idiota
que implora em meu nome
juntas (a morte, a menina e eu)
não encontramos outro ofício que execrar

Ao final todos se casam:

o mar e as ondas,

o copo e o vinho,

o anel e o dedo,

a morte e o cadáver.

*

5.11 Poemas não coligidos em livros (1962-1972)

PROIBIDO OLHAR A GRAMA⁷⁷

Manequim nua entre escombros. Incendiaram a vitrine, te abandonaram na posição de anjo petrificado. Não invento: isto que digo é uma imitação da natureza, uma natureza morta. Falo de mim, naturalmente.

⁷⁷ (N.E.) Publicado na revista *Sur*, Buenos Aires, nº 284, 1963, e em *El deseo de la palabra*, Ocnos, Barcelona, 1973.

*

BUSCAR⁷⁸

Não é um verbo mas uma vertigem. Não indica ação. Não quer dizer *ir ao encontro de alguém* mas *jazer porque alguém não vem*.

*

EM UMA HONRA DE UMA PERDIDA⁷⁹

Para sempre a segurança de estar demais no lugar onde os outros respiram. De mim devo dizer que estou impaciente porque me dei um desenlace menos trágico que o silêncio. Feroz alegria quando encontro uma imagem que me indica. Desde minha respiração desoladora eu digo: que haja linguagem onde tem que haver silêncio.

Alguém não se enuncia. Alguém não pode se assistir. E você não quis me reconhecer quando te disse que o que havia em mim era você. Retornou o velho terror: ter falado nada com ninguém.

O dourado dia não é para mim. Penumbra do corpo fascinado por seu desejo de morrer. Se me ama eu saberei mesmo morta. E eu me digo: vende tua luz estranha, teu cerco inverossímil.

Um fogo no país ano visto. Imagens de candura próxima. Vende tua luz, o heroísmo dos teus dias futuros. A luz é um excedente de demasiadas coisas demasiado remotas.

Em estranhas coisas moro.

*

⁷⁸ (N.E.) Publicado na revista *Sur*, Buenos Aires, nº 284, 1963, e em *El deseo de la palabra*, Ocnos, Barcelona, 1973.

⁷⁹ (N.E.) Publicado na revista *Sur*, Buenos Aires, nº 284, 1963, e em *El deseo de la palabra*, Ocnos, Barcelona, 1973.

PEQUENOS POEMAS EM PROSA⁸⁰

O sol se fechou, se fechou o sentido do sol, se iluminou o sentido de se fechar.

*

Chega um dia em que a poesia se faz sem linguagem, o dia em que se convocam os grandes e pequenos desejos disseminados nos versos, reunidos de súbito em dois olhos, os mesmos que tanto venerava na frenética ausência da página em branco.

*

Enamorada das palavras que criam noites pequenas no incriado do dia e seu vazio feroz...

*

A CELESTE SILENCIOSA À BEIRA DO PÂNTANO⁸¹

Para Enrique Pichón Rivière

Fecharam o rosto que era idêntico ao mais alto sonho da augusta infância e pássaros temerosos em destacamento rapidíssimo de penas negras fizeram a paisagem do perfeito terror. Sou teu silêncio, tua tragédia, tua veladora. Uma vez que sou noite, uma vez que toda noite de minha vida é tua.

*

NAUFRÁGIO INCONCLUSO⁸²

⁸⁰ (N.E.) *La Nación*, Buenos Aires, 21/03/1965.

⁸¹ (N.E.) *La Estafeta literária*, Madrid, nº 379-80, 1967, e a folha da *Editorial Esezeta*, Buenos Aires, 1972.

⁸² (N.E.) *Papeles de Son Armadans*, Palma de Mallorca, ano 14, nº 145, abril de 1968.

Este temporal fora do tempo, estas grades nas meninas dos meus olhos, esta pequena história de amor que se fecha como um leque que aberto mostrava a bela alucinada: a mais nua do bosque no silêncio musical dos abraços.

*

DENSIDADE

Eu era a fonte da discordância, a dona da dissonância, a menina do áspero contraponto. Eu me abria e me fechava no ritmo animal mais puro.

*

NA ESCURIDÃO ABERTA

Se a mais pequena morte exige uma a canção devo cantar as foram lilás que por me acompanhar em minha luz negra silenciaram seus fogos quando uma sombra configurada por meu lamento se refugiou entre suas sombras.

*

A ESCURA

E por quê falava como se o silêncio fosse um muro e as palavras cores destinadas a cobri-lo? E quem disse que se alimenta de música e não pode chorar?⁸³

*

MEMORIAL FANTASMA

Noite cegamente minha. sonho do corpo transparente como uma árvore de vidro.

Horror de buscar teus olhos no espaço cheio de gritos do poema.⁸⁴

⁸³ (N.E.) “Densidade”, “Na escuridão aberta” e “A escura”, foram publicados em 1969 como parte de “Nomes e figuras (aproximações)”, na coleção dirigida por Antonio Beneyto, La Esquina, Barcelona, 1969, cujo conteúdo, exceto estes três poemas, depois formou parte de *El Infierno Musical*, Siglo XXI, Buenos Aires, 1971.

⁸⁴ (N.E.) *Papeles de Son Armadans*, nº CLXX, Madrid, maio de 1970.

*

QUADRO

Ruídos de alguém subindo uma escada. A dos tormentos, a que regressa da natureza, sobe uma escada de onde desce um rastro de sangue. negros pássaros queimam a flor da distância nos cabelos da solitária. É preciso salvar, não a flor, mas as palavras.

*

NA NOITE⁸⁵

Cai a noite, e as bonecas projetam maravilhosas imagens em cores. Cada imagem está unida à outra imagem por uma pequena corda. Escuto, um a um, e muito distintamente, ruídos, sons.

*

“CASA DA MENTE”⁸⁶*PARA A.G.*

a casa mental
reconstruída letra por letra
palavra por palavra
em minha dupla figura de papel

atravessa o mar de tinta
para dar uma nova forma
a um novo sentimento

⁸⁵ (N.E.) Este poema, como o anterior, procede de um caderno, que cabe datar entre 1969 e 1970. Uma alusão na última folha do caderno indicaria que estavam terminados para sua autora.

⁸⁶ Folha solta de caderno escrita a lápis.

abre a boca
 verde de sem raízes
 a palavra sem seu corpo

uma nova ordem musical
 de cores de corpos de excedentes
 de formas pequenas
 que se movem gritam dizem nunca
 a noite diz nunca
 a noite me pronuncia
 num poema

14/IV/1970

*

PARA UM POEMA SOBRE A ÁGUA, DE SILVINA OCAMPO⁸⁷

*Para Silvina e a condessa de Trípoli
 que emana toda a noite profecias*

O.PAZ

Teu jeito de te silenciar no poema.
 Me abre como a uma flor
 (sem dúvida uma flor pobre, lamentável)
 que já não esperava a terrível delicadeza
 da primavera. Me abre, me abro,
 me volto da água em teu poema de água
 que *emana toda a noite profecias*.

*

... está tudo em algum idioma que não conheço...

⁸⁷ (N.E.) Folhinha datilografada e corrigida por AP, sem data.

L.C (*Alice através do espelho*)

Sinto o mundo chorar como língua estrangeira. Cecília Meireles

Ils jouent la pièce en étranger. Michaux

... alguém matou algo. L. Carroll (Alice através do espelho)

[...] DO SILÊNCIO⁸⁸

I

Esta boneca vestida de azul é minha emissária no mundo.
Seus olhos são de órfã quando chove em um jardim onde um pássaro lilás devora
lilases e um pássaro rosa devora rosas.

Tenho medo do lobo cinzento que se dissimula na chuva.

O que se vê, o que se vai, é indizível.
As palavras fecham todas as portas.

Lembro o tempo sobre os álamos queridos.
O arcaísmo do meu drama determino, em minha criatura partilhada, uma câmara letal.
Eu era o impossível e também o dilaceramento pelo impossível.

Oh a cor infernal das minhas paixões.
No entanto, fiquei cativa da antiga ternura.

II

⁸⁸ (N.E.) Este conjunto de oito poemas (“Do silêncio a “Apenas Sinal), e as datas que o precedem, são de 17 folhas datilografadas e manuscritas que Alejandra Pizarnik levou em 1971 a poeta Perla Rotzait em sua casa, em “uma pastinha marrom com seus poemas prolixamente enganchados.

Não há quem pinte com cores verdes.

Tudo é alaranjado.

Se sou algo sou violência.

As cores beiram o silêncio e criam animais deteriorados. Depois alguém vai tentar escrever um poema. E será mediante as formas, as cores, o desamor, a lucidez (não continuo porque não quero assustar as crianças).

III

O poema é espaço e fere.

Não sou como minha boneca, que só se nutre de leite de pássaro.

*

Memória da sua voz na funesta manhã velada por um sol que reverbera nos olhos das tartarugas.

É da sua voz é uma recordação que me faz perder o conhecimento frente à esta conjuração celeste e verde de mar e céu.

Eu preparo minha morte.

*

Quero dizer, mas sinto o que ela é. Acha que é morte amor ainda que tudo, sem amor, lhe é ofensa. Não sabe por que não cala já que seu amor a torna inocente. Dona do crepúsculo, tange os espelhos dos pronomes.

Cada palavra que escrevo me restitui à ausência pela que escrevo o que não escreveria se te deixasse vir aqui.

Me atenho ao poema. O poema me leva aos confins, longe das casas dos vivos. E por onde andarei quando eu partir e não voltar?

E ninguém me compreende. Toda a minha vida te espera. E no entanto busco a noite do poema. apenas penso em teu corpo mas refaço o corpo de meu poema como quem trata de curar uma ferida.

E ninguém me compreende. Eu sei que a vida, o amor, precisam mudar. É o que diz minha máscara sobre o animal que sou, alude penosamente a uma aliança entre as palavras e as sombras. De onde se deriva um estado de terror que nega a ordem dos humanos.

26/XI/60

*

A NOITE, O POEMA

Alguém encontrou sua verdadeira voz e a prova na melodia dos mortos. Amigo da cor das cinzas. Nada mais intenso que o terror de perder a identidade. Este recinto repleto dos meus poemas testemunha que a menina abandonada numa casa em ruínas sou eu.

Escrevo com a cegueira desalmada com que as crianças jogam pedras em uma louca como se fosse um melro. Na realidade não escrevo: abro brecha para que até mim chegue, ao crepúsculo, a mensagem de um morto.

E este ofício de escrever. Vejo pelo espelho, na escuridão. Pressinto um lugar que ninguém além de mim conhece. Canto das distâncias, escuto vozes de pássaros pintados sobre árvores ornamentadas como igrejas.

Minha nudez te dava luz como lâmpada. Pulsava meu corpo para que não fizesse o grande frio da noite, o negro.

Minhas palavras exigem silêncio e espaços abandonados.

Há palavras com mãos; apenas escritas, me buscam o coração. há palavras condenadas como lilás na tormenta. Há palavras parecidas com certos mortos, se bem que prefiro, entre todas, aquelas que evocam a boneca de uma menina desventurada.

23/XI/69⁸⁹

*

Supondo que me visse chorar e me apertasse contra seu peito, minha pessoa ficaria extinta. É verdade que então poderia ver seus olhos assim como Van Gogh olhou o sol e depois o separou em pequenos sóis giratórios: “*Ser*” se escreve com dois “*ee*”?

As bonecas são terríveis. E por que não? Se são os animais, a pedra, o homem; no poema se descamulam as bonecas e outras coisas que são noite. O poema, a noite. Você conhece a noite?

Rosas são as rosas que estão na mão da insaciável, a de cor infernal.

À noite, penso o silêncio. A noite emerge da morte. A noite emerge da vida. Na noite vivem os carentes de tudo.

Então de manhã gritei)

Noite minha, pequena, povoada de viventes.

Oh meu amor, me chame com um nome unido a uma muito antiga e esquecida ternura.

Vou reconstruir a trama de uma tragédia somente interior. *Tudo é um interior.*

feb. 1970

⁸⁹(N.E.) Debaixo da data, a mão: “ver poema 12/3/70”

*

TÁBUA RASA

cisternas na memória
 rios na memória
 charcos na memória
 sempre água na memória
 vento na memória
 sopram na memória

*

AFFICHE

me esforcei tanto
 para aprender a ler
 em meu pranto

*

CONTEMPLAÇÃO⁹⁰

Com medo antigo se lamentam ou choram as vozes. Formas fugitivas vindas para a cerimônia que em que te arrancarão o coração de tua longínqua figura. A noite relampeja dentro da tua máscara. Te furam com granidos, te martelam com pássaros negros. Cores inimigas se unem na tragédia.

Quando chegamos ao centro da escuridão o bosque se abriu. Morreram as formas apavoradas da noite e não houve mais um fora nem um dentro. Te precipitaram, desapareceu com a máscara na mão. E mais nada se pareceu com um coração.

*

⁹⁰ (N.E.) *Poesía Argentina de Hoy*, Editorial Aguilar, 1971, álbum y disco.

UMA PALAVRA

Para Juan Battle Planas

Originada pelo criador de vertigens,
 inscrita nos muros da casa negra,
 uma palavra imola
 a de olhos ferozes.
 No amoroso silêncio ela entoa
 a canção para o jacente.

*

A CANÇÃO PARA O JACENTE⁹¹

Todo o dia chora por mim o invisível de sete rostos.
 O inocente no seu espaço de suplícios.
 O nascido de seu ir.
 Toda a noite sonha em mim o jacente.
 Violentemente imóvel sorri o bem-amado.
 Escolhia para meu mal seus fúnebres sonhos.

*

Uma textura de luz na qual a mão se fundiria
 como na branda terra que te cobre, meu pai
 de olhos azuis recém-chegado a teu novo lugar calado.

*

POEMA PARA O PAI⁹²

⁹¹ (N.E.) *Encuentros*, Buenos Aires, sem data.

⁹² 9N.E.) *Árbol de fuego*, ano 5, nº 46, janeiro de 1972.

E foi então
 que com a língua morta e fria na boca
 cantou a canção que não o deixaram cantar
 neste mundo de jardins obscenos e de sombras
 que vinham na pior hora lembrá-lo
 cantos de seu tempo de menino
 em que não podia cantar a canção que queria cantar
 a canção que não o deixaram cantar
 a não ser através de seus olhos azuis ausentes
 de sua boca ausente
 de sua voz ausente.
 Então, desde a torre mais alta da ausência
 seu canto ressoou na opacidade do ocultado
 na extensão silenciosa
 cheia de vazios movediços como as palavras que escrevo.

23 de novembro de 1971

*

NESTA NOITE NESTE MUNDO⁹³

SOBRE UM POEMA DE RUBÉN DARÍO⁹⁴

In memoriam L.C.

*Para Marguerite Duras e
 Francesco Tentori Montalto*

⁹³ (N.E.) Este título inicia uma pasta com seis poemas que se reproduzem, seguindo a ordem da pasta. “Sobre um poema de Rubén Darío e “Alguém cai em sua primeira queda” se incluíram, sem variações, na edição de Ed. Sudamericana, Buenos Aires, 1982.

⁹⁴ (N.E.) Publicado em *La Nación*, Buenos Aires, 10/09/1972 e em *Diálogos*, México, julho-agosto, 1972.

Sentada no fundo de um lago.
 Perdi a sombra,
 não os desejos de ser, perder.
 Está sozinha com suas imagens.
 Vestida de encarnado, não olha.

Quem chegou neste lugar
 em que sempre ninguém chega?
 O senhor das mortes de encarnado.
 O mascarado por sua cara sem rosto.
 O que chegou em sua busca a leva sem ele.

Vestida de negro, ela olha.
 Àquela que não soube morrer de amor e por isso nada aprendeu
 Ela está triste porque não está.

*

EM OUTRA NOITE, EM OUTRO MUNDO

oh por favor
 a meia-noite é vinda
 e é o frio
 a noite
 o que eu espero não vem

*

ALGUÉM CAI EM SUA PRIMEIRA QUEDA⁹⁵

Para Ramón Xirau

⁹⁵ (N.E.) Publicado em *Diálogos*, México, julho-agosto, 1972.

Palavra por palavra
tive que aprender
as imagens
do último outro lado

*

esta noite eu vi
porém não.

ninguém é da cor
do desejo mais profundo.

*

me apavorei, me acinzentei,
me entardecí,
minha língua não sabe.

*

choro, olho o mar e choro.
canto algo, muito pouco.

há um mar, há a luz.
há sombras, há um rosto.

um rosto com rastros de paraíso perdido.

eu busquei.

a não ser que busquei,
a não ser que agonizo.

*

OS PEQUENOS CANTOS⁹⁶*Para Pablo Azcona e Víctor Richini*

I

ninguém me conhece eu falo a noite
 ninguém me conhece eu falo meu corpo
 ninguém me conhece eu falo a chuva
 ninguém me conhece eu falo os mortos

II

apenas as palavras
 as da infância
 as da morte
 as da noite dos corpos

III

o centro
 de um poema
 é outro poema
 o centro de um poema
 é a ausência

no centro da ausência
 minha sombra é o centro
 do centro do poema

⁹⁶ Publicado na revista *Árbol de Fuego*, nº 45, Caracas, 1971.

IV

uma boneca de ossos de pássaros
conduz os cães perfumados
de minhas próprias palavras que me voltam

V

Para Jean

a agonia
das visionárias
do outono

VI

rachaduras nos muros
negros sortilégios
frases esfoladas
poemas aziagos

VII

Cobre com um canto a rachadura.
Cresce na escuridão como uma afogada.
Oh cobre com mais cantos a fissura, a
rachadura, o dilaceramento.

VIII

no meio-dia dos mortos
princesa-paisagem-sem-sol
come cardo
come abrolho

IX

meu canto de adormecida na alvorada
era isto, então?

X

o que me ama afasta meus duplos,
abre
a noite, meu corpo,
ver teus sonhos,
meu sol o amor

XI

oh os teus olhos
fulgurantes olhos

XII

corvos na minha mente
sobre seu querido corpo

é o grande frio da noite

Para Alain de Vermont

o negro

paixão de nossos senhores

os desejos

XIII

uma ideia fixa

uma lenda infantil

um dilaceramento

o sol

como um grande animal escuro

não há mais que que eu

não há o que dizer

XIV

que é este espaço que somos

uma ideia fixa

uma lenda infantil

até nova ordem

não cantaremos o amor

até novo ordem

XV

menina que em cinzentos ventos

verdes ventos esperou

XVI

falará por espelhos
falará por escuridão
por sombras
por ninguém

XVII

Para Diana

nos ensine sobre a vida
suavemente
imploravam os pequenos seres
e estendiam seus braços
pelo amor da outra margem

XVIII

palavras refletem que sozinhas se dizem
em poemas que não fluem eu naufrago
tudo em mim se diz com sua sombra
e cada sombra com seu duplo

XIX

triste músico
entoa um ar novo
para fazer algo novo
para ver algo novo

*

NESTE NOITE, NESTE MUNDO⁹⁷*Para Martha Isabel Moia*

nesta noite neste mundo
as palavras do sonho da infância da morte
nunca é isso o que alguém quer dizer
a língua natal castra
a língua é um órgão de conhecimento
do fracasso de todo poema
castrado por sua própria língua
que é o órgão da re-criação
do re-conhecimento
mas não o da res-surreição
de algum modo de negação
do meu horizonte de maldoror com seu cão
e nada é promessa
entre o dizível
que equivale a mentir
(tudo o que se pode dizer é mentira)
o resto é silêncio
só que o silêncio não existe

não
as palavras
não fazem o amor
fazem a ausência
se digo água beberei?

⁹⁷ (N.E.) *Árbol De Fuego*, Caracas, dezembro de 1971, e *La Gaceta del Fondo de Cultura Económica*, Mexico, Nueva Época, nº 19 de 1972. Esta versão segue a publicada na *Gaceta del FCE*.

se digo pão comerei?
nesta noite neste mundo
extraordinário silêncio o desta noite
o que acontece com a alma é o que não se vê
o que acontece com a mente é o que não se vê

o que acontece com o espírito é o que não se vê
de onde vem esta conspiração de invisibilidades?
nenhuma palavra é visível

sombras
recintos viscosos onde se oculta
a pedra da loucura
corredores negros
eu corri todos
oh fica um pouco mais entre nós!

minha pessoa está ferida
minha primeira pessoa do singular

escrevo como quem tem uma faca alçada na escuridão
escrevo como estou dizendo
a sinceridade absoluta continuaria sendo
o impossível
oh fica um pouco mais entre nós!

as deficiências das palavras
desabitando o palácio da linguagem
o conhecimento entre as pernas

o que fiz do dom do sexo?
oh meus mortos
os comi e me engasguei
não posso mais com não poder mais

palavras abafadas
tudo se desliza
até à negra liquefação

e o cão de maldoror
nesta noite neste mundo
onde tudo é possível
salvo
o poema

falo
sabendo que não se trata disso
sempre não se trata disso
oh me ajuda a escrever o poema mais prescindível
o que não sirva nem para
se inservível
me ajuda a escrever palavras
nesta noite neste mundo

*

5.12 Textos de sombra⁹⁸

ALGUNS TEXTOS DE SOMBRA⁹⁹

*É uma exortação aos jovens para que
não fiquem tristes, já que existem a
natureza, a liberdade, Goethe, Schiller,*

⁹⁸ (N.E.) Sob este título “Textos de Sombra”, se incluem oito textos encontrados nos apartados INÉDITOS e ACABADOS de uma pasta, um caderno, e folhinhas soltas, sob “Sombra” ou “Textos de Sombra”. Estes manuscritos permitem supor que AP pensava em um livro único com esse título e uma personagem, Sombra. Uma nota de 1972 em outro caderno menciona Sombra, Casa de Encontros e Sala 18 como textos separados sobre os que trabalhava.

⁹⁹ (N.E.) Este capítulo, a citação e o texto que segue, são de uma folha datilografada e corrigida a mão por AP, em pasta com a menção INPEDITOS onde figuram também os demais sob a denominação “Textos de Sombra”, na ordem que aqui se apresentam. As frases finais de “Um jardim” pertencem a Henri Michaux, Cecilia Meireles, B. Brecht e Sydney Keyes.

Shakespeare, as flores, os insetos, etc.

FRANZ KAFKA

Um jardim

Peço silêncio

Minha história é longa e triste como a cabeleira de Ofélia

É um jardim desenhado em meu caderno. Madrugada. Instante dilacerante em que a luz é tentação e promessa porque algo está morto, a noite

- *Só queria ver o jardim.*
- *Sou meu próprio espectro.*
- *Não se deve julgar o espectro porque se chega a sê-lo.*
- Você é real?
- A imagem de um coração que fecha a imagem de um jardim pelo qual choro.
- *Ils jouent la pièce en étranger.*
- *Sinto o mundo chorar como língua estrangeira.*
- *Das ganze verkehrte Wesen fort.*
- *Another calling: my own words coming back...*

*

Só buscava um lugar mais ou menos propício para viver, quer dizer: um lugar pequeno onde canta e poder chorar tranquila às vezes. Na verdade, não queria uma casa; Sombra queria um jardim.

- Só vim ver o jardim – disse.

Mas cada vez que visitava um jardim comprovava que não era o que buscava, o que queria. Era como falar ou escrever. Depois de falar ou de escrever sempre tinha que explicar:

- Não, não é isso o que eu queria dizer.

E o pior é que também o silêncio a traía.

- É por que o silêncio não existe – disse.

O jardim, as vozes, a escritura, o silêncio.

- Não faço outra coisa além de buscar e não encontrar. Assim perco as noites.

Sentiu que era culpada de algo grave.

- Eu acredito nas noites – disse.

Não soube responder a isso: sentiu que cravavam uma flor azul em seu pensamento para que não seguisse o curso de seu discurso até o fundo.

- É porque o fundo não existe – disse.

A flor azul se abriu em sua mente. Viu palavras como pequenas pedras espalhadas no espaço negro da noite. Depois, passou um cisne com rodinhas com um grande macaco vermelho no pescoço. Uma menininha que parecia com ela montava o cisne.

- Essa menininha fui eu – disse Sombra.

Sombra está desconcertada. Diz que, na verdade, trabalha demais desde que Sombra morreu. Tudo é pretexto para ser um pretexto, pensou Sombra assombrada.

1-V-1972

*

PREFÁCIO DE SOMBRA (I)¹⁰⁰

A filha da voz a possuiu em seu estar, em seu ser, pela tristeza.

Os pequenos pássaros peçonhentos que saciavam a sede numa água negra onde se refletia a maravilha, são seus animais, são seus emblemas. Ao mesmo tempo busca aquecer seu coração suplicante.

Os cães noturnos: outro chamamento.

¹⁰⁰ (N.E.) Figura em pasta com poemas 1970-72, seção “Acabados”.

Quem conhece meu humor ofensivo? Desde meu livro uivante “alguém mata algo”.

Ninguém me acende nenhuma lâmpada, ninguém é da cor do desejo mais profundo.

12/VII/1970

*

O ENTENDIMENTO

Comecemos por dizer que Sombra havia morrido. Sabia Sombra que Sombra havia morrido? Indubitavelmente. Sombra e ela foram sócias durante anos. Sombra foi sua única testamenteira, sua única amiga e a única que vestiu luto por Sombra. Sombra não estava terrivelmente aflita pelo triste sucesso e o dia inteiro o solenizou com um banquete.

Sombra não apagou o nome de Sombra. A casa de comércio se conhecia sob a razão social “Sombra e sombra”. Algumas vezes os novos clientes chamavam Sombra a Sombra; mas Sombra atendia por ambos nomes, como se ela, Sombra, fosse de fato Sombra, que havia morrido.

*

ESCRITO QUANDO SOMBRA

- Comecemos por dizer que Sombra havia morrido.
- Desapareceu após sua própria desapareição.
- Estava trabalhando em seu escritório. Sem querer, escutava a gente que passava batendo no peito com as mãos e as pedras da calçada com os pés para entrar em calor.
- Entretanto, a bruma e a escuridão estavam tão densas que Sombra caminhava por seu gabinete se iluminando com fósforos.

SOMBRA: - Que horas são?

- A que acaba de passar. A última.

SOMBRA: - Tem um menino na escada. É verdade que faz tempo maltratei um menino. Esse menino, precisamente.

Sombra conhecia o menino abandonado na escada. Então soluçou.

*

PRESENÇA DE SOMBRA

Alguém fala. Alguém me disse.

Extraordinário silêncio o desta noite.

Alguém projeta sua sombra na parede do meu quarto. Alguém me olha com meus olhos não são os meus.

Ela escreve como uma lâmpada que se apaga, ela escreve como uma lâmpada que se acende. Caminha silenciosa. A noite é uma mulher velha com a cabeça cheia de flores. A noite não é a filha preferida da rainha louca.

Caminha silenciosa até a profundidade filha dos reis.

De demência a noite, de não tempo. De memória a noite, de sempre sombras.

*

SOMBRA: Je régarde ma main déserte.

Ai-je tenu la rose pure?

O ma nuit, nul jour ne la tue.

- K: Sombra chorou e falou mais que em toda sua existência junta. Foi pouco antes de cair no círculo opaco.

- X: Vamos pelas ruas agora que a tarde se cobriu de passifloras.

- Uma sOMBRA: Le devant este louable (on peut le louer par heure).

Le derrir esta lavable (on peut le Labrounir étant donnée qu' on a soffert as el desdichado, ô monde, ô langage, ô Isidore!

*

TEXTO DE SOMBRA

Quero existir para além de mim mesma: com os aparecidos.

Quero existir como a que sou: uma ideia fixa. Quero ladrar, não louvar o espaço do espaço ao que se nasce.

*

TEXTO DE SOMBRA¹⁰¹

Que mascara usarei quando emergir da sombra? Falo dessa cadela que no silêncio tece uma trama de falso silêncio para que eu me confunda de silêncio e cante do modo correto para se dirigir aos mortos.

Indubitavelmente caio nisto que em mim encontro mais ou menos presente quando alguém formula meu nome. por que minha boca está sempre aberta?

*

SALA DE PSICOPATOLOGIA¹⁰²

Depois de anos na Europa

Quer dizer, Paris, Saint-Tropez, Cap

St. Pierre, Provence, Florença, Siena,

Roma, Capri, Ischia, San Sebastián,

Santillana del Mar, Marbella,

Segovia, Ávila, Santiago,

e tanto

e tanto

para não falar de Nova York e do West Village com rastros de garotas estranguladas

- quero que um negro me estrangule – disse

¹⁰¹ (N.E.) De uma pequena folha datilografada e corrigida a mão por AP.

¹⁰² (N.E.) AP escreveu este poema durante sua estadia no Hospital Pirovano. O texto, tal como se reproduz, está datilografado e leva correções feitas a mão pela autora. Não se incluiu na edição de 1982 de seus textos póstumos.

- o que você quer é que te estupe – eu disse (oh, Sigmund! com você se acabaram os homens do mercado matrimonial que frequentei nas melhores praias da Europa)

e como sou tão inteligente que já não sirvo para nada,

e como sonhei tanto que já não sou desse mundo,

aqui estou, entre as inocentes almas da sala 18,

me persuadindo dia a dia

de que a sala, as almas puras e eu, temos sentido, temos destino,

- uma senhora originária do mais escuro bairro de um povo que não está no mapa disse:

- O doutor me disse que tenho problemas. Eu não sei. Eu tenho alguma coisa aqui (toca os seios), e uma vontade de chorar que minha nossa!

Nietzsche: “Esta noite terei uma mãe ou deixarei de ser.”

Strindberg: “O sol, mãe, o sol.”

P. Éluard: “É preciso bater na mãe enquanto se é jovem.”

Sim, senhora, a mãe é um animal carnívoro que ama a vegetação luxuriosa. Na hora que a pariu abre as pernas, ignorante do sentido de sua posição destinada a dar a luz, a terra, a fogo, a ar,

mas então ela quer voltar a entrar nessa maldita buceta,

depois de haver tentado nascer sozinha tirando minha cabeça por meu útero

(e como não pude, busco morrer e entrar no pestilento covil da oculta ocultadora cuja função é ocultar)

falo da buceta e falo da morte,

tudo é buceta, eu lambi bucetas em vários países e só senti orgulho por meu virtuosismo – a mahatma gandhi da lambida, a Einstein da chupada, a Reich da linguação, a Reik do abrir caminho entre pelos como rabinos desleixados – oh! o gozo da imunda!

Vocês, os mediquinhos da 18 são ternos e até beijam os leprosos, mas se casariam com um leproso?

Um instante de imersão no baixo e no escuro,

sim, disso são capazes,

mas logo vem a vizinha que acompanha os juvenzinhos como vocês:

- Poderia fazer uma piada com tudo isto, não?

E

sim,

aqui no Pirovano

há almas que NÃO SABEM

porquê receberam as visitas das desgraças.

Procuram explicações lógicas os pobrezinhos, querem que a sala – verdadeiro chiqueiro – esteja muito limpa, porque a imundície causa terror, e a desordem, e a solidão dos dias vazios habitados por antigos fantasmas migrantes das maravilhosas e ilícitas paixões da infância.

Oh, eu beijei tantas picas para me encontrar de repente numa sala cheia de carne prisão onde as mulheres vêm e vão falando da melhora.

Mas

curar o quê?

e por onde começar a curar?

É verdade que a psicoterapia em sua forma exclusivamente verbal é quase tão bela como o suicídio.

Fala-se.

Enfeita-se o cenário vazio de silêncio.

Ou, se há silêncio, ele se torna mensagem.

Por que está calada? Em que pensa?

Não penso, ao menos não executo o que chamam pensar. Assisto o inesgotável fluir do murmúrio. Às vezes – quase sempre – estou molhada.

Sou uma cachorra, apesar de Hegel. Queria um tipo com uma pica assim, me comendo e metendo até que venham curandeiros (que sem dúvida me chuparão) para me exorcizar e encontrar uma boa frigidez.

Molhada.

Buceta de coração de criatura humana,

coração que é um pequeno bebê inconsolável,

“Como uma criança recém-amamentada, acalmei a minha alma” (Salmo)

Ignoro o que faço na sala 18 salvo honrá-la com minha presença prestigiosa (se me amassem um pouquinho me ajudariam a anulá-la)

oh, não é que eu queira flertar com a morte

eu quero somente por fim a esta agonia que se torna ridícula à força de se prolongar,

(Ridiculamente te enfeitaram para este mundo – disse uma voz com pena de mim)

E

Que te encontre com você mesma – disse.

E eu respondi:

Para me reunir com o *migo* de *comigo* e ser uma só e mesma entidade com ele tenho que matar o *migo* para que assim morra o *com* e, deste modo, anulados os contrários, a dialética suplicante finaliza na fusão dos contrários.

O suicídio determina

uma faca sem lâmina

e sem cabo.

Então:

adeus sujeito e objeto,

tudo se unifica como em outros tempos, no jardim dos contos infantis repleto de riachos de águas frescas pré-natais,

esse jardim é o *centro* do mundo, é o lugar do encontro, é o espaço tornado tempo e o tempo tornado lugar, é o alto momento da fusão e do encontro,

fora do espaço profano onde o Bem é sinônimo de evolução de sociedades de consumo,

e longe dos esmerdiados simulacros de medir o tempo através de relógios, calendários e demais objetos hostis,

longe das cidades em que se compra e se vende (oh, nesse jardim para a menina que fui, a pálida alucinada nos subúrbios mórbidos por onde errava de braço com as sombras: menina, minha querida menina que não teve mãe (nem padre, é óbvio)

De modo que arrastei meu rabo até a sala 18,

onde finjo acreditar que minha doença de alheamento, de separação de absoluta NÃO-ALIANÇA com Eles

- Eles são todos e eu sou eu
 finjo, então, que consigo melhorar, finjo acreditar nesses rapazes de boa vontade
 (oh, os bons sentimentos!), que podem me ajudar,
 mas às vezes – muitas vezes – esporro eles desde minhas sombras interiores que
 estes medicozinhos jamais saberão conhecer (a profundidade, quanto mais profunda,
 mais indizível) e os esporro porque evoco meu amado velho, o Dr. Pichón R., tão
 filho da puta como nunca será nenhum dos mediquinhos (tão bons, ah!) desta sala,
 mas meu velho morre e estes falam e, o pior, estes têm corpos jovens, são
 (maldita palavra) desde que meu velho agoniza na miséria por não ter sabido ser um
 merda prático, por ter afrontado o terrível mistério que é a destruição de uma alma,
 por ter vasculhado no oculto como um pirata – não pouco funesto pois as moedas de
 ouro do inconsciente levavam carne de enforcado, e num recinto cheio de espelhos
 quebrados e sal derramado –
 velho maldito, espécie de aborto pestilento de fantasmas sifilíticos, como te adoro
 em tua tortuosidade somente parecida à minha,
 e cabe dizer que sempre desconfiei de teu gênio (não é genial; é um saqueador e
 um plagiador) e ao mesmo tempo confiei em você,
 oh, a você meu tesouro foi confiado,
 te amo tanto que mataria todos esses médicos adolescentes para te dar a beber seu
 sangue e que vivesse um minuto, um século mais,
 (você, eu, a quem a vida não nos merece)

Sala 18

Quando penso em laborterapia me arrancaria os olhos em uma casa em ruínas e os
 comeria pensando em meus anos de escrita contínua,
 15 ou 20 horas escrevendo sem parar, aguçada pelo demônio das analogias,
 tratando de configurar minha atroz matéria verbal errante,
 porque – o velho formoso Sigmund Freud – a ciência psicanalítica esqueceu a
 chave em algum lado:
 abrir se abre
 mas como fechar a ferida?

A alma sofre sem trégua, sem piedade, e os malditos médicos não estancam a ferida que supura.

O homem está ferido por um dilaceramento que talvez, ou seguramente, lhe causou a vida que nos dão.

“Mudar a vida” (Marx)

“Mudar o homem” (Rimbaud)

Freud:

“A pequena A. Esta embelezada pela desobediência”, (Caratas...)

Freud: poeta trágico. Demasiado apaixonado pela poesia clássica.

Sem dúvida, extraiu muitas chaves dos “filósofos da natureza”, dos “românticos alemães” e, sobretudo, do meu amadíssimo Lichtenberg, o gênio físico e matemático que escrevia em seu Diário coisas como:

“Ele colocou nomes em suas duas pantufas”

Estava solitário, não?

(Oh, Lichtenberg, pequeno corcunda, eu teria te amado!)

E a Kierkegaard

E a Dostoiévski

E sobretudo a Kafka

a quem aconteceu o mesmo que a mim, se bem que ele era pudico e casto

- “O que fiz do dom do sexo?” – e eu sou uma masturbadora como não existe outra;

mas aconteceu (a Kafka) o mesmo que a mim:

se separou

foi demasiado longe na solidão

e soube – teve que saber –

que dali não se volta

se afastou – me afastei –

não por desprezo (claro que nosso orgulho é infernal)

mas porque uma é estrangeira
uma é de outra parte,
eles se casam,
procriam,
têm horários,
não se assustam pela tenebrosa
ambiguidade da linguagem
(Não é o mesmo dizer *Boa noite* que dizer *Boa noite*)

A linguagem
- eu não posso mais,
alma minha, pequena inexistente,
decida-se;
se manda ou fica,
mas não me toque assim,
com pavor, com confusão,
ou vai embora ou se manda,
eu, por minha parte, não posso mais.
*

1971

ALIANÇA

Ela se abandona na trégua originada pela noite. Dentro dela tudo faz amor.

Aliança entre o contemplado e sua contemplação. Alegria de transgredir, reivindicação de pontos vivos de referência e da realidade total perceptível em um instante que é todos os instantes.

Ela se abandona a um pensar desmesurado e ao feitiço por um espaço definido: um lugar que obra como chamamento.

*

é como se me pedisse a lua.

Digo a mim:

Se me pede a lua é porque precisa dela.

Mas sim (suponhamos) te levo a lua, me dirá algo nada lindo de escutar.

Além disso, está o outro, está o outro.

(“Se morresse agora mesmo
que alegre seria.”)

Se eu morresse.¹⁰³

*

SOUS LA NUIT¹⁰⁴

Para Y. Yván Pizarnik de Kolikovski, meu pai

Os ausentes sopram cinzamente e a noite é densa. A noite tem a cor das pálpebras do morto.

Fujo toda noite, encaminho a perseguição e a fuga, canto um canto para meus males, pássaros negros sobre mortalhas negras.

Grito mentalmente, o vento demente me desmente, me confino, me afasto da mão crispada, não quero saber de nada além desse clamor, este ofegar na noite, esta errância, este não se encontrar.

Toda a noite faço a noite.

Toda a noite me abandona lentamente como a água cai lentamente.

¹⁰³ (N.E.) De um pequeno papel manuscrito que acima diz “junho”.

¹⁰⁴ (N.E.) De uma folha datilografada por AP, enviada a Félix Grande, *Cuadernos Hispanoamericanos*, em agosto de 1972.

Toda a noite escrevo para buscar a quem me busca.

Palavra por palavra eu escrevo a noite.

*

errar entrando dentro de uma música ao suicídio ao nascimento

*

PARA JANIS JOPLIN

(fragmento)

a cantar doce e a morrer depois.

não:

a ladrar.

assim como dorme a cigana de Rousseau.

assim canta, mais as lições de terror.

é preciso chorar até se romper

para criar ou dizer uma pequena canção,

gritar tanto para cobrir os buracos da ausência

você fez isso, eu fiz.

me pergunto se isso não aumentou o erro.

fez bem em morrer

por isso te falo,

por isso me confio à uma menina monstro.

*

O OLHO DA ALEGRIA (UM QUADRO DE CHAGALL E SCHUBERT)¹⁰⁵

A morte e a garota
 abraçadas no bosque
 devoram o coração da música
 no coração do absurdo

uma garota leva um candelabro de sete braços
 e dança atrás dos tristes músicos
 que tangem violinos quebrados
 em volta de uma mulher verde abraçada a um unicórnio e a uma mulher
 [azul abraçada a um galo

no baixo
 e no triste
 há casinhas
 que ninguém vê
 de madeira, úmidas
 se fundindo como barcos,
 era isto, então, o conceito de espaço?
 criaturas em ereção
 e a mulher azul
 no olho da alegria enfoca diretamente
 a milagreira estação dos amores mortos.

*

NUM PRINCÍPIO FORAM MEUS MORTOS

Os ausentes sopram cinzamente e a noite densa.

¹⁰⁵ (N.E.) Esta versão segue incluída na pasta INÉDITOS, e dá conta das correções a mão de AP posteriores a datada em novembro de 1970, que figura em *Textos de Sombra y otros poemas*, 1982, com o título de “A morte e a garota (Schubert)”.

A noite tem a cor das pálpebras do morto.

Toda a noite fujo, encaminho a perseguição e a fuga,
canto um canto para meus males,
pássaros negros sobre mortalhas negras.

Um vento demente me desmente. Me confino, me afasto da mão crispada, não sei
outra coisa além da noite escura.

*

OLHOS PRIMITIVOS

A cor infernal de algumas paixões, uma antiga ternura. As faltas de algo, de tudo,
ao sol negro de seus desejos fundamentais, excessivos, não cumpridos.

Alguém canta uma canção da cor do nascimento: pelo estribilho passa a louca com
sua coroa prateada. Jogam pedras nela. Eu não olho nunca o interior dos cantos.
Sempre, no fundo, há uma rainha morta.

*

A canção desesperada não se deixa dizer. A matéria verbal errante não cessa de
emanar do centro que não é centro, do enjoo das flores auríferas imbuídas do ouro
dos caçadores de ouro.¹⁰⁶

*

SOMENTE AS NOITES¹⁰⁷

Para Jean Ariesteguieta,

¹⁰⁶ (N.E.) Fragmento manuscrito em um pedaço de folha solta. Por erro de impressão se editou como final de “Olhos primitivos”, em *Textos de Sombra y otros poemas*, Ed. Sudamericana, Buenos Aires, 1982.

¹⁰⁷ (N.E.) Junto à uma carta não enviada a Jean Ariesteguieta, diretora da revista *Árbol de Fuego* (Caracas), datada em janeiro de 1972

escrevendo
perdi, perdi.

nesta noite, neste mundo,
abraçada a você,
alegria de naufrágio.

quis sacrificar meus dias e minhas semanas
nas cerimônias do poema.

implorei tanto
desde o fundo dos fundos
de minha escritura.

Apanhar e morrer não tem adjetivos.

1972

*

e cantos
entre ruínas de crianças afogadas,
além de toda destruição,
de todas as cerimônias da morte
está a presença de quem eu amo,
quem dissipa as aparências dos atrozes espelhos do meio-dia,
quem evita inclusive que os espelhos se rompam,
que o sal se derrame.

[1971]

*

não ouço os sons orgásticos de certas palavras preciosas.
 com efeito, as vozes, os rumores, as quedas da morte em morte, não tem fim.
 Espaço de desafeição onde não se sabe que fazer com tanto não querer.

8-VIII-1971

*

Quem sou eu?
 Apenas uma reivindicação de órfã?
 Por mais que fale não encontro silêncio.
 Eu, que só conheço a noite da orfandade.
 Espera que não cessa,
 pequena casa da esperança.

1972

*

não, a verdade não é a música
 eu, triste espera de uma palavra
 que nomeie o que busco
 e o que busco?
 não o nome da deidade
 não o nome dos nomes
 mas os nomes precisos e preciosos
 dos meus desejos ocultos

algo em mim me castiga:
 desde todas as minhas vidas:
 - Te demos todo o necessário para que compreendesse e preferiu a espera,

como se tudo te anunciasse o poema
 (aquele que nunca escreverá porque é um jardim inacessível

- só vim ver o jardim -)

[1971]

*

só vim ver o jardim.
 tenho frio nas mãos.
 frio no peito.
 frio no lugar onde nos demais se forma o pensamento.
 não é este o jardim que vim buscar
 a fim de entrar, de entrar, não de sair.

por favor, não pense que me lamento.
 se compreendesse a voluptuosidade de comprovar.

me amaram, ao menos isso disseram.
 muitos me amaram porque não sou parecida mais que a mi
 e por outros imponderáveis mais belos que o sorriso da Virgem dos
 [Rochedos.

eu, agora, acredito amar e me sinto acabada, epilogada.
 como aprender os gestos primários
 das paixões fundamentais?

Não me consola

1972

*

Ela não espera em si mesma. Nada de si mesma. Demasiado ensimesmada

Só vim ver o jardim onde alguém morria por culpa de algo que não aconteceu ou de alguém que não veio.

Ela é um interior.

Tudo foi demasiado e ela irá embora.

E eu irei.

1972

*

Triste quando desejo e quando não. Triste quando com um corpo e quando não.
Triste quando com seu sorriso e quando não.

*

RECORDAÇÕES DA PEQUENA CASA DO CANTO¹⁰⁸

Era azul como sua mão no instante da morte. Era sua mão crispada, era o último orgasmo. Era sua pica parada como um pássaro que está por chover, parada para receber a ela, a morte, a amante (ou não)

Já não sei falar. Com quem?

Nunca encontrei uma alma gêmea. Ninguém foi um sonho. Me deixaram com os sonhos abertos, com minha ferida central aberta, com meu dilaceramento. Me lamento; tenho direito a fazê-lo. Assim mesmo, desprezo aos que não se interessam por mim. Meu único desejo foi

¹⁰⁸ (N.E.) Se restitui a este texto a parte omitida de *Textos de Sombra y otros poemas*, Sudamericana, Buenos Aires, 1982. É a que precede a “Não direi...”, em folha aparte onde figura o título e leva um “sim” anotado a mão por AP. Se suprimem os pontos suspensivos da edição de 1982.

Não direi. Até eu, sobretudo eu, me traio. Como uma criança recém-amamentada acalmei minha alma. Já não sei falar. Já não posso falar. Evitei o que me disseram, que era tudo o que tinha. E é outra vez a morte. Paira sobre mim, é meu único horizonte. Ninguém se parece com meu sonho. Senti amor e o maltrataram, sim, a mim que nunca havia querido. O amor mais profundo desaparecerá para sempre. O que podemos amar que não seja uma sombra? Já morreram os sonhos sagrados da infância e a natureza também, a que amava

abril, 1972

*

Que me deixem com minha voz nova, desconhecida. Não, não me deixem. Sombria como um *golem* a infância se foi, e a graça e a dissipação dos meus dons.

maio de 1972

*

ESCRITO NO CREPÚSCULO¹⁰⁹

Para quem o silêncio?

- O anoitecer é o mesmo em toda parte.
- Está detrás da chuva, detrás da cara do morto.

Se pudesse comer minha própria língua, se pudesse afogar numa água negra minha memória ensolarada.

- Quando fala não se entende nada.
- Sou escura porque estou sozinha.
- Não fale com eles: olha e passa.
- Me pega. Que parece morrer. Que pareço agonizar.

¹⁰⁹109 9N.E.) Neste texto, muito corrigido, leva grampeada uma folha prévia com o título VOZES.

16/VI/1972

*

ALGUÉM MATOU ALGO¹¹⁰

a filha da voz a possuiu em seu estar, pela tristeza.

Os pequenos pássaros peçonhentos que saciavam a sede numa água negra onde se refletia a maravilha, são seus animais, são seus emblemas. Ao mesmo tempo busca aquecer seu coração suplicante.

1972

*

TE FALO

Para H.M.

estou com pavor.
 sobreveio sobre mim o que mais temia.¹¹¹
 não estou em dificuldade:
 estou que não posso mais.

Não abandonei o vazio e o deserto.
 vivo em perigo.

teu canto não me ajuda.
 cada vez mais tenazes,
 mais medos,

¹¹⁰ (N.E.) De cópia datilografada por AP em 1972. É o começo do que se inclui como “Prefácio de Sombra (I)”.
 Opta-se por apresentar neste volume as duas versões, tal como se encontram entre seus papéis.

¹¹¹ Porque aquilo que temia me sobreveio; e o que receava me aconteceu. - Jó 3:25

mais sombras negras.

*

A TÍTULO DE TRÉGUA

Para Francisco Porrúa

se não entendo,
se volto sem entender,
terei sabido que coisa é
não entender

*

JARDIM OU TEMPO¹¹²

Para Renée Cuellar

É uma morta estação
quando os lobos vivem só de vento
e à vista de todos os cinzas
é o único que rompe o silêncio
onde eu vi meu sol escurecer

Vozes minhas que, umas com silêncios
e outras com cores,
me atormentam:
diremos seu nome e não virá;
de perto, de longe, não responderá.

Será desolada

¹¹² (N.E.) Esta versão é a que figura na pasta “ACABADOS”. Por erro, em *Textos de Sombra...*, 1982, a estrofe final foi editada como poema isolado. Existem outras três versões: uma manuscrita com o título “A sombra de sua imagem” datada 15-5-1970, outra a máquina sem data, em papel carta, e outra a lápis em um caderno.

e tua voz será a fantasma
 que se arrasta pelo escuro,
 jardim ou tempo onde seu olhar
 silêncio, silêncio

*

ESCRITO EM “ANAHUAC” (TALITAS)

Verde essencialmente reconcentrado em meus olhos que pintam a erva que depois
 lança flores na memória dos animais.

Abraçada à terra. Terra ou mãe ou morte, não me abandone ainda se eu me
 abandonei.

*

... AO AMANHECER VENHA...

Para Silvina Ocampo

ao vento não o escute,
 ao vento.
 toco a noite,
 a noite não a toque,
 ao amanhecer,
 vou partir,
 ao amanhecer não parta, ao amanhecer
 vou partir.

*

Não [poder] querer mais viver sem saber o que vive em meu lugar nem escrever se
 para me ferir a vida toma formas tão estranhas.¹¹³

¹¹³ (N.E.) A palavra entre colchetes figura escrita a lápis por AP acima de ‘querer, que não está riscada.

*

na noite do coração.
no centro da ideia negra.

nenhum homem é visível.
ninguém está n'algum jardim.

*

Alguém
 cai
 em
 sua
 primeira queda.

*

Eu vozes
Eu o grande salto.

Quando a noite for minha memória
minha memória será a noite

*

A noite e eu temos perdido.
Assim falo eu, covardes.
A noite caiu e já pensou em tudo

Setembro de 1972

*

A MESA VERDE¹¹⁴

O sol como um grande animal demasiado amarelo. É uma sorte que ninguém me ajude. Nada mais perigoso, quando se precisa de ajuda, que receber ajuda.

*

Lembro de mim ao sol da infância, infusa de morte, de vida bela.

*

Contudo a minha noite não a mata nenhum sol.

*

A errância, a canção de nós dois, tremo como numa metáfora a alma comparada à uma vela.

*

E nada será teu salvo um ir até onde não há onde.

*

Aqui que se estremece o espaço como um grande louco.

*

Alguém demora no jardim ao longo do tempo.

¹¹⁴ (N.E.) Cópia corrigida e datilografada por AP, 17-IX-72.

*

Me alimento de música e de água negra, sou tua menina calcinada por um sonho implacável.

*

Máscaras da noite em que lugar perdido que ninguém além de mim conhece.

*

Terei tempo para me fazer uma máscara quando emergir da sombra?

*

Convidada a ir nada mais que até o fundo.

*

Me provo na linguagem que comprovo o peso dos meus mortos.

*

O mar esconde seus mortos. Porque o debaixo tem que ficar debaixo.

*

Para melhor ser o que foi, queixou com sua nova sombra, lutou contra o opaco.

*

golpeiam as sombras

as sombras negras
dos mortos

nada além de golpes

e chorou

nada além de golpes¹¹⁵

*

criatura em prece
raiva contra a névoa

escrito
no
crepúsculo

contra
a
opacidade

não quero ir
nada mais
que até o fundo

oh vida
oh linguagem
oh Isidoro

Setembro de 1972¹¹⁶

¹¹⁵ (N.E.) Por erro, em *Textos de Sombra y otros poemas*, Ed. Sudamericana, Buenos Aires, 1982, este poema foi editado sem ter em conta as revisões no pedaço de papel em que está escrito a mão. Edita-se agora, respeitando as correções de AP.

¹¹⁶ (N.E.) Encontrado tal qual se reproduz, escrito com giz na lousa de seu quarto de trabalho.

REFERÊNCIAS

I. De Alejandra Pizarnik

BORDELOIS, Ivonne. **Nueva correspondencia Pizarnik**. Ivonne Bordelois y Cristina Piña (org.). Buenos Aires: Aguilar, Altea, Taurus, Alfaguara, 2014.

OSTROV, Andrea. **Alejandra Pizarnik/ León Ostrov: cartas**. Villa María: Eduvim, 2012.

PIZARNIK, Alejandra. **A condessa sangrenta**. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro; ilustrações de Santiago Caruso. São Paulo: Tordesilhas, 2011.

PIZARNIK, Alejandra. **Alejandra Pizarnik Papers**. Princeton University Library Finding Aids. Disponível em: <https://findingaids.princeton.edu/collections/C0395?view=onepage>

PIZARNIK, Alejandra. **Diarios**. Ed. de Ana Becciu. Barcelona: Lumen, 2ª ed. Argentina, 2012.

PIZARNIK, Alejandra. **Obras completas: poesía completa y prosa selecta**. Edición de Cristina Piña. Buenos Aires: Ediciones Corregidor, 1999.

PIZARNIK, Alejandra. **Poesía completa**. Ed. De Ana Becciu. Barcelona: Lumen, 10ª ed. argentina, 2012.

PIZARNIK, Alejandra. **Prosa completa**. Ed. de Ana Becciu. Barcelona: Lumen, 6ª ed. argentina, 2012.

I. I. Traduções de Alejandra Pizarnik

ARTAUD, Antonin Artaud. **Textos**. Traducción Alejandra Pizarnik. Buenos Aires, Editorial Aquarius. 1971.

BONNEFOY, Yves. **Poemas**. Traducción de Ivonne Bordelois y Alejandra Pizarnik. Buenos Aires: Editorial Carmina, 1967.

BRETON, André; ÉLUARD, Paul. **La Inmaculada Concepción**. Traducción Alejandra Pizarnik. Buenos Aires, Edic. La Flor, 1972.

DURAS, Marguerite. **La vida tranquila**. Traducción Alejandra Pizarnik. Buenos Aires, Centro Editor de América Latina. 1972.

MANDIARGUES Pieyre de, André. **La marea**. Traducción Alejandra Pizarnik. Buenos Aires, Ed. Acuario. 1971.

PICASSO, Pablo. **El deseo atrapado por la cola**. Inédito, conforme consta no Archivo Pizarnik/ Princeton.

QUASIMODO, Salvatore, *Día tras día*. Traducción Alejandra Pizarnik y María Cristina Giambelluca. In: **Obra completa**. Buenos Aires: Sur, 1959.

II. Estudios críticos sobre Alejandra Pizarnik

AIRA, Cesar. **Alejandra Pizarnik**. Rosario: Beatriz Viterbo Editora, 1998.

ANTELO, Raul. Nombrarte: A poesia de Alejandra Pizarnik. In: **Revista Organon**, 16, 1989. pp. 251-256. Disponível em: seer.ufrgs.br/organon/article/download/39510/25224

ARA, Guillermo. **Suma de poesía argentina (1538-1968); crítica y antología**. Buenos Aires: Ed. Guadalupe, 1970.

ARDITO, Ernesto; MOLINA, Virna. **Alejandra**. Documentário. Argentina: 2003. Disponível em: [<http://www.virnayernesto.com.ar/VYEALEJANDRAVER.htm>], acessado em 18/06/2016

BAJARLIA, Juan-Jacobo. **Alejandra Pizarnik: anatomía de un recuerdo**. Buenos Aires: Almagesto, 1998.

BENEYTO, Antonio. Alejandra Pizarnik: ocultándose en el lenguaje. In: **Quimera: Revista de Literatura**, 1983, n°34, pp. 23-27.

BOSQUEIRO, Josiane Maria. **Apresentação e tradução das obras La última inocencia e Las Aventuras perdidas, de Alejandra Pizarnik**. Dissertação de Mestrado em Teoria e História Literária. Campinas: IEL/ UNICAMP: 2010. Disponível em [<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000770890>] Acessado em 13/04/2014.

CAUFIELD, Carlota. *Entre la poesía y la pintura: Elementos surrealistas en Extracción de la piedra de locura y El infierno musical*. In: **Chasqui: Revista de Literatura Latinoamericana**, 1992, n° 21, 1, pp. 3-10.

DAZA, Paulina D. **"La poesía es un juego peligroso": El Infierno Musical de Alejandra Pizarnik**. Dissertação de Mestrado. Chile: Universidad de Concepción, 2007. Disponível em: [http://repositorio.conicyt.cl/bitstream/handle/10533/175861/DAZA_PAULINA_0546M.pdf?sequence=1.]

FRANCIA, Ana María Rodríguez. **La disolución en la obra de Alejandra Pizarnik. Ensombrecimiento de la existencia y ocultamiento del ser**. Buenos Aires: Corregidor, 2003.

FRESNO, Adrián Ferrer. **El Infierno Musical de Alejandra Pizarnik a la luz de la tradición mística**. Trabajo fin de Grado. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 2016. Disponível em [<https://repositori.upf.edu/handle/10230/27489>]

GAI, Michal Heidi. Alejandra Pizarnik: Árbol de Diana. In: **Romanic Review**, 1992,

Nº 83, 2, pp. 245-260.

GALVIN, Rachel. El Gran Silencio de Alejandra Pizarnik. *In*: GUARDIA, Sara Beatriz (ed.): **Mujeres que escriben en América Latina**. Lima: Centro de Estudios La Mujer en la Historia de América Latina, 1992, pp. 365-371.

HAYDU, Susana. **Alejandra Pizarnik: Evolución de su lenguaje poético**. *In*: Dissertation Abstracts International (DAI), n.º 53, Degree Granting Institution, Yale University, noviembre de 1992.

LASARTE, Francisco. Mas allá del surrealismo: La poesía de Alejandra Pizarnik. *In*: **Revista Iberoamericana**, 1983, nº 49, 125, p. 867-877.

MONTELEONE, Jorge e HOLANDA, Heloisa Buarque de. **Puentes/ Pontes: Poesia argentina e brasileira contemporânea**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2003)

MUSCHIETTI, Delfina. Alejandra Pizarnik: La niña asesinada. *In*: **Filología**, 1997, nº 24, 1-2, p. 231-241.

NEGRONI, María. **El testigo lúcido. La obra de sombra de Alejandra Pizarnik**. Rosario: Beatriz Viterbo Editora, 2003.

NEGRONI, María. Alejandra Pizarnik: Melancolía y cadáver textual. *In*: **Revista de Literatura Hispánica**, 2000, nº 52-53, p. 169-178.

NUÑO, Ana. La voz escendida. *In*: **Feminismos, cuerpos, escrituras**. Tenerife: La Página, 2000, p. 199-217.

NUÑEZ, Susana Díaz. **Perras palabras: del erotismo a la obscenidad en la obra de Alejandra Pizarnik**. Tesis Doctoral. Chile: Universidad de Vigo, 2015. Disponible em: [https://www.academia.edu/32020477/Perras_palabras_Alejandra_Pizarnik.pdf]. Acessado em 17/08/2016.

PERI ROSSI, Cristina. Alejandra Pizarnik o la tentación de la muerte. *In*: **Cuadernos Hispanoamericanos: Revista Mensual de Cultura Hispánica**, 1973, nº 273, pp. 584-588.

PIÑA, Cristina. **Alejandra Pizarnik: Uma biografia**. Buenos Aires: Corregidor, 2005.

PIÑA, Cristina. Alejandra Pizarnik: la construcción/ desconstrucción del sujeto en la escritura. *IN*: ORBE, Juan (Ed.). **Autobiografía y escritura**. Buenos Aires: Corregidor, 1994. 185-196.

PIÑA, Cristina. La palabra obscena. *In*: **Cuadernos Hispanoamericanos: Revista Mensal de Cultura Hispánica**, 1990, Sup. Los Complementarios, 5, pp. 17-38.

PIÑA, Cristina. **Poesía argentina de fin de siglo, Tomos I y II, estudio preliminar**. Buenos Aires: Editorial Vinciguerra, 1996.

RODRIGO, Inés Martín. Alejandra Pizarnik: la última poeta maldita. Espanha: **ABC**. 12/10/2016. In: [http://www.abc.es/cultura/libros/abci-alejandra-pizarnik-ultima-poeta-maldita-201610120036_noticia.html], acessado em 28 de março de 2017.

RODRÍGUEZ, Mercedes Luisa Fernanda Mancera. **Entre espectros, locas y místicas : diálogos, reescrituras y traiciones en Alejandra Pizarnik**. Dissertação de Maestría. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 2017. Disponível em: [<https://repository.javeriana.edu.co/handle/10554/21051>]

VENTI, Patricia. **Alejandra Pizarnik: Pública y secreta – diários, cartas, textos, artigos, dibujos, fotos**. *Blog* disponível em: [<http://patriciaventi.blogspot.com.br/>].

VENTI, Patricia. **La palabra desgarrada. El discurso autobiográfico en la obra de Alejandra Pizarnik**. Tesis doctoral. Espanha: Universidad Complutense de Madrid, 2007.

VENTI, Patricia. Lectura de los diarios de Pizarnik: censura y traición. In: **Revista de Estudios Literarios**. Universidad Complutense de Madrid, 2004.

III. Geral

AGAMBEN, Giorgio. **Ideia da prosa**. Trad. João Barrento - 1ª edição – 2ª reimp. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016. – (FILÔ/AGambem; 3)

AGAMBEN, Giorgio. **Infância e História (Destruição da Experiência e Origem da História)**. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

AGAMBEN, Giorgio. O autor como gesto. In: **Profanações**. Trad.: Selvino José Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007.

AGAMBEN, Giorgio. O que é o Contemporâneo? In: **O que é o Contemporâneo? e outros ensaios**. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1996.

BARTHES, Roland. A morte do autor. In: **O Rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BARTHES, Roland. **O grau zero da escrita**. Lisboa. Edições 70, 1971.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2010.

BATAILLE, Georges. **A experiência interior**. Trad. Celso Libânio Coutinho, Magali Montagné e Antonio Ceschin. São Paulo: Ática, 1992.

BRANCO, Lucia Castello. **A tarefa do tradutor de Walter Benjamin: quatro traduções para o português.** Belo Horizonte: Fale/ UFMG, 2008.

BLANCHOT, Maurice. **A parte do fogo.** Trad. Ana Maria Scherer. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário.** Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Rocco, 2011.

BLANCHOT, Maurice. **O livro por vir.** Tradução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BRITTO, Paulo Henriques. **A tradução literária.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CAMPOS, Haroldo. **A Arte no Horizonte do Provável.** 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1977.

CAMPOS, Haroldo. Um relance de dados. *In:* CAMPOS, A., CAMPOS, H., PIGNATARI, D. **Mallarmé.** São Paulo: Perspectiva, 1974. (Signos, v.2)

CIXOUS, Hélène. **La llegada a la escritura.** Trad. Irene Agoff. 1ª ed., 1ª reimp. Buenos Aires: Amorrortu, 2015. (Colección Nómadas)

COUTINHO, Eduardo F. (org.). **Literatura comparada: textos fundadores.** Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica.** Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição;** Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. Lisboa: Relógio d'Água, 2000.

DELEUZE, Gilles. GUATARRI, Félix. Ano Zero – Rostidade. *In:* **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia.** Vol.3. Trad. Aurélio Guera Neto ET alli. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996

DELEUZE, Gilles. **Kafka: por uma literatura menor.** Tradução Cíntia Vieira da Silva. 1ª ed.; 1ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. (Filô/ Margens, 4)

DELEUZE, Gilles. **Proust e os Signos.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

DERRIDA, Jacques. **Che cos'è la poesia?.** Trad. Osvaldo Manuel Silvestre. 1. ed. Coimbra, Portugal: Angelus Novus, 1992.

DERRIDA, Jacques. **De la gramatologia.** Trad. Oscar del Barco y Conrado Ceretti, 3ª ed. México: Ed. Siglo Veintiuno, México, 1984.

DERRIDA, Jacques. Living on/Borderlines. *In:* BLOOM, H. (Ed.). *In:* **Deconstruction and criticism.**

London: Routledge, 1979. p. 75-175.

- DERRIDA, Jacques. **O monolinguismo do outro – ou a prótese de origem**. Tradução de Fernanda Bernardo. Belo Horizonte (MG): Chão da Feira, 2016.
- DERRIDA, Jacques. **Sovereignties in question: the poetics of Paul Celan**. New York: Fordham University Press, 2005.
- DERRIDA, Jacques. **Torres de Babel**. Tradução Junia Barreto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. Trad. Sauma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FOUCAULT, Michel. **Ditos & Escritos III**. Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Org. Manoel Barros da Motta. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 12ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- HEIDEGGER, Martin. **A origem da obra de arte**. Trad. Manuel Antônio de Castro e Idalina Azevedo. São Paulo: Edições 70, 2010.
- NANCY, Jean-Luc. **À escuta**. Tradução de Fernanda Bernardo. Belo Horizonte (MG): Chão da Feira: 2014.
- NANCY, Jean-Luc. **La mirada del retrato**. Trad. Irene Agoff. Buenos Aires: Amorrortu, 2006a.
- NANCY, Jean-Luc. **Noli me tangere. Ensayo sobre el levantamiento del cuerpo**. Trad. María Tabuyo y Angustín López. Madrid: Editorial Trotta, 2006b.
- NANCY, Jean-Luc. **Resistência da poesia**. Edições Vendaval, 2005.
- OTONNI, Paulo (org.). **Tradução: a prática da diferença**. 2ª ed. Ver. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005.
- PAZ, Octavio. **O Arco e a Lira**. Trad. Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- PAZ, Octavio. **Os filhos do barro**. Trad. Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- PAZ, Octavio. **Tradução: literatura e literalidade**. Edição bilíngue, tradução de Doralice Alves de Queiroz. Belo Horizonte: FALE/ UFMG, 2009 (Cadernos Viva Voz). Disponível em: <http://150.164.100.248/vivavoz/data1/arquivos/traducao2ed-site.pdf>
- RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO experimental org.; Ed. 34, 2005.

RANCIÈRE, Jacques. As vozes e os corpos. *In: Políticas da escrita*, Rio de Janeiro, Editora 34, 2002.

RANCIÈRE, Jacques. **El espectador emancipado**. Buenos Aires: Manantial, 2010.

SANTAYANA, Mauro. **Tragédia argentina: poder e violência de Rosas ao Peronismo**. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1976.

APÊNDICE - POEMAS-HOMENAGENS PARA ALEJANDRA PIZARNIK¹

DE NINA RIZZI²:

CASIDA A ÁRBOL DE DIANA

coração das 22h

água morna em profundo
a noite no espelho regresso

alguma coisa em lentidão
busca o sensível

inalcançável

OTRA CASIDA A ÁRBOL DE DIANA

uma voz no silêncio da negra noite se insinua
silêncio presença que se embosca em minha letra-lembrança.

a duração de seu corpo, pássaro que se debate em fuga.

DESDE A TERRA MAIS ESTRANHA AO INFERNO MUSICAL

todos os dias a acorda um poema no silêncio. o silêncio, sempre, as moedas de ouro do
sonho... ali, ébria de mil poemas, fala. para saber que está debaixo dos meus olhos.

*

¹ Exceto para as poemas de minha autoria, apresentamos nossas traduções, seguidos pelos poemas em espanhol, tal como na tradução que apresentamos da obra poética de Alejandra Pizarnik.

² *In*: A Duração do Deserto (SP: Editora Patuá, 2014)

DE OLGA OROZCO³:

PAVANA⁴ DO HOJE PARA UMA DIFUNTA QUE AMO E CHORO

para Alejandra Pizarnik

Pequena sentinela,
cai mais uma vez pelo sulco da noite
sem mais armas além dos olhos abertos e o terror
contra os invasores insolúveis no papel em branco.
Eles eram legião.
Legião feroz era seu nome
e se multiplicavam a medida que você se destecia até o último alinhavo
se encurralando contra as aranhas vorazes do nada.
O que fecha os olhos se converte em morada de todo o universo.
O que os abre traça as fronteiras e permanece a intempérie.
O que pisa a linha não encontra seu lugar.
Insônias como túneis para provar a inconsistência de toda realidade;
noites e noites perfuradas por uma só bala que te crava no escuro,
e o mesmo ensaio de te reconhecer ao despertar na memória da morte:
essa perversa tentação,
esse anjo adorável com focinho de porco.
Quem falou de feitiços para combater a ferida do próprio nascimento?
Quem falou de subornos para os emissários do próprio porvir?
Só havia um jardim: no fundo de tudo tem um jardim
onde se abre a flor azul do sonho de Novalis.
Flor cruel, flor vampira,
mais abominável que a armadilha oculta na pelúcia do muro
e que jamais se alcança sem deixar a cabeça ou o resto de sangue no limiar.
Mas você se inclinava também para cortar onde não dava pé,
abismos para dentro.
Tentava trocá-la pela criatura faminta que te desabitava.

³ In: [<http://www.elortiba.org/old/pizarnik.html>], acessado em 03/07/2018.

⁴ Antiga dança espanhola, nobre e lenta, de ritmo binário e quaternário, que, depois, passou para a música instrumental.

Erigia pequenos castelos devoradores em sua honra;
se vestia de penas desprendidas da fogueira de todo possível paraíso;
amestrava animaizinhos perigosos para roer as pontes da salvação;
se perdia como a mendiga no delírio dos lobos;
provava linguagens como ácidos, como tentáculos,
como laços nas mãos do estrangulador.
Ah, os estragos da poesia te cortando as veias como o fio da alvorada,
e esses lábios exaustos sorvendo os venenos da inanição da palavra!
E subitamente não há mais nada.
Se romperam os frascos.
Se estilhaçaram as luzes e os lápis.
Se rasgou o papel com o dilaceramento que te desliza em outro labirinto.
Todas as portas são para sair.
Tudo é o outro lado dos espelhos.
Pequena passageira,
sozinha com teu cofrinho de visões
e o mesmo insuportável desamparo debaixo dos pés:
sem dúvida está clamando para passar com tuas vozes de afogada,
sem dúvida te detém tua própria imensa sombra que ainda te sobrevoa em busca de outra,
ou treme frente a um inseto que cobre com suas membranas todo o caos,
ou te intimida o mar que cabe do teu lado nesta lágrima.
Mas outra vez te digo,
agora o silêncio te envolve duas vezes em suas asas como um manto:
no fundo de todo jardim há um jardim.
Aí está teu jardim,
Talita cumi⁵.

*

DE JULIO CORTÁZAR⁶:

AQUI ALEJANDRA

⁵ “E, tomando a mão da menina, disse-lhe: Talita cumi, que, traduzido, é: Menina, a ti te digo, levanta-te”. Marcos 5:41 (Nova Bíblia Internacional; tradução Sociedade Bíblica Internacional.

⁶ In: [<https://www.lexia.com.ar/HomenajeJC.html>], acessado em 02/07/2018.

Bicho aqui,
aqui contra isto,
pegada às palavras
te reclamo.
Já é noite, venha,
não tem ninguém em casa.
Salvo que já estão todas
como você, como vê,
intercessoras,
chove na rue de l'Eperon
e Janis Joplin.
Alejandra, meu bicho,
venha à estas linhas, a este papel de arroz
dê o abade à raposa,
a este feltro que joga com teu cabelo.

(Amava, essas coisas insignificantes
aboli bibelot d'inanité sonore⁷
as colas e os envelopes
uma papelaria de brinquedo
o estojo de lápis
os cadernos listrados).

Venha, fica.
toma este trago, chove
te molhará na rue Dauphine,
não tem ninguém nos cafés repletos,
não minto, não tem ninguém.
Já sei, é difícil,
é tão difícil se encontrar
este copo é difícil,

⁷ “abolido bibelô das inanidades sonoras” (tradução nossa)

este fósforo.

E você não gosta de me ver no que é meu,
em minha roupa em meus livros
e você não gosta desta predileção
por Gerry Mulligan,
se quiser me insultar sem que doa
dizer como está vivo? como
se pode estar quando não há nada
mais que a névoa dos cigarros,
como vive, de que maneira
abre os olhos a cada dia?
Não pode ser, você diz, não pode ser.

Bicho, de acordo,
vá sim sei mas é assim, Alejandra,
se aconchega aqui, bebe comigo,
olha, chamei elas,
virão certamente as intercessoras,
a party para você, a festa inteira,
Erszebet,
Karen Blixen
já vão caindo, sabem
que é nossa noite, com o cabelo molhado
sobre os quatro andares, e as velhas
dos apartamentos as espiam Leonora Carrington, olha,
Unica Zorn com um morcego
Clarice Lispector, água viva,
borbulhas deslizando nuas
se esfregando à luz, Remedios Varo
com um relógio de areia onde se agita um laser
e a menina uruguaia que foi boa com você
sem que jamais soubesse
seu verdadeiro nome,
que reunião, que úmido xadrez,

que maison close de aranhas, de Thelonious,
que longa encantadora pode ser a noite
com você e Joni Mitchell
com você e Hélène Martin
com as intercessoras
animula o tabaco
vagula Anaïs Nin
blandula vodka tônica⁸.

Não se vá, ausente, não se vá,
brincaremos, verá, já verá, já estão chegando
com Ezra Pound e maconha
com os saquinhos de sopa e um peixe
que sobrenadará esquecido, isso é certo,
em uma vasilha com esponjas
entre supositórios e jamais respondidos telegramas.
Olha é uma árvore de fumaça, como fuma
essa morena ferida de petróis,
e Natalia Ginzburg, que destece
o ramo de gladiolos que não trouxe.
Vê, bicho? Assim. Tão bem e já. O scotch,
Max Roach, Silvina Ocampo,
alguém na cozinha faz café
se cobra contando
dois cubos um beijo
Léo Ferré.
Não pense mais nas janelas
Lá atrás ou lá fora.
Chove em Rangoon
E que.
Aqui os jogos. O murmúrio
(Consoantes de pássaro

⁸ Referência a *Animula vagula blandula*: "Pequena alma terna flutuante", poema de Publius Aelius Hadrian, filósofo, poeta e imperador romano.

vogais de heliotrópio)

Aqui, bichinho. Quieta. Não tem janelas nem lá fora
e não chove em Rangoon. Aqui os jogos.

*

(SEM TÍTULO)

Já que o Hades não existe,
certamente está lá,
último hotel, último sonho
passageira obstinada da ausência.
Sem bagagem nem papéis,
dando por um óbolo⁹ um caderno
ou um lápis de cor.

- Aceita, barqueiro: ninguém pagou mais caro
a entrada aos Grandes Transparentes,
ao jardim onde Alice a esperava.

*

DE RUBÉN VELA¹⁰:

(SIN TÍTULO)

Teu esqueleto de espumas.
Tua infância até o fim dos dias.

1970

*

A INOCENTE

⁹ Moeda grega de pouco valor.

¹⁰ *In*: [<https://hablodemi.wordpress.com/2012/04/10/poemas-homenaje-de-ruben-vela-a-alejandra-pizarnik/>],
acessado em 02/07/2018.

Nua e vitoriosa, dá de comer
aos animais selvagens.
Eles lambem suas coxas, usam
o sexo docemente, se alimentam
dessas águas mais profundas.

Ao amanhecer, ela fecha suas
pernas. Os animais gemem
a princípio, rugem depois,
a despedaçam com suas garras.

A bela indiferente diz: até
amanhã! e dorme.

Os animais protegem seus
despojos.

*

1

Lembra, Alejandra, quando
o Adágio de Albinoni envolvia
teu corpo solitário, e arcanjos
surpreendidos
voavam entre vitrais coloridos
lançando buquês de luz?

2

Tão sozinha, tão frágil, tão
dolorosamente abandonada
entre jogos infantis
que repetem e repetem
uma mesma canção.

A que vai morrer tem
rachaduras nos lábios e flores
murchas arrancadas de sua pele.

A que vai morrer inventa
um sorriso que pendura
de seu rosto como dizendo
adeus.

3

faz frio e tuas mãos desenham
uma porta que se abre até
um jardim vazio. Eu irei,
dizia, sem saber, sem querer.
Abraçada a meu nome, eu
irei sem saber.

4

Rolam os dados sobre um tapete
verde. Rolam as palavras sobre
a página em branco. Rolam,
rolam até um destino incerto.
Eis aqui a escolha: escrever ou morrer.
Nada tão fácil, nada tão difícil.
E o espelho se rompe e a luz
se desvanece. Alejandra, Alejandra,
pra onde vai?

E deste silêncio
outra música nasce.

*

DE OLGA OROZCO:

PAVANA DEL HOY PARA UNA INFANTA DIFUNTA QUE AMO Y LLORO

a Alejandra Pizarnik

Pequeña centinela,
caes una vez más por la ranura de la noche
sin más armas que los ojos abiertos y el terror
contra los invasores insolubles en el papel en blanco.
Ellos eran legión.
Legión encarnizada era su nombre
y se multiplicaban a medida que tú te destejías hasta el último hilván,
arrinconándote contra las telarañas voraces de la nada.
El que cierra los ojos se convierte en morada de todo el universo.
El que los abre traza las fronteras y permanece a la intemperie.
El que pisa la raya no encuentra su lugar.
Insomnios como túneles para probar la inconsistencia de toda realidad;
noches y noches perforadas por una sola bala que te incrusta en lo
oscuro,
y el mismo ensayo de reconocerte al despertar en la memoria de la
muerte:
esa perversa tentación,
ese ángel adorable con hocico de cerdo.
¿Quién habló de conjuros para contrarrestar la herida del propio
nacimiento?
¿Quién habló de sobornos para los emisarios del propio porvenir?
Sólo había un jardín: en el fondo de todo hay un jardín
donde se abre la flor azul del sueño de Novalis.
Flor cruel, flor vampira,
más alevosa que la trampa oculta en la felpa del muro
y que jamás se alcanza sin dejar la cabeza o el resto de la sangre en el
umbral.
Pero tú te inclinabas igual para cortarla donde no hacías pie,
abismos hacia adentro.
Intentabas trocarla por la criatura hambrienta que te deshabitaba.

Erigías pequeños castillos devoradores en su honor;
te vestías de plumas desprendidas de la hoguera de todo posible paraíso;
amaestrabas animalitos peligrosos para roer los puentes de la salvación;
te perdías igual que la mendiga en el delirio de los lobos;
te probabas lenguajes como ácidos, como tentáculos,
como lazos en manos del estrangulador.

¡Ah los estragos de la poesía cortándote las venas con el filo del alba,
y esos labios exangües sorbiendo los venenos de la inanidad de la
palabra!

Y de pronto no hay más.

Se rompieron los frascos.

Se astillaron las luces y los lápices.

Se desgarró el papel con la desgarradura que te desliza en otro
laberinto.

Todas las puertas son para salir.

Ya todo es el revés de los espejos.

Pequeña pasajera,

sola con tu alcancía de visiones

y el mismo insoportable desamparo debajo de los pies:

sin duda estás clamando por pasar con tus voces de ahogada,

sin duda te detiene tu propia inmensa sombra que aún te sobrevuela en
busca de otra,

o tiembles frente a un insecto que cubre con sus membranas todo el caos,

o te adrementa el mar que cabe desde tu lado en esta lágrima.

Pero otra vez te digo,

ahora que el silencio te envuelve por dos veces en sus alas como un
manto:

en el fondo de todo jardín hay un jardín.

Ahí está tu jardín,

Talita cumi.

*

DE JULIO CORTÁZAR:

AQUÍ ALEJANDRA

Bicho aquí,
aquí contra esto,
pegada a las palabras
te reclamo.

Ya es la noche, vení,
no hay nadie en casa.
Salvo que ya están todas
como vos, como ves,
intercesoras,

llueve en la rue de l'Eperon
y Janis Joplin.

Alejandra, mi bicho,
vení a estas líneas, a este papel de arroz
dale abad a la zorra,
a este fieltro que juega con tu pelo.

(Amabas, esas cosas nimias
aboli bibelot d'inanité sonore
las gomas y los sobres
una papelería de juguete
el estuche de lápices
los cuadernos rayados).

Vení, quedate.
tomá este trago, llueve,
te mojarás en la rue Dauphine,
no hay nadie en los cafés repletos,
no te miento, no hay nadie.
Ya sé, es difícil,
es tan difícil encontrarse
este vaso es difícil,
este fósforo.

Y no te gusta verme en lo que es mío,
en mi ropa en mis libros
y no te gusta esta predilección
por Gerry Mulligan,
quisieras insultarme sin que duela
decir cómo estás vivo, cómo
se puede estar cuando no hay nada
más que la niebla de los cigarrillos,
como vivís, de qué manera
abrís los ojos cada día.
No puede ser, decís, no puede ser.

Bicho, de acuerdo,
vaya si sé pero es así, Alejandra,
acurrúcate aquí, bebé conmigo,
mirá, las he llamado,
vendrán seguro las intercesoras,
el party para vos, la fiesta entera,
Erszebet,
Karen Blixen
ya van cayendo, saben
que es nuestra noche, con el pelo mojado
suben los cuatro pisos, y las viejas
de los departamentos las espían Leonora Carrington, mirala,
Unica Zorn con un murciélago
Clarice Lispector, agua viva,
burbujas deslizándose desnudas
frotándose a la luz, Remedios Varo
con un reloj de arena donde se agita un láser
y la chica uruguaya que fue buena con vos
sin que jamás supieras
su verdadero nombre,
qué rejunta, qué húmedo ajedrez,
qué maison close de telarañas, de Thelonious,

que larga hermosa puede ser la noche
con vos y Joni Mitchell
con vos y Hélène Martin
con las intercesoras
animula el tabaco
vagula Anaïs Nin
blandula vodka tónico.

No te vayas, ausente, no te vayas,
jugaremos, verás, ya verás, ya están llegando
con Ezra Pound y marihuana
con los sobres de sopa y un pescado
que sobrenadarán olvidado, eso es seguro,
en un palangana con esponjas
entre supositorios y jamás contestados telegramas.
Olga es un árbol de humo, cómo fuma
esa morocha herida de petreles,
y Natalia Ginzburg, que desteje
el ramo de gladiolos que no trajo.
¿Ves bicho? Así. Tan bien y ya. El scotch,
Max Roach, Silvina Ocampo,
alguien en la cocina hace café
su culebra contando
dos terrones un beso
Léo Ferré.
No pienses más en las ventanas
el detrás el afuera.
Llueve en Rangoon
Y qué.
Aquí los juegos. El murmullo
(Consonantes de pájaro
vocales de heliotropo)
Aquí, bichito. Quieta. No hay ventanas ni afuera
y no llueve en Rangoon. Aquí los juegos.

(SIN TÍTULO)

Puesto que el Hades no existe,
seguramente estás allí,
último hotel, último sueño,
pasajera obstinada de la ausencia.
Sin equipajes ni papeles,
dando por óbolo un cuaderno
o un lápiz de color.
-Acéptalos, barquero: nadie pagó más caro
el ingreso a los Grandes Transparentes,
al jardín donde Alicia la esperaba.

*

DE RUBÉN VELA:

(SIN TÍTULO)

Tu esqueleto de espumas.
Tu infancia hasta el fin de los días.

1970

LA INOCENTE

Desnuda y victoriosa, da de comer
a los animales salvajes.
Ellos lamen sus muslos, le gastan
el sexo dulcemente, se alimentan
de esas aguas más profundas.

Al amanecer, ella cierra sus

piernas. Los animales gimen
al principio, rugen luego,
la despedazan con sus garras.

La bella indiferente dice: ¡hasta
mañana! y duerme.

Los animales protegen sus
despojos.

(SIN TÍTULO)

1

¿Te acordás, Alejandra, cuando
el Adagio de Albinoni envolvía
tu cuerpo solitario, y arcángeles
sorprendidos
volaban entre vidrios de colores
arrojando ramos de luz?

2

Tan sola, tan frágil, tan
dolorosamente abandonada
entre juegos de infancia
que repiten y repiten
una misma canción.
La que va a morir tiene
grietas en los labios y flores
desteñidas arrancadas de su piel.
La que va a morir inventa
una sonrisa que cuelga

de su rostro como diciendo
adiós.

3

Hace frío y tus manos dibujan
una puerta que se abre hacia
un jardín vacío. Yo me iré,
decías, sin saber, sin querer.
Abrazada a mi nombre, yo
me iré sin saber.

4

Ruedan los dados sobre un tapete
verde. Ruedan las palabras sobre
la página en blanco. Ruedan,
ruedan hacia un destino incierto.
He aquí la elección: escribir o morir.
Nada tan fácil, nada tan difícil.
Y el espejo se rompe y la luz
se desvanece. ¿Alejandra, Alejandra,
adonde vas?

Y desde ese silencio
otra música nace.

*

**ANEXO A – ALEJANDRA PIZARNIK – POESÍA COMPLETA EN ESPAÑOL
(1955-1972)**

**LA TIERRA MÁS AJENA
(1955)**

¡Ah! El infinito egoísmo de la
adolescencia, el optimismo
estudioso: ¡cuán lleno de flores
estaba el mundo ese verano! Los
aires y las formas muriendo...

A. Rimbaud

DÍAS CONTRA EL ENSUEÑO

No querer blancos rodando
en planta movable.

No querer voces robando
semillosas arqueada aéreas.

No querer vivir mil oxígenos
nimias cruzadas al cielo.

No querer trasladar mi curva
sin encerar la hoja actual.

No querer vencer al imán
la alpargata se deshilacha.

No querer tocar abstractos
llegar a mi último pelo marrón.

No querer vencer colas blandas
los árboles sitúan las hojas.

No querer traer sin caos
portátiles vocablos.

HUMO

marcos rozados en callado hueso
agitan un cocktail humeante
miles de calorías desaparecen
ante la repicante austeridad
de los humos vistos de atrás
dos manos de trébol roto
casi enredan los dientes separados
y castigan las oscuras encías
bajo ruidos recibidos al segundo
los pelos ríen moviendo
las huellas de varios marcianos
cognac boudeaux-amarillento
rasca retretes sanguíneos
tres voces fonean tres besos
para mí para ti para mí
pescar la calandria eufórica
en chapas latosas
ascendente faena!

REMINISCENCIAS

y el tiempo estranguló mi estrella
cuatro números giran insidiosos
ennegreciendo las confituras
y el tiempo estranguló mi estrella
caminaba trillada sobre pozo oscuro
los brillos lloraban a mis verdores
y yo miraba y yo miraba
y el tiempo estranguló mi estrella
recordar tres rugidos de
tiernas montañas y radios oscuras
dos copas amarillas
dos gargantas raspadas
dos besos comunicantes de la visión de
una existencia a otra existencia
dos promesas gimientes de
tremendas locuacidades ajenas
dos promesas de no ser de sí ser de no ser
dos sueños jugando la ronda del sino en
derredor de un cosmos de
champagne amarillo blanquecino
dos miradas cerciorando la avidez de una
estrella chiquita
y el tiempo estranguló mi estrella
cuatro números ríen en volteretas desabridas
muere uno
nace uno
y el tiempo estranguló mi estrella
sones de nenúfares ardientes
desconectan mis futuras sombras
un vaho desconcertante rellena
mi soleado rincón

la sombra del sol tritura la
la esfinge de mi estrella
las promesas se coagulan
frente al signo de estrellas estranguladas
y el tiempo estranguló mi estrella
pero su esencia existirá
en mi intemporal interior
brilla esencia de mi estrella!

AGUA DE LUMBRE

Sí. Llueve...

el cielo gime montones desteñidos
sombras mojadas recogen sus trozos
cavidades barroas tremendas
mezquinas gotas de agua sulfurada
si bien no sé cómo recojo las masas
de ver si me agita la pálida lumbre
tremendo espesor de perros y gatos
las gotas siguen

SER INCOLORO

*(al conejito que se
comía las uñas)*

costura desclavada en mi caos humor diario
repiqueo infinito arpa rayada
cadáveres llorosos mar salino

tu opacidad quitará fuentes de verde jabón
banderines colorados
en mano derecha de uñas comidas

NEMO

no llegará lejos el día de raro verdor

en que cantaré a la luna odiada que da luz a mi espesa cabeza cortada

[a la navaja

que da luz a los vientos brutales

a las flores agudas que arden en los dedos bajo las curitas benignas

a la estrella que se oculta cuando se la llama

a la lluvia húmeda contoneándose en su desnudez repulsiva

el sol amarillo que traspasa las pieles marcando oscuras huellas

el relojito enviado desde el infierno interruptor de los bellos sueños

a los mares helados arrastrando basuras olas cintillos dorados ardores

[en los ojos

VAGAR EN LO OPACO

mis pupilas negras sin ineluctables chispitas
mis pupilas grandes polen lleno de abejas
mis pupilas redondas disco rayado
mis pupilas graves sin quiebro absoluto
mis pupilas rectas sin gesto innato
mis pupilas llenas pozo bien oliente
mis pupilas coloreadas agua definida
mis pupilas sensibles rigidez de lo desconocido
mis pupilas salientes callejón preciso
mis pupilas terrestres remedos cielinos
mis pupilas oscuras piedras caídas

TRATANDO A LA SOMBRA ROJA

su soledad maúlla
ceros y ceros
vertiente de olores ingenuos
retina ante desconocido
las brisas sonantes
retornan picando
su ser de sonrisas
y dientes abiertos
reír en la noche soleada
del vigoroso participio

NOCHE

correr no sé dónde
aquí o allá
singulares recodos desnudos
basta correr!
trenzas sujetas a mi anochecer
de caspa y agua colonia
rosa quemada fósforo de seda
creación sincera en surco capilar
la noche desanuda su bagaje
de blancos y negros
tirar detener su devenir

MI BOSQUE

acumular deseos en plantas ingratas
referir lo tuyo
en verdor solemne
y entonces vendrán diez caballos
a tirar la cola al viento negro
moverán las hojas
sus crines mojadas
y vendrá la escuadra
redondeando versos

POEMA A MI PAPEL

leyendo propios poemas
penas impresas trascendencias cotidianas
sonrisa orgullosa equívoco perdonado
es mío es mío es mío!
leyendo letra cursiva
latir interior alegre
sentir que la dicha se coagula
o bien o mal o bien
extrañeza de sentirse innatos
cáliz armonioso y autónomo
límite en dedo gordo de pie cansado y
pelo lavado en rizada cabeza
no importa:
es mío es mío es mío.!!

...DE MI DIARIO

Miraba los coches en arreglo
sin sus vestiduras metálicas
las partes delanteras semejaban
calaveras recién estrenadas
Un sol amarillo dejaba caer indiferente
pedazos luminosos de algo coloreado
más las sombras persistían
aún en los retazos del astro.
Se sentía cansada ante las nubosidades
que no se movían
un blue rumiaba aburrido en su interior
pasos extravagantes marcaban sus dedos
movilidad acompasada de alfombra y ballet.

REMINISCENCIAS QUIROMÁNTICAS

dos manos de flores pendientes resumen la
burda escultura de exóticas formas que
brillan vendiendo a las brujas el
augusto signo de vida por muerte
leyendo en las líneas las miles de
veces que vences o gimes o lloras o ríes o
emprendes camino a un paso fijo que
lucha en la noche repeliendo los
viles ataúdes que esgrime el fracaso

DIBUJO

La rodilla de la ensenada
Huele primores bien escritos
Escarchas salientes mojan su
Cuerpo arqueado
Mil relojes zumban
Las horas de las mil distancias
Y el florero renace
Bajo la sombra de la catacumba

AJEDREZ

todavía la enclítica no destruye
los peones reverentes ante él
millares de montañas
revientan exquisitas
delante del sol rojo
(no sol amarillo)
pensar innato en moldeadas rejas
torta trashumeante de vela sin fogón
quisiera ser masa lingüística
para cortarle la barba
ondas en preciosa lumbre
alzar bandera gratuita
kilómetros de nueces
y golpes en relevante torniquete

HOMBRE COMÚN

siempre reniega azules
conforme a la ruta
negra la línea recta
negra la tierra sana
temblor extraño que no agita
pechos sí y no velludos
esperanzas no fundidas revuelven
a él a ella a todos
mirad! su carne transborda
reminiscencias ganado opaco

SEGUIRÉ

roto marco centra este *todo*
de árbol castrado llorando
medir cada paso a lo largo
si no se perturba la luna
la luz redondea blancuras
de nabos rallados
tirar cada envoltura
si no se distorsiona lo negro
la música enrojece la ruta
de cada pequeño húmedo
girar girar girar
percibir junto al marco roto
sentires de tacos y muelas
querer agarrarlo *todo*

UN BOLETO OBJETIVO

1

entre los soplos de tantas arterias hurgo
agazapada en los bolsillos de
mi campera
tratando de hallar algo que haga
flotar mi destripada
aurora

2

miro rostros busco rostros hallo rostros
la imagen de su igualdad enfría la
estética
desde la ventanilla tranviaria mi
asiento es la cima
del mundo

3

vuelan uñas brazos anillos peces
vienen sonidos azules rojos verdes
desfile que hierve en tremendos
borbotones
mas nada altera insinuante la
seguridad en mi
asiento

YO SOY...

mis alas?
dos pétalos podridos

mi razón?
copitas de vino agrio

mi vida?
vacío bien pensado

mi cuerpo?
un tajo en la silla

mi vaivén?
un gong infantil

mi rostro?
un cero disimulado

mis ojos?
ah! trozos de infinito

DÉDALUS JOYCE

Hombre funesto de claves nocturnas y cuerpo desnudo junto al río profundo de brillantes escupidas. Hombre de ojos anti-miopes exploradores de infinidad. Hombre de rostro en sombra y cuerpo genio abstracto. Hombre sin miedo de pluma en mano ni de ojos en ser ni sonrisa suprema. Hombre dios llegaste solo de infinitudes asombrofantasmales ornado de lágrimas de superioridad vergonzante. Hombre destructor de tabúes y cielos estrellados. Hombre de frágiles vestidos que caen dejando hermanos desnudos. Hombre sin alimento para otorgar a los que buscan. Hombre de altos mares de surcos desolados. Hombre-barco blanco. Hombre que arrancaste el vómito para sepultar el mito. Hombre de tiempo y espacio que arrancan cuerdas locuras. Hombre superhombre, frialdad y tibieza en conjunción. Hombre.

PUERTO ADELANTE

Noche tibia sensación placentera. Los sones abstractos de las vías colmaban sus oídos eufóricos. Pensaba en el puerto que veía tan seguido...puerto de colores impresionistas y hembra sucios de brazos mojados y brillosos y vello crecido y húmedo. Hombres impasibles a la lejanía maravillosa, al cielo entre los barcos, al paisaje de conjunto, al suelo atiborrado de objetos de lugares remotos como pedazos de mundo en el melancólico corazón de un mar...

Sí. Hundirse una noche en las calles del puerto. Caminar, caminar...

Sí. Sola. Siempre sola. Lenta, muy lentamente. Y el aire estará enrarecido, será un aire cosmopolita y el suelo lleno de papeles de cigarrillos que alguna vez existieron, blancos y hermosos.

Sí. Se seguirá caminando. Hundirse, oscuridad, caminar...

Sí. Y una estrella dará su color al ancla de plata que llevaba en su pecho. Tirar el ancla. Sí. Muy junto a ese barco gigante de rayas rojas y blancas y verdes...irse, y no volver.

EN EL PANTANILLO

A don Federico Valle

1

Mil pasos arrastran pacientes las suelas maduras en rocas distintas.

Tal vez una gota gima deseando la antigua espesura en tardes más libres que ésta (balbuceante de colorido impuro, el sol inhibido, de agua cobriza, de potros con colas etéreas, de llanto de cactus impotente...).

La cascada reverdeja los pastos silenciosos que nutren la negra pelambre de la tierra vestida de brillo.

Sombras persistentes, imágenes constantes que obligan a las retinas a cargarlas alegremente en frágiles moles. Montañas vibrantes de cercanía solar, de lluvia inaudita, de flores invisibles posibles de crear bajo tanto cielo, tanta lumbre cromática, tanta conjetura de lugar.

2

Mis dedos teclean iguales... (acaso contribuyan con sus ruidos a aumentar los fondos de los ruidos naturales).

Las voces se elevan queriendo matizar las aspiraciones de soledad a que obligan los espacios. Cánticos pujantes de fragancia primaveral caen sorpresivamente en la niebla. Los espacios espesan las notas. Labios cerrados por arrugas hábilmente conseguidas. Labios plegados sobre dientes felices. Labios que ríen bajo la opresión tensa del ungido manto de varios tonos (yo rojo, tú azul, él verde, ella gris...). Comienza la lid cromática. Cada color requiere un espacio mayor en la tela. Claro que ninguno quiere sucumbir. Claro que ninguno desea disolverse anónimamente. Y así se sigue, así se camina, así se mira esfumar las blanco- negras hojitas de este calendario que transpira el sudor de un calor intangible.

Las montañas permanecen impávidas. Tremenda duda: arañarse bajo el manto carnal o remover los tallos difusos tratando de encontrar a la luz de un embeleso descolorido el perfil de la flor única.

UN SIGNO EN TU SOMBRA

IRME EN UN BARCO NEGRO

las sombras escudan al humo veloz que
 danza en la trama de
 este festival silencioso

las sombras esconden varios puntos oscuros
que giran y giran entre tus ojos
mi pluma retarda el TÚ anhelante
mi sien late mil veces TU nombre
si tus ojos pudieran venir!

acá si amor acá
entre las sombras el humo y la danza
entre las sombras lo negro y yo

CIELO

mirando el cielo

me digo que es celeste desteñado (témpera
azul puro después de una ducha helada)

las nubes se mueven

pienso en tu rostro y en ti y en tus manos y
en el ruido de tu pluma y en ti
pero tu rostro no aparece en ninguna nube!
yo esperaba verlo adherido a ella como un
trozo de algodón enyodado dentro de la tela adhesiva
sigo caminando

un cocktail mental embalsada mi frente
no sé si pensar en el cielo o en ti
y si tirara una moneda? (cara tú seca cielo)
no! tu ser no se arriesga y
yo te deseo te de-se-o!
cielo trozo de cosmos cielo murciélago infinito
inmutable como los ojos de mi amor

pensemos en los dos

los dos tú + cielo = mis galopantes sensaciones
biformes bicoloreadas bitremendas bilejanas
lejanas lejanas

lejos

sí amor estás lejos como el mosquito
sí! Ese que persigue a una mosquita junto
al farol amarillosucio que vigila bajo el
cielo negro limpio esta noche angustiosa
llena de dualismos

VOY CAYENDO

1

el vino es como un llanto desolado que
humedece mi juventud frente a tus besos que
otra deglute
el vino es el elixir que pulveriza los
pestilentes deseos de
mi cuerpo que
aletea gimiendo frente a tu efigie de
sombra amodorrada

2

el vino se aclara mezclado a mis
lágrimas tan mudas
tu rostro de gitano enharinado aparece en
cada burbuja
mi garganta es un archipiélago maldito
mi sien la tapa de un pozo inmundo
desearte amor y enfrentar tu altura con
cursis angustias!

SÓLO UN AMOR

Mi amor se amplía.

Es un paracaídas perfecto.

Es un clic que se exhala y
su pecho se hace inmenso.

Mi amor no ruge

no clama

no ruega

no ríe.

Su cuerpo es un ojo.

Su piel es un mapamundi.

Mis palabras perforan la
última señal de su nombre.

Mis besos son anguilas que él

Se ufana en dejar resbalar.

Mis caricias un chorro reminiscente de
música sobre fuentes de Roma.

Nadie pudo huir aún de su territorio
anímico.

No hay rutas ni pliegues ni insectos.

Todo es tan terso que mis lágrimas se
sublevan.

Mi creación es una mojigatería junto a
su rubio carromato.

En estos momentos el tintero alza vuelo y
enfila hacia linderos inacabables de
mosquitos haciendo el amor.

Suena el fatídico sonido. Ya no vuelo.

Es mi amor que se amplía.

MÁS ALLÁ DEL OLVIDO

alguna vez de un costado de la luna
verás caer los besos que brillan en mí
las sombras sonreirán altivas
luciendo el secreto que gime vagando
vendrán las hojas impávidas que
algún día fueron lo que mis ojos
vendrán las mustias fragancias que
innatas descendieron del alado son
vendrán las rojas alegrías que
burbujean intensas en el sol que
redondea las armonías equidistantes en
el humo danzante de la pipa de mi amor

LEJANÍA

Mi ser henchido de barcos blancos.

Mi ser reventado sentires.

Toda yo bajo las reminiscencias de

tus ojos.

Quiero destruir la picazón de tus

pestañas.

Quiero rehuir la inquietud de tus

labios.

Por qué tu visión fantasmagórica re-

dondea las cálices de

estas horas?

LA ÚLTIMA INOCENCIA

(1956)

A León Ostrov

SALVACIÓN

Se fuga la isla

Y la muchacha vuelve a escalar el viento
y a descubrir la muerte del pájaro profeta

Ahora

es el fuego sometido

Ahora

es la carne

la hoja

la piedra

perdidos en la fuente del tormento

como el navegante en el horros de la civilización

que purifica la caída de la noche

Ahora

La muchacha halla la máscara del infinito
y rompe el muro de la poesía.

ALGO

noche que te vas
dame la mano

obra de ángel bullente
los días se suicidan

¿por qué?

noche que te vas
buenas noches

LA DE LOS OJOS ABIERTOS

la vida juega en la plaza
con el ser que nunca fui

y aquí estoy

baila pensamiento
en la cuerda de mi sonrisa
y todos dicen que esto pasó y es
va pasando
va pasando
mi corazón
abre la ventana

vida
aquí estoy

mi vida
mi sola y aterida sangre
percute en el mundo

pero quiero saberme viva
pero no quiero hablar
de la muerte
ni de sus extrañas manos.

ORIGEN

Hay que salvar al viento
los pájaros queman el viento
en los cabellos de la mujer solitaria
que regresa de la naturaleza
y teje tormentos
Hay que salvar al viento

LA ENAMORADA

esta lúgubre manía de vivir
esta recóndita humorada de vivir
te arrastra alejandra no lo niegues.

hoy te miraste en el espejo
y te fue triste estabas sola
la luz rugía el aire cantaba
pero tu amado no volvió

enviarás mensajes sonreirás
tremolarás tus manos así volverá
tu amado tan amado

oyes la demente sirena que lo robó
el barco con barbas de espuma
donde murieron las risas
recuerdas el último abrazo
oh nada de angustias
ríe en el pañuelo llora a carcajadas
pero cierra las puertas de tu rostro
para que no digan luego
que aquella mujer fuiste tú

te remuerden los días
te culpan las noches
te duele la vida tanto tanto
desesperada, ¿adónde vas?
desesperada ¡nada más!

CANTO

el tiempo tiene miedo
el miedo tiene tiempo
el miedo

pasea por mi sangre arranca
mis mejores frutos
devasta mi lastimosa muralla

destrucción de destrucciones
sólo destrucción

y miedo mucho
miedo miedo.

CENIZAS

La noche se astilló en estrellas
mirándome alucinada
el aire arroja odio
embellecido su rostro
con música.

Pronto nos iremos

Arcano sueño
antepasado de mi sonrisa
el mundo está demacrado
y hay candado pero no llaves
y hay pavor pero no lágrimas.

¿Qué haré conmigo?

Porque a Ti te debo lo que soy
Pero no tengo mañana

Porque a Ti te...

La noche sufre.

SUEÑO

Estallará la isla del recuerdo

La vida será un acto de candor

Prisión

para los días sin retorno

Mañana

los monstruos del bosque destruirán la playa

sobre el vidrio del misterio

Mañana

la carta desconocida encontrará las manos del alma

NOCHE

Quoi, toujours? Entre moi sans cesse et

Le bonheur!

G. DE NERVAL

Tal vez esta noche no es noche
debe ser un sol horrendo, o
lo otro, o cualquier cosa...
¡Qué sé yo! ¡Faltan palabras,
falta candor, falta poesía
cuando la sangre llora y llora!

¡Pudiera ser tan feliz esta noche!
Si sólo me fuera dado palpar
las sombras, oír pasos
decir «buenas noches» a cualquiera
que pasease a su perro,
miraría la luna, dijera su
extraña lactescencia, tropezaría
con piedras al azar, como se hace.

Pero hay algo que rompe la piel,
una ciega furia
que corre por mi venas.
¡Quiero salir!
Cancerbero del alma:
¡Deja, déjame traspasar tu sonrisa!

¡Pudiera ser tan feliz esta noche!
Aún quedan ensueños rezagados.

¡Y tantos libros! ¡Y tantas luces!
¡Y mis pocos años! ¿Por qué no?

La muerte está lejana. No me mira.

¡Tanta vida Señor!

¿Para qué tanta vida?

SOLAMENTE

ya comprendo la verdad

estalla en mis deseos

y en mis desdichas

en mis desencuentros

en mis desequilibrios

en mis delirios

ya comprendo la verdad

ahora

a buscar la vida

A LA ESPERA DE LA OSCURIDAD

Ese instante que no se olvida
Tan vacío devuelto por las sombras
Tan vacío rechazado por los relojes
Ese pobre instante adoptado por mi ternura
Desnudo desnudo de sangre de alas
Sin ojos para recordad angustias de antaño
Sin labios para recoger el sumo de las violencias
Perdidas en el centro de los helados campanarios.

Ampáralo niña ciega del alma
Ponle tus cabellos escarchados por el fuego
Abrázalo pequeña estatua de terror
Señálale el mundo convulsionado a tus pies
A tus pies mueren las golondrinas
Tiritantes de pavor frente al futuro
Dile que los suspiros del mar
Humedecen las únicas palabras
Por las que vale vivir.

Pero ese instante sudoroso de nada
Acurrucado en la cueva del destino
Sin manos para decir nunca
Sin manos para regalar mariposas
A los niños muertos

LA ÚLTIMA INOCENCIA

Partir
en cuerpo y alma
partir.

Partir
deshacerse de las miradas
piedras opresoras
que duermen en la garganta.

He de partir
no más inercia bajo el sol
no más sangre anonadada
no más formar fila para morir.

He de partir

Pero arremete, ¡viajera!

BALADA DE LA PIEDRA QUE LLORA

A Josefina Gómez Errázuriz

la muerte se muere de risa pero la vida
se muere de llanto pero la muerte pero la vida
pero nada nada nada

SIEMPRE

A Rubén Vela

Cansada del estruendo mágico de las vocales
Cansada de inquirir con los ojos elevados
Cansada de la espera del yo de paso
Cansada de aquel amor que no sucedió
Cansada de mis pies que sólo saben caminar
Cansada de la insidiosa fuga de preguntas
Cansada de dormir y de no poder mirarme
Cansada de abrir la boca y beber el viento
Cansada de sostener las mismas vísceras
Cansada del mar indiferente a mis angustias
¡Cansada de Dios! ¡Cansada de Dios!
Cansada por fin de las muertes de turno
a la espera de la hermana mayor
la otra la gran muerte
dulce morada para tanto cansancio

POEMA PARA EMILY DICKINSON

Del otro lado de la noche
la espera su nombre,
su subrepticio anhelo de vivir,
¡del otro lado de la noche!

Algo llora en el aire,
los sonidos diseñan el alba.
Ella piensa en la eternidad.

SÓLO UN NOMBRE

alejandra alejandra

debajo estoy yo

alejandra

LAS AVENTURAS PERDIDAS

(1958)

A Rubén Vela

*Sobre negros peñascos
se precipita, embriagada de muerte,
la ardiente enamorada del viento.*

G. TRAKL

LA JAULA

Afuera hay sol.
No es más que un sol
Pero los hombres lo miran
y después cantan.

Yo no sé del sol.
Yo sé la melodía del ángel
y el sermón caliente
del último viento.
Sé gritar hasta el alba
cuando la muerte se posa desnuda
en mi sombra.

Yo lloro debajo de mi nombre.
Yo agito pañuelos en la noche
y sedientos de realidad
bailan conmigo
Yo oculto clavos
para escarnecer a mis sueños enfermos.

Afuera hay sol.
Yo me visto de cenizas.

FIESTA EN EL VACÍO

Como el viento sin alas encerrado en mis ojos
es la llamada de la muerte.

Sólo un ángel me enlazará al sol.

Dónde el ángel,
dónde su palabra.

Oh perforar con vino la suave necesidad de ser.

LA DANZA INMÓVIL

Mensajeros en la noche anunciaron lo que no oímos.
Se buscó debajo del aullido de la luz.
Se quiso detener el avance de las manos enguantadas
que estrangulaban a la inocencia.

Y si se escondieron en la casa de mi sangre,
¿cómo no me arrastro hasta el amado
que muere detrás de mi ternura?
¿Por qué no huyo
y me persigo con cuchillos
y me deliro?

De muerte se ha tejido cada instante.
Yo devoro la furia como un ángel idiota
invasado de malezas
que le impiden recordar el color del cielo.

Pero ellos y yo sabemos
que el cielo tiene el color de la infancia muerta.

TIEMPO

A Olga Orozco

Yo no sé de la infancia
más que un miedo luminoso
y una mano que me arrastra
a mi otra orilla.

Mi infancia y su perfume
a pájaro acariciado.

HIJA DEL VIENTO

Han venido.
Invaden la sangre.
Huelen a plumas,
a carencia,
a llanto.
Pero tú alimentas al miedo
y a la soledad
como a dos animales pequeños
perdidos en el desierto.

Han venido
a incendiar la edad del sueño.
Un adiós es tu vida.
Pero tú te abrazas
como la serpiente loca de movimiento
que sólo se halla a sí misma
porque no hay nadie.

Tú lloras debajo de tu llanto,
tú abres el cofre de tus deseos
y eres más rica que la noche.

Pero hace tanta soledad
que las palabras se suicidan

LA ÚNICA HERIDA

¿Qué bestia caída de pasmo
se arrastra por mi sangre
y quiere salvarse?

He aquí lo difícil:
caminar por las calles
y señalar el cielo o la tierra.

EXILIO

A Raúl Gustavo Aguirre

Esta manía de saberme ángel,
sin edad,
sin muerte en que vivirme,
sin piedad por mi nombre
ni por mis huesos que lloran vagando.

¿Y quién no tiene un amor?
¿Y quién no goza entre amapolas?
¿Y quién no posee un fuego, una muerte,
un miedo, algo horrible,
aunque fuere con plumas,
aunque fuere con sonrisas?

Siniestro delirio amar a una sombra.
La sombra no muere.
Y mi amor
sólo abraza a lo que fluye
como lava del infierno:
una logia callada,
fantasmas en dulce erección,
sacerdotes de espuma,
y sobre todo ángeles,
ángeles bellos como cuchillos
que se elevan en la noche
y devastan la esperanza.

ARTES INVISIBLES

Tú que cantas todas mis muertes.
Tú que cantas lo que no confías
al sueño del tiempo,
describeme la casa del vacío
háblame de esas palabras vestidas de féretros
que habitan mi inocencia.

Con todas mis muertes
yo me entrego a mi muerte,
con puñados de infancia,
con deseos ebrios
que no anduvieron bajo el sol,
y no hay una palabra madrugadora
que le dé la razón a la muerte,
y no hay un dios donde morir sin muecas.

LA CAÍDA

Música jamás oída,
Amada en antiguas fiestas.
¿Ya nunca volveré a abrazar
al que vendrá después del final?

Pero esta inocente necesidad de viajar
entre plegarias y aullidos.
Yo no sé. No sé sino el rostro
de cien ojos de piedra
que llora junto al silencio
y que me espera.

Jardín recorrido en lágrimas,
habitantes que besé
cuando mi muerte aún no había nacido.
En el viento sagrado
tejían mi destino.

CENIZAS

Hemos dicho palabras,
palabras para despertar muertos,
palabras para hacer un fuego,
palabras donde poder sentarnos
y sonreír.

Hemos creado el sermón
del pájaro y del mar,
el sermón del agua,
el sermón del amor.

Nos hemos arrodillado
y adorado frases extensas
como el suspiro de la estrella,
frases como olas,
frases con alas.

Hemos inventado nuevos nombres
para el vino y para la risa,
para las miradas y sus terribles
caminos.

Yo ahora estoy sola
-como la avara delirante
sobre su montaña de oro-
arrojando palabras hacia el cielo,
pero yo estoy sola
y no puedo decirle a mi amado
aquellas palabras por las que vivo.

AZUL

mis manos crecían con música
detrás de las flores

pero ahora
por qué te busco, noche,
por qué duermo con tus muertos

LA NOCHE

Poco sé de la noche
pero la noche parece saber de mí,
y más aún, me asiste como si me quisiera,
me cubre la conciencia con sus estrellas.

Tal vez la noche sea la vida y el sol la muerte.
Tal vez la noche es nada
y las conjeturas sobre ella nada
y los seres que la viven nada.
Tal vez las palabras sean lo único que existe
en el enorme vacío de los siglos
que nos arañan el alma con sus recuerdos.

Pero la noche ha de conocer la miseria
que bebe de nuestra sangre y de nuestras ideas.
Ella ha de arrojar odio a nuestras miradas
sabiéndolas llenas de intereses, de desencuentros.

Pero sucede que oigo a la noche llorar en mis huesos.
Su lágrima inmensa delira
y grita que algo se fue para siempre.
Alguna vez volveremos a ser.

NADA

El viento muere en mi herida.

La noche mendiga mi sangre.

EL MIEDO

En el eco de mis muertes
aún hay miedo.
¿Sabes tú del miedo?
Sé del miedo cuando digo mi nombre.
Es el miedo,
el miedo con sombrero negro
escondiendo ratas en mi sangre,
o el miedo con labio muertos
bebiendo mis deseos.
Sí. En el eco de mis muertes
aún hay miedo.

ORIGEN

La luz es demasiado grande
para mi infancia.
Pero ¿quién me dará la respuesta jamás usada?
Alguna palabra que me ampare del viento,
alguna verdad pequeña en que sentarme
y desde la cual vivirme,
alguna frase solamente mía
que yo abrace cada noche,
en la que me reconozca,
en la que me exista.

Pero no. Mi infancia
sólo comprende al viento feroz
que me aventó al frío
cuando campanas muertas
me anunciaron.

Sólo una melodía vieja,
algo con niños de oro, con alas de piel verde,
caliente, sabio como el mar,
que tiritita desde mi sangre,
que renueva mi cansancio de otras edades.
Sólo la decisión de ser dios hasta el llanto.

LA LUZ CAÍDA DE LA NOCHE

vierte esfinge
tu llanto en mi delirio
crece con flores en mi espera
porque la salvación celebra
el manar de la nada

vierte esfinge
la paz de tus cabellos de piedra
en mi sangre rabiosa

yo no entiendo la música
del último abismo
yo no sé del sermón
del brazo de hiedra
pero quiero ser del pájaro enamorado
que arrastra a las muchachas
ebrias de misterio
quiero al pájaro sabio en amor
el único libre

PEREGRINAJE

A Elizabeth Azcona Cranwell

Llamé, llamé como la náufraga dichosa
a las olas verdugas
que conocen el verdadero nombre
de la muerte

He llamado al viento,
le confié mi deseo de ser.

Pero un pájaro muerto
vuela hacia la desesperanza
en medio de la música
cuando brujas y flores
cortan la mano de la bruma.
Un pájaro muerto llamado azul.

No es la soledad con alas,
es el silencio de la prisionera,
es la mudez de pájaros y viento,
es el mundo enojado con mi risa
o los guardianes del infierno
rompiendo mis cartas.

He llamado, he llamado.
He llamado, hacia nunca.

LA CARENCIA

Yo no sé de pájaros,
no conozco la historia del fuego.
Pero creo que mi soledad debería tener alas.

EL DESPERTAR

A León Ostrov

Señor

La jaula se ha vuelto pájaro
y se ha volado
y mi corazón está loco
porque aúlla a la muerte
y sonrío detrás del viento
a mis delirios

Que haré con el miedo

Que haré con el miedo

Ya no baila la luz en mi sonrisa
ni las estaciones quemasen palomas en mis ideas
Mis manos se han desnudado
y se han ido donde la muerte
enseña a vivir a los muertos

Señor

El aire me castiga el ser
Detrás del aire hay monstruos
que beben de mi sangre

Es el desastre

Es la hora del vacío no vacío
Es el instante de poner cerrojo a los labios
oír a los condenados gritar
contemplar a cada uno de mis nombres
ahorcados en la nada

Señor
tengo veinte años

También mis ojos tienen veinte años
y sin embargo no dicen nada

Señor
He consumado mi vida en un instante
La última inocencia estalló
Ahora es nunca o jamás
o simplemente fue

¿Cómo no me suicido frente a un espejo
y desaparezco para reaparecer en el mar
donde un gran barco esperaría
con las luces encendidas?

¿Cómo no me extraigo las venas
y hago con ellas una escala
para huir al otro lado de la noche?

El principio ha dado a luz el final
Todo continuará igual
Las sonrisas gastadas
El interés interesado
Las preguntas de piedra en piedra
Las gesticulaciones que remedan amor
Todo continuará igual

Pero mis brazos insisten en abrazar al mundo
porque aún no les enseñaron
que ya es demasiado tarde

Señor

Arroja los féretros de mi sangre

Recuerdo mi niñez

cuando yo era una anciana

Las flores morían en mis manos

porque la danza salvaje de la alegría

les destruía el corazón

Recuerdo las negras mañanas de sol

cuando era niña

es decir ayer

es decir hace siglos

Señor

La jaula se ha vuelto pájaro

Qué haré con el miedo

MUCHO MÁS ALLÁ

¿Y qué si nos vamos anticipando
de sonrisa en sonrisa
hasta la última esperanza?

¿Y qué?
¿Y qué me da a mí,
a mí que he perdido mi nombre,
el nombre que me era dulce sustancia
en épocas remotas, cuando yo no era yo
sino una niña engañada por su sangre?

¿A qué, a qué
este deshacerme, este desangrarme,
este desplumarme, este desequilibrarme
si mi realidad retrocede
como empujada por una ametralladora
y de pronto se lanza a correr,
aunque igual la alcanzan,
hasta que cae a mis pies como un ave muerta?
Quisiera hablar de la vida.
Pues esto es la vida,
Este aullido, este clavarse las uñas
en el pecho, este arrancarse
la cabellera a puñados, este escupirse
a los propios ojos, sólo por decir,
sólo por ver si se puede decir:
«¿es que yo soy? ¿verdad que sí?
¿no es verdad que yo existo
y no soy la pesadilla de una bestia?».

Y con las manos embarradas
golpeamos a las puertas del amor.

Y con la conciencia cubierta
de sucios y hermosos velos,
pedimos por Dios.

Y con las sienes restallantes
de imbécil soberbia
tomamos de la cintura a la vida
y pateamos de soslayo a la muerte.

Pues eso es lo que hacemos.
Nos anticipamos de sonrisa en sonrisa
hasta la última esperanza.

EL AUSENTE

I

La sangre quiere sentarse.
Le han robado su razón de amor.
Ausencia desnuda.
Me deliro, me desplumo.
¿Qué diría el mundo si dios
lo hubiera abandonado así?

II

Sin ti
el sol cae como un muerto abandonado.

Sin ti
me torno en mis brazos
y me llevo la vida
a mendigar fervor.

DESDE ESTA ORILLA

*Soy pura
porque la noche que me encerraba
en su negror mortal
ha huido.*

W. BLAKE

Aún cuando el amado
brille en mi sangre
como una estrella colérica,
me levanto de mi cadáver
y cuidando de no hollar mi sonrisa muerta
voy al encuentro del sol.

Desde esta orilla de nostalgia
todo es ángel.
La música es amiga del viento
amigo de las flores
amigas de la lluvia
amiga de la muerte.

ÁRBOL DE DIANA

(1962)

ÁRBOL DE DIANA de Alejandra Pizarnik. (Quím.): *cristalización verbal por amalgama de insomnio pasional y lucidez meridiana en una disolución de la realidad sometida a las más altas temperaturas. El producto no contiene una sola partícula de mentira.* (Bot.): *el árbol de Diana es transparente y no da sombra. Tiene luz propia, centelleante y breve. Nace en las tierras reseca de América. La hostilidad del clima, la inclemencia de los discursos y la gritería, la opacidad general de las especies pensantes, sus vecinas, por un fenómeno de compensación bien conocido, estimulan las propiedades luminosas de esta planta. No tiene raíces; el tallo es un cono de luz ligeramente obsesiva; las hojas son pequeñas, cubiertas por cuatro o cinco líneas de escritura fosforescente, pecíolo elegante y agresivo, márgenes dentadas; las flores son diáfanas, separadas las femeninas de las masculinas, las primeras axilares, casi sonámbulas y solitarias, las segundas en espigas, espoletas y, más raras veces, púas.* (Mít. y Etnogr.): *los antiguos creían que el arco de la diosa era una rama desgajada del árbol de Diana. La cicatriz del tronco era considerada como el sexo (femenino) del cosmos. Quizá se trata de una higuera mítica (la savia de las ramas tiernas es lechosa, lunar). El mito alude posiblemente a un sacrificio por desmembración: un adolescente (¿hombre o mujer?) era descuartizado cada luna nueva, para estimular la reproducción de las imágenes en la boca de la profetisa (arquetipo de la unión de los mundos inferiores y superiores). El árbol de Diana es uno de los atributos masculinos de la deidad femenina. Algunos ven en esto una confirmación suplementaria del origen hermafrodita de la materia gris y, acaso, de todas las materias; otros deducen que es un caso de expropiación de la sustancia masculina solar: el rito sería sólo una ceremonia de mutilación mágica del rayo primordial. En el estado actual de nuestros conocimientos es imposible decidirse por cualquiera de estas dos hipótesis. Señalemos, sin embargo, los participantes comían después carbones incandescentes, costumbre que perdura hasta nuestros días.* (Blas.): *escudo de armas parlantes.* (Fís.): *durante mucho tiempo se negó la*

realidad física del árbol de Diana. En efecto, debido a su extraordinaria transparencia, pocos pueden verlo. Soledad, concentración y un afinamiento general de la sensibilidad son requisitos indispensables para la visión. Algunas personas, con reputación de inteligencia, se de que, a pesar de su preparación, no ven nada. Para disipar su error, basta recordar que el árbol de Diana no es un cuerpo que se pueda ver: es un objeto (animado) que nos deja ver más allá, un instrumento natural de visión. Por lo demás, una pequeña prueba de crítica experimental desvanecerá, efectiva y definitivamente, los prejuicios de la ilustración contemporánea: colocado frente al sol, el árbol de Diana refleja sus rayos y los reúne en un foco central llamado poema, que produce un calor luminoso capaz de quemar, fundir y hasta volatilizar a los incrédulos. Se recomienda esta prueba a los críticos literarios de nuestra lengua.

OCTAVIO PAZ

París, abril de 1962

He dado el salto de mí al alba.
He dejado mi cuerpo junto a la luz
y he cantado la tristeza de lo que nace

Éstas son las versiones que nos propone:
un agujero, una pared que tiembla...

sólo la sed
el silencio
ningún encuentro

cuídate de mí amor mío
cuídate de la silenciosa en el desierto
de la viajera con el vaso vacío
y de la sombra de su sombra

AHORA BIEN:

Quién dejará de hundir su mano en busca del tributo para la pequeña olvidada.
El frío pagará. Pagará el viento. La lluvia pagará. Pagará el trueno.

A Aurora y Julio Cortázar

por un minuto de vida breve
única de ojos abiertos
por un minuto de ver
en el cerebro flores pequeñas
danzando como palabras en la boca de un mudo

ella se desnuda en el paraíso
de su memoria
ella desconoce el feroz destino
de sus visiones
ella tiene miedo de no saber nombrar
lo que no existe

Salta con la camisa en llamas
de estrella a estrella.
de sombra en sombra.
Muere de muerte lejana
la que ama al viento.

Memoria iluminada, galería donde vaga la sombra de lo que espero.
No es verdad que vendrá. No es verdad que no vendrá.

Estos huesos brillando en la noche,
estas palabras como piedras preciosas
en la garganta viva de un pájaro petrificado,
este verde muy amado,
este lila caliente,
este corazón sólo misterioso.

un viento débil
lleno de rostros doblados
que recorto en forma de objetos que amar

ahora

en esta hora inocente
yo y la que fui nos sentamos
en el umbral de mi mirada

no más las dulces metamorfosis de una niña de seda
sonámbula ahora en la cornisa de niebla

su despertar de mano respirando
de flor que se abre al viento

explicar con palabras de este mundo
que partió de mí un barco llevándome

El poema que no digo,
el que no merezco.
Miedo de ser dos
caminos del espejo:
alguien en mí dormido
me come y me bebe.

Extraño desacostumbrarme
de la hora en que nací.

Extraño no ejercer más
oficio de recién llegada.

has construido tu casa
has emplumado tus pájaros
has golpeado al viento
con tus propios huesos

has terminado sola
lo que nadie comenzó

Días en que una palabra lejana se apodera de mí. Voy por esos días sonámbula y transparente. La hermosa autómatas se canta, se encanta, se cuenta casos y cosas: nido de hilos rígidos donde me danzo y me lloro en mis numerosos funerales. (Ella es su espejo incendiado, su espera en hogueras frías, su elemento místico, su fornicación de nombres creciendo solos en la noche pálida.)

como un poema enterado
del silencio de las cosas
hablas para no verme

cuando vea los ojos
que tengo en los míos tatuados

dice que no sabe del miedo de la muerte del amor
dice que tiene miedo de la muerte del amor
dice que el amor es muerte es miedo
dice que la muerte es miedo es amor
dice que no sabe

A Laure Bataillon

he nacido tanto
y doblemente sufrido
en la memoria de aquí y de allá

en la noche

un espejo para la pequeña muerta

un espejo de cenizas

una mirada desde la alcantarilla
puede ser una visión del mundo

la rebelión consiste en mirar una rosa
hasta pulverizarse los ojos

(un dibujo de Wols)

estos hilos aprisionan a las sombras
y las obligan a rendir cuentas del silencio
estos hilos unen la mirada al sollozo

(exposición Goya)

un agujero en la noche
súbitamente invadido por un ángel

(un dibujo de Klee)

cuando el palacio de la noche
encienda su hermosura

pulsaremos los espejos
hasta que nuestros rostros canten como ídolos

un golpe del alba en las flores
me abandona ebria de nada y de luz lila
ebria de inmovilidad y de certeza

te alejas de los nombres
que hilan el silencio de las cosas

Aquí vivimos con una mano en la garganta. Que nada es posible ya lo sabían los que inventaban lluvias y tejían palabras con el tormento de la ausencia. Por eso en sus plegarias había un sonido de manos enamoradas de la niebla.

A André Pieyre de Mandiargues

en el invierno fabuloso
la endecha de las alas en la lluvia
en la memoria del agua dedos de niebla

Es un cerrar los ojos y jurar no abrirlos. En tanto afuera se alimenten de relojes y de flores nacidas de la astucia. Pero con los ojos cerrados y un sufrimiento en verdad demasiado grande pulsamos los espejos hasta que las palabras olvidadas suenan mágicamente.

Zona de plagas donde la dormida come
lentamente
su corazón de medianoche.

alguna vez

alguna vez tal vez

me iré sin quedarme

me iré como quien se va

A Ester Singer

la pequeña viajera
moría explicando su muerte

sabios animales nostálgicos
visitaban su cuerpo caliente

Vida, mi vida, déjate caer, déjate doler, mi vida, déjate enlazar de fuego, de silencio ingenuo, de piedras verdes en la casa de la noche, déjate caer y doler, mi vida.

en la jaula del tiempo
la dormida mira sus ojos solos

el viento le trae
la tenue respuesta de las hojas

A Alain Glass

más allá de cualquier zona prohibida
hay un espejo para nuestra triste transparencia

Este canto arrepentido, vigía detrás de mis poemas:

Este canto me desmiente, me amordaza.

OTROS POEMAS

(1959)

silencio

yo me uno al silencio

yo me he unido al silencio

y me dejo hacer

me dejo beber

me dejo decir

los náufragos detrás de la sombra
abrazaron a la que se suicidó
con el silencio de su sangre

lo noche bebió vino
y bailó desnuda entre los huesos de la niebla

animal lanzado a su rastro más lejano
o muchacha desnuda sentada en el olvido
mientras su cabeza rota vaga llorando
en busca de un cuerpo más puro

luego
cuando se mueran yo
bailaré
perdida en la luz del vino
y el amante de medianoche

viajera de corazón de pájaro negro
tuya es la soledad a medianoche
tuyos los animales sabios que pueblan tu sueño
en espera de la palabra antigua
tuyo el amor y su sonido a viento roto

CAROLINE DE GUNDERODE

En nostalgique je vagabondais

par l'infini

C. de G.

La mano de la enamorada del viento acaricia
la cara del ausente.
La alucinada con su «maleta de piel de
pájaro»
huye de sí misma con un cuchillo en la memoria.
La que fue devorada por el espejo
entra en un cofre de cenizas
y apacigua a las bestias del olvido.

A Enrique Molina

Yo canto.

No es invocación.

Sólo nombres que regresan.

LOS TRABAJOS Y LAS NOCHES
(1965)

I

POEMA

Tú eliges el lugar de la herida
en donde hablamos nuestro silencio.
Tú haces de mi vida
esta ceremonia demasiado pura.

REVELACIONES

En la noche a tu lado
las palabras son claves, son llaves.
El deseo de morir es rey.

Que tu cuerpo sea siempre
un amado espacio de revelaciones.

EN TU ANIVERSARIO

Recibe este rostro mío, mudo, mendigo.

Recibe este amor que te pido.

Recibe lo que hay en mí que eres tú.

DESTRUCCIONES

...en besos, no en razones

QUEVEDO

Del combate con las palabras ocúltame
y apaga el furor de mi cuerpo elemental.

AMANTES

una flor

no lejos de la noche

mi cuerpo mudo

se abre

a la delicada urgencia del rocío

QUIEN ALUMBRA

Cuando me miras
mis ojos son llaves,
el muro tiene secretos,
mi temor palabras, poemas.
Sólo tú haces de mi memoria
una viajera fascinada,
un fuego incesante.

RECONOCIMIENTO

Tú haces el silencio de las lilas que aletean
en mi tragedia del viento del corazón.

Tú hiciste de mi vida un cuento para niños
en donde naufragios y muertes
son pretextos de ceremonias adorables.

PRESENCIA

tu voz
en este no poder salirse las cosas
de mi mirada
ellas me desposeen
hacen de mí un barco sobre un río de piedras
si no es tu voz
lluvia sola en mi silencio de fiebres
tú me desatas los ojos
y por favor
que me hables
siempre

ENCUENTRO

Alguien entra en el silencio y me abandona.

Ahora la soledad no está sola.

Tú hablas como la noche.

Te anuncias como la sed.

DURACIÓN

De aquí partió en la negra noche
y su cuerpo hubo de morar en este cuarto
en donde sollozos, pasos peligrosos
de quien no viene, pero hay su presencia
amarrada a este lecho en donde sollozos
porque un rostro llama,
engarzado en lo oscuro,
piedra preciosa.

TU VOZ

Emboscado en mi escritura
cantas en mi poema.
Rehén de tu dulce voz
Petrificada en mi memoria.
Pájaro asido a su fuga.
Aire tatuado por un ausente.
Reloj que late conmigo
para que nunca despierte.

EL OLVIDO

en la otra orilla de la noche
el amor es posible

-llévame –

llévame entre las dulces sustancias
que mueren cada día en tu memoria

LOS PASOS PERDIDOS

Antes fue una luz
en mi lenguaje nacido
a pocos pasos del amor.

Noche abierta. Noche presencia.

DONDE CIRCUNDA LO ÁVIDO

Cuando sí venga mis ojos brillarán
de la luz de quien yo lloro
mas ahora alienta un rumor de fuga
en el corazón de toda cosa.

NOMBRARTE

No el poema de tu ausencia,
sólo un dibujo, una grieta en un muro,
algo en el viento, un sabor amargo.

DESPEDIDA

Mata su luz un fuego abandonado.
Sube su canto un pájaro enamorado.
Tantas criaturas ávidas en su silencio
y esta pequeña lluvia que me acompaña.

LOS TRABAJOS Y LAS NOCHES

para reconocer en la sed mi emblema
para significar el único sueño
para no sustentarme nunca de nuevo en el amor

he sido toda ofrenda
un puro error
de loba en el bosque
en la noche de los cuerpos

para decir la palabra inocente

SENTIDO DE SU AUSENCIA

si yo me atrevo
a mirar y a decir
es por su sombra
unida tan suave
a mi nombre
allá lejos
en la lluvia
en mi memoria
por su rostro
que ardiendo en mi poema
dispersa hermosamente
un perfume
a amado rostro desaparecido

II

VERDE PARAÍSO

extraña que fui
cuando vecina de lejanas luces
atesoraba palabras muy puras
para crear nuevos silencios

INFANCIA

hora en que la yerba crece
en la memoria del caballo.
El viento pronuncia discursos ingenuos
en honor de las lilas,
y alguien entra en la muerte
con los ojos abiertos
como Alicia en el país de lo ya visto.

ANTES

A Eva Durrell

bosque musical

los pájaros dibujaban en mis ojos
pequeñas jaulas

III

ANILLOS DE CENIZA

A Cristina Campo

Son mis voces cantando
para que no canten ellos,
los amordazados grismente en el alba,
los vestidos de pájaro desolado en la lluvia.

Hay, en la espera,
un rumor a lila rompiéndose.
Y hay, cuando viene el día,
una partición del sol en pequeños soles negros.
Y cuando es de noche, siempre,
una tribu de palabras mutiladas
busca asilo en mi garganta,
para que no cante ellos,
los funestos, los dueños del silencio.

MADRUGADA

Desnudo soñando una noche solar.
He yacido días animales.
El viento y la lluvia me borraron
como a un fuego, como a un poema
escrito en un muro.

RELOJ

Dama pequeñísima
moradora en el corazón de un pájaro
sale al alba a pronunciar una sílaba

NO

EN UN LUGAR PARA HUIRSE

Espacio. Gran espera.
Nadie viene. Esta sombra.

Darle lo que todos:
significaciones sombrías,
no asombradas.

Espacio. Silencio ardiente.
¿Qué se dan entre sí las sombras?

FRONTERAS INÚTILES

un lugar
no digo un espacio
hablo de
 qué
hablo de lo que no es
hablo de lo que conozco

no el tiempo
sólo todos los instantes
no el amor
no
 sí
no

un lugar de ausencia
un hilo de miserable unión

EL CORAZÓN DE LO QUE EXISTE

no me entregues

tristísima medianoche,

al impuro mediodía blanco

LAS GRANDES PALABRAS

A Antonio Porchia

aún no es ahora
ahora es nunca

aún no es ahora
ahora y siempre
es nunca

SILENCIOS

La muerte siempre al lado.

Escucho su decir.

Sólo me oigo.

PIDO EL SILENCIO

...canta, lastimada mía

CERVANTES

aunque es tarde, es noche,
y tú no puedes.

Canta como si no pasara nada.
Nada pasa.

CAER

Nunca de nuevo la esperanza
en un ir y venir
de nombres, de figuras.
Alguien soñó muy mal,
alguien consumió por error
las distancias olvidadas.

FIESTA

He desplegado mi orfandad
sobre la mesa, como un mapa.
Dibujé el itinerario
hacia mi lugar al viento.
Los que llegan no me encuentran.
Los que espero no existen.

Y he bebido licores furiosos
para transmutar los rostros en un
ángel, en vasos vacíos.

LOS OJOS ABIERTOS

Alguien mide sollozando
la extensión del alba.
Alguien apuñala la almohada
en busca de su imposible
lugar de reposo.

CUARTO SOLO

Si te atreves a sorprender
la verdad de esta vieja pared;
y sus fisuras, desgarraduras,
formando rostros, esfinges,
manos, clepsidras,
seguramente vendrá
una presencia para tu sed,
probablemente partirá
esta ausencia que te bebe.

LA VERDAD DE ESTA VIEJA PARED

que es frío es verde que también se mueve

llama jadea grazna es halo es hielo

hilos vibran tiemblan

hilos

es verde estoy muriendo

es muro es mero muro es mudo mira muere

HISTORIA ANTIGUA

En la medianoche
vienen los vigías infantiles
y vienen las sombras que ya tienen nombre
y vienen los perdonadores
de lo que cometieron mil rostros míos
en la ínfima desgarradura de cada jornada.

INVOCACIONES

Insiste en tu abrazo,
redobla tu furia,
crea un espacio de injurias
entre yo y el espejo,
crea un canto de leprosa
entre yo y la que me creo.

DESMEMORIA

Aunque la voz (su olvido
volcándome náufragas que son yo)
oficia en un jardín petrificado

recuerdo con todas mis vidas
porqué olvido.

UN ABANDONO

Un abandono en suspenso.
Nadie es visible sobre la tierra.
Sólo la música de la sangre
asegura residencia
en un lugar tan abierto.

FORMAS

no sé si pájaro o jaula

mano asesina

o joven muerta entre cirios

o amazona jadeando en la gran garganta oscura

o silenciosa

pero tal vez oral como una fuente

tal vez juglar

o princesa en la torre más alta

COMUNICACIONES

El viento me había comido
parte de la cara y las manos.
Me llamaban *ángel harapiento*.
Yo esperaba.

MEMORIA

A Jorge Gaitán Durán

Arpa de silencio
en donde anida el miedo.
Gemido lunar de las cosas
significando ausencia.

Espacio de color cerrado.
Alguien golpea y arma
un ataúd para la hora,
otro ataúd para la luz.

SOMBRA DE LOS DÍAS A VENIR

A Ivonne A. Bordelois

Mañana
me vestirán con cenizas al alba,
me llenarán la boca de flores.
Aprenderé a dormir
en la memoria de un muro,
en la respiración
de un animal que sueña.

DEL OTRO LADO

Años y minutos hacen el amor.
Máscaras verdes bajo la lluvia.
Iglesia de vitrales obscenos.
Huella azul en la pared.

No conozco.
No reconozco.
Oscuro. Silencio.

CREPÚSCULO

La sombra cubre pétalos mirados
El viento se lleva el último gesto de una hoja
El mar ajeno y doblemente mudo
en el verano que apiada por sus luces

Un deseo de aquí
Una memoria de allá

MORADAS

A Théodore Fraenkel

En la mano crispada de un muerto,
en la memoria de un loco,
en la tristeza de un niño,
en la mano que busca el vaso,
en el vaso inalcanzable,
en la sed de siempre.

MENDIGA VOZ

Y aún me atrevo a amar
el sonido de la luz en una hora muerta,
el color del tiempo en un muro abandonado.

En mi mirada lo he perdido todo.
Es tan lejos pedir. Tan cerca saber que no hay.

**EXTRACCIÓN DE
LA PIEDRA DE LOCURA
(1968)**

A mi madre

I

(1966)

CANTORA NOCTURNA

Joe, macht die Musik von damals macht...

La que murió de su vestido azul está cantando. Canta imbuida de muerte al sol de su ebriedad. Adentro de su canción hay un vestido azul, hay un caballo blanco, hay un corazón verde tatuado con los ecos de los latidos de su corazón muerto. Expuesta a todas las perdiciones, ella canta junto a una niña extraviada que es ella: su amuleto de la buena suerte. Y a pesar de la niebla verde en los labios y del frío gris en los ojos, su voz corroe la distancia que se abre entre la sed y la mano que busca el vaso. Ella canta.

A Olga Orozco

VÉRTIGOS O CONTEMPLACIÓN DE ALGO QUE TERMINA

Esta lila se deshoja.
Desde sí misma cae
y oculta su antigua sombra.
He de morir de cosas así.

LINTERNA SORDA

Los ausentes soplan y la noche es densa. La noche tiene el color de los párpados del muerto.

Toda la noche hago la noche. Toda la noche escribo. Palabra por palabra yo escribo la noche.

PRIVILEGIO

I

Ya he perdido el nombre que me llamaba,
su rostro rueda por mí
como el sonido del agua en la noche,
del agua cayendo en el agua.
Y es su sonrisa la última sobreviviente,
no mi memoria.

II

El más hermoso
en la noche de los que se van,
oh deseado,
es sin fin tu no volver,
sombra tú hasta el día de los días.

CONTEMPLACIÓN

Murieron las formas despavoridas y no hubo más un afuera y un adentro. Nadie estaba escuchando el lugar porque el lugar no existía.

Con el propósito de escuchar están escuchando el lugar.

Adentro de tu máscara relampaguea la noche. Te atraviesan con graznidos. Te martillean con pájaros negros. Colores enemigos se unen en la tragedia.

NUIT DE COUER

Otoño en el azul de un muro: sé amparo de las pequeñas muertas.

Cada noche, en la duración de un grito, viene una sombra nueva. A solas danza la misteriosa autónoma. Comparto su miedo de animal muy joven en la primera noche de las cacerías.

CUENTO DE INVIERNO

La luz del viento entre los pinos ¿comprendo estos signos de tristeza incandescente?

Un ahorcado se balancea en el árbol marcado con la cruz lila.

Hasta que logró deslizarse fuera de mi sueño y entrar a mi cuarto, por la ventana, en complicidad con el viento de medianoche.

EN LA OTRA MADRUGADA

Veo crecer hasta mis ojos figuras de silencio y desesperadas.
Escucho grises, densas voces en el antiguo lugar del corazón.

DESFUNDACIÓN

Alguien quiso abrir alguna puerta. Duelen sus manos aferradas a su prisión de huesos de mal agüero.

Toda la noche ha forcejeado con su nueva sombra. Llovió adentro de la madrugada y martillaban con lloronas.

La infancia implora desde mis noches de cripta.

La música emite colores ingenuos.

Grisés pájaros en el amanecer son a la ventana cerrada lo que a mis males mi poema.

FIGURAS Y SILENCIOS

Manos crispadas me confinan al exilio.

Ayúdame a no pedir ayuda.

Me quieren anochecer, me van a morir.

Ayúdame a no pedir ayuda.

FRAGMENTOS PARA DOMINAR EL SILENCIO

I

Las fuerzas del lenguaje son las damas solitarias, desoladas, que cantan a través de mi voz que escucho a lo lejos. Y lejos, en la negra arena, yace una niña densa de música ancestral. ¿Dónde la verdadera muerte? He querido iluminarme a la luz de mi falta de luz. Los ramos se mueren en la memoria. La yacente anida en mí con su máscara de loba. La que no pudo más e imploró llamas y ardimos.

II

Cuando a la casa del lenguaje se le vuela el tejado y las palabras no guarecen, yo hablo.

Las damas de rojo se extraviaron dentro de sus máscaras aunque regresarían para sollozar entre flores.

No es muda la muerte. Escucho el canto de los enlutados sellar las hendiduras del silencio. Escucho tu dulcísimo canto florecer mi silencio gris.

III

La muerte ha restituido al silencio su prestigio hechizante. Y yo no diré mi poema y yo he de decirlo. Aún si el poema (aquí, ahora) no tiene sentido, no tiene destino.

SORTILEGIOS

Y las damas vestidas de rojo para mi dolor y con mi dolor insumidas en soplo, agazapadas como fetos de escorpiones en el lado más interno de mi nuca, las madres de rojo que me aspiran el único calor que me doy con mi corazón que apenas pudo nunca latir, a mi que siempre tuve que aprender sola cómo se hace para beber y comer y respirar y a mí que nadie me enseñó a llorar y nadie me enseñará ni siquiera las grandes damas adheridas a la entretela de mi respiración con babas rojizas y velos flotantes de sangre, mi sangre, la mía sola, la que yo me procuré y ahora vienen a beber de mí luego de haber matado al rey que flota en el río y mueve los ojos y sonrío pero está muerto y cuando alguien está muerto, muerto está por más que sonría y las grandes, las trágicas damas de rojo han matado al que se va río abajo y yo me quedo como rehén en perpetua posesión.

II
(1963)

UN SUEÑO DONDE EL SILENCIO ES DE ORO

El perro del invierno dentellea mi sonrisa. Fue en el puente. Yo estaba desnuda y llevaba un sombrero con flores y arrastraba mi cadáver también desnudo y con un sombrero de hojas secas.

He tenido muchos amores – dije – pero el más hermoso fue mi amor por los espejos.

TÊTE DE JEUNE FILLE (ODILON REDON)

de música la lluvia
de silencio los años
que pasan una noche
mi cuerpo nunca más
podrá recordarse.

A André Pieyre de Mandiargues

RESCATE

Y es siempre el jardín de lilas del otro lado del río. Si el alma pregunta si queda lejos se le responderá: del otro lado del río, no éste sino aquél.

A Octavio Paz

ESCRITO EN EL ESCORIAL

te llamo

igual que antaño la amiga al amigo

en pequeñas canciones

miedosas del alba

EL SOL, EL POEMA

Barcos sobre el agua natal.

Agua negra, animal de olvido. Agua lila, única vigilia.

El misterio soleado de las voces en el parque. Oh tan antiguo.

ESTAR

Vigilas desde este cuarto
donde la sombra temible es la tuya.

No hay silencio aquí
sino frases que evitas oír.

Signos en los muros
narran la bella lejanía.

(Haz que no muera
sin volver a verte)

LAS PROMESAS DE LA MÚSICA

Detrás de un muro blanco la variedad del arco iris. La muñeca en su jaula está haciendo el otoño. Es el despertar de las ofrendas. Un jardín recién creado, un llanto detrás de la música. Y que suene siempre, así nadie asistirá al movimiento del nacimiento, a la mímica de las ofrendas, al discurso de aquella que soy anudada a esta silenciosa que también soy. Y que de mí no quede más que la alegría de quien pidió entrar y le fue concedido. Es la música, es la muerte, lo que yo quise decir en noches variadas como los colores del bosque.

INMINENCIA

Y el muelle gris y las casas rojas. Y no es aún la soledad Y los ojos ven un cuadrado negro con un círculo de música lila en su centro Y el jardín de las delicias sólo existe fuera de los jardines Y la soledad es no poder decirla Y el muelle gris y las casas rojas.

CONTINUIDAD

No nombrar las cosas por sus nombres. Las cosas tienen bordes dentados, vegetación lujuriosa. Pero quién habla en la habitación llena de ojos. Quién dentellea con una boca de papel. Nombres que vienen, sombras con máscaras. Cúrame del vacío – dije. (La luz se amaba en mi oscuridad. Supe que no había cuando me encontré diciendo: soy yo.) Cúrame – dije.

ADIOSSES DEL VERANO

Suave rumor de la maleza creciendo. Sonidos de lo que destruye el viento. Llegan a mí como si yo fuera el corazón de lo que existe. Quisiera estar muerta y entrar yo también en un corazón ajeno.

COMO AGUA SOBRE UNA PIEDRA

a quien retorna en busca de su antiguo buscar
la noche se le cierra como agua sobre una piedra
como aire sobre un pájaro
como se cierran dos cuerpos al amarse

EN UN OTOÑO ANTIGUO

¿Cómo se llama el nombre?

Un color como un ataúd, una transparencia que no atravesarás.

¿Y cómo es posible no saber tanto?

A Marie – Jeanne Noirot

III
(1962)

I

Y sobre todo mirar con inocencia. Como si no pasara nada, lo cual es cierto.

II

Pero a ti quiero mirarte hasta que tu rostro se aleje de mi miedo como un pájaro del borde filoso de la noche.

III

Como una niña de tiza rosada en un muro muy vieja súbitamente borrada por la lluvia.

IV

Como cuando se abre una flor y revela el corazón que no tiene.

V

Todos los gestos de mi cuerpo y de mi voz para hacer de mí la ofrenda, el ramo que abandona el viento en el umbral.

VI

Cubre la memoria de tu cara con la máscara de la que serás y asusta a la niña que fuiste.

VII

La noche de los dos se dispersó con la niebla. Es la estación de los alimentos fríos.

VIII

Y la sed, mi memoria es de la sed, yo abajo, en el fondo, en el pozo, yo bebía, yo recuerdo.

IX

Caer como un animal herido en el lugar que iba a ser de revelaciones.

X

Como quien no quiere la cosa. Ninguna cosa. Boca cosida. Párpados cosidos. Me olvidé. Adentro el viento. Todo cerrado y el viento adentro.

XI

Al negro sol del silencio las palabras se doraban.

XII

Pero el silencio es cierto. Por eso escribo. Estoy sola y escribo. No, no estoy sola. Hay alguien aquí que tiembla.

XIII

Aún si digo *sol* y *luna* y *estrella* me refiero a cosas que me suceden.
¿Y qué deseaba yo?

Deseaba un silencio perfecto. Por
eso hablo.

XIV

La noche tiene la forma de un grito de lobo.

XV

Delicia de perderse en la imagen presentida. Yo me levanté de mi cadáver,
yo fui en busca de quien soy. Peregrina de mí, he ido hacia la que duerme en
un país al viento.

XVI

Mi caída sin fin a mi caída sin fin en donde nadie me aguardó pues al
mirar quien me aguardaba no vi otra cosa que a mí misma.

XVII

Algo caía en el silencio. Mi última palabra fue *yo* pero me refería al alba
luminosa.

XVIII

Flores amarillas constelan un círculo de tela azul. El agua tiembla llena de
viento.

XIX

Deslumbramiento del día, pájaros amarillos en la mañana. Una mano desata
tinieblas, una mano arrastra la cabellera de una ahogada que no cesa de pasar

por el espejo. Volver a la memoria del cuerpo, he de volver a mis huesos en duelo, he de comprender lo que dice mi voz.

IV
(1964)

EXTRACCIÓN DE LA PIEDRA DE LOCURA

*Elles, les âmes (...), sont malades et elles souffrent et
nul ne leur porte-remède; elles sont blessées et brisées et
nul ne les panse.*

RUYSBROECK

La luz mala se ha avecinado y nada es cierto. Y pienso en todo lo que leí acerca del espíritu... Cerré los ojos, vi cuerpos luminosos que giraban en la niebla, en el lugar de las ambiguas vecindades. No temas, nada te sobrevendrá, ya no hay violadores de tumbas. El silencio, silencio siempre, las monedas de oro del sueño.

Hablo como en mí se habla. No mi voz obstinada en parecer una voz humana sino la otra que atestigua que no he cesado de morar en el bosque.

Si vieras a la que sin ti duerme en un jardín en ruinas en la memoria. Allí yo, ebria de mil muertes, hablo de mí conmigo sólo por saber si es verdad que estoy debajo de la hierba. No sé los nombres.
¿A quién le dirás que no sabes? Te deseas otra. La otra que eres se desea otra
¿Qué pasa en la verde alameda? Pasa que no es verde y ni

siquiera hay una alameda. Y ahora juegas a ser esclava para ocultar tu corona ¿otorgada por quién? ¿quién te ha ungido? ¿quién te ha consagrado? El invisible pueblo de la memoria más vieja. Perdida por propio designio, has renunciado a tu reino por las cenizas. Quien te

hace doler te recuerda antiguos homenajes. No obstante, lloras funestamente y evocas tu locura y hasta quisieras extraerla de ti como si fuese una piedra, a ella, tu solo privilegio. En un muro blanco dibujas las alegorías del reposo, y es siempre una reina loca que yace bajo la luna sobre la triste hierba del viejo jardín. Pero no hables de los jardines, no hables de la luna, no hables de la rosa, no hables del mar. Habla de lo que sabes. Habla de lo que vibra en tu médula y hace luces y sombras en tu mirada, habla del dolor incesante de tus huesos, habla del vértigo, habla de tu respiración, de tu desolación, de tu traición. Es tan oscuro, tan en silencio el proceso a que me obligo. Oh habla del silencio.

De repente poseída por un funesto presentimiento de un viento negro que impide respirar, busqué el recuerdo de alguna alegría que me sirviera de escudo, o de arma de defensa, o aún de ataque. Parecía el Eclesiastés: busqué en todas mis memorias y nada, nada debajo de la aurora de dedos negros. Mi oficio (también en el sueño lo ejerzo) es conjurar y exorcizar. ¿A qué hora empezó la desgracia? No quiero saber. No quiero más que un silencio para mí y las que fui, un silencio como la pequeña choza que encuentran en el bosque los niños perdidos. Y qué sé yo qué ha de ser de mí si nada rima con nada.

Te despeñas. Es el sínfin desesperante, igual y no obstante contrario a la noche de los cuerpos donde apenas un manantial cesa aparece otro que reanuda el fin de las aguas.

Sin el perdón de las aguas no puedo vivir. Sin el mármol final del cielo no puedo morir.

En ti es de noche. Pronto asistirás al animoso encabritarse del animal que eres. Corazón de la noche, habla.

Haberse muerto en quien se era y en quien se amaba, haberse y no haberse dado vuelta como un cielo tormentoso y celeste al mismo tiempo.

Hubiese querido más que esto y a la vez nada.

Va y viene diciéndose solo en solitario vaivén. Un perderse gota a gota el sentido de los días. Señuelos de conceptos. Trampas de vocales. La razón me muestra la salida del escenario donde levantaron una iglesia bajo la lluvia: la mujer-loba deposita su vástago en el umbral y huye. Hay una luz tristísima de cirios acechados por un soplo maligno. Lloro la niña loba. Ningún dormido la oye. Todas las pestes y las plagas para los que duermen en paz.

Esta voz ávida venida de antiguos plañidos. Ingenuamente existes, te disfrazas de pequeña asesina, te das miedo frente al espejo. Hundirme en la tierra y que la tierra se cierre sobre mí. Éxtasis innoble. Tu sabes que te han humillado hasta cuando te mostraban el sol. Tu sabes que nunca sabrás defenderte, que sólo deseas presentarles el trofeo, quiero decir tu cadáver, y que se lo coman y se lo beban.

Las moradas del consuelo, la consagración de la inocencia, la alegría inadjetivable del cuerpo.

Si de pronto una pintura se anima y el niño florentino que miras ardientemente extiende una mano y te invita a permanecer a su lado en la terrible dicha de ser un objeto a mirar y admirar. No (dije), para ser dos hay que ser distintos. Yo estoy fuera del marco pero el modo de ofrendarse es el mismo.

Briznas, muñecos sin cabeza, yo me llamo, yo me llamo toda la noche. Y en mi sueño un carronato de circo lleno de corsarios muertos en sus ataúdes. Un momento antes, con bellísimos atavíos y parches negros en el ojo, los capitanes saltaban de un bergantín a otro como olas, hermosos como soles.

De manera que soñé capitanes y ataúdes de colores deliciosos y ahora tengo miedo a causa de todas las cosas que guardo, no un cofre de piratas, no un tesoro bien enterrado, sino cuantas cosas en movimiento, cuantas pequeñas figuras azules y doradas gesticulan y danzan (pero decir no dicen), y luego está el espacio negro – déjate caer, déjate caer-, umbral de la más alta inocencia o tal vez tan sólo de la locura. Comprendo mi miedo a una rebelión de las pequeñas figuras azules y doradas. Alma partida, alma compartida, he vagado y errado tanto para fundar uniones con el niño pintado en tanto que objeto a contemplar, y no obstante, luego de analizar los colores y las formas, me encontré haciendo el amor con un muchacho viviente en el mismo momento que el del cuadro se desnudaba y me poseía detrás de mis párpados cerrados.

Sonríe y yo soy una minúscula marioneta rosa con un paraguas celeste yo entro por su sonrisa yo hago mi casita en su lengua yo habito en la palma de su mano cierra sus dedos en polvo dorado un poco de sangre adiós oh adiós.

Como una voz no lejos de la noche arde el fuego más exacto. Sin piel ni huesos andan los animales por el bosque hecho cenizas. Una vez el canto de un solo

pájaro te había aproximado al calor más agudo. Mares y diademas, mares y serpientes. Por favor, mira como la pequeña calavera de perro suspendida del cielo raso pintado de azul se balancea con hojas secas que tiemblan en torno de ella. Grietas y agujeros en mi persona escapada de un incendio. Escribir es buscar en el tumulto de los quemados el hueso del brazo que corresponda al hueso de la pierna. Miserable mixtura. Yo restauro, yo reconstruyo, yo ando así de rodeada de muerte. Y es sin gracia, sin aureola, sin tregua. Y esa voz, esa elegía a una causa primera: un grito, un soplo, un respirar entre dioses. Yo relato mi víspera, ¿Y qué puedes tú? Sales de tu guarida y no entiendes. Vuelves a ella y ya no importa entender o no. Vuelves a salir y no entiendes. No hay por donde respirar y tú hablas del soplo de los dioses.

No me hables del sol porque me moriría. Llévame como a una princesita ciega, como cuando lenta y cuidadosamente se hace el otoño en un jardín.

Vendrás a mí con tu voz apenas coloreada por un acento que me hará evocar una puerta abierta, con la sombra de un pájaro de bello nombre, con lo que esa sombra deja en la memoria, con lo que permanece cuando avientan las cenizas de una joven muerta, con los trazos que duran en la hoja después de haber borrado un dibujo que representaba una casa, un árbol, el sol y un animal.

Si no vino es porque no vino. Es como hacer el otoño. Nada esperabas de su venida. Todo lo esperabas. Vida de tu sombra ¿qué quieres? Un transcurrir de fiesta delirante, un lenguaje sin límites, un naufragio en tus propias aguas, oh avara.

Cada hora, cada día, yo quisiera no tener que hablar. Figuras de cera los otros y sobre todo yo, que soy más otra que ellos. Nada pretendo en este poema si no es desanudar mi garganta.

Rápido, tu voz más oculta. Se transmuta, te transmite. Tanto que Hacer y yo me deshago. Te excomulgan de ti. Sufro, luego no sé. En el sueño el rey moría de amor por mí. Aquí, pequeña mendiga, te inmunizan. (Y aún tienes cara de niña; varios años más y no les caerás en gracia ni a los perros.)

mi cuerpo se abría al conocimiento de mi estar
y de mi ser confusos y difusos
mi cuerpo vibraba y respiraba
según un canto ahora olvidado
yo no era aún la fugitiva de la música
yo sabía el lugar del tiempo
y el tiempo del lugar en el
amor yo me abría
y ritmaba los viejos gestos de la amante
heredera de la visión
de un jardín prohibido

La que soñó, la que fue soñada. Paisajes prodigiosos para la infancia más fiel.
A falta de eso –que no es mucho-, la voz que injuria tiene razón.

La tenebrosa luminosidad de los sueños ahogados. Agua dolorosa.

El sueño demasiado tarde, los caballos blancos demasiado tarde, el haberme ido con una melodía demasiado tarde. La melodía pulsaba mi corazón y yo lloré la pérdida de mi único bien, alguien me vio llorando en el sueño y yo expliqué (dentro de lo posible), mediante palabras simples (dentro de lo posible), palabras buenas y seguras (dentro de lo posible). Me adueñé de mi persona, la arranqué del

hermoso delirio, la anonadé a fin de serenar el terror que alguien tenía a que me muriera en su casa.

¿Y yo? ¿A cuántos he salvado yo?

El haberme prosternado ante el sufrimiento de los demás, el haberme acallado en honor de los demás.

Retrocedía mi roja violencia elemental. El sexo a flor de corazón, la vía del éxtasis entre las piernas. Mi violencia de vientos rojos y de vientos negros. Las verdaderas fiestas tienen lugar en el cuerpo y en los sueños.

Puertas del corazón, perro apaleado, veo un templo, tiemblo, ¿qué pasa? No pasa. Yo presentía una escritura total. El animal palpitaba en mis brazos con rumores de órganos vivos, calor, corazón, respiración, todo musical y silencioso al mismo tiempo. ¿Qué significa traducirse en palabras? Y los proyectos del perfección a largo plazo; medir cada día la probable elevación de mi espíritu, la desaparición de mis faltas gramaticales. Mi sueño es un sueño sin alternativas y quiero morir al pie de la letra del lugar común que asegura que morir es soñar. La luz, el vino prohibido, los vértigos, ¿para quién escribes? Ruinas de un templo olvidado. Si celebrar fuera posible.

Visión enlutada, desgarrada, de un jardín con estatuas rojas. Al filo de la madrugada los huesos te dolían. Tú te desgarras. Te lo prevengo y te lo previne. Tú te desarmas. Te lo digo, te lo dije. Tú te desnudas. Te desposees. Te desunes. Te lo predije. De pronto se deshizo: ningún nacimiento. Te llevas, te sobrellevas. Solamente tú sabes de este ritmo quebrantado. Ahora tus despojos, recogerlos uno a uno, gran hastío, en dónde dejarlos. De haberla tenido cerca, hubiese vendido mi alma a cambio de invisibilizarme. Ebria de mí, de la música, de los poemas, porque no dije del agujero de la ausencia. En un himno harapiento rodaba el llanto por mi cara. ¿Y por qué no dicen algo? ¿Y para qué este gran silencio?

EL SUEÑO DE LA MUERTE O EL LUGAR DE LOS CUERPOS POÉTICOS

*Esta noche, dijo, desde el ocaso, me cubrían con una mortaja
negra en un lecho de cedro.*

Me escanciaban vino azul mezclado con amargura.

EL CANTAR DE LAS HUESTES DE ÍGOR

Toda la noche escucho el llamamiento de la muerte, toda la noche escucho el canto de la muerte junto al río, toda la noche escucho la voz de la muerte que me llama.

Y tantos sueños unidos, tantas posesiones, tantas inmersiones, en mis posesiones de pequeña difunta en un jardín de ruinas y de lilas. Junto al río la muerte me llama. Desoladamente desgarrada en el corazón escucho el canto de la más pura alegría.

Y es verdad que he despertado en el lugar del amor porque al oír su canto dije: es el lugar del amor. Y es verdad que he despertado en el lugar del amor porque con una sonrisa de duelo yo oí su canto y me dije: es el lugar del amor (pero tembloroso pero fosforescente).

Y las danzas mecánicas de los muñecos antiguos y las desdichas heredadas y el agua veloz en círculos, por favor, no sientas miedo de decirlo: el agua veloz en círculos fugacísimos mientras en la orilla el gesto detenido de los brazos detenidos en un llamamiento al abrazo, en la nostalgia más pura, en el río, en la niebla, en el sol debilísimo filtrándose a través de la niebla.

Más desde adentro: el objeto sin nombre que nace y se pulveriza en el lugar en que el silencio pesa como barras de oro y el tiempo es un viento afilado que atraviesa una grieta y es esa su sola declaración. Hablo del lugar en que se hacen los cuerpos poéticos – como un cesta llena de cadáveres de niñas. Y es en ese lugar donde la muerte está sentada, viste un traje muy antiguo y pulsa un arpa en la orilla el río lúgubre, la muerte en un vestido rojo, la bella, la funesta, la

espectral, la que toda la noche pulsó un arpa hasta que me adormecí dentro del sueño.

¿Qué hubo en el fondo del río? ¿Qué paisajes se hacían y deshacían detrás del paisaje en cuyo centro había un cuadro donde estaba pintada una bella dama que tañe un laúd y canta junto a un río? Detrás, a pocos pasos, veía el escenario de cenizas donde representé mi nacimiento. El nacer, que es un acto lúgubre, me causaba gracia. El humor corroía los bordes reales de mi cuerpo de modo que pronto fui una figura fosforescente: el iris de un ojo lila tornasolado; una centelleante niña de papel plateado a medias ahogada dentro de un vaso de vino azul. Sin luz ni guía avanzaba por el camino de las metamorfosis. Un mundo subterráneo de criaturas de formas no acabadas, un lugar de gestación, un vivero de brazos, de troncos, de caras, y las manos de los muñecos suspendidas como hojas de los fríos árboles filosos aleteaban y resonaban movidas por el viento, y los troncos sin cabeza vestidos de colores tan alegres danzaban rondas infantiles junto a un ataúd lleno de cabezas de locos que aullaban como lobos, y mi cabeza, de súbito, parece querer salirse ahora por mi útero como si los cuerpos poéticos forcejearan por irrumpir en la realidad, nacer a ella, y hay alguien en mi garganta, alguien que se estuvo gestando en soledad, y yo, no acabada, ardiente por nacer, me abro, se me abre, va a venir, voy a venir. El cuerpo poético, el heredado, el no filtrado por el sol de la lúgubre mañana, un grito, una llamada, una llamarada, un llamamiento. Sí. Quiero ver el fondo del río, quiero ver si aquello se abre, si irrumpe y florece del lado de aquí, y vendrá o no vendrá pero siento que está forcejeando, y quizás y tal vez solamente la muerte.

La muerte es una palabra.

La palabra es una cosa, la muerte es una cosa, es un cuerpo poético que alienta en el lugar de mi nacimiento.

Nunca de este modo lograrás circundarlo. Habla, pero sobre el escenario de cenizas; habla, pero desde el fondo del río donde está la muerte cantando. Y la muerte es ella, me lo dijo el sueño, me lo dijo la canción de la reina. La muerte de cabellos del color del cuervo, vestida de rojo, blandiendo en sus manos funestas un laúd y huesos de pájaro para golpear en mi tumba, se alejó cantando y contemplada de atrás parecía una vieja mendiga y los niños le arrojaban piedras.

Cantaba en la mañana de niebla apenas filtrada por el sol, la mañana del nacimiento, y yo caminaría con una antorcha en la mano por todos los desiertos de

este mundo y aún muerta te seguiría buscando, amor mío perdido, y el canto de la muerte se desplegó en el término de una sola mañana, y cantaba, y cantaba.

También cantó en la vieja taberna cercana del puerto. Había un payaso adolescente y yo le dije que en mis poemas la muerte era mi amante y amante era la muerte y él dijo: tus poemas dicen la justa verdad. Yo tenía dieciséis años y no tenía otro remedio que buscar el amor absoluto. Y fue en la taberna del puerto que cantó la canción.

Escribo con los ojos cerrados, escribo con los ojos abiertos: que se desmorone el muro, que se vuelva río el muro.

La muerte azul, la muerte verde, la muerte roja, la muerte lila, en las visiones del nacimiento.

El traje azul y plata fosforescente de la plañidera en la noche medieval de toda muerte mía.

La muerte está cantando junto al río.

Y fue en la taberna del puerto que cantó la canción de la muerte. Me voy a morir, me dijo, me voy a morir.

Al alba venid, buen amigo, al alba venid.

Nos hemos reconocido, nos hemos desaparecido, *amigo el que yo más quería.*

Yo, asistiendo a mi nacimiento. Yo, a mi muerte.

Y yo caminaría por todos los desiertos de este mundo y aún muerta te seguiría buscando, a ti, que fuiste el lugar del amor.

NOCHE COMPARTIDA EN EL RECUERDO DE UNA HUIDA

Golpes en la tumba. Al filo de las palabras golpes en la tumba. Quien vive, dije. Yo dije quién vive. Y hasta cuando esta intromisión de lo externo en lo interno, o de lo menos interno de lo interno, que se va tejiendo como un manto de arpillera sobre mi pobreza indecible.

No fue el sueño, no fue la vigilia, no fue el crimen, no fue el nacimiento: solamente el golpear con un pesado cuchillo sobre la tumba de mi amigo. Y lo absurdo de mi costado derecho, lo absurdo de un sauce inclinado hacia la derecha sobre un río, mi brazo derecho, mi hombro derecho, mi oreja derecha, mi pierna derecha, mi posesión derecha, mi desposesión. Desviarme hacia mi muchacha izquierda – manchas azules en mi palma izquierda, misteriosas manchas azules -, mi zona de silencio virgen, mi lugar de reposo en donde me estoy esperando. No, aún es demasiado desconocida, aún no sé reconocer estos sonidos nuevos que están iniciando un canto de queja diferente del mío que es un canto de quemada, que es un canto de niña perdida en una silenciosa ciudad en ruinas.

¿Y cuántos centenares de años hace que estoy muerta y te amo?

Escucho mis voces, los coros de los muertos. Atrapada entre las rocas; empotrada en la hendidura de una roca. No soy yo la hablante: es el viento que me hace aletear para que yo crea que estos cánticos del azar que se formulan por obra del movimiento son palabras venidas de mí.

Y esto fue cuando empecé a morirme, cuando golpearon en los cimientos y me recordé.

Suenan las trompetas de la muerte. El cortejo de muñecas de corazones de espejo con mis ojos azul-verdes reflejados en cada uno de los corazones. Imitas gestos viejos heredados. Las damas de antaño cantaban entre muros leprosos, escuchaban las trompetas de la muerte, miraban desfilar – ellas, las imaginadas – un cortejo imaginario de muñecas con corazones de espejo y en cada corazón mis ojos de pájara de papel dorado embestida por el viento. La imaginada pajarita cree cantar; en verdad sólo murmura como un sauce inclinado sobre el río.

Muñequita de papel, yo la recorté en papel celeste, verde, rojo, y se quedó en el suelo, en el máximo de la carencia de relieves y de dimensiones. En medio del camino te incrustaron, figurita errante, estás en el medio del camino y nadie te distingue pues no te diferencias del suelo aun si a veces gritas, pero ha tantas cosas que gritan en un camino ¿por qué irían a ver qué significa esa mancha verde, celeste, roja?

Si fuertemente, a sangre y fuego, se graban mis imágenes, sin sonidos, sin colores, ni siquiera lo blanco. Si se intensifica el rastro de los animales nocturnos en las inscripciones de mis huesos. Si me afinco en el lugar del recuerdo como una criatura se atiene a la saliente de una montaña y al más pequeño movimiento hecho de olvido cae – hablo de lo irremediable, pido lo irremediable -, el cuerpo desatado y los huesos desparramados en el silencio de la nieve traidora. Proyectada hacia el regreso, cúbreme con una mortaja lila. Y luego cántame una canción de una ternura sin precedentes, una canción que no diga de la vida ni de la muerte sino de gestos levísimos como el más imperceptible ademán de aquiescencia, una canción que sea menos que una canción, una canción como un dibujo que representa una pequeña casa debajo de un sol al que le faltan algunos rayos; allí ha de poder vivir la muñequita de papel verde, celeste y rojo; allí se ha de poder erguir y tal vez andar en su casita dibujada sobre una página en blanco.

EL INFIERNO MUSICAL

(1971)

EL DESEO DE LA PALABRA

COLD IN HAND BLUES

y qué es lo que vas a decir voy
a decir solamente algo

y qué es lo que vas a hacer
voy a ocultarme en el lenguaje
y por qué
tengo miedo

PIEDRA FUNDAMENTAL

No puedo hablar con mi voz sino con mis voces.

Sus ojos eran la entrada del templo, para mí, que soy errante, que amo y muero. Y hubiese cantado hasta hacerme una con la noche, hasta deshacerme desnuda en la entrada del tiempo.

Un canto que atravieso como un túnel.

Presencias inquietantes,
gestos de figuras que se aparecen vivientes por obra de un lenguaje activo que las alude,
signos que insinúan terrores insolubles.

Una vibración de los cimientos, un trepidar de los fundamentos, drenan y barrenan,
y he sabido dónde se aposenta aquello tan otro que es yo, que espera que me calle para tomar posesión de mí y drenar y barrenar los cimientos, los fundamentos,
aquello que me es adverso desde mí, conspira, toma posesión de mi terreno baldío,
no,
 he de hacer algo,
no,
 no he de hacer nada,

algo en mí no se abandona a la cascada de cenizas que me arrasa dentro de mí con ella que es yo, conmigo que soy ella y que soy yo, indeciblemente distinta de ella.

En el silencio mismo (no el mismo silencio) tragar noche, una noche inmensa inmersa en el sigilo de los pasos perdidos.

No puedo hablar para nada decir. Por eso nos perdemos, yo y el poema, en la tentativa inútil de transcribir relaciones ardientes.

¿A dónde la conduce esta escritura? A lo negro, a lo estéril, a lo fragmentado.

Las muñecas desventradas por mis antiguas manos de muñeca, la desilusión al encontrar pura estopa (pura estepa tu memoria): el padre, que tuvo que ser Tiresias, flota en el río. Pero tú, ¿por qué te dejaste asesinar escuchando cuentos de álamos nevados?

Yo quería que mis dedos de muñeca penetraran en las teclas. Yo no quería rozar, como una araña, el teclado. Yo quería hundirme, clavarme, fijarme, petrificarme. Yo quería entrar en el teclado para entrar adentro de la música para tener una patria. Pero la música se movía, se apresuraba. Sólo cuando un refrán reincidía, alentaba en mí la esperanza de que se estableciera algo parecido a una estación de trenes, quiero decir: un punto de partida firme y seguro; un lugar desde el cual partir, desde el lugar, hacia el lugar, en unión y fusión con el lugar. Pero el refrán era demasiado breve, de modo que yo no podía fundar una estación pues no contaba más que con un tren salido de los rieles que se contorsionaba y se distorsionaba. Entonces abandoné la música y sus traiciones porque la música estaba más arriba o más abajo, pero no en el centro, en el lugar de la fusión y del encuentro. (Tú que fuiste mi única patria ¿en dónde buscarte? Tal vez en este poema que voy escribiendo.)

Una noche en el circo recobré un lenguaje perdido en el momento que los jinetes con antorchas en la mano galopaban en ronda feroz sobre corceles negros. Ni en mis sueños de dicha existirá un coro de ángeles que suministre algo semejante a los sonidos calientes para mi corazón de los cascos contra las arenas.

(Y me dijo: Escribe; porque estas palabras son fieles y verdaderas.)

(Es un hombre o una piedra o un árbol el que va a comenzar el canto...)

Y era un estremecimiento suavemente trepidante (lo digo para aleccionar a la que extravió en mí su musicalidad y trepida con más disonancia que un caballo azuzado por una antorcha en las arenas de un país extranjero).

Estaba abrazada al suelo, diciendo un nombre. Creí que me había muerto y que la muerte era decir un nombre sin cesar.

No es esto, tal vez, lo que quiero decir. Este decir y decirse no es grato. No puedo hablar con mi voz sino con mis voces. También este poema es posible que sea una trampa, un escenario más.

Cuando el baco alternó su ritmo y vaciló en el agua violenta, me erguí como la amazona que domina solamente con sus ojos azules al caballo que se encabrita (¿o fue con sus ojos azules?). El agua verde en mi cara, he de beber de ti hasta que la noche se abra. Nadie puede salvarme pues soy invisible aun para mí que me llamo con tu voz. ¿En dónde estoy? Estoy en un jardín.

Hay un jardín.

OJOS PRIMITIVOS

En donde el miedo no cuenta cuentos y poemas, no forma figuras de terror y de gloria.

Vacío gris es mi nombre, mi pronombre.

Conozco la gama de los miedos y ese comenzar a cantar despacito en el desfiladero que reconduce hacia mi desconocida que soy, mi emigrante de sí.

Escribo contra el miedo. Contra el viento con garras que se aloja en mi respiración.

Y cuando por la mañana temes encontrarte muerta (y que no haya más imágenes): el silencio de la compresión, el silencio del mero estar, en esto se van los años, en esto se fue la bella alegría animal.

EL INFIERNO MUSICAL

Golpean con soles

Nada se acopla con nada aquí

Y de tanto animal muerto en el cementerio de huesos filosos de mi memoria

Y de tantas monjas como cuervos que se precipitan a hurgar entre mis piernas

La cantidad de fragmentos me desgarran

Impuro diálogo

Un proyectarse desesperado de la materia verbal

Liberada de sí misma

Nafragando en sí misma

EL DESEO DE LA PALABRA

La noche, de nuevo la noche, la magistral sapiencia de lo oscuro, el cálido roce de la muerte, un instante de éxtasis para mí, heredera de todo jardín prohibido.

Pasos y voces del lado sombrío del jardín. Risas en el interior de las paredes. No vayas a creer que están vivos. No vayas a creer que no están vivos. En cualquier momento la fisura en la pared y el súbito desbandarse de las niñas que fui.

Caen niñas de papel de variados colores. ¿Hablan los colores?
¿Hablan las imágenes de papel? Solamente hablan las doradas y de esas no hay ninguna por aquí.

Voy entre muros que se acercan, que se juntan. Toda la noche hasta la aurora salmodiaba: *Si no vino es porque no vino*. Pregunto. ¿A quién? Dice que pregunta, quiere saber a quién pregunta. Tú ya no hablas con nadie. Extranjera a muerte está muriéndose. Otro es el lenguaje de los agonizantes.

He malgastado el don de transfigurar a los prohibidos (los siento respirar adentro de las paredes). Imposible narrar mi día, mi vía. Pero contempla absolutamente sola la desnudez de estos muros. Ninguna flor crece ni crecerá del milagro. A pan y agua toda la vida.

En la cima de la alegría he declarado acerca de una música jamás oída.
¿Y qué? Ojalá pudiera vivir solamente en éxtasis, haciendo el cuerpo del poema con mi cuerpo, rescatando cada frase con mis días y mis semanas, infundiéndole al poema mi soplo a medida que cada letra de cada palabra haya sido sacrificada en las ceremonias del vivir.

LA PALABRA DEL DESEO

Esta espectral textura de la oscuridad, esta melodía en los huesos, este soplo de silencios diversos, este ir abajo por abajo, esta galería oscura, oscura, este hundirse sin hundirse.

¿Qué estoy haciendo? Está oscuro y quiero entrar. No sé que más decir. (Yo no quiero decir, yo quiero entrar.) El dolor en los huesos, el lenguaje roto a paladas, poco a poco reconstituir el diagrama de la irrealidad.

Posesiones no tengo (esto es seguro; al fin algo seguro). Luego una melodía. Es una melodía plañidera, una luz lila, una inminencia sin destinatario. Veo la melodía. Presencia de una luz anaranjada. Sin tu mirada no voy a saber vivir, también esto es seguro. Te suscito, te resucito. Y me dijo que saliera al viento y fuera de casa en casa preguntando si estaba.

Paso desnuda con un cirio en la mano, castillo frío, jardín de las delicias. La soledad no es estar parada en el muelle, a la madrugada, mirando el agua con avidez. La soledad es no poder decirla por no poder circundarla por no poder darle un rostro por no poder hacerla sinónimo de un paisaje. La soledad sería esta melodía rota de mis frases.

NOMBRES Y FIGURAS

La hermosura de la infancia sombría, la tristeza imperdonable entre muñecas, estatuas, cosas mudas, favorables al doble monólogo entre yo y mi antro lujurioso, el tesoro de los piratas enterrado en mi primera persona del singular.

No se espera otra cosa que música y deja, deja que el sufrimiento que vibra en formas traidoras y demasiado bellas llegue al fondo de los fondos.

Hemos intentado hacernos perdonar lo que no hicimos, las ofensas fantásticas, las culpas fantasmas. Por bruma, por nadie, por sombras, hemos expiado.

Lo que quiero es honrar a la poseedora de mi sombra: la que sustrae de la nada nombres y figuras.

II

LAS UNIONES POSIBLES

EN UN EJEMPLAR DE «LES CHANTS DE MALDOROR»

Debajo de mi vestido ardía un campo con flores alegres como los niños de la medianoche.

El soplo de la luz en mis huesos cuando escribo la palabra tierra. Palabra o presencia seguida por animales perfumados; triste como sí misma, hermosa como el suicidio; y que me sobrevuela como una dinastía de soles.

SIGNOS

Todo hace el amor con el silencio.

Me habían prometido un silencio como un fuego, una casa de silencio.

De pronto el templo es un circo y la luz un tambor.

FUGA EN LILA

Había que escribir sin para qué, sin para quién.

El cuerpo se acuerda de un amor como encender la lámpara.

Si silencio es tentación y promesa.

DEL OTRO LADO

Como un reloj de arena cae la música en la música.

Estoy triste en la noche de colmillos de lobo.

Cae la música en la música como mi voz en mis voces.

LAZO MORTAL

Palabras emitidas por un pensamiento a modo de tabla del náufrago. Hacer el amor adentro de nuestro abrazo significó una luz negra: la oscuridad se puso a brillar. Era la luz reencontrada, doblemente apagada pero de algún modo más viva que mil soles. El color del mausoleo infantil, el mortuorio color de los detenidos deseos se abrió en la salvaje habitación. El ritmo de los cuerpos ocultaba el vuelo de los cuervos. El ritmo de los cuerpos cavaba un espacio de luz adentro de la luz.

III

FIGURAS DE LA AUSENCIA

LA PALABRA QUE SANA

Esperando que un mundo sea desenterrado por el lenguaje, alguien canta el lugar en que se forma el silencio. Luego comprobará que no porque se muestre furioso existe el mar, ni tampoco el mundo. Por eso cada palabra dice lo que dice y además más y otra cosa.

LOS DE LO OCULTO

Para que las palabras no basten es preciso alguna muerte en el corazón.

La luz del lenguaje me cubre como una música, imagen mordida por los perros del desconsuelo, y el invierno sube por mí como la enamorada del muro.

Cuando espero dejar de esperar, sucede tu caída dentro de mí. Ya no soy más que un adentro.

L'OBSCURITÉ DES EAUX

Escucho resonar el agua que cae en mi sueño. Las palabras caen como el agua y yo caigo. Dibujo en mis ojos la forma de mis ojos, nado en mis aguas, me digo en mis silencios. Toda la noche espero que mi lenguaje logre configurarme. Y pienso en el viento que viene a mí, permanece en mí. Toda la noche he caminado bajo la lluvia desconocida. A mí me han dado un silencio pleno de formas y visiones (dices). Y corres desolada como el único pájaro en el viento.

GESTO PARA UN OBJETO

En tiempo dormido, un tiempo como un guante sobre un tambor.

Los tres que en mí contienden nos hemos quedado en el móvil punto fijo y no somos ni un es ni un estoy.

Antiguamente mis ojos buscaron refugio en las cosas humilladas, desamparadas, pero en amistad con mis ojos he visto, he visto y no aprobé.

LA MÁSCARA Y EL POEMA

El espléndido palacio de papel de los peregrinajes infantiles.

A la puesta del sol pondrán a la volatinera en una jaula, la llevarán a un templo ruinoso y la dejarán allí sola.

ENDECHAS

I

El lenguaje silencioso engendra fuego. El silencio se propaga, el silencio es fuego.

Era preciso decir acerca del agua o simplemente apenas nombrarla, de modo de atraerse la palabra agua para que apague las llamas del silencio.

Porque no cantó, su sombra canta. Donde una vez sus ojos hechizaron mi infancia, el silencio al rojo rueda como un sol.

En el corazón de la palabra lo alcanzaron; y yo no puedo narrar el espacio ausente y azul creado por sus ojos.

II

Con una esponja húmeda de lluvia gris borrarón el ramo de lilas dibujado en su cerebro.

El signo de su estar es la enlutada escritura de los mensajes que se envía. Ella se prueba en su nuevo lenguaje e indaga el peso del muerto en la balanza de su corazón.

III

Y el signo de su estar crea el corazón de la noche.

Aprisionada: alguna vez se olvidarán las culpas, se emparentarán los vivos y los muertos.

Aprisionada: no has sabido prever que su final iría a ser la gruta a donde iban los malos en los cuentos para niños.

Aprisionada: deja que se cante como se pueda y se quiera. Hasta que en la merecida noche se cierna la brusca desocultada. A exceso de sufrimiento exceso de noche y de silencio.

IV

Las metáforas de asfixia se despojan del sudario, el poema. El terror es nombrado con el modelo delante, a fin de no equivocarse.

V

Y yo sola con mis voces, y tú, tanto estás del otro lado que te confundo conmigo.

A PLENA PÉRDIDA

Los sortilegios emanan del nuevo centro de un poema a nadie dirigido. Hablo con la voz que está detrás de la voz y emito los mágicos sonidos de la endechadora. Una mirada azul aureolaba mi poema. Vida, mi vida,
¿qué has hecho de mi vida?

IV

LOS POSEÍDOS ENTRE LILAS

I

- Se abrió la flor de la distancia. Quiero que mires por la ventana y me digas lo que veas, gestos inconclusos, objetos ilusorios, formas fracasadas... Como si te hubieses preparado desde la infancia, acércate a la ventana.
- Un café lleno de sillas vacías, iluminado hasta la exasperación, la noche en forma de ausencia, el cielo como de una materia deteriorada, gotas de agua en una ventana, pasa alguien que no vi nunca, que no veré jamás.
- ¿Qué hice del don de la mirada?
- Una lámpara demasiado intensa, una puerta abierta, alguien fuma en la sombra, el tronco y el follaje de un árbol, un perro se arrastra, una pareja de enamorados se pasea despacio bajo la lluvia, un diario en una zanja, un niño silbando...
- Proseguí
- *(En tono vengativo)*. Una equilibrista enana se echa al hombro una bolsa de huesos y avanza por el alambre con los ojos cerrados.
- ¡No!
- Está desnuda pero lleva sombrero, tiene pelos por todas partes y es de color gris de modo que con sus cabellos rojos parece la chimenea de la escenografía teatral de un teatro para locos. Un gnomo desdentado la persigue mascando las lentejuelas...
- Basta, por favor.
- *(En tono fatigado)*. Una mujer grita, un niño llora. Siluetas espían desde sus madrigueras. Ha pasado un transeúnte. Se ha cerrado una puerta.

II

Si viera un perro muerto me moriría de orfandad pensando en las caricias que recibí. Los perros son como la muerte: quieren huesos. Los perros comen huesos. En cuanto a la muerte, sin duda se entretiene tallándolos en forma de lapiceras, cucharitas, de cortapapeles, de tenedores, de ceniceros. Sí, la muerte talla huesos en tanto el silencio es de oro y la palabra de plata. Sí, lo malo de la vida es que no es lo que creemos pero tampoco lo contrario.

Restos. Para nosotros quedan los huesos de los animales y de los hombres. Donde una vez un muchacho y una chica hacían el amor, hay cenizas y manchas de sangre y pedacitos de uña y rizos púbicos y una vela doblada que usaron con fines oscuros y manchas de esperma sobre el lodo y cabezas de gallo y una casa derruida dibujada en la arena y trozos de papeles perfumados que fueron cartas de amor y la rota bola de vidrio de una vidente y lilas marchitas y cabezas cortadas sobre almohadas como almas impotentes entre los asfódelos y tablas resquebrajadas y zapatos viejos y vestido en el fango y gatos enfermos y ojos incrustados en una mano que se desliza hacia el silencio y manos con sortija y espuma negra que salpica a un espejo que nada refleja y niña que durmiendo asfixia a su paloma preferida y pepitas de oro negro resonantes como gitanos de duelo tocando sus violines a orillas del mar Muerto y un corazón que late para engañar y una rosa que se abre para traicionar y un niño llorando frente a un cuervo que grazna, y la inspiradora se enmascara para ejecutar una melodía que nadie entiende bajo una lluvia que calma mi mal. Nadie nos oye, por eso emitimos ruegos, pero ¡mira! el gitano más joven está decapitando con sus ojos de serrucho a la niña de la paloma.

III

Voces, rumore, sombras, cantos de ahogados: no sé si son signos o una tortura. Alguien demora en el jardín el paso del tiempo. Y las criaturas del otoño abandonadas al silencio.

Yo estaba predestinada a nombrar las cosas con nombres esenciales. Yo ya no existo y lo sé; lo que no sé es qué vive en lugar mío. Pierdo la razón si hablo, pierdo los años si callo. Un viento violento arrasó con todo. Y no haber podido hablar por todos aquellos que olvidaron el canto.

IV

Alguna vez, tal vez, encontraremos refugio en la realidad verdadera. Entretanto ¿puedo decir hasta qué punto estoy en contra?

Te hablo de la soledad mortal. Hay cólera en el destino porque se acerca, entre las arenas y las piedras, el lobo gris. ¿Y entonces? Porque romperá todas las puertas, porque sacará afuera a los muertos para que devoren a los vivos, para que sólo haya muertos y los vivos desaparezcan. No tengas miedo del lobo gris. Yo lo nombré para comprobar que existe y porque hay una voluptuosidad inadjetivable en el hecho de comprobar.

Las palabras hubieran podido salvarme, pero estoy demasiado viviente. No, no quiero cantar muerte. Mi muerte... el lobo gris... la matadora que viene de la lejanía... ¿No hay un alma viva en esta ciudad? Porque ustedes están muertos. ¿Y qué espera puede convertirse en esperanza si está todos muertos? ¿Y cuándo vendrá lo que esperamos? ¿Cuándo dejaremos de huir? ¿Cuándo ocurrirá todo esto? ¿Cuándo? ¿Dónde? ¿Cómo? ¿Cuánto? ¿Por qué? ¿Para quién?

POEMAS NO RECOGIDOS EN LIBROS 1956-1960¹¹

¹¹ En esta sección se incluye el contenido de una carpeta con 41 hojas de poemas mecanografiados y corregidos a mano por AP que cabe situar aproximadamente entre los años indicados, las fechas 1956-58 figuran solamente encabezando la parte intitulada “Aproximaciones”. Como en todos los casos, se siguen las correcciones de la autora, pero no se incluyen aquellos textos que, por su cantidad de correcciones, no se han considerado oportuno presentar en este volumen.

el silencio es luz
el canto sabio de la desdicha
emana tiempo primitivo
buscaba la piedra no el plan
un himno inocente no las maldiciones
el conocimiento de mis nombres
para olvidarlos y olvidarme
pero lo que no busqué es el exilio
ni tampoco me dije mentiras
no adoré el sol
pero no esperé esta luz negra
al filo del mediodía

Como dedos rodando premeditadamente

Como dedos de muerto pulsando la sola cuerda de un arpa

Como alas pesadas cuando sueño que duermo con los ojos abiertos

Como el sol que se ensombrece en mi mirada

Como la oscuridad desunida en toda la noche de mi vida

Como los perros de mi sombra

aguardadora insomne
tiembla sobre la página blanca
arroja sal a los ojos del asesino
y es un mundo blanco y sin ti

NOCTURNO DE CHOPIN POR UN PIANISTA DE CUATRO AÑOS

Su música me lleva
a un acantilado con un pájaro
que juega a oírse cantar.
Su música me alumbra en la lluvia por
donde vamos yo y una jaula vacía.

SIN TIERRA COMÚN

Alguna vez sabrás porque hablas menos de lo que dices. Alguna vez conocerás lo que ya habías dicho dijiste. Sólo tu puedes hablar del hablar porque es tu emblema, tu flagelo.

Aún ahora, también ahora, sílabas hostiles disuenan en tu cuerpo. Pero tu sabes que un día se libertarán, irrumpirán, y nunca dirás las palabras de todos, aquellas que no aceptan servirte porque a ti no te sirve.

LAMENTO

la imagen del amor
abisma términos impíos
no llorarás por la eternidad
sino por un niño que llora
entre negras rocas
el coro de ahogados
tempestuosa certeza de melancolía
yo sólo miro como se hunde esta barca
yo sólo miro a nuestro rey invariable
a nuestro ardoroso inmutable
un niño cesa de respirar
un barca se hunde
yo miro el cielo
yo escucho el silencio callado

cuidado con las palabras

(dijo)

tienen filo

te cortarán la lengua

cuidado

te hundirán en la cárcel

cuidado

no despertar de las palabras

acuéstate en las arenas negras

y que el mar te entierre

y que los cuervos se suiciden en tus ojos cerrados

cuídate

no tienes a los ángeles de las vocales

no atraigas frases

poemas

versos

no tienes nada que decir

nada que defender

sueña sueña que no estás aquí

que ya te has ido

que todo ha terminado

los ojos
hablan o justo
ojos que se abren
arrojan lo sobrante
ojos
 no palabras
ojos
 no promesas
trabajo con mis ojos
en construir
en reparar
en reconstruir
algo parecido a una mirada humana
a un poema de hombre
a un canto lejano del bosque

APROXIMACIONES

Buenos Aires 1956-1958

abrazando a tu sombra en un sueño
mis huesos se arqueaban como flores

*

los bordes de silencio de las cosas
lo callado que recorre la presencia de las cosas

*

estos ojos sólo
se abren
para evaluar la ausencia

*

quién me perdió
en el silencio fantasma de las palabras

*

pasos en la niebla
del jardín de lilas
el corazón regresa

a su luz negra

*

quisieras vivir siempre
como algo olvidado en la mano de un muerto

*

¿Por qué escribo?

Por qué sollozo en madrugada
Por qué de pronto este sabor a canto de cisne
Esta espuma verde acumulada en la garganta

Mi corazón es absurdo como una máscara en la lluvia
El espanto lo asemeja al mar
Mi cuerpo es una invasión de tambores en el silencio de la noche

Por qué estas noches como un oasis para brujas
Por qué esta conjuración de ausencias
Este secuestro de la hija del viento

Me rodea en la noche una logia exterminadora
te llamo y no vienes
Te amo y no vienes

Por qué viniste como el relámpago
y me dejaste sola en lo devastado

Si escucharas mi rumor a celda minúscula
poblada de agonizantes
mi jadeo de asfixiada

Si de pronto me vieras en la orilla del despertar,
cantante enmudecida en la cima de su asombro

Si me vieras atada a tu rostro

*

Canciones ambiguas
de algún país arrasado por las lluvias
Canciones de campaneros
memorias de la noche que algún hombre amó

*

un pueblo de la luz arderá en la sombra

*

Si un mar por una lira
ángeles furiosos ahogó en el viento

*

noche amada nunca como ahora
en que la pierdo
en lo incierto del día
que rompe lo que me une a mi vida

*

todos comprenden lo que nadie
nadie comprende lo que todos

*

no lejos del alba nace el día
visión de las últimas flores
la luz gira en mi rostro que esperaba
las nupcias de los cuatro elementos

*

siempre habrá el miedo de otras voces
el miedo de otras voces

*

es tarde para reconocer el sol el sol
está y mis ojos cantan
el sol está su primavera es negra
el sol está y es tarde

*

éste es mi invierno elegido
éste es mi deber ante la niebla y lo confuso

*

querer quedarse queriendo irse

*

El amor dibuja en mis ojos el cuerpo anhelado
como un lanzador de cuchillos
tatuando en la pared con temor y destreza
la desnudez inmóvil de la que ama.

Así, en lo oscuro, fragmentos de los que amé,
lúbricos rostros adolescentes,
entre ellos soy otro fantasma.

A veces, en la noche,
me dijeron que mi corazón no existe.
pero escucho canciones ambiguas
de un país arrasado por las lluvias.

*

Lo que no te dieron.
Lo que no te dan.
Noviciado atroz.

*

así iba yo devorando tinieblas
una flor en mi mano de sonámbula
una sonrisa ajena pegada a mis labios
mi cuerpo desnudo como una palabra
mis deseos abrazados a su imagen

*

si solamente hicieran una hoguera en mis labios
para quemar las sílabas que no se unen

*

el gran pájaro de cuerpo de paja teclea el invisible piano del viento

*

La luz amontonándose inservible a espaldas del sol. Niebla en el pozo. Hacer dibujos en un viejo muro rosado.

*

pájaros polvorientos
con sangre vieja en las alas
flores de metal olvidadas
telarañas enamoradas del espacio
en donde vive el tiempo que pasa

*

se han ocultado
entre los sonidos de la noche

*

El jardín triangular
que oprimo en mi mano
chorrea flores de agua
Abejas de perfume azul
fosforecen como ojos enemigos
incrustados en mis huesos

*

soledad cerrada y dichosa
promesas de súbito cumplidas
como campanas en un amanecer helado

*

detrás de las formas sin consuelo
el día se abre como un canto doloroso
un alarido mágico formulador en el viento

*

Apenas remitida del cielo y cerrada
en donde yo era sin color y sin forma
sólo una contemplada.
Apenas devuelta de crepúsculos
de playa sola, de corazón silenciosa.

*

Yo creo en los espejos

*

La noche canta amordazada
Corazones incendiados
en la memoria de mi boca
me penetran vasos vacíos.

*

En la cavidad iluminada
en que este instante es perla pródiga
escucho el ronco abrirse de mi memoria
como una puerta al viento.

*

Si morir es memoria cerrada.

*

Yo trabajo el silencio

lo hago llama

*

I

Yo no canto, no celebro,

no bailo desnuda y ebria

sobre mi ataúd.

Pero yo le ruego al poema,

yo le pido la luna al poema.

II

He desatado el corazón de la lluvia

Antiguas baladas alimentaron

mi silencio.

III

El amor es este viaje inútil, pero muy suave,

al otro lado del espejo.

Tantas criaturas en mi sed y en mi vaso vacío.

IV

La niña que fui

ahora en mi memoria
entre mis muertos.

De lágrimas se nutrirá mil años.
De destierro el sonido de su voz

*

yo vi ese rostro partir la mañana
en dos noches iguales.
Mi cuerpo se pobló de muertos
y mi lengua de palabras crispadas,
ruinas de un canto olvidado.

*

COMO YO LA QUERÍA
Morir como muere un animal pequeño
en los cuentos para niños.

Eso tan terrible.
Lleno de hermosura.

*

Las cosas amarilleaban frente a mis ojos
recién venidos de un sueño de otoño.

*

Si la noche no es azul,
si el verano es una lenta plaga.

*

habla al gran espacio vacío
en donde corre una niña
que ya no reconoces

sólo deseo no tener nada con nada

*

Has dicho tantas palabras
que ya no te atreves a oírte llamar.

*

En mis huesos la noche tatuada.
La noche y la nada.

*

Escribes poemas
porque necesitas
un lugar
en donde sea lo que no es

*

El aire se eternizaba
en caras plateadas o coléricas

Se puede morir de presencias

*

Hay un rostro salvajemente asomado al día
que se abre en dos noches iguales.

¿Quién cantará al amor?

No yo.

Yo amo.

*

y finalmente

un himno sin desdicha
un sueño como una estrella

*

ebria del silencio
de los jardines abandonados
mi memoria se abre y se cierra
como una puerta al viento

*

Perdida en el silencio
de las palabras fantasmas.
Si vivir es memoria cerrada
quién me pierde
en el silencio fantasma
de las palabras

*

Zona de la visión perpetua.
Yo la atravesé en un misterioso gemido.

*

Yo he dado el reino de mi edad a la noche de los cuerpos para saber
si hay una luz detrás de la puerta cerrada.

*

En un lugar de temblores
manos oscilan enamoradas
en la dulzura de mi rostro
sobre tu oscuridad ardiente.

Como una idiota cruzando la calle
tengo miedo, me río, me saludo en el espejo
con una sábana hedionda,
me corto de raíz,
me escupo, me execro.
Como una santa acosada
por voces angélicas
me hundo en la canción de las plagas
y me vengo, me renuncio,
me silencio, me recuerdo.

Sumisa a la niña muda
que habla en mi nombre,
me cierro, me defiando,
cuando las cosas,
como hordas de huecos,
vienen a mi terror.

Dónde dejar mis ojos,
cuándo augurarles una estación amable.

Quiero decir:

lo que muero cada noche,
mis huesos torcidos por abrazar una sombra.

es verdad que en lo oscuro
hay esta confusión de ojos y hojas
campanas dormidas y fuegos miedosos

boca enlutada
enumerando mis muertes

boca sin lengua
plegaria a nadie

se suceden en mi persona
generaciones
de pasajeras sin destino
oscilan extrañas

llórame por estar aquí
llórame y átame a las rosas
al manantial que cesó
augúrame luces asustadas

plática de los exterminadores
que vienen a mi rostro
preparado para vivir

Zona de la tensión perpetua.

Yo la atravesé con mi voz.

La atravesé en un misterioso gemido
para sólo llegar a una tensión perpetua
desconocedora del sol y sus milagros.

Una luz, una lámpara,
la lejanía de la noche.
La lejanía de la lejanía
nace de mí, nace con música.

Vivir libre.

En los confines
las arenas,
la soledad,
la divina quietud del sexo.

Libertad de ser sólo ceniza.

Muero en la música de los sexos.

lejos de lo nacido
de lo que vibra con soles
y lleva espanto en su ritmo

en el amanecer venido de mis ojos
pájaros parados en el aire son a mis ojos
lo que las flores en la mano de un muerto
voz dorada en el aire
caída de un árbol abierto
y no es verdad que pediré socorro

Que alejen el agua y el vino
que mi llegada sea la señal exacta
de su alejamiento
que mi boca sedienta
sea la bandera, el signo,
la rama venenosa,
la orden ardiente,
la hora, en fin,
de detener el diluvio,
de esconder las fuentes,
de hacer carbón del agua,
cenizas del vino.

Que alejen los frutos mágicos
que los labios ebrios
sólo encuentran lo candente,
que seas de azufre,
y tu cuerpo sea de llamas
sobre un cuerpo de agua.

como la bella en el bosque despierta
para siempre sin príncipe que esperar
y la sonrisa muda se borró hace mucho

a dónde vas bajo el cielo gris oculto
por pequeñas ventanas con ojos sucios
donde detrás no hay nada
nadie hay detrás y están todos muertos

la voz decía sobre el despertar
y sobre la muerte
y la voz decía y los ojos decían
y todo estaba condenado
pero la voz no se cansaba

ciudad de nada en nadie
el cuerpo se hace
la voz se rehace

Perdida en el silencio
de las piedras fantasmas.
¿Quién es el heredero del viento,
quién me llena la boca de días,
quién hace que yo viva?

¿Quién prueba una verdad
en mi dolor sin fondo?

¿Quién me ha exilado con los que cantan?
¿Quién me perdió en el silencio
de las palabras fantasmas?

de súbito
no he nacido
no he muerto

el centro de la sombra
es la sombra en mi espera¹²

¹² Lleva una nota de AP a mano: “vue le 19 août 1967”

temo dejar de ser

la que nunca fui

beber en el silencio

adentro del silencio

cultivo el jardín del furor

mi roja sed humeante señala el día

en el pequeño frenesí de toda bujía
anclada en tus ojos
que el viento que el mar que la noche

y sin ira
y sin hora
sin ahora
sin orar
sin arar en la memoria
sin errar en el pasaje de la noche al amor
y del amor a su espera

y nos iremos en un corazón abandonado
y nos iremos en el espacio abierto de tu mirada

y nos iremos en un corazón que espera
amarrado al borde de un precipicio
no dibujar el itinerario
no usar la pluma
sino cuando hablen de pájaros
nada prever
para que nada no venga
y nos iremos como se va la oscuridad
en la madrugada de las plegarias infantiles

felicidad de nuestros ojos
ávido de peligros naturales
será como quien silba junto a un lago
silba el hecho de silbar
o canta el hecho de cantar
(una embarcación de papel atraviesa mi garganta
adentro bogan dos niños mendigos
andrajos audaces para despistar al viento
a la brújula al designio de la noche)

CAPÍTULOS PRINCIPALES

Llega la muerte con su manada de huesos
sonrió sumisa a una niña idiota
que implora en mi nombre
juntas (la muerte, las niñas y yo)
no encontramos otro oficio que execrar
Al final todos se casan:
el mar y las olas,
la noche y lo oscuro,
el vaso y el vino,
el anillo y el dedo,
la muerte y el cadáver.

1962-1972

SE PROHÍBE MIRAR EL CÉSPED¹³

Maniquí desnudo entre escombros. Incendiaron la vidriera, te abandonaron en posición de ángel petrificado. No invento: esto que digo es una imitación de la naturaleza, una naturaleza muerta. Hablo de mí, naturalmente.

¹³ Publicado en Sur, Buenos Aires, nº 284, 1963, y en El deseo de la palabra, Ocnos, Barcelona, 1973.

BUSCAR¹⁴

No es un verbo sino un vértigo. No indica acción. No quiere decir *ir al encuentro de alguien* sino *yacer porque alguien no viene*.

¹⁴ Véase nota 3.

EN HONOR DE UNA PÉRDIDA¹⁵

La para siempre seguridad de estar de más en el lugar en donde los otros respiran. De mí debo decir que estoy impaciente porque se me dé un desenlace menos trágico que el silencio. Feroz alegría cuando encuentro una imagen que me alude. Desde mi respiración desoladora yo digo: que haya lenguaje en donde tiene que haber silencio.

Alguien no se enuncia. Alguien no puede asistirse. Y tú no quisiste reconocermé cuando te dije lo que había en mí que eras tú. Ha tornado el viejo terror: haber hablado nada con nadie.

El dorado día no es para mí. Penumbra del cuerpo fascinado por su deseo de morir. Si me amas lo sabré aunque no viva. Y yo me digo: Vende tu luz extraña, tu cerco inverosímil.

Un fuego en el país no visto. Imágenes de candor cercano. Vende tu luz, el heroísmo de tus días futuros. La luz es un excedente de demasiadas cosas demasiado lejanas.

En extrañas cosas moro.

¹⁵ Véase nota 3.

PEQUEÑOS POEMAS EN PROSA¹⁶

Se cerró el sol, se cerró el sentido del sol, se iluminó el sentido de cerrarse.

*

Llega un día en que la poesía se hace sin lenguaje, día en que se convocan los grandes y pequeños deseos diseminados en los versos, reunidos de súbito en dos ojos, los mismos que tanto alababa en la frenética ausencia de la página en blanco.

*

Enamorada de las palabras que crean noches pequeñas en lo increado del día y su vacío feroz...

¹⁶ *La Nación*, Buenos Aires, 21-III-1965.

LA CELESTE SILENCIOSA AL BORDE DEL PANTANO¹⁷

A Enrique Pichón Rivière

Cerraron el rostro que fue idéntico al más alto sueño de la augusta infancia y pájaros temerosos en despliegue rapidísimo de plumas negras hicieron el paisaje del perfecto terror. Soy tu silencio, tu tragedia, tu veladora. Puesto que sólo soy noche, puesto que toda noche de mi vida es tuya.

¹⁷ *La Estafeta Literaria*, Madrid, nº 379-380, 1967, y la lámina de la Editorial Esezeta, Buenos Aires, 1972.

NAUFRAGIO INCONCLUSO¹⁸

Este temporal a destiempo, estas rejas en las niñas de mis ojos, esta pequeña historia de amor que se cierra como un abanico que abierto mostraba a la bella alucinada: la más desnuda del bosque en el silencio musical de los abrazos.

¹⁸ *Papeles de Son Armadans*, Palma de Mallorca, año 14, nº 145, abril de 1968.

DENSIDAD

Yo era la fuente de la discordancia, la dueña de la disonancia, la niña del áspero contrapunto. Yo me abría y me cerraba en un ritmo animal muy puro.

EN LA OSCURIDAD ABIERTA

Si la más pequeña muerte exige una canción debo cantar a las que fueron lilas que por acompañarme en mi luz negra silenciaron sus fuegos cuando una sombra configurada por mi lamento se refugió entre sus sombras.

LA OSCURA

¿Y por qué hablaba como si el silencio fuera un muro y las palabras colores destinados a cubrirlo? ¿Y quién dijo que se alimenta de música y no puede llorar?¹⁹

¹⁹ “Densidad”, “En la oscuridad abierta” y “La oscura”, fueron publicados en 1969 como parte de “Nombres y figuras (aproximaciones)”, en la colección dirigida por Antonio Beneyto, La Esquina, Barcelona, 1969, cuyo contenido, menos estos tres poemas, luego formó parte de *El infierno musical*, Siglo XXI, Buenos Aires, 1971.

MEMORIAL FANTASMA

Noche ciegamente mía. Sueño del cuerpo transparente como un árbol de vidrio.

Horror de buscar tus ojos en el espacio lleno de gritos del poema.²⁰

²⁰ *Papeles de Son Armadans*, n° CLXX, Madrid, mayo de 1970.

CUADRO

Ruidos de alguien subiendo una escalera. La de los tormentos, la que regresa de la naturaleza, sube una escalera de la que baja un reguero de sangre. Negros pájaros quema la flor de la distancia en los cabellos de la solitaria. Hay que salvar, no a la flor, sino a las palabras.

EN LA NOCHE²¹

Cae la noche, y las muñecas proyectan maravillosas imágenes en colores. Cada imagen está unida a otra imagen por una pequeña cuerda. Escucho, uno a uno, y muy distintamente, ruidos y sonidos.

²¹ Este poema, como el anterior, procede de una libreta, que cabe datar entre 1969 y 1970. Una alusión en la última hoja de la libreta indicaría que estaban terminados para su autora.

“CASA DE LA MENTE”²²

A A.G.

la casa mental
reconstruida letra por letra
palabra por palabra
en mi doble figura de papel

atraviesa el mar de tinta
para dar un nueva forma
a un nuevo sentimiento

abre la boca
verde de sin raíces
la palabra sin su cuerpo

un nuevo orden musical
de colores de cuerpos de excedentes
de formas pequeñas
que se mueven gritan dicen nunca
la noche dice nunca
la noche me pronuncia
en un poema

14/IV/1970

²² Hoja suelta de cuaderno manuscrita a lápiz

A UN POEMA ACERCA DEL AGUA, DE SILVINA OCAMPO²³

A Silvina y a la condesa de Trípoli

que emana toda la noche profecías

O. PAZ

Tu modo de silenciarte en el poema.
Me abrís como a una flor
(sin duda una flor pobre, lamentable)
que ya no esperaba la terrible delicadeza
de la primavera. Me abrís, me abro,
me vuelvo de agua en tu poema de agua
que *emana toda la noche profecías*.

²³ Hojita mecanografiada y corregida por AP, sin fecha.

...está todo en algún idioma que no conozco...

L.C. (*A través del espejo*)

Sinto o mundo chorar como lingua estrangeira. Cecilia Meireles

Ils jouent la pièce en étranger. Michaux

...alguien mató algo. L. Carroll (A través del espejo)

[...] DEL SILENCIO²⁴

I

Esta muñeca vestida de azul es mi emisaria en el mundo.

Sus ojos son de huérfana cuando llueve en un jardín donde un pájaro lila devora lilas y un pájaro rosa devora rosas.

Tengo miedo del lobo gris que se disimula en la lluvia.

Lo que se ve, lo que se va, es indecible.

Las palabras cierran todas las puertas.

Recuerdo el tiempo sobre los álamos queridos.

El arcaísmo de mi drama determinó, en mi criatura compartida, una cámara letal.

Yo era lo imposible y también el desgarramiento por lo imposible.

Oh el color infernal de mis pasiones.

²⁴ Este conjunto de ocho poemas (“Del silencio” a “Sólo señal”) y las citas que lo preceden, proviene de 17 hojas mecanografiadas y manuscritas que Alejandra Pizarnik llevó en 1971 a la poeta Perla Rotzait a su domicilio, en “una carpetita marrón con sus poemas prolijamente enganchados”.

Sin embargo, quedé cautiva de la antigua ternura.

II

No hay quien pinte con colores verdes.

Todo es anaranjado.

Si soy algo soy violencia.

Los colores rayan el silencio y crean animales deteriorados. Luego alguien intentará escribir un poema. Y será mediante las formas, los colores, el desamor, la lucidez (no continúo porque no quiero asustar a los niños).

III

El poema es espacio y hiera.

No soy como mi muñeca, que sólo se nutre de leche de pájaro.

Memoria de su voz en la funesta mañana velada por un sol que reverbera en los ojos de las tortugas.

Es de su voz es un recuerdo que me hace perder el conocimiento frente a esta conjunción celeste y verde de mar y cielo.

Yo preparo mi muerte.

Quiero decir, pero siento lo que ella es. Encuentra que es muerte amor si bien todo, sin amor, le es ofensa. No sabe por qué no calla puesto que su amor la vuelve inocente. Dueña del crepúsculo, tañe los espejos de los pronombres.

Cada palabra que escribo me restituye a la ausencia por la que escribo lo que no escribiría si te dejara venir aquí.

Me atengo al poema. El poema me lleva a los confines, lejos de las casas de los vivos. ¿Y por dónde andaré cuándo me vaya y no vuelva?

Y nadie comprende. Toda mi vida te espera. Y sin embargo busco la noche del poema. Solamente pienso en tu cuerpo pero rehago el cuerpo de mi poema como quien trata de curarse una herida.

Y nadie me comprende. Yo sé que la vida, que el amor, deben cambiar. Esto que dice mi máscara sobre el animal que soy, alude penosamente a una alianza entre las palabras y las sombras. De donde se deriva un estado de terror que niega el orden de los humanos.

LA NOCHE, EL POEMA

Alguien ha encontrado su verdadera voz y la prueba en el mediodía de los muertos. Amigo del color de las cenizas. Nada más intenso que el terror de perder la identidad. Este recinto lleno de mis poemas atestigua que la niña abandonada en una casa en ruinas soy yo.

Escribo con la ceguera desalmada con que los niños arrojan piedras a una loca como si fuese un mirlo. En realidad no escribo: abro brecha para que hasta mí llegue, al crepúsculo, el mensaje de un muerto.

Y este oficio de escribir. Veo por espejo, en oscuridad. Presiento un lugar que nadie más que yo conoce. Canto de las distancias, escucho voces de pájaros pintados sobre árboles adornados como iglesias.

Mi desnudez te daba luz como una lámpara. Pulsabas mi cuerpo para que no hiciera el gran frío de la noche, lo negro.

Mis palabras exigen silencio y espacios abandonados.

Hay palabras con manos; apenas escritas, me buscan el corazón. Hay palabras condenadas como lilas en la tormenta. Hay palabras parecidas a ciertos muertos, si bien prefiero, entre todas, aquellas que evocan la muñeca de una niña desdichada.

23/XI/69²⁵

²⁵ Debajo de la fecha, a mano: “ver poema 12-3-70”.

Suponiendo que me viese llorar y me estrechara contra su pecho, mi persona quedaría extinguida. Es verdad que entonces podría verle los ojos así como Van Gogh miró el sol y luego lo separó en pequeños soles giratorios: ¿“Ser” se escribe con dos “ee”?

Las muñecas son terribles. ¿Y por qué no? Si lo es el animal, la piedra, el hombre. En el poema se desocultan las muñecas y otras cosas que son noche. El poema, la noche. ¿Conocés vos la noche?

Rosas son las rosas que están en la mano de la insaciable, la del color infernal.

La noche, pienso el silencio. La noche emerge de la muerte. La noche emerge de la vida. En la noche viven los faltos de todo.

Entonces, de mañana, grité)

Noche mía, pequeña, poblada de vividores.

Oh mi amor, llamame con un nombre unido a una muy antigua y olvidada ternura. Voy a reconstruir la trama de una tragedia solamente interior. *Todo es un interior.*

feb. 1970

TABLA RASA

cisternas en la memoria

ríos en la memoria

charcas en la memoria

siempre agua en la memoria

viento en la memoria

soplan en la memoria

AFFICHE

me esforcé tanto
por aprender a leer
en mi llanto

SÓLO SEÑAL

Oh enciende
tus ojos
del color de nacer

CONTEMPLACIÓN²⁶

Con miedo antiguo se lamentan o lloran las voces. Formas fugitivas venidas para la ceremonia en que arrancarán de ti el corazón de tu lejana figura. La noche relampaguea dentro de tu máscara. Te agujerean con graznidos, te martillean con pájaros negros. Colores enemigos se unen en la tragedia.

Cuando llegamos al centro de la oscuridad el bosque se abrió. Murieron las formas despavoridas de la noche y no hubo más un afuera ni un adentro. Te precipitaron, desapareciste con la máscara en la mano. Y ya nada se pareció a un corazón.

²⁶ *Poesía Argentina de Hoy*, Editorial Aguilar, 1971, álbum y disco.

UNA PALABRA

A Juan Battle Planas

Originada por el hacedor de vértigos,
inscrita en los muros de la casa negra,
una palabra inmola
a la de ojos feroces.
En amoroso silencio ella entona
la canción para el yacente.

LA CANCIÓN PARA EL YACENTE²⁷

Todo el día llora por mí el invisible de siete rostros.

El inocente en su espacio de suplicios.

El nacido de su irse.

Toda la noche sueña en mí el yacente.

Violentamente inmóvil sonrío el bienamado.

Elegías a mi mal son sus fúnebres sueños.

²⁷ *Encuentros*, Buenos Aires, sin fecha.

Una textura de luz en la que la mano se hundiría
como en la blanda tierra que te cubre, padre mío
de ojos azules recién llegado a tu nuevo lugar callado.

POEMA PARA EL PADRE²⁸

Y fue entonces
que con la lengua muerta y fría en la boca
cantó la canción que no le dejaron cantar
en este mundo de jardines obscenos y de sombras
 que venían a deshora a recordarle
 cantos de su tiempo de muchacho
en el que no podía cantar la canción que quería cantar
la canción que no le dejaron cantar
sino a través de sus ojos azules ausentes
de su boca ausente
de su voz ausente.
Entonces, desde la torre más alta de la ausencia
su canto resonó en la opacidad de lo ocultado
en la extensión silenciosa
llena de oquedades movedizas como las palabras que escribo.

23 de noviembre de 1971

²⁸ *Árbol de fuego*, Caracas, año 5, n° 46, enero de 1972.

EN ESTA NOCHE EN ESTE MUNDO²⁹
SOBRE UN POEMA DE RUBÉN DARÍO³⁰

In memoriam L.C.

*A Marguerite Duras y a
Francesco Tentori Montalto*

Sentada en el fondo de un lago.
Ha perdido la sombra,
no los deseos de ser, perder.
Está sola con sus imágenes.
Vestida de roja, no mira.

¿Quién ha llegado a este lugar
al que siempre nadie llega?
El señor de las muertes de rojo.
El enmascarado por su cara sin rostro.
El que llegó en su busca la lleva sin él.

Vestida de negro, ella mira.
La que no supo morir de amor y por eso nada aprendió
Ella está triste porque no está.

²⁹ Este título inicia una carpeta con los seis poemas que se reproducen, siguiendo el orden de la carpeta. “Sobre un poema de Rubén Darío” y “Alguien cae en su primera caída” se incluyeron, sin variantes, en la edición de Ed. Sudamericana, Buenos Aires, 1982.

³⁰ Publicado en *La Nación Buenos Aires*, 10-IX-1972 y en *Diálogos*, México, julio-agosto 1972.

EN OTRA NOCHE, EN OTRO MUNDO

oh por favor

la medianoche es venida

y es el frío

la noche

el que yo espero no viene

ALGUIEN CAE EN SU PRIMERA CAÍDA³¹

A Ramón Xirau

Palabra por palabra
tuvo que aprender
las imágenes
del último otro lado.

³¹ Publicado en *Diálogos*, México, julio-agosto 1972.

esta noche he visto
pero no.

nadie es del color
del deseo más profundo.

me he empavorecido, me he engrisado,
me he atardecido,
mi lengua no sabe.

lloro, miro el mar y lloro.
canto algo, muy poco.

hay un mar, hay la luz.
hay sombras, hay un rostro.

un rostro con rastros de paraíso perdido.

he buscado.

sino que he buscado,
sino que agonizo.

LOS PEQUEÑOS CANTOS³²

A Pablo Azcona y Víctor Richini

³² Publicado en la revista *Árbol de fuego*, n° 45, Caracas, 1971.

I

nadie me conoce yo hablo la noche
nadie me conoce yo hablo mi cuerpo
nadie me conoce yo hablo la lluvia
nadie me conoce yo hablo los muertos

II

sólo las palabras
las de la infancia
las de la muerte
las de la noche de los cuerpos

III

el centro
de un poema
 es otro poema
el centro del centro
 es la ausencia

en el centro de la ausencia
mi sombra es el centro
del centro del poema

IV

una muñeca de huesos de pájaros
conduce los perros perfumados
de mis propias palabras que me vuelven

V

A Jean

la agonía
de las visionarias
del otoño

VI

grietas en los muros
negros sortilegios
frases desolladas
poemas aciagos

VII

Cubres con un canto la hendidura.
Creces en la oscuridad como una ahogada.
Oh cubre con más cantos la fisura, la
 hendidura, la desgarradura.

VIII

en el mediodía de los muertos
princesa-paraje-sin-sol
come cardo
come abrojo

IX

mi canto de dormida al alba
¿era esto, pues?

X

el que me ama aleja a mis dobles,
abre
la noche, mi cuerpo,
ver tus sueños,
mi sol o amor

XI

oh los ojos tuyos
fulgurantes ojos

XII

A Alain de Vermont

cuervos en mi mente
sobre su querido cuerpo

es el gran frío de la noche
lo negro

pasión de nuestros señores
los deseos

XIII

una idea fija
una leyenda infantil
una desgarradura

el sol
como un gran animal oscuro

no hay más que yo
no hay que decir

XIV

qué es este espacio que somos
una idea fija
una leyenda infantil

hasta nueva orden
no cantaremos el amor
hasta nuevo orden

XV

niña que en vientos grises
vientos verdes aguardó

XVI

hablará por espejos
hablará por oscuridad
por sombras
por nadie

XVII

A Diana

instruidnos acerca de la vida
suavemente
imploraban los pequeños seres y
tendían sus brazos
por amor de la otra orilla

XVIII

palabras reflejas que solas se dicen
en poemas que no fluyen yo naufrago
todo en mí se dice con su sombra
y cada sombra con su doble

XIX

triste músico
entona un aire nuevo
para hacer algo nuevo
para ver algo nuevo

EN ESTA NOCHE, EN ESTE MUNDO³³

A Martha Isabel Moia

en esta noche en este mundo
las palabras del sueño de la infancia de la muerte
nunca es eso lo que uno quiere decir
la natal castra
la lengua es un órgano de conocimiento
del fracaso de todo poema
castrado por su propia lengua
que es el órgano de la re-creación
del re-conocimiento
pero no el de la resurrección
de algo a modo de negación
de mi horizonte de maldoror con su perro
y nada es promesa
entre lo decible
que equivale a mentir
(todo lo que se puede decir es mentira)
el resto es silencio
sólo que el silencio no existe

no
las palabras
no hacen el amor
hacen la ausencia
si digo agua ¿beberé?
si digo pan ¿comeré?

en esta noche en este mundo
extraordinario silencio el de esta noche

³³ *Árbol de Fuego*, Caracas, diciembre de 1971, y *La Gaceta del Fondo de Cultura Económica*, México, Nueva Época, n° 19, julio de 1972. Esta versión sigue la publicada en *La Gaceta del FCE*.

lo que pasa con el alma es que no se ve
lo que pasa con la mente es que no se ve

lo que pasa con el espíritu es que no se ve
¿de dónde viene esta conspiración de invisibilidades?
ninguna palabra es visible

sombras
recintos viscosos donde se oculta
la piedra de la locura
corredores negros
los he recorrido todos
¡oh quédate un poco más entre nosotros!

mi persona está herida
mi primera persona del singular

escribo como quien con un cuchillo alzado en la oscuridad
escribo como estoy diciendo
la sinceridad absoluta continuaría siendo
lo imposible
¡oh quédate un poco más entre nosotros!

los deterioros de las palabras
deshabitando el palacio del lenguaje
el conocimiento entre la piernas
¿qué hiciste del don del sexo?
oh mis muertos
me los comí me atraganté
no puedo más de poder más

palabras embozadas
todo se desliza

hacia la negra licuefacción

y el perro de maldoror
en esta noche en este mundo
donde todo es posible
salvo
el poema

hablo
sabiendo que no se trata de eso
siempre no se trata de eso
oh ayúdame a escribir el poema más prescindible
el que no sirva ni para
 ser inservible
ayúdame a escribir palabras
en esta noche en este mundo

TEXTOS DE SOMBRA³⁴

ALGUNOS TEXTOS DE SOMBRA³⁵

*Es una exhortación a los jóvenes para que
no estén tristes, ya que existen la
naturaleza, la libertad, Goethe, Schiller,
Shakespeare, las flores, los insectos, etc.*

FRANZ KAFKA

Un jardín

Pido el silencio

Mi historia es larga triste como la cabellera de Ofelia

Es un jardín dibujado en mi cuaderno. Madrugada. Instante desgarrado en que la luz es tentación y promesa porque algo ha muerto, la noche

- *Sólo quería ver el jardín.*
- *Soy mi propio espectro.*
- *No hay que jugar al espectro porque se llega a serlo.*
- *¿Sos real?*
- *La imagen de un corazón que encierra la imagen de un jardín por el que voy llorando.*
- *Ils jouent la pièce en étranger.*
- *Sinto o mundo chorar como língua estrangeira.*

³⁴ Bajo este título "Textos de Sombra" se incluyen ocho textos hallados en los apartados INÉDITOS y ACABADOS de una carpeta, en una libreta, y hojitas sueltas, bajo "Sombra" o "Textos de Sombra". Estos manuscritos permiten suponer que AP pensaba en un libro único con ese título y un personaje, Sombra. Una nota de 1972 en otra libreta menciona Sombra, Casa de Citas y Sala 18 como textos separados sobre los que trabajaba.

³⁵ Este capítulo, la cita y el texto que sigue, provienen de una hoja mecanografiada y corregida a mano por AP, en carpeta con la mención INÉDITOS donde figuran también los demás bajo la denominación "Textos de Sombra", en el orden que aquí se presentan. Las frases finales de "Un jardín" pertenecen a Henri Michaux, Cecilia Meireles, B. Brecht y Sydney Keyes.

- *Das ganze verkehrte Wesen fort.*
- *Another calling: my own words coming back...*

Solo buscaba un lugar más o menos propicio para vivir, quiero decir: un sitio pequeño donde cantar y poder llorar tranquila a veces. En verdad no quería una casa; Sombra quería un jardín.

- Sólo vine ver el jardín – dijo.

Pero cada vez que visitaba un jardín comprobaba que no era el que buscaba, el que quería. Era como hablar o escribir. Después de hablar o de escribir siempre tenía que explicar:

- No, no es eso lo que yo quería decir.

Y lo peor es que también el silencio la traicionaba.

- Es porque el silencio no existe – dijo. El jardín, las voces, la escritura, el silencio.

- No hago otra cosa que buscar y no encontrar. Así pierdo las noches.

Sintió que era culpable de algo grave.

- Yo creo en las noches – dijo.

A lo cual no supo responderse: sintió que le clavaban una flor azul en el pensamiento con el fin de que no siguiera el curso de su discurso hasta el fondo.

- Es porque el fondo no existe – dijo.

La flor azul se abrió en su mente. Vio palabras como pequeñas piedras diseminadas en el espacio negro de la noche. Luego, pasó un cisne con rueditas con un gran moño rojo en el interrogativo cuello. Una niña que se le parecía montaba el cisne.

- Esa niña fui yo – dijo Sombra.

Sombra está desconcertada. Se dice que, en verdad, trabaja demasiado desde que murió Sombra. Todo es pretexto para ser un pretexto, pensó Sombra asombrada.

PREFACIO DE SOMBRA (I)³⁶

La hija de la voz la poseyó en su estar, en su ser, por la tristeza.

Los pequeños pájaros ponzoñosos que se abrevan en un agua negra donde se refleja la maravilla, son sus animales, son sus emblemas. A un tiempo mismo busca calentar su corazón suplicante.

Los perros nocturnos: otro llamamiento.

¿Quién conoce mi humor hiriente? Desde mi libro aullante “alguien mata algo”.

Nadie me enciende ninguna lámpara, nadie es del color del deseo más profundo.

12/VII/1970

³⁶ Figura en carpeta con poemas 1970-72, sección “Acabados”.

EL ENTENDIMIENTO

Empecemos por decir que Sombra había muerto. ¿Sabía Sombra que Sombra había muerto? Indudablemente. Sombra y ella fueron consocias durante años. Sombra fue su única albacea, su única amiga y la única que vistió luto por Sombra. Sombra no estaba tan terriblemente afligida por el triste suceso y el día del entierro lo solemnizó con un banquete.

Sombra no borró el nombre de Sombra. La casa de comercio se conocía bajo la razón social “Sombra y Sombra”. Algunas veces los clientes nuevos llamaban Sombra a Sombra; pero Sombra atendía por ambos nombres, como si ella, Sombra, fuese en efecto Sombra, quien había muerto.

ESCRITO CUANDO SOMBRA

- Empecemos por decir que Sombra había muerto.
- Desapareció tras su propia desaparición.
- Estaba trabajando en su despacho. Sin desearlo, escuchaba a la gente que pasaba golpeándose el pecho con las manos y las piedras del pavimento con los pies para entrar en calor.
- Entretanto, la bruma y la oscuridad hicieron tan densas que Sombra caminaba por su gabinete alumbrándose con fósforos.

SOMBRA: - ¿Qué hora es?

- La que acaba de pasar. La última.

SOMBRA: - Hay en la escalera un niño. Es verdad que hace tiempo maltraté a un niño. A ése, precisamente.

Sombra conocía al niño abandonado en la escalera. Entonces sollozó.

PRESENCIA DE SOMBRA

Alguien habla. Alguien me dice. Extraordinario
silencio el de esta noche.

Alguien proyecta su sombra en la pared de mi cuarto. Alguien me mira con mis
ojos que no son los míos.

Ella escribe como una lámpara que se apaga, ella escribe como una lámpara
que se enciende. Camina silenciosa. La noche es una mujer vieja con la cabeza
llena de flores. La noche no es la hija preferida de la reina loca.

Camina silenciosa hacia la profundidad hija de los reyes.

De demencia la noche, de no tiempo. De memoria la noche, de siempre
sombras.

SOMBRA: Je régarde ma main déserte.

Ai-je tenu la rose pure?

O ma nuit, nul jour ne la tue.

- K: Sombra lloró y habló más que en toda su existencia junta. Fue poco antes de caer en el círculo opaco.
- X: Vayamos por las calles ahora que la tarde se cubrió de pasionarias.
- Una SOMBRA: Le devant est louable (on peut le louer par heure).
Le derrier est lavable (on peut le Labrounir étant donnée qu' on a souffert as el
desdichado, ô monde, ô langage, ô Isidore!

TEXTO DE SOMBRA

Quiero existir más allá de mí misma: con los aparecidos.

Quiero existir como la que soy: una idea fija. Quiero ladrar, no alabar el silencio del espacio al que se nace.

TEXTO DE SOMBRA³⁷

¿Qué máscara usaré cuando emerja de la sombra? Hablo de esa perra que en el silencio teje una trama de falso silencio para que yo me confunda de silencio y cante del modo correcto para dirigirse a los muertos.

Indiciblemente caigo en esto que en mí encuentro más o menos presente cuando alguien formula mi nombre. ¿Por qué mi boca está siempre abierta?

³⁷ De una pequeña hoja mecanografiada y corregida a mano por AP.

SALA DE PSICOPATOLOGÍA³⁸

Después de años en Europa

Quiero decir París, Saint-Tropez, Cap St.

Pierre, Provence, Florencia, Siena, Roma,

Capri, Ischia, San Sebastián, Santillana del

Mar, Marbella, Segovia, Ávila, Santiago,

y tanto

y tanto

por no hablar de New York y del West Village con rastros de muchachas estranguladas

- quiero que me estrangule un negro – dijo
- lo que querés es que te viole – dije (¡oh Sigmund! con vos se acabaron los hombres del mercado matrimonial que frecuenté en las mejores playas de Europa)

y como soy tan inteligente que ya no sirvo para nada, y como

he soñado tanto que ya no soy de este mundo, aquí estoy, entre

las inocentes almas de la sala 18, persuadiéndome día a día

de que la sala, las almas puras y yo tenemos sentido, tenemos destino,

- una señora originaria del más oscuro barrio de un pueblo que no figura en el mapa dice:
- El doctor me dijo que tengo problemas. Yo no sé. Yo tengo algo aquí (se toca las tetas) y unas ganas de llorar que mama mía.

Nietzsche: “Esta noche tendré una madre o dejaré de ser.” Strindberg:

“El sol, madre, el sol.”

P. Éluard: “Hay que pegar a la madre mientras es joven.”

Sí, señora, la madre es un animal carnívoro que ama la vegetación lujuriosa. A la hora que la parió abre las piernas, ignorante del sentido de su posición destinada a dar a luz, a tierra, a fuego, a aire,

³⁸ AP escribió este poema durante su estadía en el Hospital Pirovano. El texto, tal como se reproduce, está mecanografiado y lleva correcciones hechas a mano por la autora. No se había incluido en la edición de 1982 de sus textos póstumos.

pero luego una quiere volver a entrar en esa maldita concha,
después de haber intentado nacerse sola sacando mi cabeza por mi útero

(y como no pude, busco morir y entrar en la pestilente guarida de la oculta
ocultadora cuya función es ocultar)

hablo de la concha y hablo de la muerte,

todo es concha, yo he lamido conchas en varios países y sólo sentí orgullo
por mi virtuosismo – la mahtma gandhi del lengüeteo, la Einstein de la mineta, la
Reich del lengüetazo, la Reik del abrirse camino entre pelos como de rabinos
desaseados - ¡oh el goce de la roña!

Ustedes, los mediquitos de la 18 son tiernos y hasta besan al leproso,
pero

¿se casarían con el leproso?

Un instante de inmersión en lo bajo y en lo oscuro, sí, de
eso son capaces,

pero luego viene la vocecita que acompaña a los jovencitos como ustedes:

- ¿Podrías hacer un chiste con todo esto, no? Y

sí,

aquí en el Pirovano

hay almas que NO SABEN

porqué recibieron la visita de las desgracias.

Pretenden explicaciones lógicas los pobres pobrecitos, quieren que la sala –
verdadera pocilga – esté muy limpia, porque la roña les da terror, y el desorden, y
la soledad de los días vacíos habitados por antiguos fantasmas emigrantes de las
maravillosas e ilícitas pasiones de la infancia.

Oh, he besado tantas pijas para encontrarme de repente en una sala llena de carne
prisión donde las mujeres vienen y van hablando de la mejoría.

Pero

¿qué cosa curar?

Y ¿por dónde empezar a curar?

Es verdad que la psicoterapia en su forma exclusivamente verbal es casi tan
bella como el suicidio.

Se habla.

Se amuebla el escenario vacío del silencio. O, si

hay silencio, éste se vuelve mensaje.

- ¿Por qué está callada? ¿En qué piensa?

No pienso, al menos no ejecuto lo que llaman pensar. Asisto al inagotable fluir del murmullo. A veces – casi siempre- estoy húmeda.

Soy una perra, a pesar de Hegel. Quisiera un tipo con una pija así y cogermela a mí y dármele hasta que acabe viendo curanderos (que sin duda me la chuparán) a fin de que me exorcicen y me procuren una buena frigidez.

Húmeda

Concha de corazón de criatura humana, corazón que es un pequeño bebé inconsolable,

“Como un niño de pecho he acallado mi alma” (Salmo)

Ignoro qué hago en la sala 18 salvo honorarla con mi presencia prestigiosa (si me quisieran un poquito me ayudarían a anularla)

oh no es que quiera coquetear con la muerte

yo quiero solamente poner fin a esta agonía que se vuelve ridícula a fuerza de prolongarse,

(Ridículamente te han adornado para este mundo –dice una voz apiadada de mí)

Y

Que te encuentres con vos misma –dijo. Y yo le dije:

Para reunirme con el *migo* de *conmigo* y ser una sola y misma entidad con él tengo que matar al *migo* para que así se muera el *con* y, de este modo, anulados los contrarios, la dialéctica suplicante finaliza en la fusión de los contrarios.

El suicidio determina un

cuchillo sin hoja

al que le falta el mango. Entonces:

adiós sujeto y objeto,

todo se unifica como en otros tiempos, en el jardín de los cuentos para niños lleno de arroyuelos de frescas aguas prenatales,

ese jardín es el *centro* del mundo, es el lugar de la cita, es el espacio vuelto tiempo y el tiempo vuelto lugar, es el alto momento de la fusión y del encuentro,

fuera del espacio profano en donde el Bien es sinónimo de evolución de sociedades de consumo,

y lejos de los enmierdantes simulacros de medir el tiempo mediante relojes, calendarios y demás objetos hostiles,

lejos de las ciudades en que se compra y se vende (oh, en ese jardín para la niña que fui, la pálida alucinada en los suburbios malsanos por los que erraba del brazo de las sombras: niña, mi querida niña que no has tenido madre (ni padre, es obvio)

De modo que arrastré mi culo hasta la sala 18,
en la que finjo creer que mi enfermedad de lejanía, de separación de absoluta NO-ALIANZA con Ellos

- Ellos son todos y yo soy yo

finjo, pues, que logro mejorar, finjo creer a estos muchachos de buena voluntad (¡oh, los buenos sentimientos!) me podrían ayudar,

pero a veces – a menudo – los recontraputeo desde mis sombras interiores que estos mediquillos jamás sabrán conocer (la profundidad, cuanto más profunda, más indecible) y los puteo porque evoco a mi amado viejo, el Dr. Pichón R., tan hijo de puta como nunca lo será ninguno de los mediquitos (tan buenos, hélas!) de esta sala,

pero mi viejo se muere y éstos hablan y, lo peor, éstos tienen cuerpos nuevos, sanos (maldita palabra) en tanto mi viejo agoniza en la miseria por no haber sabido ser una mierda práctico, por haber afrontado el terrible misterio que es la destrucción de un alma, por haber hurgado en lo oculto como un pirata – no poco funesto pues las monedas de oro de inconsciente llevaban carne de ahorcado, y en un recinto lleno de espejos rotos y sal volcada –

viejo remaldito, especie de aborto pestífero de fantasmas sifilíticos, cómo te adoro en tu tortuosidad solamente parecida a la mía,

y cabe decir que siempre desconfié de tu genio (no son genial; sos un saqueador y un plagiario) y a la vez te confié,

oh, es a vos que mi tesoro fue confiado,

te quiero tanto que mataría a todos estos médico adolescentes para darte a beber de su sangre y que vos vivas un minuto, un siglo más,

(vos, yo, a quienes la vida no nos merece)

Sala 18

Cuando pienso en laborterapia me arrancaría los ojos en una casa en ruinas y me los comería pensando en mis años de escritura continua,

15 o 20 horas escribiendo sin cesar, aguzada por el demonio de las analogías, tratando de configurar mi atroz materia verbal errante,

porque – oh viejo hermoso Sigmund Freud – la ciencia psicoanalítica se olvidó la llave en algún lado:

abrir se abre

pero ¿cómo cerrar la herida?

El alma sufre sin tregua, sin piedad, y los malos médicos no restañan la herida que supura.

El hombre está herido por una desgarradura que tal vez, o seguramente, le ha causado la vida que nos dan.

“Cambiar la vida” (Marx) “Cambiar al hombre (Rimbaud) Freud:

“La pequeña A. Está embellecida por la desobediencia”, (Cartas...)

Freud: poeta trágico. Demasiado enamorado de la poesía clásica. Sin duda, muchas claves las extrajo de “los filósofos de la naturaleza”, de “los románticos alemanes” y, sobre todo, de mi amadísimo Lichtenberg, el genial físico y matemático que escribía en su Diario cosas como:

“Él le había puesto nombres a sus dos pantuflas” Algo solo estaba ¿no?

(¡Oh, Lichtenberg, pequeño jorobado, yo te hubiera amado!) Y a Kierkegaard

Y a Dostoyevski

Y sobre todo a Kafka

a quien le pasó lo que a mí, si bien él era púdico y casto

- “¿Qué hice del don del sexo?” – y yo soy una pajera como no existe otra; pero le pasó (a Kafka) lo que mí:

se separó

fue demasiado lejos en la soledad y

supo – tuvo que saber –

que de allí no se vuelve

se alejó – me alejé –
no por desprecio (claro es que nuestro orgullo es infernal) sino
porque una es extranjera
una es de otra parte, ellos
se casan, procrean,
veranean, tienen
horarios,
no se asustan por la tenebrosa
ambigüedad del lenguaje
(No es lo mismo decir *Buenas noches* que decir *Buenas noches*)

El lenguaje

- yo no puedo más,
alma mía, pequeña inexistente, decídetes;
te las picás o te quedás, pero
no me toques así,
con pavora, con confusión, o te
vas o te las picás,
yo, por mi parte, no puedo más.

ALIANZA

Ella se abandona en la tregua originada por la noche. Dentro de ella todo hace el amor.

Alianza entre lo contemplado y su contemplación. Alegría de transgredir, reclamo de puntos vivos de referencia y de la realidad total perceptible en un instante que es todos los instantes.

Ella se abandona a un pensar desmesurado y al hechizo por un espacio definido: un lugar que obra como llamamiento.

es como si me pidiera la luna.

Me digo:

Si me pide la luna es porque la necesita.

Pero si (supongamos) le llevo la luna, me dirá
algo nada lindo de escuchar.

Además, está lo otro, está lo otro.

(“Si me muriera ahora mismo
qué alegre iba a ser.”)

Si me muriera.³⁹

³⁹ De un pequeño papel manuscrito que arriba dice “junio”.

SOUS LA NUIT⁴⁰

A Y. Yván Pizarnik de Kolikovski, mi padre

Los ausentes soplan grismemente y la noche es densa. La noche tiene el color de los párpados del muerto.

Huyo toda la noche, encauzo la persecución y la fuga, canto un canto para mis males, pájaros negros sobre mortajas negras.

Grito mentalmente, el viento demente me desmiente, me confino, me alejo de la mano crispada, no quiero saber otra cosa que este clamor, este resolar en la noche, esta errancia, este no hallarse.

Toda la noche hago la noche.

Toda la noche me abandonas lentamente como el agua cae lentamente.

Toda la noche escribo para buscar a quien me busca.

Palabra por palabra yo escribo la noche.

⁴⁰ De una hoja mecanografiada por AP, enviada a Félix Grande, *Cuadernos Hispanoamericanos*, en agosto de 1972.

errar entrando adentro de una música al suicidio al nacimiento

PARA JANIS JOPLIN

(fragmento)

a cantar dulce y a morir luego.

no:

a ladrar.

así como duerme la gitana de Rousseau.

así cantás, más las lecciones de terror.

hay que llorar hasta romperse

para crear o decir una pequeña canción,

gritar tanto para cubrir los agujeros de la ausencia

eso hiciste vos, eso yo.

me pregunto si eso no aumentó el error.

hiciste bien en morir.

por eso te hablo,

por eso me confío a una niña monstruo.

**EL OJO DE LA ALEGRÍA (UN CUADRO DE CHAGALL Y
SCHUBERT)⁴¹**

La muerte y la muchacha
abrazadas en el bosque
devoran el corazón de la música
en el corazón del sinsentido

una muchacha lleva un candelabro de siete brazos
y baila detrás de los tristes músicos
que tañen violines rotos
en torno a una mujer verde abrazada a un unicornio y a una mujer
[azul abrazada a un gallo

en lo bajo
y en lo triste
hay casitas
que nadie ve
de madera, húmedas,
hundiéndose como barcos,
¿era esto, pues, el concepto del espacio?
criaturas en erección
y la mujer azul
en el ojo de la alegría enfoca directamente
la taumaturga estación de los amores muertos.

⁴¹ Esta versión sigue la incluida en carpeta bajo INÉDITOS, y da cuenta de las correcciones a mano de AP posteriores a la fechada en noviembre de 1970, que figura en *Textos de Sombra y otros poemas*, 1982, con el título de “La muerte y la muchacha (Schubert)”.

EN UN PRINCIPIO FUERON MIS MUERTOS

Los ausentes soplan grismente y la noche es densa.

La noche tiene el color de los párpados del muerto.

Toda la noche huyo, encauzo la persecución y la fuga,

canto un canto para mis males,

pájaros negros sobre mortajas negras.

Un viento demente me desmiente. Me confino, me alejo de la mano crispada, no sé otra cosa que la noche oscura.

OJOS PRIMITIVOS

El color infernal de algunas pasiones, una antigua ternura. Los faltos de algo, de todo, al sol negro de sus deseos elementales, excesivos, no cumplidos.

Alguien canta una canción del color del nacimiento: por el estribillo pasa la loca con su corona plateada. Le arrojan piedras. Yo no miro nunca el interior de los cantos. Siempre, en el fondo, hay una reina muerta.

La canción desesperada no se deja decirse. La materia verbal errante no cesa de emanar del centro que no es centro, del mareo de las flores auríferas imbuidas del oro de los buscadores de oro.⁴²

⁴² Fragmento manuscrito en un pedazo de hoja suelta. Por error de imprenta se editó como final de “Ojos primitivos” en *Textos de Sombra y otros poemas*, Ed. Sudamericana, Buenos Aires, 1982.

SOLAMENTE LAS NOCHES⁴³

*A Jean Aristeguieta, A
Árbol de Fuego.*

escribiendo
he pedido, he perdido.

en esta noche, en este mundo,
abrazada a vos,
alegría de naufragio.

he querido sacrificar mis días y mis semanas
en las ceremonias del poema.

he implorado tanto
desde el fondo de los fondos
de mi escritura.

Coger y morir no tienen adjetivos.

1972

⁴³ Adjunto a una carta no enviada a Jean Aristeguieta, directora de la revista *Árbol de Fuego* (Caracas), fechada en enero de 1972.

y cantos
entre ruinas de niños ahogados,
más allá de toda destrucción,
de todas las ceremonias de la muerte
está la presencia de quien yo amo,
quien disipa las apariencias de los atroces espejos del mediodía,
quien evita incluso que los espejos se rompan,
que la sal se vuelque.

[1971]

no oigo los sonidos orgasmales de ciertas palabras preciosas.
en efecto, las voces, los rumores, las caídas de muerte en muerte, no tienen fin.
Espacio de desafección en donde no se sabe qué hacer con tanto no querer.

8-VIII-1971

¿Quién es yo?

¿Solamente un reclamo de huérfana?

Por más que hable no encuentro silencio.

Yo, que sólo conozco la noche de la orfandad.

Espera que no cesa,

pequeña casa de la esperanza.

no, la verdad no es la música
yo, triste espera de una palabra
que nombre lo que busco
¿y qué busco?
no el nombre de la deidad
no el nombre de los nombres
sino los nombres precisos y preciosos
de mis deseos ocultos

algo en mí me castiga
desde todas mis vidas:
- Te dimos todo lo necesario para que comprendieras
- y preferiste la espera,
como si todo te anunciase el poema
(aquél que nunca escribirás porque es un jardín inaccesible

- sólo vine a ver el jardín -)

[1971]

sólo vine a ver el jardín.

tengo frío en las manos.

frío en el pecho.

frío en el lugar donde en los demás se forma el pensamiento.

no es éste el jardín que vine a buscar

a fin de entrar, de entrar, no de salir.

por favor, no creas que me lamento.

si comprendieras la voluptuosidad de comprobar.

me amaron, a lo menos eso dijeron.

muchos me amaron porque no soy parecida más que a mí

y por otros imponderables más bellos que la sonrisa de la

[Virgen de las Rocas.

yo, ahora, creo amar y me siento acabada, epilogada.

¿cómo aprender los gestos primarios

de las pasiones elementales?

No me consuela

A Ana Becció

Ella no espera en sí misma. Nada de sí misma. Demasiado
ensimismada

Sólo vine a ver el jardín donde alguien moría por culpa de algo que no pasó o de
alguien que no vino.

Ella es un interior.

Todo ha sido demasiado y ella se irá.

Y yo me iré.

1972

Triste cuando deseo y cuando no. Triste cuando con un cuerpo y cuando no.
Triste cuando con su sonrisa y cuando no.

RECUERDOS DE LA PEQUEÑA CASA DEL CANTO⁴⁴

Era azul como su mano en el instante de la muerte. Era su mano crispada, era el último orgasmo. Era su pija parada como un pájaro que está por llover, parada para recibirla a ella, la muerte, la amante (o no)

Ya no sé hablar. ¿Con quién?

Nunca encontré un alma gemela. Nadie fue un sueño. Me dejaron con los sueños abiertos, con mi herida central abierta, con mi desgarradura. Me lamento; tengo derecho a hacerlo. Asimismo, desprecio a los que no se interesan por mí. Mi sólo deseo ha sido

No lo diré. Hasta yo, o sobre todo yo, me traiciono. Como un niño de pecho he acallado mi alma. Ya no sé hablar. Ya no puedo hablar. He desbaratado lo que me dieron, que era todo lo que tenía. Y es otra vez la muerte. Se cierne sobre mí, es mi único horizonte. Nadie se parece a mi sueño. He sentido amor y lo maltrataron, sí, a mí que nunca había querido. El amor más profundo desaparecerá para siempre. ¿Qué podemos amar que no sea una sombra? Murieron ya los sueños sagrados de la infancia y la naturaleza también, la que amaba

abril, 1972

⁴⁴ Se restituye a este texto la parte omitida en *Textos de Sombra y últimos poemas*, Sudamericana, Buenos Aires, 1982. Es la que precede a “No lo diré...”, en hoja aparte donde figura el título y lleva un “sí” anotado a mano por AP. Se suprimen los puntos suspensivos de la edición de 1982.

Que me dejen con mi voz nueva, desconocida. No, no me dejen. Sombría como un *golem* la infancia se ha ido, y la gracia y la disipación de mis dones.

mayo de 1972

ESCRITO EN EL CREPÚSCULO⁴⁵

¿Para quién el silencio?

- El anochecer es el mismo en todas partes.
- Estás detrás de la lluvia, detrás de la cara del muerto.

Si pudiera comerme la lengua, si pudiera ahogar en un agua negra mi memoria soleada.

- Cuando hablas no se entiende nada.
- Soy oscura porque estoy sola.
- No les hablé: mirá y pasá.
- Me coge. Que parece morir. Que parezco agonizar.

16/VI/72

⁴⁵ Este texto, muy corregido, lleva abrochada una hoja previa con el título VOCES.

ALGUIEN MATÓ ALGO⁴⁶

la hija de la voz la poseyó en su estar, por la tristeza.

Los pequeños pájaros ponzoñosos que se abrevan en un agua donde se refleja la flor de la maravilla, son sus animales, son sus emblemas, a un tiempo mismo busca calentar su voz suplicante.

1972

⁴⁶ De copia mecanografiada por AP en 1972. Es el comienzo del que se incluye como “Prefacio de Sombra(I)”. Se opta por presentar en este volumen las dos versiones, tal como se encuentran entre sus papeles.

TE HABLO

A H.M.

estoy con pavora.
hame sobrevenido lo que más temía.
no estoy en dificultad:
estoy en no poder más.

No abandoné el vacío y el desierto.
vivo en peligro.

tu canto no me ayuda.
cada vez más tenazas,
más miedos,
más sombras negras.

A MODO DE TREGUA

A Francisco Porrúa

si no entiendo,
si vuelvo sin entender,
habré sabido qué cosa es
no entender

JARDÍN O TIEMPO⁴⁷

A Renée Cuellar

Es una muerta estación
cuando los lobos viven sólo de viento
y la vista de todos los grises
es lo único que rompe el silencio
en el que yo vi mi sol oscurecerse

Voces más que, unas con silencios
y otras con colores,
me atormentan:
diremos su nombre y no vendrá;
de cerca, de lejos, no responderá.

Serás desolada
y tu voz será la fantasma
que se arrastra por lo oscuro,
jardín o tiempo donde su mirada
silencio, silencio

⁴⁷ Esta versión es la que figura en carpeta bajo “ACABADOS”. Por error, en *Textos de Sombra*, 1982, la estrofa final fue editada como poema aislado. Existen otras tres versiones: una manuscrita con el título “La sombra de su imagen” fechada 15-5-1970, otra a máquina sin fecha, en papel carta, y otra a lápiz en un cuaderno.

ESCRITO EN “ANAHUAC” (TALITAS)

Verde esencialmente reconcentrado en mis ojos que pintan la hierba que luego echa flores en la memoria de los animales.

Abrazada a la tierra. Tierra o madre o muerte, no me abandones aun si yo me he abandonado.

...AL ALBA VENID...

A Silvina Ocampo

al viento no lo escuchéis,

al viento.

toco la noche,

a la noche no la toquéis,

al alba,

voy a partir,

al alba no partáis, al alba

voy a partir.

No [poder] querer más vivir sin saber qué vive en lugar mío ni escribir si para herirme la vida toma formas tan extrañas.⁴⁸

⁴⁸ La palabra entre corchetes figura escrita a lápiz por AP encima de “querer”, que no está tachada.

en la noche del corazón.
en el centro de la idea negra.

ningún hombre es visible.
nadie está en algún jardín.

Alguien
cae
en
su
primera caída.

Yo voces.

Yo el gran salto.

Cuando la noche sea mi memoria
mi memoria será la noche

La noche y yo hemos perdido.

Así hablo yo, cobardes.

La noche ha caído y ya se ha pensado en todo

Septiembre de 1972

LA MESA VERDE⁴⁹

El sol como un gran animal demasiado amarillo. Es una suerte que nadie me ayude. Nada más peligroso, cuando se necesita ayuda, que recibir ayuda.

*

Me rememoro al sol de la infancia, infusa de muerte, de vida hermosa.

*

Pero a mi noche no la mata ningún sol.

*

La errancia, la canción de nosotros dos, tiemblo como en una metáfora el alma comparada con una candela.

*

Y nada será tuyo salvo un ir hacia donde no hay dónde.

*

He aquí que se estremece el espacio como un gran loco.

*

Alguien demora en el jardín el paso del tiempo.

⁴⁹ Copia corregida y mecanografiada por AO, 17-IX-72.

*

Me alimento de música y de agua negra. Soy tu niña calcinada por un sueño implacable.

*

Máscaras de la noche en qué lugar perdido que nadie más que yo conoce.

*

¿Tendré tiempo para hacerme una máscara cuando emerja de la sombra?

*

Invitada a ir nada más que hasta el fondo.

*

Me pruebo en el lenguaje que compruebo el peso de mis muertos.

*

El mar esconde sus muertos. Porque lo de abajo tiene que quedar abajo.

*

Para mejor ser el que fue, ha querellado con su nueva sombra, ha luchado contra lo opaco.

golpean las sombras

las sombras negras

de los muertos

nada sino golpes

y se ha llorado

nada sino golpes⁵⁰

⁵⁰ Por error, en *Textos de Sombra y otros poemas*, Ed. Sudamericana, Buenos Aires, 1982, este poema se editó sin tener en cuenta las tachaduras en el pedazo de papel en que está escrito a mano. Se edita ahora respetando las correcciones de AP.

criatura en plegaria
rabia contra la niebla

escrito
en
el
crepúsculo

contra
la
opacidad

no quiero ir
nada más
que hasta el fondo

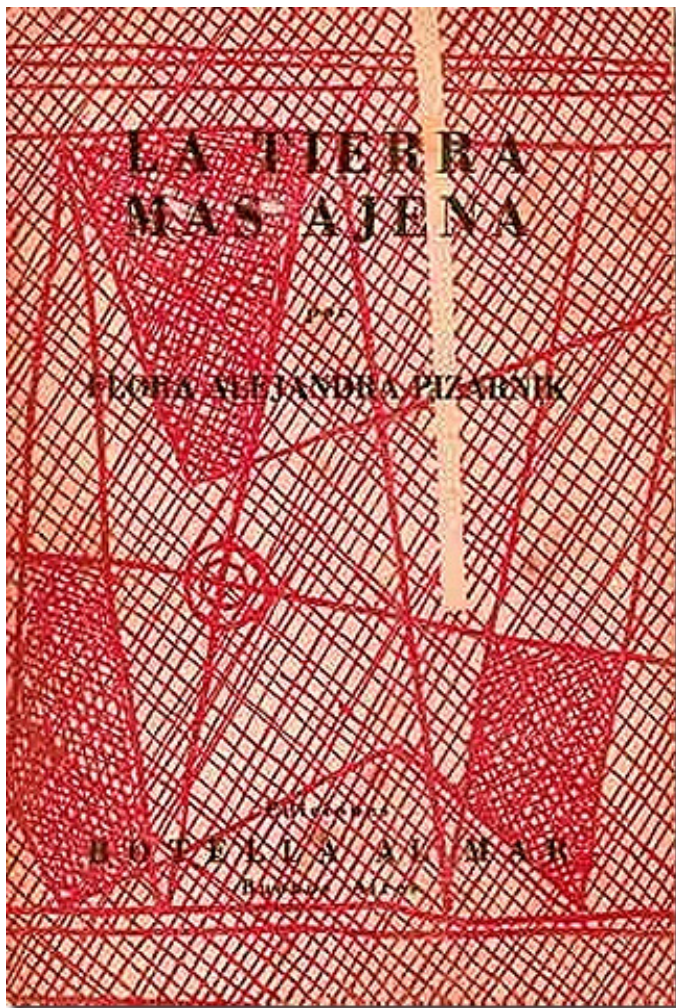
oh vida
oh lenguaje
oh Isidoro

Septiembre de 1972⁵¹

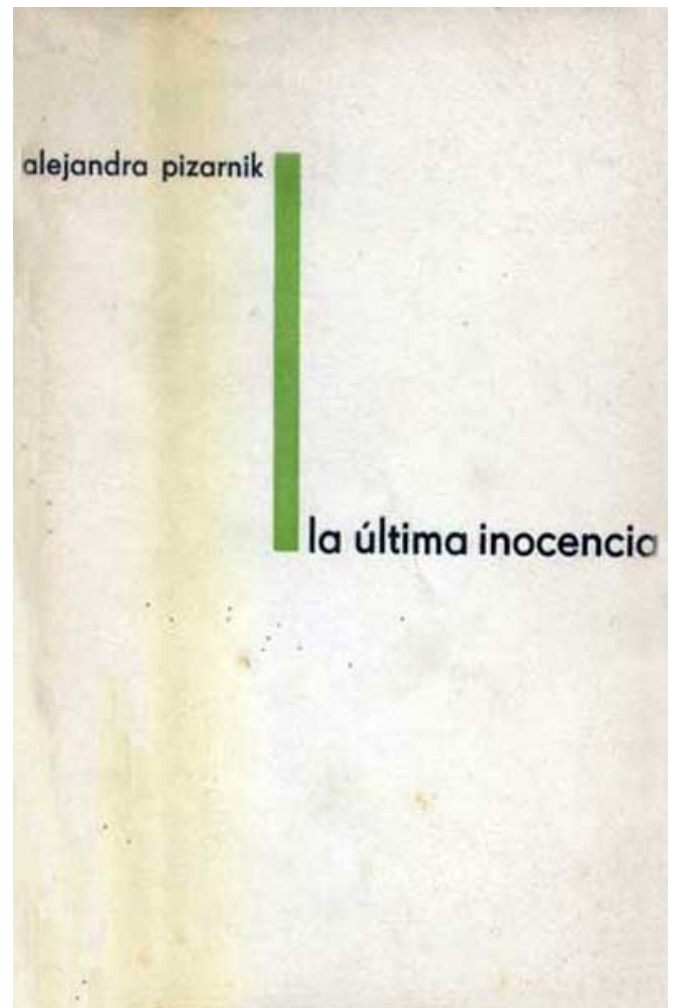
⁵¹ Hallado tal cual se reproduce, escrito con tiza en el pizarrón de su cuarto de trabajo.

**ANEXO B – CAPAS DAS PRIMEIRAS EDIÇÕES DOS LIVROS DE
ALEJANDRA PIZARNIK⁵²**

Título: La tierra más ajena



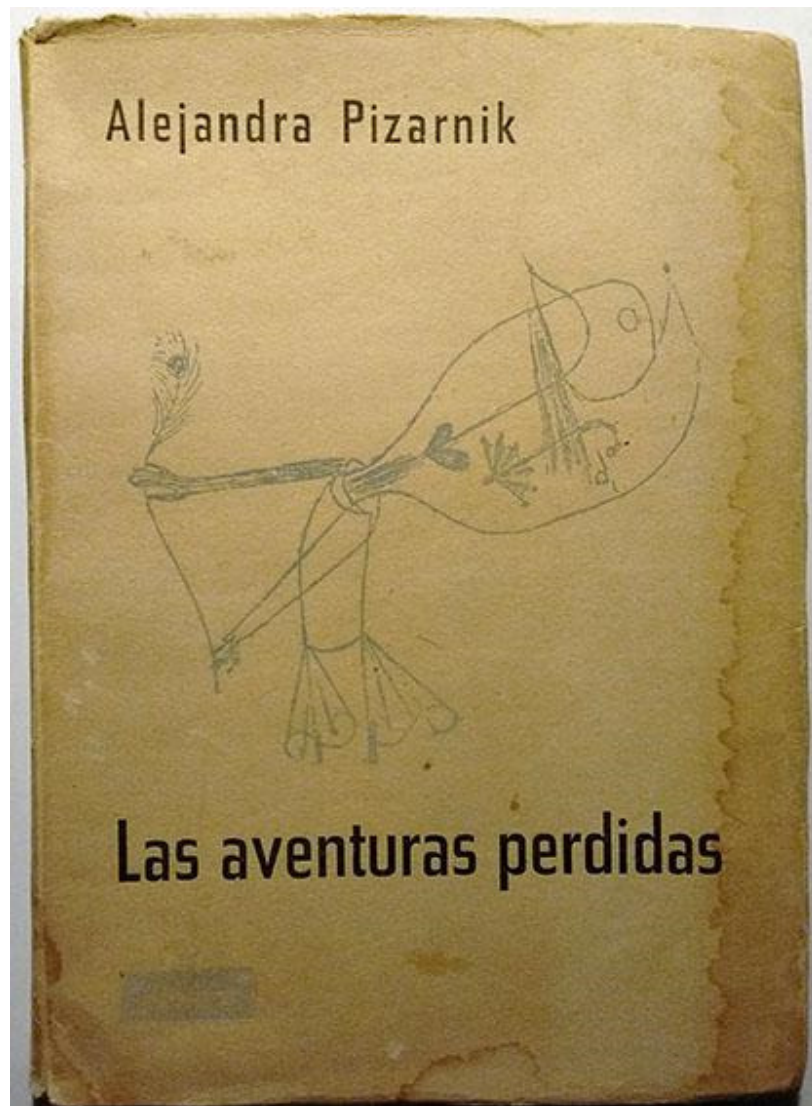
Título: La última inocencia



Fonte: Site Centro Cultural Cervantes (2016)

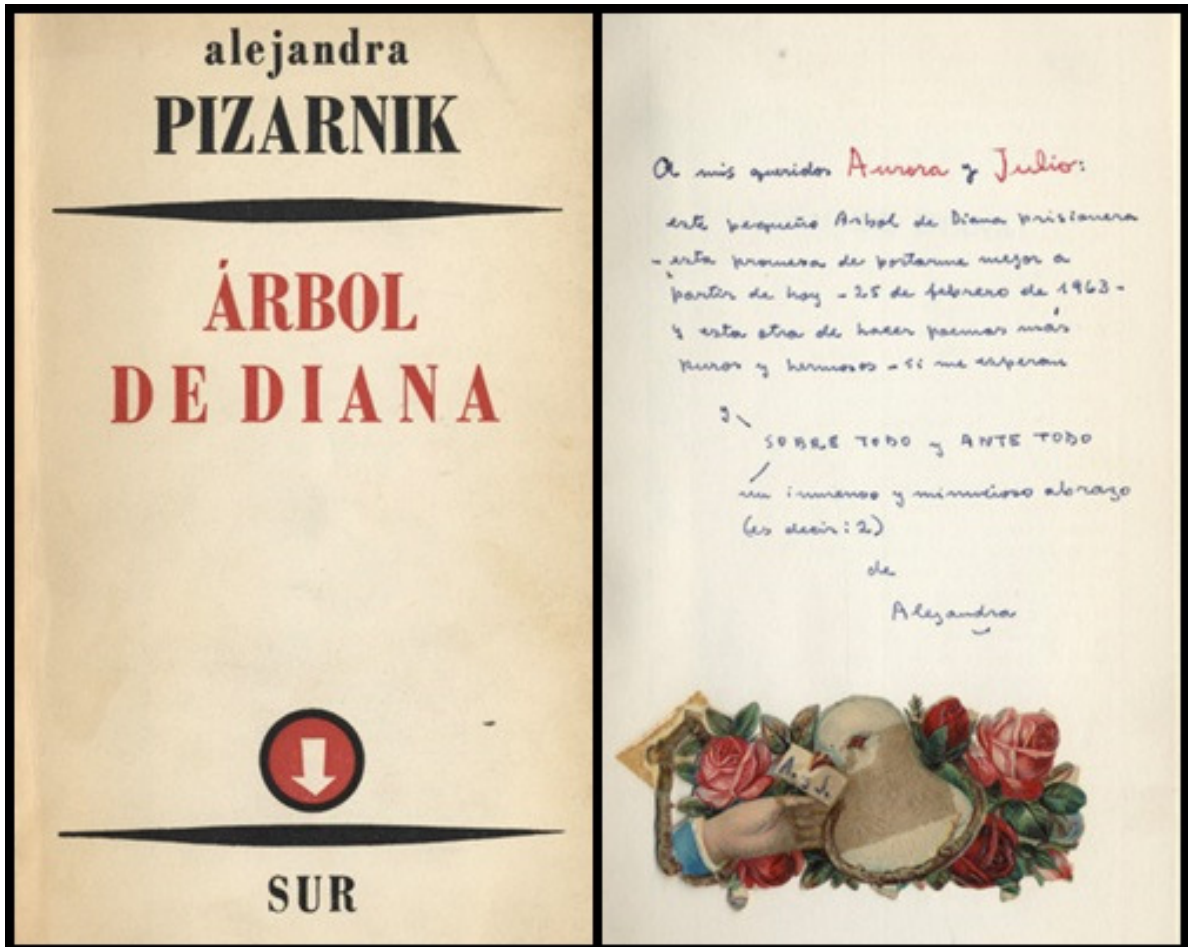
⁵² Às imagens dos livros “Árbol de Diana” e “nombres y figuras”, seguem-se folhas de rosto com dedicatória da autora para Aurora e Julio Cortázar.

Título: Las aventuras perdidas



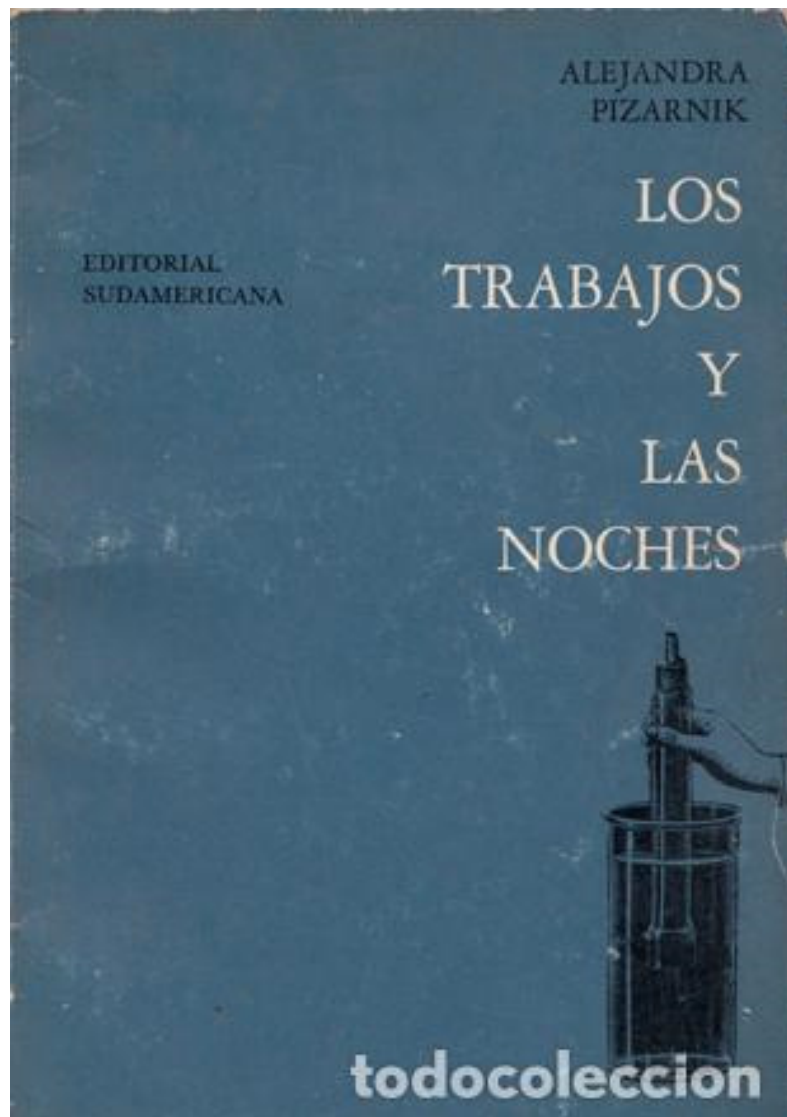
Fonte: Site Centro Cultural Cervantes (2016)

Título: Árbol de Diana



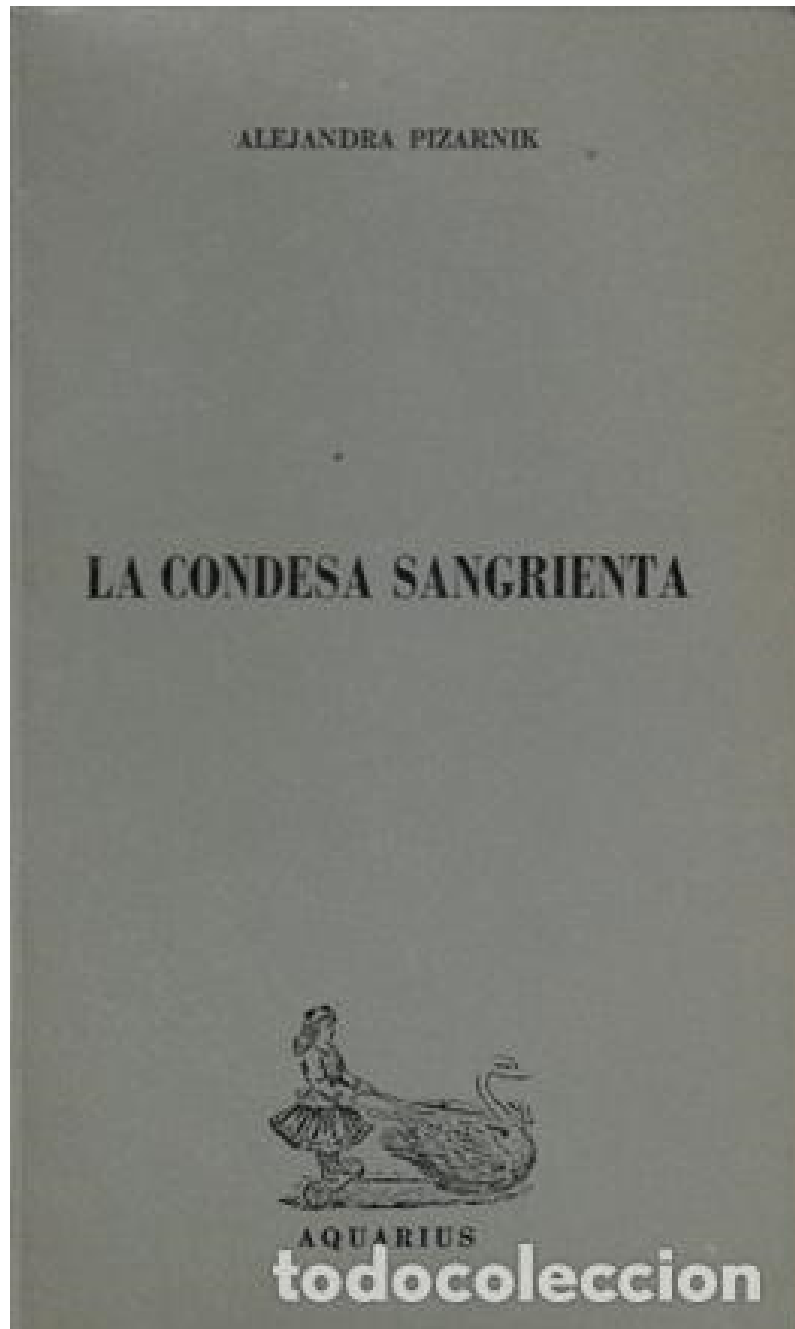
Fonte: Site El Blog de Arena (2016)

Título: Los trabajos y las noches



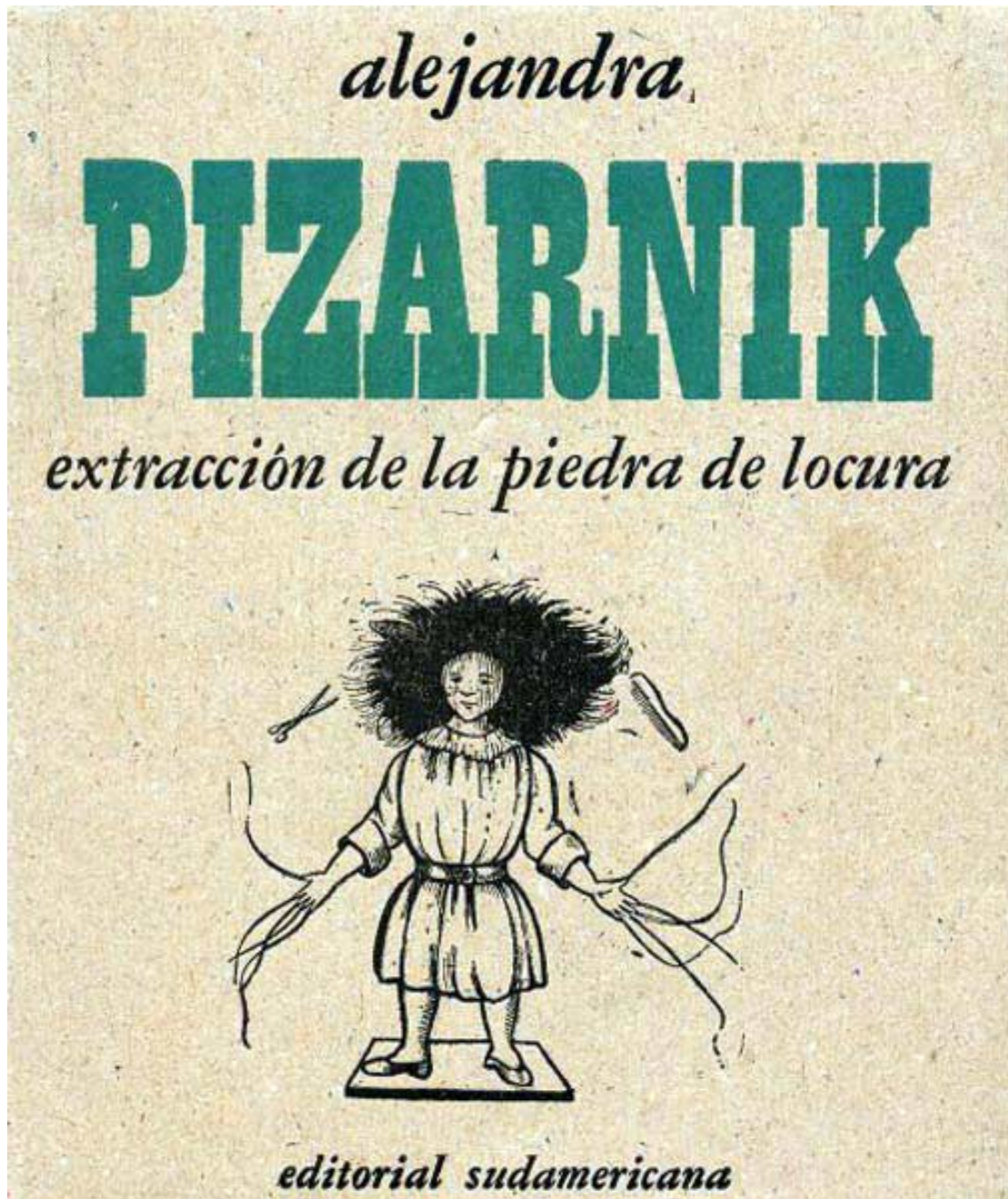
Fonte: Site Todo Colección (2018)

Título: La Condesa sangrienta



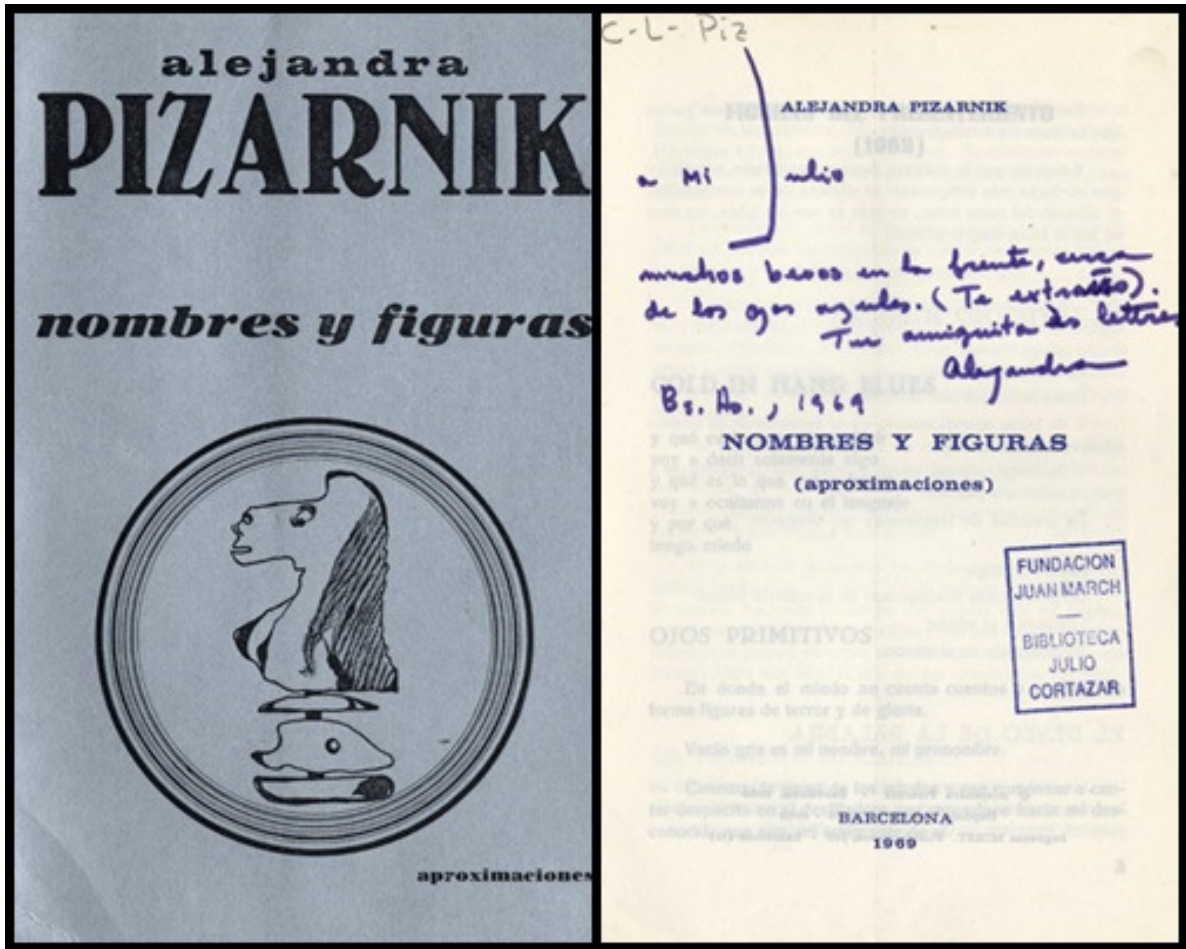
Fonte: Site Todo Colección (2018)

Título: Extracción de la piedra de la locura



Fonte: Site Centro Cultural Cervantes (2016)

Título: Nombres y figuras

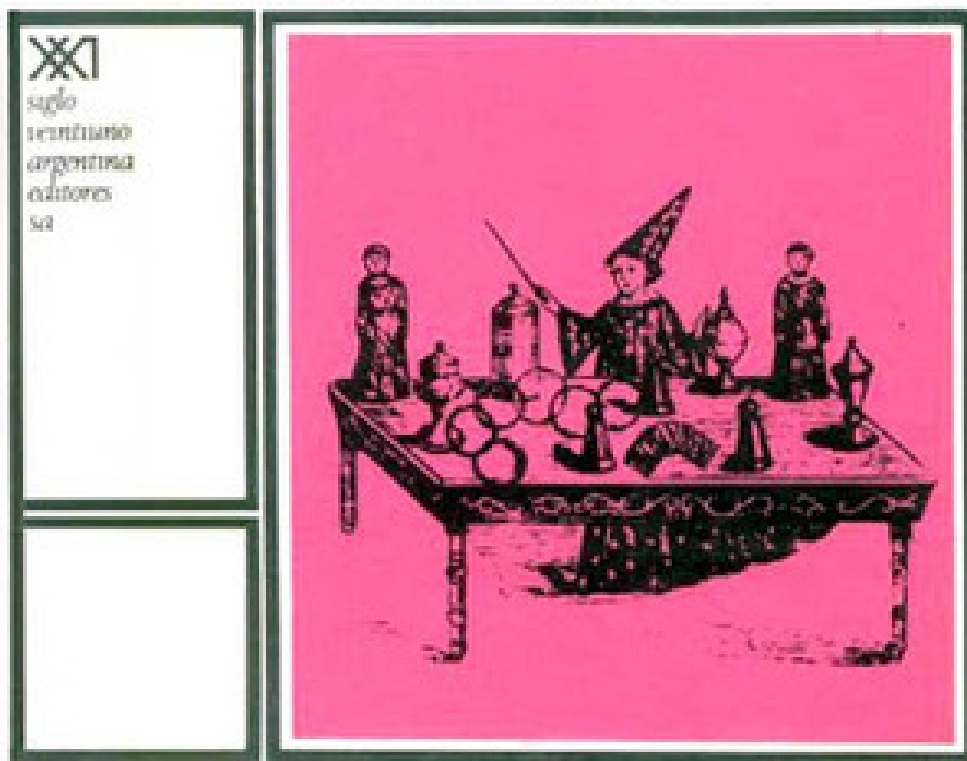


Fonte: Site El Blog de Arena (2016)

Título El infierno musical

El infierno musical

Alejandra Pizarnik



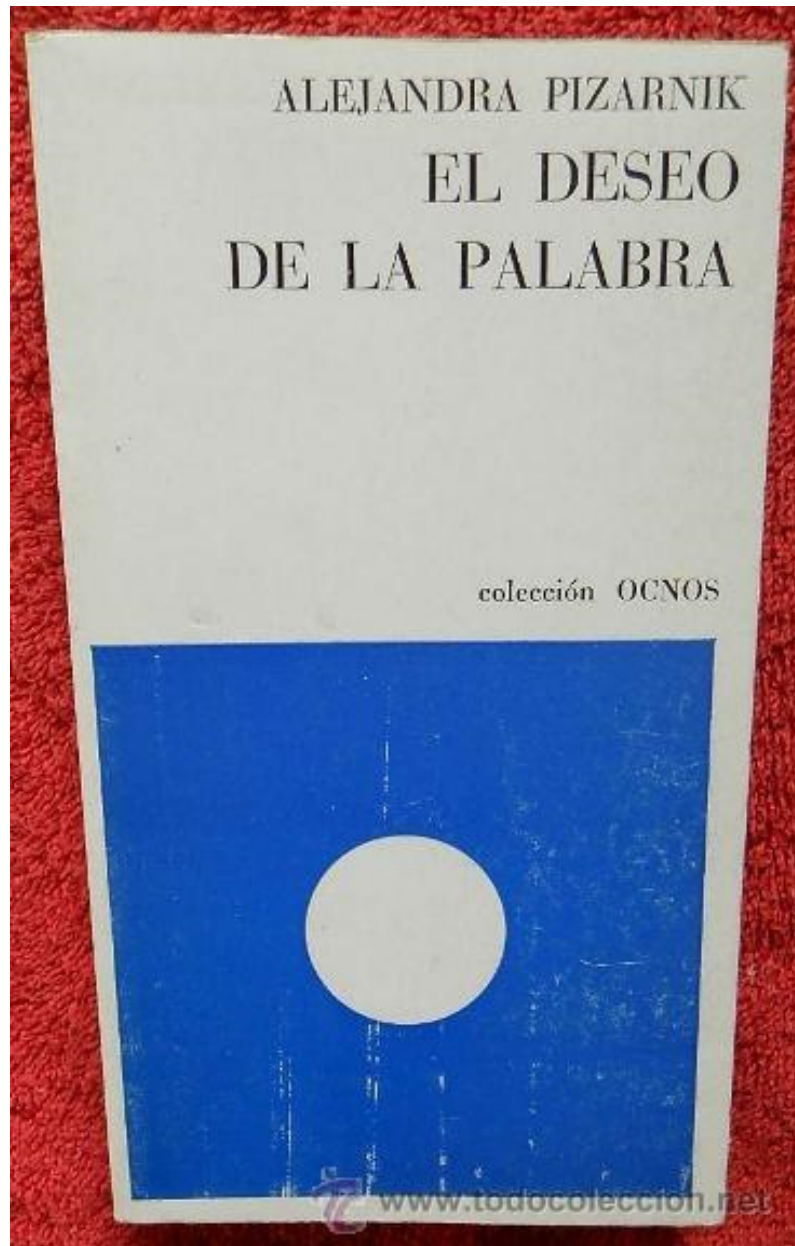
Fonte: Site Centro Cultural Cervantes (2016)

Título: Árbol de Fuego



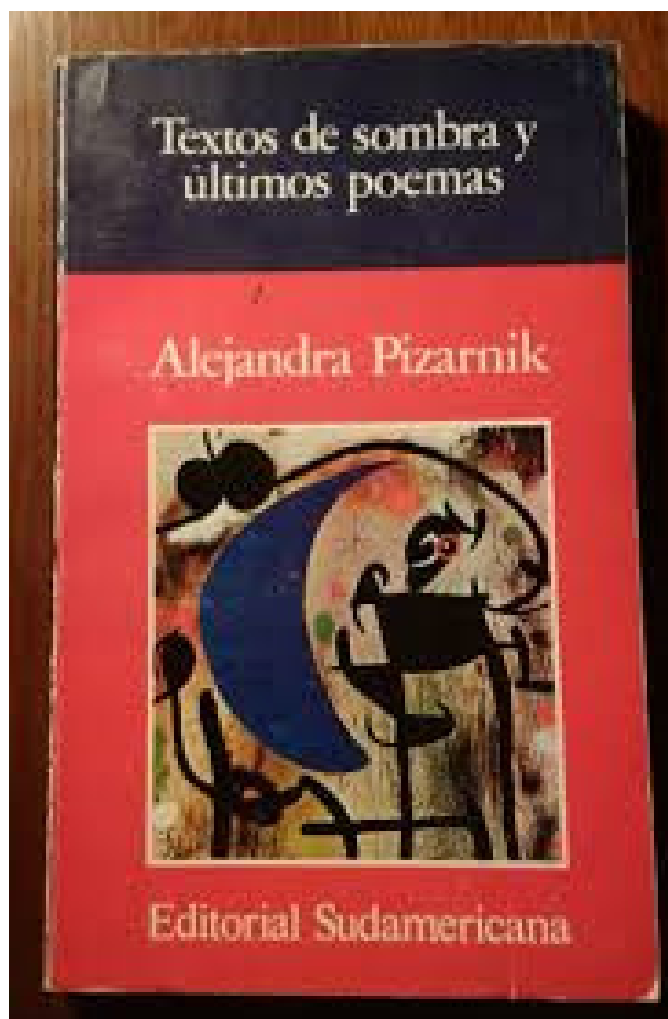
Fonte: Site Todo Colección (2018)

Título: El deseo de la palabra



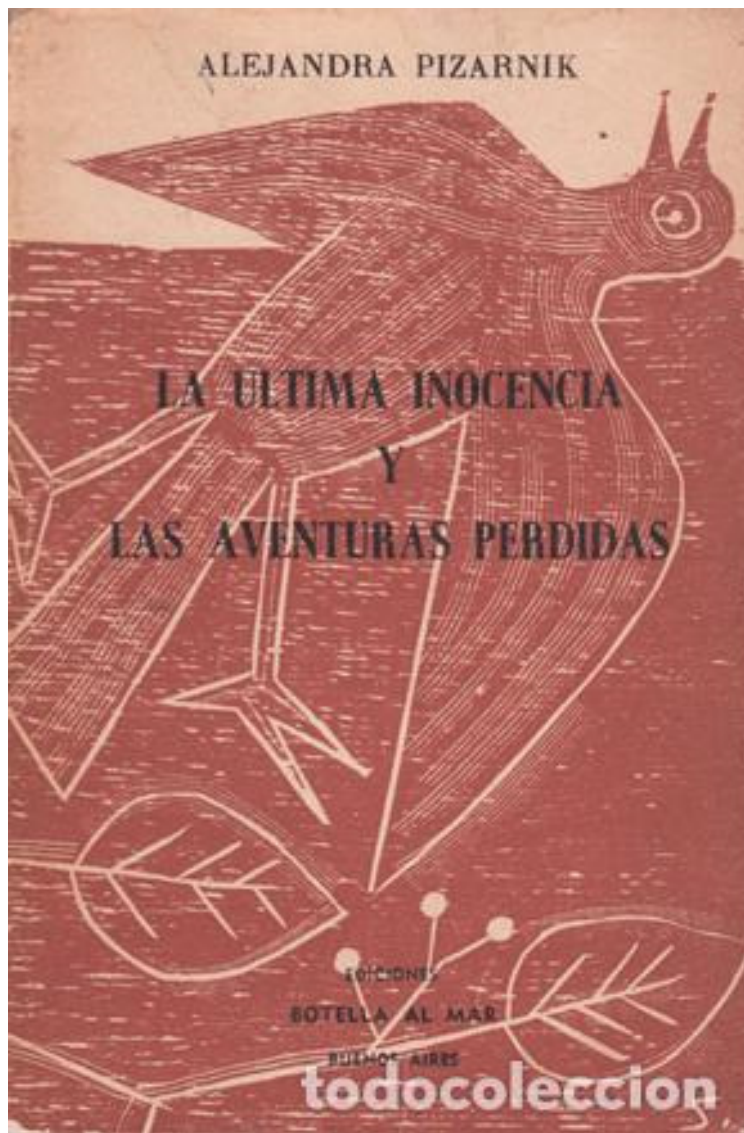
Fonte: Site Todo Colección (2018)

Título: Textos de sombra y últimos poemas



Fonte: Site Todo Colección (2018)

Título: La última inocencia y Las aventuras perdidas



Fonte: Site Todo Colección (2018)

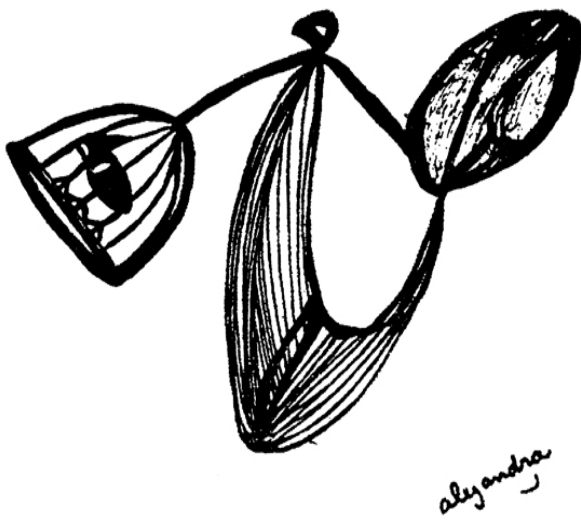
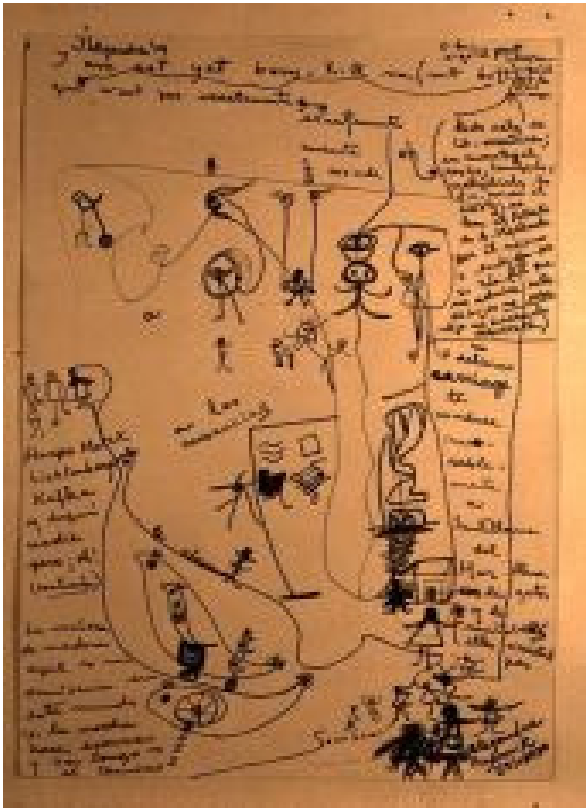
Título: Poesía Completa



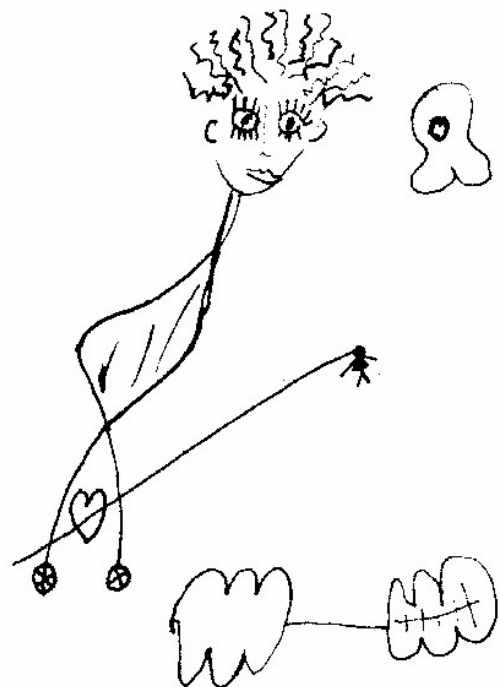
Fonte: Fotografia nossa (2014)

ANEXO C – DESENHOS E PINTURAS DE ALEJANDRA PIZARNIK

Quatro Desenhos de Alejandra Pizarnik



la jaula se ha vuelto pájaro
y se ha volado

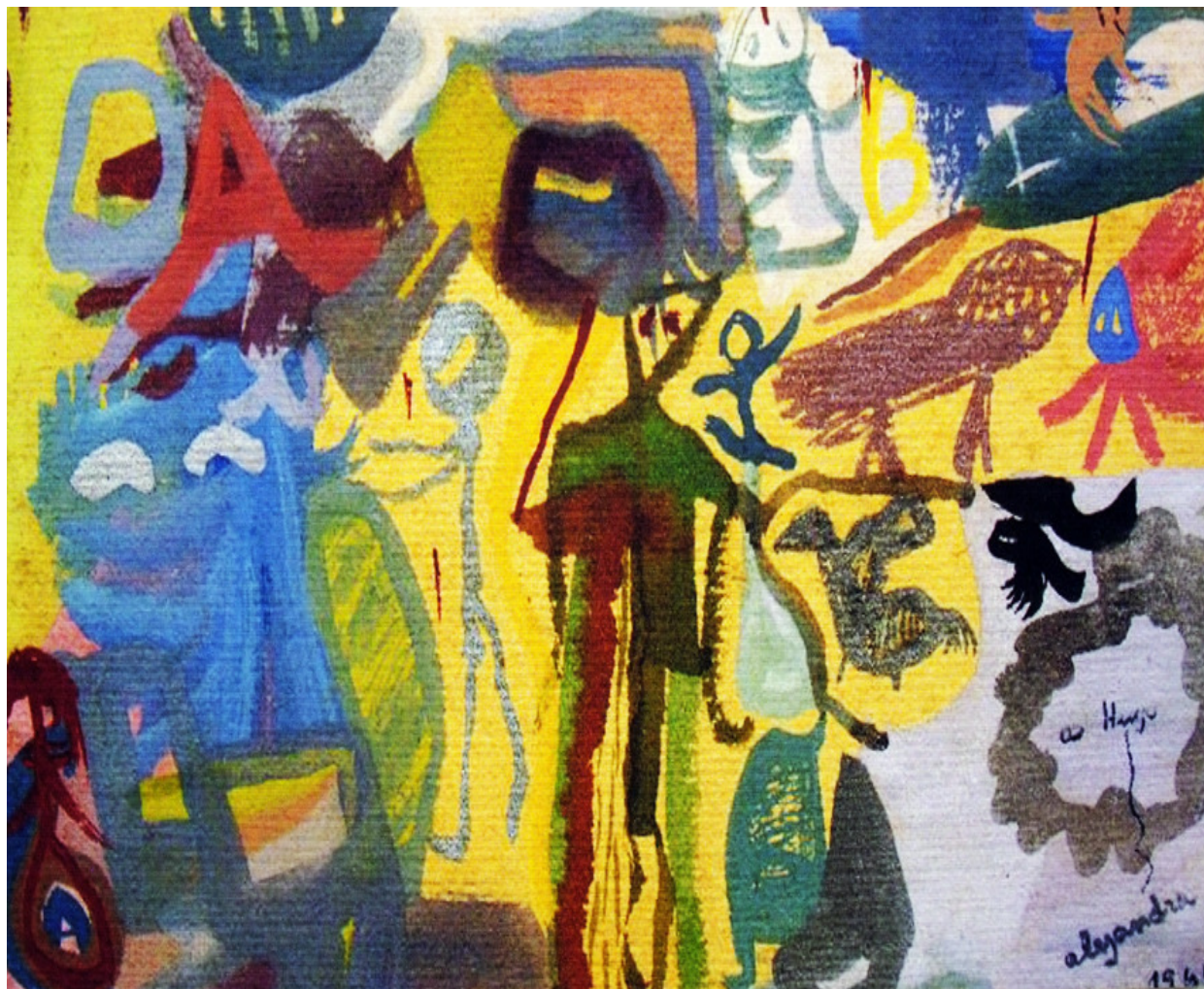


Pintura de Alejandra Pizarnik



Fonte: Site Centro Cultural Cervantes (2016)

Pintura de Alejandra Pizarnik



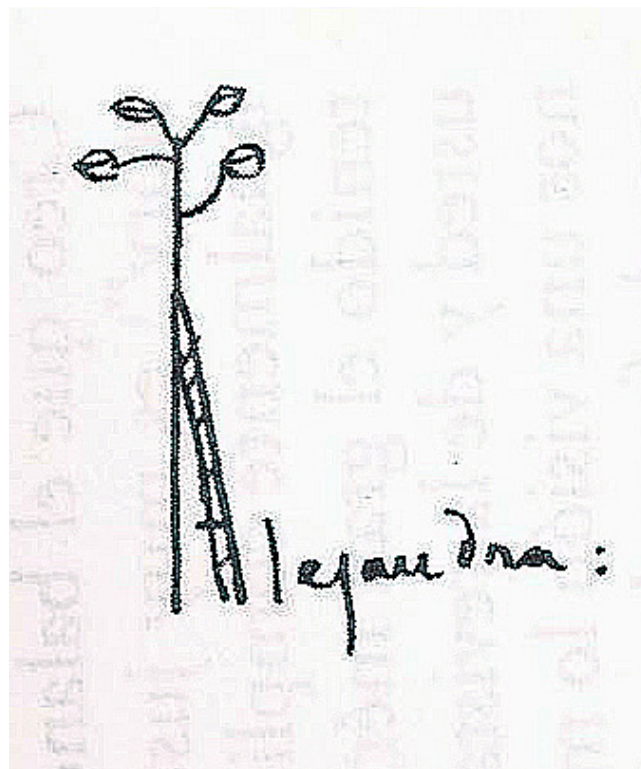
Fonte: Site Centro Cultural Cervantes (2016)

Título: Dois Desenhos de Alejandra Pizarnik



Fonte: Site Centro Cultural Cervantes (2016)

Dois Desenhos de Alejandra Pizarnik



Fonte: Site Alejandra Pizarnik (2013)